



Querida Heloisa / *Dear Heloisa*:

cartas de campo para Heloisa Alberto Torres

Mariza Corrêa e Januária Mello (orgs.)



Núcleo de Estudos de Gênero - PAGU

Série Pesquisa

Unicamp
2008

SUMÁRIO

Prefácio (Mariza Corrêa).....	2
Apresentação (Mariza Corrêa).....	8
1. Cartas do campo: Buell Quain (Mariza Corrêa).....	26
2. Cartas do campo: Charles Wagley (Mariza Corrêa).....	122
3. Cartas do campo: Eduardo Galvão (Januária Mello).....	319
Apêndice (Mariza Corrêa e Januária Mello).....	428
Capa, seleção e edição das fotos (Januária Mello)	

PREFÁCIO

Num papel solto, com timbre do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, encontrado entre os documentos de Heloisa Alberto Torres na Casa de Cultura que leva seu nome em Itaboraí, Niterói, com data de 15 de dezembro de 1939, consta o seguinte versinho:

Consulta

a D. Heloisa

Os processos são maçantes,

Minh'alma já está cansada.

Vamos ambos fugir antes

Que a noite seja tombada?

A assinatura é de Manuel Bandeira, que acrescenta ao nome, *seu amigo e admirador*. Amigos e admiradores do porte de Bandeira e de Carlos Drummond de Andrade, que lhe dedicou mais de uma crônica, Heloisa teve muitos; teve também detratores e inimigos. Aqui, no entanto, não se trata de fazer uma notícia biográfica da diretora do Museu Nacional, já esboçada em vários outros textos, citados ao longo do trabalho, mas sim de tentar entender porque suas cartas, em número tão reduzido, louvadas em prosa – acho que não em verso – tiveram tão grande repercussão no início da institucionalização da antropologia no país. Seu papel como administradora de uma das principais instituições de pesquisa na época, é claro, não pode ser menosprezado. Mas o que emerge dessas cartas de campo enviadas a ela, e economicamente respondidas, é um trabalho cotidiano que os historiadores da ciência costumam chamar de ‘construção da ciência normal’, isto é, todos aqueles detalhes trabalhosos que fazem a diferença entre fazer e não fazer pesquisa. Não sabemos como sua relação com os Estados Unidos, em plena época da Política de Boa Vizinhança – que Wagley chamava de ‘política da boa amizade’ numa

carta- teve início, mas temos uma pequena pista numa carta de Gilberto Freyre, outro que se define como seu admirador, a ela em 1938, ano no qual, justamente, parece ter início seu intercâmbio com atores e agências norte-americanas para a ‘implantação’ (ver o dossiê sobre Quain) do estudo da antropologia no país em bases mais ‘científicas’.

Gilberto Freyre escreve de Columbia, em 28 de outubro de 1938:

“Estou quase de volta. Foi um mês intenso, este, em New York. Ontem foi a última reunião do seminário na Universidade. Foram extremamente amáveis comigo e levo boas recordações. Mas o que quero lhe dizer – sempre em reserva – é que tive várias conferências com os diretores das fundações Guggenheim, Rockefeller e o Duggan [?] da Carnegie e conferências [...], promovidas por eles, em almoços e jantares, pois como sabe, sou bem pouco saliente – e que pelas conversas parece que vamos ter uma fase nova nos nossos estudos e pesquisas aí no Brasil – principalmente as orientadas pelo Museu Nacional. Disse a eles, e repeti, que se havia uma coisa séria no Brasil, uma instituição de cultura com uma tradição de trabalho sério, constante, era o Museu – o seu Museu. [...] Ficou esboçado um plano e um começo de convenção com pesquisas orientadas pelo Museu e outros recomendados por pessoas da confiança deles. Será uma grande coisa para o Brasil. Guarde segredo. Lembranças à sua mãe, a Marieta, Roquette e [...] E um abraço do Gilberto F.”

Numa carta anterior, de 19 de outubro, Gilberto Freyre dera notícias de Boas que, “com mais de 80 anos está ainda bem e com toda a vivacidade intelectual. Falou com muito carinho do *Casagrande*. Bondade de mestre com antigo discípulo.”

“Eu falei a ele do seu trabalho, no centro de estudos sério que é o Museu. Ele acha que devemos ter ali um departamento de estudo das nossas línguas indígenas. E tem razão.”

Mencionando que Boas, ao saber de seu encontro com o pessoal das fundações, lhe recomendara que não esquecesse da antropologia, e das oportunidades de estudo no Brasil, repetia, “*Guarde o segredo*”.¹

Desde então, Boas, ou Ruth Benedict (“a dona Heloisa de Columbia”, dizia Freyre), se dirigiam a ela para que ajudasse os estudantes que vinham de Columbia fazer pesquisa no Brasil. É a história dessa ajuda que essas cartas contam, parcialmente. Algumas discrepâncias, ou dissensos, aparecem no Apêndice, mostrando que nem todos estavam de acordo com a visão de Gilberto Freyre. Algumas das cartas aqui incluídas, e as do apêndice, não deveriam, rigorosamente, estar nesta coleção, mas acreditamos que elas ajudam a esclarecer certos passos citados nas cartas. No entanto, se levássemos esse procedimento às últimas consequências, teríamos de incluir as cartas de Ruth Landes e as de Carl Withers e de James e Virginia Watson para Heloisa – além das trocadas entre Wagley e Thales de Azevedo, as de Donald Pierson que dizem respeito às políticas de pesquisa no Brasil, e etc. Esperamos que as redes de pesquisadores e as redes políticas, fiquem um pouco mais claras com os exemplos aqui registrados.

É imperdoável que, historiadores da nossa disciplina, sejamos tão displicentes a respeito das datas de nossas próprias pesquisas: a pesquisa original, da qual esta derivou, já publicada², teve início em 1987, e a procura e encontro das cartas entre a diretora do Museu e outros antropólogos foi se desenvolvendo paralelamente a ela, quando eu pesquisava a trajetória de Heloisa Alberto Torres. Como todos os entrevistados mencionavam as cartas de Heloisa, elas passaram a ser um mistério central na pesquisa. Há algumas no Museu Nacional, mas essas estão mais relacionadas às atividades administrativas e à última pesquisa levada a efeito pelo Museu, ainda na gestão de Dona Heloisa, em colaboração com um pesquisador americano, Carl Withers, em Arraial do Cabo – pesquisa que por si só mereceria um estudo. Por

¹ Carta de Gilberto Freyre, manuscrita, a Heloisa Alberto Torres, Casa de Cultura Heloisa Alberto Torres em Itaboraí, pasta Gilberto Freyre.

² M. Corrêa, *Antropólogas & Antropologia*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

volta de 1996, a procura se tornou mais sistemática, quando Ingrid Weber, cuja sensibilidade com o material também merece registro, passou a pesquisar na Casa de Cultura Heloisa Alberto Torres (CCHAT), depois de um levantamento preliminar que fiz lá e percebi que uma boa parte das cartas a respeito da pesquisa de campo lá estavam. Em 1999, Januária Mello a substituiu e se tornou uma parceira integral do trabalho desde então. As cartas que editamos aqui foram todas traduzidas por mim, quando em inglês; os procedimentos seguidos por nós estão mais detalhados nos três dossiês nos quais agrupamos as cartas, por as julgarmos as mais interessantes para a discussão dos inícios do trabalho de campo em etnologia no Brasil: as cartas de Buell Quain, as de Charles Wagley, e as de Eduardo Galvão – juntamente com as poucas cartas, ou cópias delas, de Heloisa. Lá também se explicita a origem de algumas cartas e fotos que não vieram da CCHAT, mas de doações privadas, como as feitas por Clara Galvão ou Donald Pierson, ou copiadas no exterior, por exemplo, por Érika Figueiredo e Bernardo Carvalho, a quem também agradecemos aqui.

Januária, além de ter feito um belo trabalho de limpeza e organização da correspondência e do material iconográfico existente na Casa de Cultura Heloisa Alberto Torres, digitou e editou o dossiê Eduardo Galvão, fez, junto comigo, a revisão dos originais, e tentou preencher as lacunas que encontramos ao longo da pesquisa, tanto no que se refere às menções a personagens pouco conhecidos, quanto no que diz respeito às deambulações de nossos personagens principais.³ Nem sempre conseguimos, e isto está assinalado nas notas que acompanham o trabalho. Januária foi responsável também por todo o registro fotográfico da pesquisa.

Temos a agradecer o apoio que recebemos, ao longo desses anos, do Conselho Nacional de Pesquisa Científica, CNPq, em forma de bolsas e

³ Quando Januária iniciou o trabalho, já não mais foram encontradas duas belas fotos que vi quando de minha visita: uma de Heloisa sorridente carregando uma tora sobre o ombro, numa alusão às corridas de toras indígenas, e outra de uma fileira de homens sérios, entre os quais Heloisa era a única mulher, numa reunião em Paris, em 1949, descrita a seguir na apresentação.

auxílios, à FAPESP que apoiou essa pesquisa quando ela começou, ao Fundo de Auxílio à Pesquisa e Extensão da Unicamp (FAEPEX), e ao Pagu/Núcleo de Estudos de Gênero da Unicamp. Sem a contribuição dessas agências, esta pesquisa não teria sido viável; sem a contribuição do Pagu, não teríamos tido o apoio institucional que permitiu o desenvolvimento e a finalização do trabalho. Agradecemos esse apoio e a simpatia de todos os pesquisadores e funcionários do Pagu para com a pesquisa – a Jadison Freitas, especialmente, por ter posto seus talentos no tratamento de imagens à nossa disposição. Cabe, também, agradecer ao historiador César Augusto Ornellas Ramos, então Diretor do Patrimônio Histórico e Artístico da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Itaboraí, responsável pela Casa, em convênio com o IPHAN, que facilitou nossa pesquisa, ajudou na coleta de documentos e foi extremamente receptivo ao nosso trabalho, autorizando a reprodução das cartas e fotografias. Somos ainda devedoras de inúmeras gentilezas pontuais e muito importantes de colegas que já nos deixaram –Thales de Azevedo, Clara Galvão, Berta Ribeiro, Roberto Cardoso de Oliveira, Luiz de Castro Faria, entre outros, - e particularmente gratas a Antonio Carlos de Souza Lima e Luiz Fernando Dias Duarte, pelo apoio à pesquisa na documentação de Heloisa Alberto Torres que está no Museu Nacional.

Por último, cabe dizer porque é que escolhemos divulgar essa documentação na página do Pagu: nossa intenção é torná-la disponível para o maior número possível de pesquisadores interessados nessa história e registrar o quanto de trabalho invisível está envolvido numa pesquisa etnológica – trabalho que desaparece uma vez publicados os seus resultados. É também uma forma de devolver os favores de tantos outros antropólogos que nos ajudaram pelo caminho, do mesmo modo que nossos personagens foram ajudados em seus empreendimentos, com este breve retrato dos caminhos da pesquisa antropológica entre nós.

Dedico este trabalho aos alunos que confiaram nesse projeto ao longo dos últimos vinte anos, especialmente a Ana Luisa Mello e Silva, Francisco Tadeu

Rosa, Luiz Henrique Passador e Maria Helena Ortolan, que o acompanharam mais de perto.

APRESENTAÇÃO⁴

No outono de 1949, uma foto da Quarta Sessão da Conferência Geral da Unesco, em Paris, registrava uma cena pouco usual naquelas assembléias - a presença de uma mulher brasileira como representante do governo de seu país e integrante de uma comissão multinacional vinculada a um projeto da própria Unesco. Quem era aquela senhora elegante de cinquenta e quatro anos e o que fazia ela naquele cenário repleto de chapéus masculinos? Para tentar entender como a brasileira Heloisa Alberto Torres chegou a Paris no mesmo ano em que Simone de Beauvoir lançava lá um livro que marcaria o destino das mulheres no século passado, precisamos retroceder um pouco no tempo e nos perguntar também como aquela senhora se tornou a primeira dama da antropologia brasileira pela mesma época.

Nascida no finalzinho do século dezenove, em 1895, Heloisa Alberto Torres teve uma infância e adolescência muito semelhantes às de suas conterrâneas das famílias da elite brasileira: seu pai, Alberto Torres, intelectual e político importante da Primeira República⁵, não só levou seus três filhos à Europa, como lhes proporcionou uma estadia em colégios ingleses antes de internar as meninas - Heloisa e Marieta (Maria) - numa boa escola católica brasileira.

Se sua formação católica foi semelhante à de Mary Douglas⁶, ao contrário da antropóloga inglesa, Heloisa bem cedo renunciou a ela. Sua biógrafa cita

⁴ Versão ligeiramente diferente do artigo em que se baseia esta apresentação: *Lettres d'une femme rangée, Cahiers du Brésil Contemporain* (47/48), 2002.

⁵ Alberto Torres (1865-1917) fez a carreira tradicional dos homens de sua classe: filho de proprietários rurais em decadência, cursou a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo, candidatou-se a cargos políticos, primeiro à Assembléia Constituinte Fluminense (1890) e depois à Câmara Federal (1893), tendo sido eleito ambas às vezes. Nomeado Ministro da Justiça, de 1896 a 1898, afastou-se do cargo para assumir a presidência do Estado do Rio de Janeiro de 1897 a 1900 e concluiu sua carreira como Ministro do Supremo Tribunal. Morto aos 51 anos, deixou dois livros que marcariam as discussões políticas sobre o destino do país nos anos subseqüentes, *A organização nacional* e *O problema brasileiro*, ambos de 1914.

⁶ O biógrafo de Mary Douglas, Richard Fardon, enfatiza o universalismo de uma educação católica, comparado ao paroquialismo inglês e diz, citando outra autora católica (Mary McCarthy) a respeito da atmosfera dos conventos religiosos: "O catolicismo não é uma religião,

uma carta de Heloisa, aos 28 anos, na qual ela se desvincula explicitamente da Congregação das Filhas de Maria. Essa educação parece ter deixado, apesar disso, sua marca: em sua vida pública, Heloisa sempre buscou mais o diálogo internacional do que o reconhecimento local de suas atividades, mas tampouco fugiu das controvérsias, das quais sua vida teve pródigos exemplos.



Heloisa (direita) com os irmãos Marieta e Alberto (Acervo CCHAT)

Logo depois da morte do pai, e graças aos laços sociais estabelecidos por sua família, Heloisa, como outras moças da sociedade local, se aproximou do Museu Nacional, onde trabalhava um grande amigo de seu pai, Edgar Roquette-Pinto, que o dirigiria de 1926 a 1936, e seria substituído por ela.⁷

é uma nacionalidade”. Fardon, *Mary Douglas*. An intellectual biography. London & New York, Routledge, 1999, p.15. Já Mary Douglas, lembrando sua experiência escolar, comenta: “A deferência formal não constitui um bom treinamento para a controvérsia.” Mary Douglas, Racionalismo e crença, *Mana* 5 (2), 1999, p.146. Heloisa, como M. Douglas e Mary McCarthy, estudou numa escola católica - o Colégio Sion, em Petrópolis - e talvez tenha aprendido lá a ter o mundo como horizonte - mas ao se desvincular da hierarquia católica podia estar mostrando seus pendores pela controvérsia. Em carta a uma amiga, explica que era criticada pela “maneira de ser, pensar e até mesmo de escrever postais.” Citado em Adélia Ribeiro, Heloisa Alberto Torres e Marina São Paulo de Vasconcellos. Entrelaçamento de círculos e formação das Ciências Sociais na cidade do Rio de Janeiro. Tese de Doutorado, IFCS/UFRJ. Rio de Janeiro, 2000, p.36.

⁷ Edgar Roquette-Pinto (1884-1954), médico de formação, trabalhou por trinta anos no Museu Nacional, de onde saiu para fundar o Instituto de Cinema Educativo, tendo sido também

Participou de uma equipe de pesquisa coordenada por ele, fez cursos com os professores da casa e, em 1925, prestou concurso para professora substituta da Divisão de Antropologia e Etnografia do Museu, então sob a chefia de Roquette-Pinto. Tendo sido classificada em primeiro lugar - num concurso em que todos os outros concorrentes eram homens - sua vitória mereceu registro nos jornais da época, uma época na qual, é bom lembrar, a presença da mulher no funcionalismo público não só não era bem-vinda, como sua admissão ainda era posta em dúvida.⁸ Nomeada para o cargo que conquistou, foi, no ano seguinte, designada como chefe interina da Divisão de Antropologia e, desde 1931, chefe da Divisão, Vice-Diretora, e logo como Diretora do Museu Nacional, cargo que ocupou de 1938 a 1955. O cargo tinha, então, uma posição estratégica no mapa

pioneiro na história da rádio educativa no Brasil. Sua obra mais conhecida é *Rondônia* (1915), que trata das tribos indígenas encontradas pela Comissão Rondon. Sobre Roquette-Pinto, ver Castro Faria, A contribuição de E. Roquette-Pinto para a Antropologia brasileira. *Antropologia – escritos exumados*. Espaços circunscritos: tempos soltos – 1. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1998 e João Baptista Cintra Ribas, *O Brasil é dos brasileiros. Medicina, Antropologia e Educação na figura de Roquette-Pinto*. Dissertação de mestrado, Antropologia, IFCH/Unicamp, 1990.

Numa entrevista de jornal, na qual fala sobre sua formação, Heloisa lembra o grupo de moças que a acompanharam nessa primeira incursão ao Museu, enfatizando seus vínculos familiares: duas filhas de João Baptista de Lacerda, ex-diretor do Museu Nacional, e uma sobrinha de Pacheco Leão, diretor do Jardim Botânico, além dela e da irmã.

⁸ A primeira mulher a ingressar por concurso no Museu Nacional foi Bertha Lutz (1894-1976), como bióloga, em 1919. A contemporânea mais ilustre de Heloisa foi, além de distinta cientista, também uma lutadora em prol do voto feminino e de mudanças na legislação trabalhista que favorecessem as mulheres, tendo sido fundadora e presidente da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (1922). Certamente a luta levada a cabo por Bertha Lutz no mesmo período em que Heloisa iniciava sua carreira fazia constantemente vir à tona argumentos sobre seu ‘feminismo’, ou comparações implícitas com sua colega. Ver, por exemplo, trecho do *Jornal ABC* na época de seu concurso: *Os louros conquistados pelo feminismo no Brasil ainda são raros. Heloisa Alberto Torres, orgulhosamente solitária, conscientemente distanciada de ‘coqueteries’ e refratária a reclames espetaculares, pode ufanar-se da contribuição que a vitória da sua clara inteligência traz para o advento daquela causa (a nacionalidade) na nossa pátria*. Citado em Adélia Ribeiro, *Heloisa Alberto Torres e Marina São Paulo de Vasconcellos*, p. 40.

Sobre B.Lutz, ver Branca Moreira Alves, *Ideologia & Feminismo*. A luta da mulher pelo voto no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1980. Margaret Lopes pesquisa a trajetória de Bertha da perspectiva de sua contribuição à ciência, quase anulada pela ênfase no seu feminismo. Convém lembrar que Bertha Lutz, também filha de um homem ilustre, e que se formara em Ciências na Sorbonne, ingressou no Museu tão logo voltou de Paris e que Heloisa, que lá chegara em 1917, ficou oito anos participando de pesquisas, traduzindo trabalhos de cientistas da casa e assistindo a cursos lá realizados, antes de concorrer a um cargo. As semelhanças e diferenças na trajetória de ambas, bem como seus encontros e desencontros na vida social do Rio de Janeiro de sua época, merecem uma análise mais aprofundada, que não será feita aqui.

institucional das ciências no país e assumiria, graças a Heloisa, uma função estratégica também para a nascente antropologia brasileira. Se os museus estavam deixando de ocupar o centro do palco, cedendo lugar às Faculdades de Filosofia recém criadas, e nas quais a antropologia iria se desenvolver institucionalmente, eram, ainda, centros de poder. Dada essa centralidade na vida institucional brasileira, o Museu Nacional tinha a garantia de participação em quase todas as agências de controle da pesquisa acadêmica no país, criadas no âmbito da reformulação política levada a cabo nos anos trinta. Como representante do Museu, Heloisa ocupou, assim, sucessivamente, posições no Serviço de Proteção aos Índios - SPI (criado em 1910) e depois na FUNAI - Fundação Nacional do Índio, que o substituiu em 1967; no Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas (de 1933); no Conselho Nacional de Proteção aos Índios (de 1939), além de ter sido, desde 1955, vice-presidente e depois presidente da ONICOM (Organização Nacional de Museus/International Council of Museums).⁹ Heloisa foi, também, integrante da Comissão Organizadora da I Reunião Brasileira de Antropologia, realizada no Museu Nacional, em 1953 e, na II Reunião, na Bahia, em 1955, durante a qual foi fundada a ABA (Associação Brasileira de Antropologia), foi eleita para o primeiro Conselho Científico.

⁹ A criação do Conselho de Fiscalização parece ter tido alguma repercussão entre pesquisadores interessados em vir ao Brasil- ver a “Réglementation des missions scientifiques en territoire brésilien”, publicada por Paul Rivet no *Journal de la Société des Americanistes* em 1936, referido no excelente trabalho de Luís Donisete Benzi Grupioni sobre o Conselho. L. D. B. Grupioni, *Coleções e expedições vigiadas. Os etnólogos no Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil*. São Paulo: Editora Hucitec/ANPOCS, 1998. Sobre o Conselho Nacional de Proteção aos Índios e sua difícil convivência com o Serviço de Proteção aos Índios, ver Carlos A. Rocha Freire, *Indigenismo e Antropologia. O Conselho Nacional de Proteção aos Índios na gestão Rondon (1939-1955)*. Dissertação de Mestrado, PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, 1990. Heloisa é personagem obrigatória nessas pesquisas, já que circulou entre essas agências durante toda sua vida profissional.



I Reunião Brasileira de Antropologia, entrada do Museu Nacional, 1953.



Heloisa no Museu Nacional. Nas mãos sua publicação “Contribuição para o estudo da proteção ao material arqueológico e etnográfico no Brasil.” *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n.1, Rio de Janeiro, 1937, pp.9-30.



No Museu Nacional Claude Lévi-Strauss, Ruth Landes, Charles Wagley, Heloisa, Luiz de Castro Faria, Raimundo Lopes e Édison Carneiro em 1939.

Não era de surpreender, portanto, que logo depois da Segunda Guerra, ela fosse chamada a integrar a comissão internacional que tentou criar o Instituto Internacional da Hiléia Amazônica (IIHA). Partindo da iniciativa de um brasileiro, Paulo Berredo Carneiro, o Instituto foi inicialmente concebido como um centro de pesquisas franco-brasileiro, negociado com o governo Vargas e com o Institut Français des Hautes Études Brésiliennes. Como esta negociação não foi adiante, Paulo Carneiro apresentou sua proposta à Unesco, que a aprovou na Primeira Sessão de sua Conferência Geral, em 1946.¹⁰ Nessa

¹⁰ Paulo Berredo Carneiro (1901-1981), químico-industrial, era filho de Mario Barbosa Carneiro, abolicionista, positivista, e um dos criadores, junto com o marechal Rondon, do Serviço de Proteção aos Índios. Em 1927, fez seu curso de doutorado na Sorbonne e trabalhou

mesma sessão foi criada a LASCO - Latin American Cooperation Office que, mais adiante, iria ter sua sede provisória no Museu Nacional.¹¹

Parte do mesmo círculo de intelectuais originários de famílias da elite carioca, e amigos, Heloisa Alberto Torres e Paulo Carneiro trabalharam juntos pela constituição do IIHA desde a primeira reunião nacional, realizada no Itamarati, passando por todas as reuniões intermediárias - em Belém, em 1947; em Iquitos, em 1948, reunião na qual Heloisa já representava o governo brasileiro; em Manaus, em 1948, reunião na qual foi eleita presidente da comissão interina de constituição do Instituto - e, finalmente, em Paris, em 1949, na qual ela juntava ambas as representações: a de presidente dessa comissão e a de representante do governo brasileiro. Por razões que não vem ao caso historiar aqui, o Instituto acabou não se constituindo, mas no âmbito das discussões que a proposta mobilizou foi criado o CNPq (Conselho Nacional de Pesquisas), em 1951, e, como uma de suas primeiras realizações, o INPA (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia) - criação na qual, mais uma vez,

em Paris no Instituto Pasteur, em pesquisas sobre o guaraná, antes de voltar ao Brasil. Aqui ocupou cargos de prestígio junto a agências federais e foi Secretário de Agricultura do estado de Pernambuco, antes de retornar à França, em 1936. Retornando ao Instituto Pasteur, desenvolveu pesquisas sobre o curare e assumiu o cargo de representante do escritório comercial do Brasil na França. Foi testemunha da invasão da França pela Alemanha e chegou a ser internado duas vezes em campos de concentração na Alemanha nazista. Libertado em 1944, fez parte da comissão brasileira, da qual também participava Roquette-Pinto, amigo de sua família, que deveria enviar sugestões para a criação da instituição que seria a Unesco e se envolveu com sua estruturação. O desafio de sua proposta era o de “incorporar a Amazônia à nação, por meio da ‘república universal dos cientistas’ (Carneiro, 1935)”. Citado em Marcos Chor Maio e Magali Romero Sá, “Ciência na periferia”, p.981, artigo que me forneceu as bases para esta breve descrição e para a compreensão da extensão da proposta do Instituto, e do papel de Heloisa nela. É impossível detalhar aqui a história desse empreendimento - muito bem narrada no artigo citado - ou fazer justiça à discussão teórica de seus autores. M.C.Maio e M.R. Sá, “Ciência na Periferia: a Unesco, a proposta de criação do Instituto Internacional da Hiléia Amazônica e as origens do INPA”. *História Ciências Saúde – Manguinhos* VI, 2000. Ver também Marcos Chor Maio (org.) *Ciência, Política e relações internacionais*, “Ensaio sobre Paulo Carneiro”. Ed. Fiocruz e Unesco, Rio de Janeiro, 2005.

¹¹ Também não é possível resumir aqui as disputas internas pelo poder, ocorridas no Museu Nacional, e cujas reverberações das tomadas de posição de Heloisa no cenário internacional só ficaram claras depois da publicação da pesquisa de Marcos Chor Maio e Magali Romero Sá. Comparar com o capítulo sobre dona Heloisa em Mariza Corrêa, *Antropólogas & Antropologia*.

se envolveram Heloisa, Paulo Carneiro e outros que haviam lutado pela criação do IIHA.¹²

O esboço da trajetória institucional de Heloisa não faz justiça, no entanto, a uma linha interna e menos notável no desenvolvimento de suas atividades de pesquisa: pelo menos desde 1929 ela estava interessada na contribuição das mulheres à cultura de seu país. Começando com uma conferência proferida na Escola Nacional de Belas Artes naquele ano, que foi uma espécie de prefácio a sua viagem à Ilha de Marajó, no ano seguinte - que acabou por inspirar um romance - e concluindo, melancolicamente, com uma tese jamais apresentada, a respeito da vestimenta das baianas, em 1950.¹³ Naquela primeira conferência Heloisa já registra a oposição à suas idéias:

“Sempre havia sido para mim motivo de orgulho considerar que, na região da América em que só mulheres são oleiras, tinha-se desenvolvido na cerâmica a arte mais rica, sóbria e vigorosa.

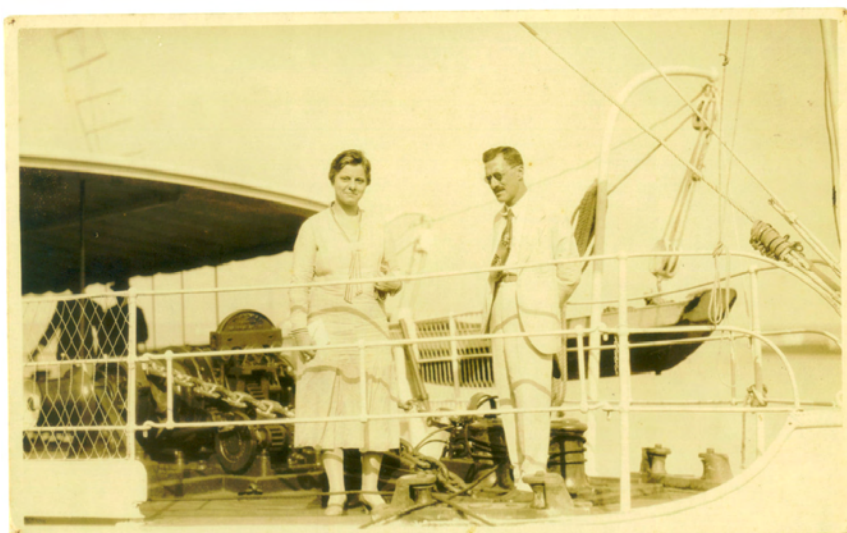
Objetavam-me alguns senhores - que, sim, seriam mulheres as oleiras, mas que, tratando-se de arte aplicada a fins religiosos, no momento da decoração certamente passaria a tarefa ao sacerdote. Certo. Nada a replicar.”

¹² Maio e Romero Sá observam que, na discussão brasileira sobre o IIHA, “... a Unesco passou, na realidade a ser vista no debate público como agente de poderosas forças econômicas e políticas estrangeiras que procuravam criar raízes em solo amazônico”. *Ciência na periferia*, p. 1005.

Para a defesa do Instituto, ver o opúsculo *O Instituto Internacional da Hiléia Amazônica - razões e objetivos da sua criação*, publicado por Paulo Carneiro (Rio de Janeiro, 1951), no qual consta um documento assinado por Heloisa, enviado à Câmara dos Deputados em julho de 1949, refutando um parecer elaborado pelo Estado Maior das Forças Armadas a respeito dos riscos de sua criação para a soberania nacional. Sou grata a Verena Stolcke por me ter passado uma cópia desse documento. Ver também as impressões de Alfred Métraux, funcionário da Unesco e incorporado à equipe do projeto, registradas em seu diário: *Itinéraires I* (1935-1953) Paris: Payot, 1978.

¹³ O romance mencionado é *No Pacoval de Carimbé*, de Bastos de Ávila, premiado pela Academia Brasileira de Letras em 1932 (Rio de Janeiro: Calvino Filho, editor, 1933). É importante notar que no romance, no qual Heloisa é a heroína, o autor, professor de Anatomia na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, que deu aula para Heloisa, desmente a teoria por ela exposta em sua conferência - da origem autóctone e técnica da ornamentação marajoara, por oposição à teoria da imigração dos indígenas - mas as provas do desmentido são destruídas por uma forte chuva no final da história, impedindo tanto a heroína de exibir seus achados, quanto a teoria original de ser desmentida. O romance pode ser lido como uma alegoria crítica à invasão do “lugar santo”, a casa do saber, por uma mulher, feita por um homem, que no entanto abençoa sua contribuição.

Mas, depois de afirmar que, infelizmente, suas pesquisas a haviam convencido de que os homens é que eram os responsáveis pelos ornamentos na cerâmica, já que eram os autores do trançado que estaria na sua origem, conclui dizendo que *a mulher, mais previdente do que ele, soube imprimir em matéria durável a perpetuação duma cultura forte*.¹⁴ Era, a seu modo, um pequeno ‘manifesto feminista’ pronunciado num palco público, num momento em que, como ela diz, a aplicação dos motivos de Marajó à decoração eram *um assunto da moda*.¹⁵



Atrás da foto escrito “A bordo do Cassiporé, de partida para Chaves. Porto de Belém. 9.9.30. Dr. Carlos Estevão e eu.” (Acervo CCHAT).

¹⁴ Lévi-Strauss concorda: *Sem pretender remontar às origens, o fato é que, na América, o mais frequente é a cerâmica ser uma arte feminina. [...] Demiurgo em pequena escala, a ceramista também ciumenta restringe uma matéria em liberdade. Modelada e fixada pelo cozimento numa forma imutável, essa matéria, por sua vez, restringe, ao ‘culturalizá-las’, substâncias vegetais e animais ainda no estado da natureza.* C.Lévi-Strauss, *A oleira ciumenta*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986, pp.38;222.

¹⁵ Heloisa Alberto Torres, *Cerâmica de Marajó*. Rio e Janeiro: Typ. Brasil Social, 1929, p.22. Sobre o uso desses motivos pelos decoradores, diz: *Seja-me permitido permanecer absolutamente marajoesa. [...] Cumpre, antes de tudo, imbuir-se o artista no espírito de Marajó, mergulhar na observação minuciosa dos trançados. A técnica é educativa.*



Fotos de Heloisa da sua pesquisa de campo em Marajó. (Acervo CCHAT)

Heloisa voltaria à questão, depois de tê-la abordado ainda outras vezes¹⁶, na tese não apresentada ao concurso para o preenchimento da vaga deixada por Arthur Ramos. Em Alguns aspectos da indumentária da crioula baiana, sua apresentação é mais incisiva, já na introdução:

“O presente trabalho abrange parte de um tema de pesquisa que, há alguns anos, prende nossa atenção. Numa sociedade como a nossa, formada por colonização, algumas dezenas de anos de independência política não chegaram a apagar a orientação econômico-social que proporcionou ao regime patriarcal sua mais ampla e pacífica expansão. Nesse regime, a mulher nasceu, cresceu e - com exclusão da professora - passou a vida limitada a um mundo tão alheio aos interesses da cultura, da inteligência e do espírito, como estranho ao campo da atividade social direta.

¹⁶ Adélia Ribeiro registra um curso de extensão oferecido por ela no Museu, em 1934, com o título “A mulher entre os índios do Brasil” e uma frase de Heloisa, numa entrevista de 1932, comparando certos ornatos das cerâmicas indígenas às rendas francesas: *Não quero parecer aqui estar dando livre curso à fantasia da ‘cervelle qui trotte’ de uma mulher brasileira em cujas veias certamente corre sangue indígena mas, dada a coincidência clara entre os ornatos e o painel desenhado pelo indígena do Brasil, na corte de Catarina de Médicis, a hipótese nada tem de absurda. A questão ainda requer busca, e nela eu prossigo, mas guardo a convicção íntima de que as nossas caboclas da mata foram as mestras em que se inspirou a arte de tantas belas rendas.* Citado em A.Ribeiro, *Heloisa Alberto Torres e Marina São Paulo Vasconcellos*, pp.44; 60.

A tese sobre as vestes e adereços das baianas, que levava o título de “Alguns aspectos da indumentária da crioula baiana” não chegou a ser apresentada ao concurso para a vaga de Arthur Ramos porque o concurso, de fato, nunca foi aberto e a vaga acabou sendo ocupada, na prática, pela assistente de Ramos, Marina São Paulo de Vasconcelos. A tese foi publicada em *cadernos pagu* (23), 2004.

Depois de citar alguns *tipos culturais femininos*, como a fazendeira, a comerciante, a rendeira, Heloisa diz que a crioula baiana *pela prática de várias e complexas atividades e pelo exercício de funções reconhecidas como masculinas pela sociedade, desenvolveu uma feição própria, original e definida*. Analisando os usos do pano da costa pelas baianas, sua atenção se detém mais no detalhe técnico da tecelagem; cor, textura, tipo de tear ou de fio utilizado - a apresentação do uso dele, no cotidiano, fica por conta das belas fotografias anexadas ao trabalho. A pesquisa, aparentemente, fora feita dez anos antes, quando Heloisa estava ocupada em encomendar bonecas representando as baianas caracterizadas como mães de santo para uma exposição em Lisboa. Nessa ocasião, também, como no caso de sua convicção sobre a cerâmica indígena, sua exibição de um aspecto feminino da cultura brasileira foi contraditada: as bonecas foram retiradas da exposição e não constaram do catálogo dela. Podem ser vistas, ainda hoje, no entanto, nas vitrines do Museu Nacional.¹⁷

A carreira institucional de Heloisa, que segue uma linha aparentemente condizente com o seu estatuto social no mundo de sua época, tem, assim, um contraponto de desmentidos e desqualificações a cada vez que ela enfatiza um interesse menos claramente marcado, mas ainda assim notável nas suas intervenções acadêmicas, o interesse pelo aspecto ‘feminino’ de nossa cultura.¹⁸

¹⁷ Tratava-se da Exposição Histórica do Mundo Português, realizada em Lisboa, em 1940. Heloisa foi a encarregada de montar a exposição etnográfica e, nesse contexto, deu publicidade à figura que Carmen Miranda iria popularizar nos Estados Unidos desde 1939, a baiana. Alguns anos mais tarde, no âmbito de uma disputa pela direção do Museu Nacional, o geólogo Othon Leonardos assim explicava a supressão das bonecas da Exposição: “... *os mostruários enviados por Dona Heloisa a Lisboa chegaram a ser arrumados no pavilhão brasileiro, mas não foram exibidos ao público porque a Comissão julgou deprimente apresentar o Brasil como um país de negros e macumbas*.” Ver Mariza Corrêa, *Antropólogas & Antropologia*.

¹⁸ Ou, para dizê-lo de maneira mais precisa, quando ela enfatizava a dimensão de gênero na sua performance como *diretor*, como sempre se apresentava formalmente, ou como *pesquisador* entre outros pesquisadores. Isto é, quando se afastava da masculinidade universal implícita nessas noções.

Curiosamente, tal interesse encontra pouca, ou nenhuma, ressonância na sua correspondência.¹⁹

Ao contrário da imensa maioria de suas conterrâneas e contemporâneas, Heloisa teve, desde muito cedo, contato com livros e idéias, e não só aprendeu a ler e escrever, como teve, certamente também ao contrário da imensa maioria de seus conterrâneos e contemporâneos, uma esmerada educação, da qual fazia parte o domínio da língua inglesa e da francesa.

Costuma-se observar que ela produziu poucos textos ao longo de sua carreira: o volume e a importância de sua correspondência, no entanto, desmentem essa observação. Não que *ela* escrevesse muito, mas muito lhe escreviam os antropólogos que para cá vinham pesquisar. E são essas cartas que mostram sua posição crucial, tanto no cenário nacional, como no internacional da disciplina antropologia.²⁰ É nessas cartas que ficam claras suas iniciativas, tão comentadas quanto não analisadas, por alguns de seus colegas²¹, a respeito de acordos “informais” com outras instituições, como a Universidade de Columbia. De fato, não eram tão informais assim, já que de sua palavra dependia a continuidade da aceitação do pesquisador no país - bem como de sua ajuda podia depender a própria autorização para a pesquisa de campo, através de sua atuação no Conselho de Fiscalização das Expedições Científicas. Como ela diz, numa carta a Buell Quain: *De qualquer maneira, tenha a certeza de que os Trumai são seus. Mesmo se for preciso que eu também vá abrir-lhe o caminho, isso se fará.*²²

¹⁹ Também não encontra eco em certos comportamentos seus: ver no capítulo 1 as queixas de Ruth Landes sobre a desqualificação de sua experiência etnológica por Heloisa.

²⁰ Tendo começado a trabalhar no Museu Nacional como parte de uma equipe de pesquisa dirigida por Roquette-Pinto, foi no âmbito da antropologia física e, depois, no do estudo da cultura material, que suas investigações principais foram realizadas. Boa parte de seus esforços como diretora do Museu, no entanto, tinham como objetivo instituir cursos de etnologia no Museu e formar etnólogos brasileiros.

²¹ Castro Faria, Heloisa Alberto Torres (1895-1977), em *Antropologia*, ou Charles Wagley, *Lágrimas de boas vindas*. Os índios Tapirapé do Brasil Central. Belo Horizonte/São Paulo:Itatiaia/Edusp, 1988.

²² Um exemplo oposto sendo o de sua firme negação de apoiar William Lipkind. Ver capítulo 1.

Que suas cartas, assim como sua atuação, abriam (ou fechavam) caminhos, é testemunha uma observação de Mario de Andrade: *Até hoje nada se fez, mais de um ano já se passou e a própria D. Heloisa, que respeito e admiro enormemente, não achou tempo para escrever um ofício a Berlim, iniciando as negociações.*²³ E que as cartas eram um importante meio de comunicação e um sensor de relações numa comunidade antropológica dispersa, é testemunha outra observação, de Curt Nimuendaju: *D.Heloisa, porém, tomou mal a minha carta, respondendo-me num tom tão irritado que demonstra que, apesar da recepção cordial que ela me fez no Rio, ela continua sendo aquela que nós conhecemos no Pará. Seja como ela quiser.*²⁴

As cartas, assim, eram não apenas escritas e enviadas, mas também tematizadas pelo (pequeno) grupo de antropólogos que circulava pelo país. Heloisa se queixava de que Ruth Landes não lhe tinha escrito, depois de voltar aos Estados Unidos: *De Ruth nem um postal. Sei que tem escrito sempre ao*

²³ Carta de 1936 a Rodrigo Mello Franco de Andrade, em Mario de Andrade, *Cartas de trabalho*. Correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade (1936-1945). Brasília:MEC/SPHAN/Pro-memória, 1981, p.60. O contexto da carta era a discussão sobre a criação de um museu etnográfico e Mario observa, com razão, que Heloisa só pensava em etnografia *ameríndia* e ele em etnografia *popular*. Agradeço a Silvana Rubino por ter chamado minha atenção para as relações tensas entre os criadores do Serviço do Patrimônio Histórico Nacional e a diretora do Museu. Ver S. Rubino, “*As fachadas da história: os antecedentes, a criação e os trabalhos do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1937-1968.*” Dissertação de Mestrado em Antropologia, Unicamp, 1992.

²⁴ Nimuendaju a Carlos Estevão, em 1935. *Cartas do sertão*. De Curt Nimuendaju para Carlos Estevão de Oliveira. Apresentação e Notas de Thekla Hartmann. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia/Assírio e Alvim, 2000, p. 223. Note-se que, nas duas ocasiões citadas, Heloisa já era tratada como D. Heloisa - e ainda não era a diretora do Museu Nacional.

A carta de Heloisa pode ser esta, citada em Grupioni, *Coleções e expedições vigiadas: Para poder ajuizar de certos casos é preciso conhecer-lhes todos os aspectos. Muito estranhei a precipitação com que o sr., depois de ter conversado aqui conosco como conversou, julgou tão severamente das decisões do Conselho. Por conseguinte, considero de bom aviso que, para o futuro, o sr. se informe bem dos fatos antes de manifestar opiniões a respeito, sob pena de se fazer passar por leviano. É preciso também que o sr. saiba que não é somente o sr. a única pessoa que cumpre com a palavra no mundo. O Museu Nacional, conforme ficou entre nós combinado, reserva uma verba de dez contos (foi a importância de que o sr. me falou) para compra da documentação completa da cultura Canela.* (p.170) As cartas de Nimuendaju são um testemunho semelhante às cartas aqui reunidas da lealdade dos pesquisadores para com os diretores dos museus aos quais estavam vinculados. Nos anos seguintes, durante a Segunda Guerra, a diretora do Museu Nacional e o diretor do Museu Paraense, irão se indispor com o Conselho, defendendo o direito de Nimuendaju, de origem alemã, mas naturalizado brasileiro, de continuar com suas pesquisas.

*Édison Carneiro mas acho muito engraçado que não me mandasse uma só linha. Também eu pago na mesma moeda.*²⁵

Nimuendaju se queixava de que Heloisa não respondia prontamente suas cartas: *Sei perfeitamente que a Snra está sobrecarregada de trabalhos administrativos e que seria tolice esperar que as suas ocupações lhe deixem o tempo para responder prontamente às minhas cartas. Entretanto, este conhecimento não resolve a dificuldade.*²⁶

Tematizadas por eles como indicadores da vigência ou não do *pacto epistolar* - “manter a troca continuada de cartas”²⁷ - as cartas podem ser também tematizadas por nós tanto como veículos de troca de informação mas, ou talvez sobretudo, como indícios das posições ocupadas por seus signatários nas relações com seus destinatários. Heloisa tanto podia escrever cartas a *favor de*, enquanto integrante de agências que decidiriam os destinos da pesquisa e dos pesquisadores, especialmente os estrangeiros, no país, como podia escrever cartas desfavoráveis a respeito deles, o que certamente qualificava de uma maneira especial o pacto epistolar entre ela e seus correspondentes. Foi, talvez, por não ter percebido isso que Lévi-Strauss, jovem pesquisador estrangeiro no país, cometeu o *faux pas* de lhe enviar uma carta dispensando a colaboração de um representante do Museu Nacional numa de suas viagens - o que propiciou uma série de mal-entendidos, só resolvidos com a sua volta atrás.²⁸

²⁵ Carta a Buell Quain, de 1939. Ruth escreveu, afinal, vários cartões e cartas para Heloisa.

²⁶ Grupioni, *Coleções e expedições vigiadas*, p.237.

²⁷ Cécile Dauphin, P.Lebrun-Pézerat e D. Poublan, *Ces bonnes lettres. Une correspondance familiale au XIX siècle*. Paris: Albin Michel, 1995, p.131.

²⁸ Grupioni, *Coleções e expedições vigiadas*, p. 142 e seguintes. Que Heloisa ficou agastada com esse pedido de dispensa, é testemunha a resposta de Mario de Andrade a ela, em data próxima à da carta de Lévi-Strauss e pela qual podemos inferir seu comentário: *Não tive tempo de lhe dizer quanto gozei com seu cartão-postal mandando o possivelmente ‘ariano’ Nambicuará comer o judeuzinho. Mas deixemos o judeu de lado e esqueça os elogios indiscretos*. A carta tinha por finalidade, claro, pedir-lhe ajuda para a escrita de outra carta... Mario de Andrade a Heloisa Alberto Torres, março de 1938, Arquivo do Museu Nacional. Ruth Landes, também judia como Lévi-Strauss, foi a única, entre os pesquisadores estrangeiros, a mostrar sensibilidade para o clima racista no Brasil na época. Ver o capítulo 1.

Se Cécile Dauphin e suas colegas têm razão, e creio que têm²⁹, e que a sua eficácia é também simbólica e implica numa troca, no sentido proposto por Mauss, as cartas trocadas entre Heloisa e sua legião de correspondentes apontam para uma rede social muito bem tramada desde seu lugar institucional de enunciação, o Museu Nacional, e são uma rica fonte de informação sobre os círculos sociais que se sobrepunham aos incipientes círculos antropológicos no país.³⁰

A troca de cartas com os pesquisadores, que literalmente, se perdiam no interior do país, certamente se inserem no mesmo tipo de pacto epistolar, mas são também um pacto de outra natureza: estando eles isolados do mundo (Quain se queixa da falta de selos, mas diz que todos enviavam as cartas, assim mesmo, na esperança de que eles fossem sendo colados pelo caminho...), ela passa a ser sua referência e âncora, a provedora de todas as pequenas e grandes iniciativas e das miudezas cotidianas necessárias ao bom andamento do trabalho de campo (*consertei seu gravador; aí vai seu relógio; estou mandando os filmes; quer suas camisas?; telefonei para sua mãe; mandei o dinheiro da passagem; comprei as contas [miçangas]; providenciei seu visto; leve o von den Steinen...*) .

²⁹ Sucintamente, dizem elas: *As cartas não falam apenas sobre os modos de sua produção ou exibem os procedimentos retóricos constitutivos de sentido investidos pelos interessados; elas falam também delas mesmas nos processos de circulação.* C.Dauphin, *Ces bonnes lettres*, p.155.

³⁰ A “ampla rede de amigadas” que Heloisa mobilizava para auxiliar os pesquisadores que chegavam ao Brasil a vencer a “intrincada burocracia” do país, lembrada por Charles Wagley (*Lágrimas de boas vindas*, p. 31), e que aparece de maneira dispersa ao longo das cartas e ao longo de sua vida, se articulou de maneira explícita no contexto de uma crise enfrentada por ela no Museu Nacional, em 1945. Um memorial dirigido ao presidente da República, apoiando-a como diretora no Museu, num momento em que sua autoridade era contestada, contava entre outras, com as seguintes assinaturas: Alvaro Ozório de Almeida, Afrânio Peixoto, Fernando de Azevedo, Candido Rondon, Venâncio Filho, Hermes Lima, Gastão Cruels, Carlos Chagas, Maria Eugênia Celso, Lucia Miguel Pereira, Otavio Tarquinio de Souza, Roquette-Pinto, Miguel Ozório de Almeida, Delgado de Carvalho... Isto é, que tanto por seus laços familiares, quanto pelos laços profissionais que foi estabelecendo ao longo de sua vida, Heloisa pertencia à rede social da fina flor da intelectualidade carioca. Por serem poucas, as mulheres que faziam parte dessa rede eram constantemente tema de matérias de jornal: em 1948, por exemplo, um jornalista propunha a constituição de um governo feminista, isto é, composto só de mulheres - Heloisa, Bertha Lutz e Carlota Pereira de Queiroz eram algumas das personagens lembradas por ele. *O Globo*, 26 de fevereiro de 1948.

Apontam também para uma assimetria entre a diretora e os jovens pesquisadores: eles escrevem muito, ela escreve pouco. Escrever era também uma obrigação dos pesquisadores para com a diretora; a sua obrigação era tomar providências para que tudo desse certo no campo.

De certo modo, é como se Heloisa tivesse trocado as palavras que poderia ter usado para construir uma obra, por outras: por palavras que ajudaram a produzir outras obras, em outros lugares, com outras linguagens - mais diretora do que atriz nessa cena antropológica. Como ela mesma disse, numa carta a Curt Nimuendaju: *Continuo a mesma criatura incorrigível a arquitetar planos de trabalhos etnográficos a serem realizados por um elenco escolhido. E nesses sonhos vou passando a vida.*³¹



No jardim do Museu Nacional.



Na entrada do Museu Nacional

³¹ Carta de 19 de maio de 1939. Citada em Grupioni, *Coleções e expedições vigiadas*, p. 93.



(Acervo CCHAT)



Foto de Heloisa publicada em jornal de Itaboraí.



(Acervo CCHAT)

1

Cartas do campo: Buell Quain

Na véspera do Natal de 1938, William Lipkind³², um estudante de antropologia da Universidade Columbia, que estava fazendo pesquisa entre os Karajá no Brasil, anunciava a Heloisa Alberto Torres a chegada de outro colega de sua universidade, Charles Wagley, e lhe escrevia:

*Sei que a senhora é simpática com todos, Dona Heloisa, mas espero que seja especialmente simpática com Chuck. Ele é um rapaz encantador e estou certo que a senhora vai gostar dele. Ele foi orientado por Ruth Benedict para pesquisar com os Tapirapé, mas é claro que pode escolher. Não o deixe sair atrás de miragens como Buell.*³³

Menos de um ano depois, na madrugada de 2 para 3 de agosto de 1939, Buell Quain cortava os pulsos num acampamento e, depois da fuga dos índios que o acompanhavam, assustados com o sangue, enforcara-se com a corda de sua rede numa árvore próxima. A notícia transformou-se num caso internacional e foi um pesadelo para Heloisa, que passou meses tentando recuperar os pertences dele, para enviá-los à família e à universidade e assegurar, desde o Rio de Janeiro, que as providências cabíveis fossem tomadas pelas autoridades no local mais próximo, Carolina, no Maranhão. Foi também um pesadelo para a orientadora de Buell Quain, Ruth Benedict, pois além de ter sido uma repetição de outras mortes tristes em sua vida, ocorreu quando Benedict acabara de perder para Ralph Linton a sucessão de Boas na chefia do Departamento.³⁴ Quain deixou-lhe trinta mil dólares de herança e um comitê

³² William Lipkind (1904-1974), já doutor em Antropologia pela Universidade de Columbia, no final dos anos quarenta integrou a dupla Will e Nicolas (um ilustrador) que ficou famosa por seus livros de histórias infantis.

³³ A expressão, ‘wild-geese chase’, usada no original da carta, é explicada no *The American Heritage Dictionary* como “uma perseguição sem esperança de um objeto inatingível ou imaginário”. A menção pode dever-se ao fato de que Quain chegou ao Brasil com Lipkind e sua esposa, com quem deveria seguir para uma pesquisa na região de Goiás; modificou depois seu pedido ao Conselho, informando que pretendia seguir para as nascentes do Xingu e, por fim, fez um terceiro pedido para pesquisar entre os Krahô. Luiz Donisete Benzi Grupioni, *Coleções e expedições vigiadas*, p. 94-102. Pode se referir também ao fato de Quain ter ido para uma região na qual o SPI não tinha postos e contra a vontade dos diretores do Serviço.

³⁴ Ruth tinha tido a experiência de saber do suicídio de uma amiguinha quando criança e, mais tarde, do suicídio de uma aluna, colega de Margaret Mead, de quem muito gostava. Mais

formado pela mãe dele, pelo advogado de Benedict e pela própria Ruth decidiu que tal herança seria usada para apoiar a análise de pesquisas de campo e sua publicação, quando não houvesse outra verba disponível no departamento. *O fundo de Quain devolveu-lhe a possibilidade, que ela começara a perder quando Linton assumira o Departamento, de ajudar estudantes financeiramente. Mas permaneceu como um ponto sensível entre Linton e Benedict.*³⁵

Buell Halvor Quain nasceu em 31 de maio de 1912, em Bismarck, capital da Dakota do Norte. A mãe escreveu para Heloisa dizendo que ele sempre se referia à data de seu nascimento como tendo sido “a dez minutos” de junho, pois gostava mais do som deste mês. Antes de vir para o Brasil, tinha feito pesquisa de campo nas Ilhas Fiji, no sul do Pacífico, pesquisa que resultou em dois livros, publicados depois de sua morte. Ele chegou ao país em fevereiro de 1938 e trabalhou primeiro entre os Trumai e depois entre os Krahô.

Comentários esparsos sobre Quain aparecem em biografias ou diários de seus contemporâneos. Luiz de Castro Faria, por exemplo, o encontrou por acaso a bordo do barco no qual fez o trajeto Corumbá-Cuiabá em 1938, a caminho de encontrar-se com Claude e Dina Lévi-Strauss, a quem acompanharia na sua expedição ao Brasil Central. Diz ele:

Logo que cheguei a bordo fui levado ao meu camarote, pequenino, quase sufocante, e ainda por cima com dois leitos. Verifiquei logo que tinha um companheiro, apesar de ter pedido à companhia, com insistência, que me deixasse só. Em cima do leito inferior dois livros: von den Steinen e Estevão Pinto. Poderia ter dado o grito de etnógrafo a bordo. Procurei conversar com o possuidor de tais livros, que vi logo ser um estrangeiro. Era nada menos que Mr. Quain, que eu vira uma vez no Museu, e até para quem, a pedido de D. Heloisa, fui certa vez procurar o livro do Petrullo. E muitas vezes havia conversado com ela acerca desse

recentemente, em 1931, uma aluna sua tinha sido morta enquanto fazia trabalho de campo junto aos Apache. Margaret Caffrey, *Ruth Benedict: stranger in this land*. Austin: University of Texas Press, 1989, p.273.

³⁵ Caffrey, *Ruth Benedict*, p.279. Numa carta de 1942, a mãe de Quain diz a Heloisa que o fundo do filho estava sendo usado para apoiar Ella Deloria, índia Sioux de Dakota do Sul, a publicar a história de uma família de sua tribo antes da chegada do homem branco. Sobre Deloria, ver Janet L. Finn, Ella Cara Deloria and Mourning Dove: writing for cultures, writing against the grain, em Ruth Behar e Deborah A. Gordon, eds., *Women writing culture*. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1995.

*americano que pretendia residir durante um ano numa aldeia indígena. Uma extraordinária coincidência fez com que nos encontrássemos ali, ambos a caminho de regiões distantes, e levados pelos mesmos desejos.*³⁶

Na entrevista que deu para Bernardo Carvalho, Castro relembrou que Quain gostava de tocar piano e disse que ele era muito rico, o que parece confirmado por essa anotação de Alfred Métraux, feita depois de sua morte, registrando os comentários de um outro antropólogo que ele encontrou no Rio de Janeiro: *Quain, filho de pai alcoólatra, mas rico, de mãe neuropata e dominadora (...) casou-se com uma brasileira depravada. Ele, moço talentoso, poeta. Como fofoqueiro, não se faz melhor que Mishkin.*³⁷ Métraux havia encontrado Quain – cujo nome registrou como Cowan – em fevereiro de 1939, no Rio, no Museu Nacional, e o descreveu como tendo *um rosto enérgico, traços regulares e bem desenhados, ligeiro bronzeado, ombros largos.*³⁸ Na mesma ocasião, encontrou-se com ele no hotel onde estavam ambos e também Charles

³⁶ Luiz de Castro Faria. *Um outro olhar. Diário da Expedição à Serra do Norte*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2001, p. 43. Quain não voltará a ser mencionado no diário de Castro Faria. A coincidência não deixa de ser estranha: Heloisa, tão zelosa do andamento das pesquisas dos funcionários do Museu e de seus protegidos estrangeiros não saberia que iam ambos viajar no mesmo barco?

³⁷ O autor dessas e de outras maledicências era Bernard Mishkin. Alfred Métraux. *Itinéraires 1. Carnets de notes et journaux de Voyage*. Paris: Payot, 1978, p. 208. O ano era 1947. Bernard Mishkin (1913-1954), nascido na Crimeia, mas criado nos Estados Unidos, morreu aos 41 anos de ataque do coração. Pesquisou os Wapi da Nova Guiné em 1936 e os Kauri do Peru em 1937, este último com apoio da Universidade de Columbia. Em 1941 retornou ao Peru como curador-visitante do Museu Nacional do Peru. Voltou em 1948 à América do Sul como consultor da UNESCO. Mishkin fora colega de Quain num seminário coordenado por Margaret Mead em 1934, em Columbia, do qual Ruth Landes também fazia parte. Sally Cole, *Ruth Landes. A life in Anthropology*. Lincoln e Londres: University of Nebraska Press, 2003, p. 76. Mishkin estava fazendo fofocas também sobre Charles Wagley e é possível que Métraux tenha se confundido ao fazer as anotações: Wagley se casou com uma brasileira em 1941. A única referência sobre a esposa de Quain está na carta de Ruth Landes para Dona Heloisa de 04 de Novembro de 1939, de Nova York: “*Encontrei a antiga esposa de Buell – e, que coisa engraçada, ela me lembrou dele. Ela tem olhos feitos como os dele (mas não iguais), e o modo de falar. Ela está bem casada outra vez.*” (CHAT: Pasta Ruth Landes). O romance *Nove noites* de Bernardo Carvalho é, até certo ponto, um excelente levantamento da biografia de Buell Quain. *São Paulo: Companhia das Letras: 2002*. A observação sobre o piano é confirmada pela mãe de Quain que vai dizer numa carta a Heloisa que *seu piano é a coisa de que ele mais gostava e agora está silencioso*. Fannie Quain a Heloisa Alberto Torres, 17 de outubro de 1939.

³⁸ Buell Quain e Alfred Métraux são os estrangeiros que estão faltando na famosa foto, de 1939, de Dona Heloisa no Museu Nacional rodeada por Ruth Landes, Charles Wagley e Claude Lévi-Strauss, além de alguns nativos.

Wagley: Quain lhes falou de sua viagem ao Xingu, e também falou de sua sífilis. *Na franqueza brutal com que ele fala dela, nas brincadeiras que faz a respeito, creio perceber uma bravata desesperada.* Numa carta endereçada a Luís Donisete Benzi Grupioni, Lévi-Strauss diria que, já em 1938, Quain julgava ter sido contaminado pela sífilis durante o carnaval no Rio. Eles se conheceram em Cuiabá (e simpatizaram um com o outro, diz ele), quando Quain viajava para o trabalho de campo com os Trumai. Lévi-Strauss acrescenta que Quain acreditava ter sido contaminado por uma mulher que se passava por enfermeira.³⁹ Tais rumores também circulavam em Columbia: Hilary Lapsley diz que ele tinha tido problemas de pele por causa da sífilis (o que ele já dissera a Lévi-Strauss) e que estava com medo de ter sido infectado pela lepra. Margaret Mead disse a Ruth Benedict que alguém lhe contara que ele tinha contraído sífilis deliberadamente. Havia também o rumor de que Benedict enviara Quain para a América do Sul para ser morto, de modo que ela pudesse herdar seu dinheiro.⁴⁰

O grupo de americanos de Columbia que começou a chegar ao Brasil em 1938 era composto por William Lipkind e sua esposa, por Buell Quain, definido como seu assistente, e Ruth Landes. No ano seguinte, chegou Charles Wagley e, depois, chegaram James e Virginia Watson e Robert e Yolanda Murphy.⁴¹

³⁹ As fantasias sobre esses encontros não podem ser descartadas: assim como Mishkin parece ter ventilado suas próprias fantasias ao contar as trajetórias de alguns antropólogos estrangeiros a Métraux, chama a atenção que Quain, filho de dois médicos e com uma enorme cicatriz entre o abdome e o peito, que ele explicava como produzida “por uma moléstia horrível”, tenha dito que suspeitava ter sido infectado por uma ‘enfermeira’, além de seus delírios sobre uma doença contagiosa, expressos nos bilhetes que deixou ao se matar. Ver adiante as observações de Quain sobre os problemas de pele dos Krahô.

⁴⁰ Hilary Lapsley, *Margaret Mead and Ruth Benedict: The kinship of women*. Amherst: University of Massachusetts Press, 1999, pp. 277, 290. Lapsley atribui esse último boato a Linton e lembra que na histeria do final da guerra, Ruth Benedict teve de enfrentar uma investigação do FBI porque um senador acusara seu livro sobre as raças humanas de ser propaganda comunista. Boa parte dos rumores sobre as causas da morte de Buell Quain se misturaram assim a esse burburinho da época, apagando pistas possíveis para futuros pesquisadores.

⁴¹ Ruth Landes (1908-1991) lembra que o primeiro aluno de Columbia a chegar foi Jules Henry e que foi graças a ele que Franz Boas e Ruth Benedict se interessaram em enviar alunos para o Brasil. Todos esses estudantes, com a exceção de Ruth Landes, que estudou os candomblés da Bahia, vieram para estudar sociedades indígenas. Sobre Landes no Brasil, ver Mariza Corrêa,

Landes e Quain eram amigos e as cartas entre eles, recuperadas pela biógrafa de Landes, Sally Cole, mostram que boa parte da correspondência entre Heloisa Alberto Torres e Quain estava baseada em premissas falsas: Heloisa queria muito trazer jovens talentosos para o Brasil, particularmente para o Museu Nacional, para desenvolver a etnologia brasileira, e Quain só queria fazer sua pesquisa e voltar para casa.⁴² Assim, ao escrever para Heloisa, Quain mostrava uma face, que, no entanto, desmentia ao escrever para Landes. Para esta, ele diz, em março de 1939:

Estou preocupado com suas relações com Dona Heloisa. Com certeza, você vai me dizer para cuidar da minha vida. Mas acho que você deve pagar os favores dela parecendo humilde na sua presença, não dizendo nada que pareça uma crítica ao Brasil, fingindo ter interesse no trabalho dos acadêmicos brasileiros, e até deixando que ela sinta que está orientando sua pesquisa... Se você se meter em encrencas, ela será útil. Ela tem influência mesmo. Mas você deve levá-la a crer que ela é uma companheira de conspiração... Acho que você deve fazer um esforço, por causa de uma vaga oportunidade de trabalho para Lipkind ou Lesser. Ela gosta de pensar que Columbia está cheia de pessoas humildes buscando a verdade. O seu problema é que você não parece humilde.⁴³

Parecendo ou não humilde, Landes não era vista como uma etnóloga por Heloisa, ainda que já tivesse defendido seu doutorado e tivesse publicado dois livros sobre os Ojibwa, grupo nativo do Canadá.

Em outra carta, para Ruth Benedict, ela se queixa que D. Heloisa queria ler o que Quain tinha escrito sobre Fiji, mas não se interessava pelo que ela escrevera sobre a Bahia:

Outro dia, durante o chá, ela observou que havia três etnólogos de Columbia no Brasil, e todos homens. Achei isso muito engraçado e já que o mesmo tipo de coisa tinha acontecido várias vezes antes, de maneiras diferentes, disse: “Você sabe que há uma quarta pessoa aqui, uma mulher, com mais experiência etnológica do que os outros”. Ela pareceu desconcertada e não disse nada... Fora isso, já que não tenho nada a

Antropólogas e Antropologia e a segunda edição de *A cidade das mulheres*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

⁴² No final de sua estadia no Brasil, Quain parecia estar mudando de opinião. Ver os rascunhos de suas cartas para Margaret Mead. Infelizmente, essas alterações nas suas relações com D. Heloisa e com o país não chegaram a se explicitar.

⁴³ Sally Cole, *Ruth Landes*, p.171.

*perder com suas classificações profissionais a meu respeito, acho que ela é uma pessoa simpática e charmosa, com um grande, ingênuo e bem sucedido desejo de poder; e ela tem feito coisas incríveis para os rapazes... eles simplesmente não poderiam ter feito o que fizeram sem ela. Certamente, ela não está interessada nos aspectos científicos, etc., de sua posição, mas nos aspectos pessoais.*⁴⁴

Os aspectos pessoais eram certamente importantes para Heloisa, como se pode ver nas cartas que se seguem, mas talvez houvesse outras razões para suas preferências por uns e não outros dos jovens americanos que andavam por aqui. Outra carta de Landes explicita isso:

*[Dona Heloisa] simplesmente não quer Lipkind. Ela quer Quain, com quem tem uma ligação pessoal. Quain disse que ele não quer... Ela lhe disse, de maneira direta, que não queria Lipkind de jeito nenhum, que ela tinha o privilégio de escolher colaboradores que a agradassem pessoalmente, e que ela queria Quain. Se Quain não quisesse, ela concordaria com Wagley (e W. estaria disposto). O que ela me disse, e não escreveu a Quain, é que há um crescente anti-semitismo... Ela disse “Já tenho dificuldades suficientes dirigindo o Museu... Recuso-me a somar algo às minhas complicações...” Diabos, é uma situação feia... É claro que Dona H. tem o direito de indicar seus favoritos, particularmente quando os méritos são quase os mesmos, mas é a razão alegada que é tão infeliz. Eu lhe disse isso e ela apenas repetiu que não está interessada em enfrentar o anti-semitismo...*⁴⁵

As cartas, então, tanto silenciam sobre alguns aspectos, quanto mostram algumas facetas novas de nossos personagens, quando confrontadas com outras cartas. Nosso universo é, no entanto, limitado, e aqui mais podemos sugerir do que explicitar os movimentos deles e delas. A morte de Buell Quain suscitou

⁴⁴ Sally Cole, *Ruth Landes*, p.175.

⁴⁵ Sally Cole, *Ruth Landes*, p. 173. Compare-se com o comentário de Heloisa citado por Mario de Andrade (na Apresentação, nota 28): o clima de anti-semitismo parecia fazer parte da cultura local. Cole lembra que, apesar de ter feito uma única observação sobre o fato de também ser judia e de ter dito que não havia notado um anti-semitismo real, apenas comentários desagradáveis, em *A cidade das mulheres* Landes registrara sua preocupação ante os retratos de Hitler pendurados em gabinetes oficiais no Brasil. Sobre o anti-semitismo no Brasil na época, ver Maria Luiza Tucci Carneiro, *O anti-semitismo na era Vargas (1930-1945)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988 e, para uma crítica da sua abordagem, Marcos Chor Maio, *Nem Rothschild, nem Trotsky. O pensamento anti-semita de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992. Sobre o anti-semitismo reinante na Antropologia americana, ver Regna Darnell, *Edward Sapir: linguistic, anthropologist, humanist*. Berkeley, Los Angeles/London: University of Califórnia Press, 1990.

uma nova leva de cartas: entre Heloisa e a mãe de Quain, Fannie Quain, entre a diretora do Museu e as várias agências encarregadas de apurar a morte do antropólogo e de enviar seus pertences para o Museu, material que seria depois enviado para os Estados Unidos, e entre os vários pesquisadores norte-americanos que estavam aqui na época. O conjunto das cartas aqui registradas esboça, assim, um certo perfil desses personagens, mas não esgota a sua biografia. As cartas da mãe de Quain, e as respostas de Heloisa, por exemplo, são muito repetitivas – a mãe sempre preocupada em recuperar as pesquisas do filho⁴⁶, Heloisa tentando lhe assegurar que as pesquisas eram valiosas e que seriam aproveitadas por pesquisadores futuros.⁴⁷ Por isso, elas não são aqui

⁴⁶ Na carta de 9 de setembro de 1945, por exemplo, a mãe de Quain, escrevendo do Canadá, diz: *“Para lhe contar porque estou aqui e algo a respeito do trabalho em geral. Esta pequena cidade nas pradarias tem uma escola bíblica no inverno e nos dois últimos verões emprestou seus edifícios a um Instituto de Lingüística de Verão (Summer Institute of Linguistics). Este Instituto tem mais de dez anos, mas esteve sempre confinado ao Sul. Okalahoma tem sido o seu lar. Durante a guerra, os jovens do Canadá não podiam deixar o país e assim o Instituto iniciou um ramo aqui para acomodá-los. Aqui é mais perto para mim do que Oklahoma, assim vim para cá. Planejei este curso dois anos atrás, mas, ao invés disso, fui parar no hospital. Este ano, estive bem e estou quase acabando o curso. Terminaremos na próxima sexta-feira e eu estarei em casa em uma semana a contar de amanhã.”* Ela estava estudando lingüística para editar as notas de campo de Quain: *“O objetivo do trabalho é conseguir trabalhar de maneira mais inteligente com as notas de Buell.”*

⁴⁷ Heloisa escreve a Fannie em 11 de novembro de 1944: *Recentemente recebi uma carta de Curt Nimuendaju, que, penso, é a pessoa certa para julgar o trabalho de Buell. Curt trabalhou durante muitos anos com o grupo Ge [Jê], incluindo os Krahô, e está assim bastante familiarizado com as línguas Jê. Curt observou que o material lingüístico consiste obviamente de notas de campo registradas no local para uso futuro, quando fosse escrever sobre o material, e assim muitas coisas que faltam talvez não faltariam ao pesquisador de campo se seu trabalho não tivesse sido prematuramente interrompido. Nimuendaju também observa que o trabalho lingüístico entre os Timbira é muito mais difícil de levar adiante do que, por exemplo, entre as tribos Tupi, e que o tempo que Buell passou entre os Krahô foi muito breve para habilitá-lo a aprender a língua de modo eficiente. Ele lamenta o fato de que Buell não tenha podido concluir seu trabalho, particularmente porque existem apenas vocabulários parciais sobre este grupo de línguas, e ele tem certeza de que se o escritor estivesse vivo poderia completar as lacunas ou voltaria a campo antes de publicar suas notas. Mas acrescenta: Acho, no entanto, que a base estabelecida por Buell para uma gramática Krahô seria mais do que 50% de ajuda para qualquer um que retomasse tal estudo.*

As notas de Quain sobre os Krahô estão depositadas no Museu Nacional. Na Casa de Cultura, em Itaboraí, também há fichas, anotações e material de campo dessa viagem. Cópia das notas de Quain sobre a gramática Krahô foram gentilmente doadas ao PHAB por Bernardo Carvalho e estão na American Philosophical Society, sob a referência Buell Quain, *Incomplete Krahô Grammar*, 1939.

reproduzidas.⁴⁸ Um conjunto de cartas sobre a morte do etnólogo, no entanto, descortina um panorama interessante sobre as relações locais, e nacionais, na etnologia na época: são as cartas do barbeiro Manoel Perna, bom amigo de Quain no local da pesquisa e que se tornou, por recomendação dele e por gestões de Heloisa, encarregado de um posto indígena entre os Krahô e, por isso, são quase todas reproduzidas. As cartas, cuja grafia original foi mantida - pois ela é também um bom índice daquelas relações - são também um documento etnográfico importante para uma história dos Krahô. Não foi encontrado qualquer registro de que os insistentes pedidos de Heloisa para que o lugar do sepultamento de Quain fosse cercado tenha sido atendido. As notas de Quain sobre os Trumai foram finalmente editadas em livro por Robert Murphy, que recebeu uma dotação de verba deixada por ele ao morrer.⁴⁹



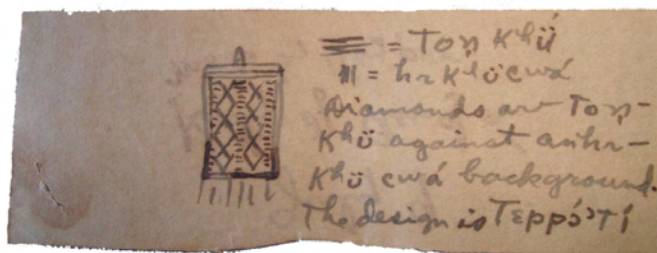
Fannie Quain, mãe de Buell Quain (Acerco CCHAT)

⁴⁸ Da correspondência entre Fannie Quain e Heloisa restam 28 cartas, escritas entre 1939 e 1949: 21 cartas e três cartões da mãe de Buell Quain; 7 cartas de Heloisa, além de duas mencionadas por Fannie cujas cópias não estão na pasta. Fannie morreu em 1950.

⁴⁹ Robert F. Murphy e Buell Quain, *The Trumai Indians of Brazil*. Seattle/London: University of Washington Press, 1955. Na apresentação do livro Charles Wagley rememora sua amizade com Quain e não menciona seu suicídio.



Buell Quain. (Acervo CCHAT)



Notas de campo Krahô. (Acervo CCHAT)

Os nomes dos grupos indígenas aparecem escritos como no original apenas na primeira vez, seguidos pelos nomes atualizados em colchete.⁵⁰ Os nomes de rios e lugares também são apresentados da mesma forma.

⁵⁰ Utilizamos como referência *Povos Indígenas do Brasil*, Instituto Socioambiental, versão online: www.socioambiental.org

1 . De Boas para Heloisa

Columbia University, Dep. de Antropologia

10 de fevereiro, 1938

Prezada senhora,

É com o maior prazer que lhe apresento o Dr. Buell Quain, deste Departamento, prestes a visitar o Brasil para realizar estudos etnológicos. Tudo que a senhora possa fazer para ajudá-lo nessa empreitada será enormemente apreciado. Com a expressão de minha maior simpatia,

Sinceramente seu,

Franz Boas

2 . De Benedict para Heloisa

Columbia University, Dep. de Antropologia

24 de outubro, 1938

Prezada Dra. Torres:

Ouvi tanto sobre a senhora, de todos os antropólogos que trabalharam no Brasil, que é estranho que nunca tenha lhe escrito diretamente.

Sou-lhe muito grata pela ajuda que tem prestado ao Dr. Henry, Dr. Lipkind, Buell Quain e Ruth Landes.

Buell Quain me escreveu dizendo que a senhora está interessada no *Indian Bureau* e lhes escrevi pedindo que enviassem material que pudesse ser de seu interesse. Um relatório sucinto do trabalho do *Bureau* foi recentemente concluído e estou lhe mandando uma cópia, ainda em forma de prova, num envelope separado.

Tive notícias agradáveis dos três pesquisadores de campo que estão agora no Brasil e espero encontrar a senhora Lipkind tão logo ela volte a Nova York.

Com o melhor agradecimento por seu apoio,
Sinceramente sua,
Ruth Benedict

3. De Quain para Heloisa⁵¹

Hotel Esplanada, Cuiabá

24 de maio, 1938

Prezada Dra. Torres,

Ainda não tenho nada específico a dizer sobre meus planos. Fui retido aqui durante duas semanas por uma infecção no ouvido e meu médico diz que me será impossível viajar por mais dez dias, pelo menos. Felizmente, talvez, minha doença está me deixando um bom tempo para ler von den Steinen⁵²; mandarei de volta os dois volumes antes de deixar Cuiabá.

Preciso lhe pedir um favor. Na minha pressa em sair do Rio, esqueci de fazer cópias dos mapas da *American Geographical Society*. Poderia mandá-las para mim? (Meu endereço aqui é Banco do Brasil.)

As dificuldades em embarcar a bagagem me fazem duvidar da possibilidade de tentar usar o aparato de gravação do Dr. Lipkind. Talvez a gravação da língua Trumai deva ser adiada para outra oportunidade. Me disseram que os Trumai raramente vem ao posto do governo. Apesar disso, farei o possível para obter algum tipo de coleção com eles.

⁵¹ Manuscrita, em inglês. Pela leitura do diário de Castro Faria, ficamos sabendo que Quain saiu de Corumbá para Cuiabá no dia 2 de maio, lá chegando a 9 de maio. Castro Faria, Claude e Dina Lévi-Strauss e Jean Véllard partiram de Cuiabá no dia 6 de junho. Quain aparentemente partiu sozinho, dez dias depois. Todos estavam hospedados no Hotel Esplanada. O grupo de Lévi-Strauss estava comprando uma tropa de bois e mulas para carregar sua bagagem, mas Quain, de acordo com sua mãe, preferia andar a pé. E, como se pode ver abaixo, relutava em montar uma expedição no molde da de Lévi-Straus.

⁵² Os trabalhos de von de Steinen citados em *Trumai Indians* são: *Durch Central-Brasilien: Expedition zur Erforschung des Shingú in Jahre 1884*, Leipzig (1886) e *Unter den Naturvölkern Zentral-Braasiliens*, 2ª ed., Berlim (1897).

As requisições de passagem de trem e de barco foram muito úteis. Eu lhe agradeço.

Quando meus planos estiverem bem definidos, escreverei de novo. Até lá, com os melhores votos, sinceramente,

Buell Quain

4. Presidente do C. F. E.A.C.⁵³

Ao secretário da embaixada americana

Randolph Harrison

Rio de Janeiro, 20 de junho, 1938

Senhor secretário,

Em resposta ao ofício de V.S. de 13 de junho p.p. cumpre-me informar que o pedido nele contido foi tomado em consideração. Farei oficialiar ao Chefe do Serviço de Proteção aos Índios dando-lhe conhecimento do que está exposto nos documentos anexos e pedindo-lhe que facilite aos Srs. Lipkind e Quain os meios de poderem levar ao fim suas pesquisas, já que para tanto estão licenciados por este Conselho.

Atenciosas saudações,

P.Campos Porto – Presidente

5. De Quain para Heloisa⁵⁴

[Cuiabá]

16 de junho [1938]

⁵³ Datilografada, não assinada, com o carimbo “copy”. Heloisa participava do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas. Ver Grupioni, *Coleções*.

⁵⁴ Datilografada, em inglês.

Prezada Dra. Torres,

Depois de muitos atrasos, finalmente estou preparado para deixar Cuiabá. Se o automóvel que contratei chegar conforme combinado, devo partir para o posto da Missão Kuliseu (Coliseu) [Kurisevo] amanhã cedo. O Dr. Mendonça, do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas tem sido especialmente útil.⁵⁵

Com um melhor conhecimento de von den Steinen, comecei a apreciar seu valor. A senhora deve me perdoar por mudar de idéia com tanta frequência, mas meu atraso me deu tempo para resolver que von den Steinen será indispensável no campo.

A senhora terá notícias minhas antes da chegada das chuvas.

Sinceramente,

Buell Quain

6. De Quain para Heloisa⁵⁶

Rio Kurisevo, dois dias sul de Nafukua [Nahukuá]

Julho 13 de 1938

[...] Índios Nahukuá me acompanharão depois até a aldeia Trumai que fica cerca de 8 dias de viagem para o Norte.

O SPI acredita que representantes de todas as tribos do alto Xingu freqüentam o Posto do Governo. Isto não é verdade. Talvez representantes de todas as tribos tenham visitado o posto, em algum tempo, durante os 10 anos passados; as visitas não são freqüentes. Os índios Bakairi de Simões Lopes

⁵⁵ Estevão de Mendonça, delegado do Conselho no Mato Grosso, que telegrafou para o Conselho informando que Quain seguira para o rio Kurisevo no início de julho. Cf. Grupioni, *Coleções*, p.100. Adotamos aqui a grafia Kurisevo para este rio, segundo a referência encontrada em *Povos Indígenas do Brasil*, Instituto Socioambiental. Este rio é grafado de diferentes formas até hoje: Curisevo, Kuliseu, Coliseu, Kulisevo.

⁵⁶ Extrato de carta digitada, com carimbo do Museu Nacional e data de 1938/39.

falaram-me de um Trumai que visitou o posto no ano passado; eles disseram-me que era o único Trumai que tinha visitado o posto. Tivesse eu que aguardar pelo visita dos Trumai, teria que esperar durante 5 anos... [...]

7. De Quain para Benedict⁵⁷

Aldeia Trumai

15 de setembro, 1938

Prezada Dra. Benedict,

Cheguei aqui há pouco mais de um mês. Há quarenta e quatro Trumai - dezessete homens, dezessete mulheres e dez crianças. Eles vivem em quatro unidades domésticas (uma das quais está se separando no momento). O lugar da aldeia é novo, eles estão aqui há menos de dois anos. Fica no território do qual seus pais foram expulsos pelos Tsuya [Suyá] e Yuruna [Juruna/Yudjá]. Sua última localização foi entre os Mehinako e Nahukuá. Eles se mudaram para cá em parte porque temiam os Kajabi [Kaiabi] da região do Batovi e provavelmente por seu medo aos Nahukuá. (Ainda que o número dos Nahukuá não seja superior ao dos Trumai, acho que seu chefe é um poderoso xamã; os Nahukuá são temidos.) Agora eles estão preocupados com seus vizinhos mais próximos, que são os Kamayurá [Kamaiurá] - a mais poderosa e provavelmente a maior tribo das nascentes do Xingu. Os Kamaiurá raptaram todas as moças da aldeia por algum tempo no passado. Algumas moças Trumai ainda vivem entre eles. Por isso, muitos jovens têm esposas velhas. Os Kamaiurá também visitam os Trumai e roubam potes (recebidos por troca das tribos Waurá [Waujá] e Arawak [Aruak]). Há uma constante expectativa de que tanto os Suyá como os Kamaiurá ataquem à noite - assim, um galho quebrado depois do escurecer pode fazer os homens se agruparem trêmulos no centro da aldeia,

⁵⁷ Datilografada, em inglês; pode ser cópia do original enviado, ainda que esteja assinada.

com seus arcos e flechas. Duas noites atrás podemos de fato ter sido visitados pelos Suyá. As mulheres gritaram e correram para as casas do lado oposto da aldeia, com suas redes e as crianças. Eu estava certo de que estávamos sendo atacados. Me disseram que uma das mulheres foi baleada - mas, quando a tensão baixou, descobri que tinha sido um torrão de terra o que a assustara. (Os Kayapó, que são Ge [Jê], como os Suyá, costumam penetrar nas plantações brasileiras e atirar pedregulhos nas casas; isto pode ser uma demonstração de amizade. Portanto, podemos, realmente ter tido visitantes.) Daí, toda a aldeia quis dormir na minha pequena casa (eu tenho uma pistola). Ainda que a intenção dos Suyá seja amistosa, o medo dos Trumai nunca a receberá como tal. Constantemente me pedem para atirar com minha arma contra a escuridão em torno da aldeia para assustar possíveis invasores. Depois do “ataque dos Suyá” um homem solteiro e solitário exalou fumaça de tabaco de costas para o restante do grupo; ele estava “vendo” o inimigo - que aparecia como Bororo, cujos retratos os Trumai viram em von den Steinen e Petrullo⁵⁸.

Mas estou fazendo uma etnologia pífia. Não gosto da idéia de me tornar nativo. O tipo de concessões que fazia nesse sentido, em Fiji, aqui são aceitas como esperadas. Os nativos acham que sou mal-humorado por usar roupas, que eles não tem. Os insetos tornam as roupas uma benção e os nativos são loucos por elas. (Todos os índios do Kurisevo são cleptomaníacos nas suas relações com estranhos: eles roubaram todas as minhas roupas, de modo que tive de improvisar trajes sumários com o mosquiteiro.) Além disso, acho os nativos aborrecidos e sujos. Eles dormem cerca de onze horas por noite (um sono perturbado pelo medo) e cerca de duas horas durante o dia. Eles não tem nada mais importante a fazer do que me vigiar. Minha relação pessoal com eles tem sido uma luta constante para permanecer sozinho e fora do grupo. Quando quer que eu entre nele, ele se torna um grupo de espectadores com a atenção focalizada em mim. Temo que isto não seja algo que vá passar com o tempo - as

⁵⁸ Vicent Petrullo, Primitive people of Mato Grosso, Brazil, *Museum Journal*, University of Pennsylvania, V. 23, 1932.

crianças já aprenderam a cantar as canções com as quais eu entretinha a aldeia antes de saber o que fazer. Raspei minhas sobrancelhas (e também a cabeça), o que é um desprezado “costume Suyá”, de acordo com os Trumai - e três jovens fizeram o mesmo. A casa que eles fizeram para mim é uma aberração arquitetônica - eles viram as casas dos missionários (a dez ou quinze dias daqui, subindo o rio) e quiseram fazer uma igual para mim; eu queria uma casa Trumai. Enquanto a estrutura estava sendo feita, eu estava ocupado a maior parte do tempo protegendo meus bens mundanos do furto - mas ocasionalmente pude fazer alguns gestos comunicativos a favor de um estilo Trumai de casa. O resultado é um triste compromisso com beirais nos lugares errados. Apesar disso, a casa que está sendo construída na aldeia hoje é uma réplica exata da minha. As pessoas simplesmente não acreditam que não compreendo sua língua. Eles não têm a noção de ensino e ficam satisfeitos em falar comigo na horrorosa distorção da língua deles que eu uso. Lamentavelmente, ainda não aprendi a dizer quanto, há quanto tempo ou quando - as palavras mais úteis, sem as quais consigo muito pouco. Parece não haver um corpus literário - tenho procurado por ele em vão há algum tempo. De fato, não se espera que o indivíduo aprenda nada estilizado. (Essas observações são prematuras - mas creio que vão se revelar verdadeiras.)

É difícil descobrir sua organização social. Quando afinal começo a falar com as pessoas, elas me pedem para cantar. Apesar disso, descobri o suficiente para saber que o sistema é bilateral com várias classes. As genealogias não ajudam. Os irmãos e irmãs da mãe nunca são lembrados. Nenhum dos avós mortos e poucos pais são conhecidos. Assim, é difícil entender o parentesco. Há termos de referência e termos de relação - e também termos masculinos e femininos. Os germanos evitam usar o nome um do outro. Os homens também evitam os nomes dos SiDHusbands [maridos da filha da irmã] - para os quais não há um termo de parentesco. De fato, há uma recusa geral em expressar termos de parentesco por afinidade - o que impede a minha compreensão da regulação do incesto. Creio que as irmãs classificatórias são sexualmente

procuradas com freqüência. É claro que o fato de que as mulheres Trumai tenham sido capturadas por outras tribos durante pelo menos dois anos pode tornar o quadro confuso; (talvez os Trumai tenham sido sempre presa de seus vizinhos). Os meninos recebem um nome adulto quando tem as orelhas furadas, usualmente o nome do pai do pai (se é que posso ter fé em memórias pobres). As crianças pequenas conhecem um grande número de termos - ainda não elaborei isso - mas uma criança de oito ou nove anos parece saber tudo que precisa saber na sua vida. Há distinções marcantes de status, que são, pelo menos em parte, hereditárias. O “chefe” (pode ser que haja uma casta de “chefes”, ou pode ser que seja uma metade ou um grupo cerimonial) arenga aos outros homens todas as noites do centro da aldeia. Ele não trabalha, não chama de sua nenhuma roça - e seu modo de vida não está acima do de seus companheiros. Ele passou adiante todos os artigos comerciais que lhe dei e diz que um chefe não pode recusar um pedido. No entanto, deve haver limites. Se eu não recusasse pedidos, eu não teria absolutamente nada. (Clipes, filmes e até minhas notas foram pedidos como presentes e roubados quando me recusei a dá-los).

As crianças pequenas são instigadas a reclamar meus bens. Meninos de oito anos seguram minha faca com arrogância e dizem “minha”. Os adultos são inteiramente irrefreáveis em seus pedidos. Eu não gosto deles. Eles não tem vergonha nem polidez. Nenhuma cultura poderia ser mais diferente da de Fiji. Não há timidez em relação ao contato físico, assim, me tornei desagradável por objetar a ser acariciado de modo amistoso. Não gosto de ser lambuzado com pintura corporal. Se essas pessoas fossem bonitas de se olhar, não me importaria tanto, mas eles são os mais feios do Kurisevo - talvez suas mulheres bonitas tenham sido roubadas sempre.

Penso que deverei voltar ao posto do governo antes de primeiro de dezembro. A maior parte de meus suprimentos foi roubada a caminho para cá. Minha doença tornou-me particularmente ansioso e inseguro a respeito do futuro. Temo aceitar o modo de vida nativo. Devo levar três ou quatro

informantes comigo e espero trabalhar com a língua até março. Isso me permitirá passar o período das chuvas fortes numa região onde a comunicação, ainda que difícil, não é impossível. Meus suprimentos médicos (ampolas hipodérmicas, etc.) foram roubados pelos Aueti [Aweti] e preciso de outros. Tentarei me estabelecer nesta aldeia outra vez por volta de primeiro de abril e ficar aqui até o mês de outubro seguinte. A viagem entre a aldeia e o posto não será um tempo inteiramente perdido -- poderei ver um pouco mais das outras tribos. Os Trumai são sem dúvida os mais primitivos (ainda que não os menos contatados) entre todos. Os Kamaiurá (Tupi), Mehinako (Aruak) ou Kuikuru (Carib) [Karib] provavelmente terão uma cultura mais vigorosa. Os Trumai só contam corretamente até dois: fui incapaz de encontrar um pronome plural, não há distinção entre a segunda e a terceira pessoa.⁵⁹ O lazer é para dormir. A cerimônia de fertilidade que assisti parece-se a um costume tomado emprestado e é levada a efeito distraidamente. Sua cultura material é bem interessante. É compartilhada por toda a área Kuluene-Kurisevo. No entanto, tanto quanto sei, os Trumai não produzem bens especiais para exportação, a não ser sal - e este produto não é exclusivo deles. Eles importam todos os objetos de cerâmica. Espero voltar a esta área em algum momento nos próximos cinco anos e pesquisar duas culturas durante um ano - com os Trumai como intérpretes isso poderia ser possível. Ainda que eu não goste do grupo, isto deveria ser feito.

Consolo-me a respeito da pobreza da cultura Trumai lembrando o valor histórico da pesquisa. Também a personalidade, subdesenvolvida e incontrolável, contrasta fortemente com Fiji - e isto seria interessante se eu conseguisse atravessar a barreira da língua.⁶⁰

Recomendações para você e para o departamento.

Sinceramente. Buell Quain

⁵⁹ Sublinhado a tinta, com uma anotação manuscrita à margem: "Não é verdade: fevereiro, 1939".

⁶⁰ Riscado, mas legível: "Há pelo menos um desviante".

8. Do Inspetor Regional do Ministério do Trabalho para Quain⁶¹

Cuiabá

10 de outubro, 1938

Sr. Buell A. Quain,

De conformidade com a recomendação do Sr. Tenente Coronel Vicente de Paulo Teixeira da Fonseca Vasconcelos⁶², Chefe do Serviço de Proteção aos Índios, venho, por este meio, vos convidar para retirardes da aldeia dos índios Trumais [Trumai] onde vos encontrais, visto como, a vossa permanência ali constitui infração ao regulamento daquele Serviço.

Saúde e Fraternidade.

Alvaro Duarte Monteiro

Inspetor Regional, interino

9. De Quain para Heloisa⁶³

Cuiabá

21 de dezembro [1938]

⁶¹ Grupioni encontrou nos arquivos do C.F.E.A.C. documentos que mostram que, embora o Conselho tenha dado licença a Quain para a pesquisa, o SPI “se mostrara reticente”. Quain escreveu de Cuiabá a Ruth Benedict e esta, por sua vez, escreveu ao embaixador americano no Rio, pedindo sua intervenção no caso. Sua carta, acompanhada de pedido do secretário da embaixada americana foi encaminhada ao Conselho, que enviou ofício ao SPI. O SPI, no entanto, não concordou com a autorização do Conselho e, apesar de Quain ter conseguido ficar na área até novembro, acabou por retornar ao Rio de Janeiro, quando regularizou sua situação junto ao SPI e obteve nova licença do Conselho - dessa vez para uma visita aos índios Krahô.

⁶² Assumiu a direção do SPI em 1937. *“Teve participação destacada nos serviços da Comissão Rondon, entre os quais a expedição ao Rio Anuro, no Alto Xingu.”* [1924]. Carlos A. Rocha Freire, pp.144.

⁶³ Datilografada, em inglês, mas dirigindo-se à diretora do Museu em português, com um pós-escrito à mão.

Prezada Dona Heloisa,

A mula ainda está viva. O empregado não foi demitido.

A senhora sem dúvida está ombreando com suas muitas responsabilidades com prazer e habilidade. Odeio sobrecarregá-la com meus pequenos problemas, mas preciso fazê-lo.

Não chegamos a nenhum acerto a respeito das condições práticas de meu trabalho. Preferiria trabalhar sozinho, até sem um Bakaeri [Bakairi], mas se a senhora acha aconselhável levar um Bakairi, e, no limite, dois, como proteção para o bom nome do Serviço de Proteção aos Índios, não vou gostar, mas o farei.

É preciso pressa. Devo viajar logo se pretendo entrar antes que as chuvas tornem a passagem intransponível. Meus Trumai e Kamaiurá desertaram e voltaram às suas aldeias. Eles provavelmente usaram os barcos que quiseram no porto do Kurisevo. Isto me obrigará a construir novos barcos. Para isso, e para o transporte no Kurisevo, vou precisar de seis Bakairi. Mais seria uma carga.

A senhora deve desculpar a brevidade desta carta. Estive convalescendo agradavelmente de um ataque de febre - que começou no Rio sem o meu conhecimento.

Com as melhores recomendações para a senhora pessoalmente no seu grande trabalho como uma das pioneiras na etnologia brasileira.

Sinceramente,

Buell Quain

P.S. Vou lhe mandar um conjunto de fotos na próxima semana.

10. De Quain para Heloisa⁶⁴

Cuiabá

28 de dezembro [1938]

⁶⁴ Datilografada, em inglês.

Prezada Dona Heloisa,

Estou lhe mandando algumas fotos. Elas foram muito mal copiadas. Quando eu voltar ao Rio, a senhora pode fazer a sua própria seleção e mandar copiá-las por um especialista. Algumas delas são muito boas, mas a maior parte sofreu com a umidade. Como fotografias são péssimas, mas tem valor etnológico.

Creio que há um regulamento que exige que eu dê ao Museu duplicatas de todas as fotos que enviar do Brasil. Quero mandar fotos para Columbia e para minha família. Para que não haja dúvidas quanto ao cumprimento deste regulamento, tomo a liberdade de enviar-lhe dois pacotes de fotos, pedindo-lhe que as re-entrie. Não o faça, no entanto, se isso implicar em procedimentos complicados.

Se eu não receber nenhuma mensagem da senhora nesta semana, vou me preparar para voltar ao Rio. Faz tempo que meus índios fugiram de volta para suas aldeias e estou completamente sem trabalho. Recebi dinheiro de Columbia, mas não quero trocá-lo por dinheiro brasileiro até estar seguro de que posso fazer um uso etnológico dele.

Espero estar enganado, mas não posso deixar de acreditar que seu plano para obter o apoio do Ministro da Guerra a meu favor falhou. Espero que a senhora me envie uma informação completa a respeito da minha situação oficial pelo próximo correio aéreo.

Com os melhores votos,

Buell Quain

11. De Heloisa para Benedict⁶⁵

Rio de Janeiro

⁶⁵ Datilografada, em inglês.

2 de janeiro, 1939

Prezada Dra. Benedict,

Gostaria de lhe agradecer por sua carta de 24 de outubro e aproveito esta oportunidade para lhe desejar um feliz ano novo.

Devo tratar de um assunto de grande importância para a senhora, como para mim, já que se refere à pesquisa etnológica.

Devido a certos acontecimentos muito desagradáveis que ocorreram quando pessoas civilizadas entraram em contato com os índios, o Ministério da Guerra, ao qual está subordinado o Serviço de Proteção aos Índios, tomou medidas estritas para evitar tais incidentes.

Por outro lado, certos equívocos de parte do senhor Quain foram interpretados pelo Serviço como infrações à lei e levaram este órgão a impor ao senhor Quain condições estritas se ele desejar prosseguir com suas pesquisas nas aldeias indígenas.

Ele deve organizar uma expedição bem equipada e isso lhe acarretará uma despesa maior do que as verbas de que dispõe. No entanto, ainda acho que é absolutamente necessário que ele prossiga com seu trabalho. Tenho acompanhado parte dele e já o reputo muito bom e particularmente promissor. Mas é necessário revisar e completar *in loco* suas observações. Ele deve voltar à aldeia, penso que esta é a última oportunidade para estudar os Trumai que estão em vias de extinção.

O inspetor de índios em Cuiabá está tentando fazer uma estimativa das despesas para a expedição que o diretor do Serviço (aqui no Rio) calcula em aproximadamente 50:000\$000 (50 contos ou cerca de 2.500 dólares). O senhor Quain recebeu pelo menos o total da última parte da verba que lhe foi enviada (nos últimos 30 dias) e não deseja trocá-lo por dinheiro brasileiro antes de uma decisão final por parte do Serviço. Mas pensei que seria mais prático escrever à senhora para poupar tempo. Ele está muito contrariado por ter de montar uma

expedição, mas esta é a condição *sine qua non* de sua viagem e gostaria de impedir que ele desistisse de seu trabalho. Ele deve receber hoje uma carta do Serviço com essas instruções. Ele está em Cuiabá e teve um ataque de malária, mas creio que foi um ataque fraco.

Peço-lhe resposta urgente e seria excelente se fosse possível prometer uma remessa de verba ao senhor Quain.

Sou,

Sinceramente sua,

Professora Heloisa Alberto Torres

Diretora do Museu Nacional

12. De Quain para Heloisa ⁶⁶

Cuiabá

Janeiro 9 de 1939

[...] O SPI sugeriu que o meu corpo de guarda fosse empregado na plantação de roças para os índios. Um programa de real benefício para os índios desta área pode ser feito com 50 ou 60 contas. Plantações em larga escala de abóbora, feijão, batatas doces, bananas e outros alimentos, com os *quais os índios são familiares, mas dos quais têm pouco suprimento, adicionaria variedade à dieta indígena – Eu considero um péssimo projeto.*

Mas os índios do Alto Xingu têm abundância de alimentos. Sua única falta dietética séria é a vitamina C e talvez alguns minerais (cálcio e iodo). Se o programa deve ser de real valor para eles deveria ser dirigido na introdução de frutas críticas e vegetais leguminosos; ou se o solo não se sustenter tais plantas, qualquer vegeta, que posso ser comido cru será útil.

⁶⁶ Extrato de carta digitada, com carimbo do Museu Nacional e data de 1938/39.

Acredita-se ser a região rica em frutas; não obstante eu observei que uma dieta de peixe e mandioca exclusivamente, durante os meses de Agosto e Setembro, dê origem a uma epidemia de borbulhas. Muitos indivíduos são cronicamente afetados com borbulhas, as quais não são de caráter luético. Eu penso que a tremenda incidência de gengivas sangrentas e dentes cariados possa ser diretamente atribuída à falta de alimentos frescos e minerais...

Mas tal programa deve ser precedido por uma expedição preliminar para procurar amostras de solo, plantas e água para análise química, assim como a estimativa do consumo anual dos vários alimentos...

Para estabelecer relação com os índios as quais seriam congêneres com um programa de desenvolvimento da agricultura em larga escala o conhecimento de, pelo menos uma língua indígena da área, seria essencial. Para este propósito a língua Trumai seria mais útil que a Bakairi, devido à alta porcentagem de indivíduos políglotas entre os Trumai os quais poderiam servir como interpretes. O desenvolvimento da agricultura não deve ser limitado à uma aldeia, mas a todas da área Kurisevo- Kuluene.

Um mês de trabalho em cada aldeia daria excelente resultado. Depois de ter passado 8 ou 10 meses entre os Trumai, nas minhas próprias condições, eu teria prazer em financiar e dirigir tal programa...

Incidentalmente eu penso que a introdução de um tear de mão facilitaria a produção nativa de têxteis, serviria mais eficientemente que o desenvolvimento da agricultura para fortalecer e desenvolver a civilização do alto Xingu... [...]

13. De Benedict para Heloisa

Columbia University

13 de janeiro, 1939

Prezada Professora Torres:

Foi muita bondade sua escrever-me a respeito da decisão sobre a expedição do senhor Quain. De fato, desejaria muito ter 2500 dólares para tornar possível a expedição de volta aos Trumai, mas isto está fora de questão.

No mesmo dia em que sua carta chegou, recebi uma carta dele de Cuiabá dizendo que, se o Serviço de Proteção aos Índios exigisse uma expedição deste tipo, ele iria ao Araguaia para estudar uma tribo de lá. É claro que é uma pena que seu estudo dos Trumai não possa ser concluído, mas nestas circunstâncias, não há outro arranjo possível. Estou escrevendo a ele pelo mesmo correio aéreo.

Sou-lhe imensamente grata por sua ajuda. Como o Dr. Lipkind lhe disse, Charles Wagley viajará este mês. Ele tem se correspondido com o Dr. Lipkind e ambos planejaram que ele deve fazer um extenso estudo dos Tapirapé. Ele pretende subir o Araguaia com o Dr. Lipkind e espero que tudo corra bem.

A expedição do senhor Wagley será provavelmente a última a ser enviada de Columbia.⁶⁷ Afortunadamente, foi possível financiar essas quatro excursões e foi uma sorte especial que a senhora estivesse no Rio e tivesse contribuído tanto para o sucesso dessas pesquisas de campo. Agradeço-lhe mais uma vez.

Sinceramente sua,

Ruth Benedict

14. De Quain para Heloisa⁶⁸

⁶⁷ De Columbia ainda viriam James e Virginia Watson, e Robert e Yolanda Murphy, pelo menos.

⁶⁸ Manuscrita, em inglês, escrito à lápis “4ª feira de cinzas”. Ainda que o local e a data estejam ilegíveis na cópia, é certamente um bilhete escrito no Rio de Janeiro, no início de 1939, quando Wagley chegou ao Brasil. Quain estava na cidade para resolver suas pendências com o SPI e Ruth Landes, que voltava da sua pesquisa na Bahia, também lá estava.

[ilegível]

Dona Heloisa,

As fotografias estão em ordem. Cada negativo está atrás de sua cópia.

Na segunda - feira à tarde mencionei que eu poderia ter dificuldades com o passaporte. Essa preocupação surgiu porque a senhora Landiss [Landes] descobriu uma nova lei que torna impossível a permanência de estrangeiros no Brasil por mais de seis meses. Creio ser melhor esclarecer este ponto antes de deixar o Rio de Janeiro. Por causa desta incerteza, cancelei minha reserva com a Condor e devo ficar no Rio por mais uma semana. Não posso esperar para vê-la hoje porque tenho uma entrevista com o cônsul às duas horas.

Wagley e eu viremos ao Museu amanhã pela manhã.

Buell Quain

15. De Quain para Heloisa⁶⁹

Carolina

8 de março [1939]

Prezada Dona Heloisa,

As cartas do Dr. Othon⁷⁰ fizeram maravilhas com os oficiais locais. Eu simplesmente não pude convencê-los de que preciso me registrar junto à polícia. A polícia me disse que as cartas de Leonardos satisfazem todos os requisitos e que não precisamos prestar qualquer atenção à lei sobre

⁶⁹ Datilografada, em inglês, com um pós-escrito à mão. Depois da morte de Quain, o jornal *O Globo* publicou uma série de três fotos de sua chegada à Carolina em março, informando que ele fora dos primeiros a viajar até lá por via aérea desde o Rio. O transporte parece ser um hidroavião da Condor, depois Varig, já que as legendas mencionam que índios Nambikwara o amarravam ao cais do rio Tocantins. *O Globo*, 18 de agosto de 1939, primeira página.

⁷⁰ Othon Leonardos (1899 - 1977), geólogo, era parte de um grupo de naturalistas do Museu que tentou tirar Heloisa da direção da instituição em 1945.

estrangeiros. Mas eles estão enviando meu nome para a polícia de São Luiz [São Luís] e provavelmente receberão instruções de lá. Não estou com qualquer dificuldade imediata e não preciso incomodá-la com qualquer pedido até que volte de uma estada de três meses com os Crahô [Krahô] de Cabeceira Grossa. Talvez então eles tenham descoberto que eu devo me registrar e pagar uma taxa, e lhe pedirei para a senhora fazer o que puder para retardar o pagamento.

Um grupo de Krahô estava em Carolina quando cheguei. Eles esperaram por mim para voltar com eles para sua aldeia. Partiremos amanhã de manhã. Tenho cerca de cem mil réis para usar em alguma emergência - mas estou certo de que será suficiente. O resto de meus fundos foram investidos em presentes para os Krahô. Fiz um acerto para que meus novos fundos sejam enviados para a Agência Condor aqui. Se eles chegarem, tudo estará bem comigo. No entanto, se a senhora não tiver notícias minhas por seis meses, rogo-lhe que me mande um selo postal.

Ainda estou preocupado com as semelhanças entre os Krahô e os Canela [Kanela]. Mas não posso mudar meus planos. Diz-se que os Gavião são os índios menos aculturados do que quaisquer outros do Tocantins. Mas o Serviço de Proteção aos Índios tem um posto entre os Gavião. No que diz respeito aos Gavião, os da região do Tocantins são amistosos. Se o Coronel Vasconcelos não fizer objeção, talvez eu possa fazer-lhes uma visita a caminho de Belém, no próximo ano. Mas chegou um boato aqui hoje de que os Urubu haviam atacado os Gavião do Tocantins e matado a todos, menos dez.

Ainda não sei dizer-lhe que tipo de presentes a senhora pode me mandar para os índios. Eles parecem aceitar qualquer coisa, mas sabem muito a respeito dos valores relativos dos vários tipos de facas, de tecido, etc. Acho que vou lhe pedir ajuda em algum momento no futuro. Os preços aqui são muito mais altos do que em Cuiabá. Talvez eu combine mandar dinheiro para a senhora no Rio e lhe peça que faça as compras para mim aí. De qualquer modo, saberei muito mais quando voltar das aldeias Krahô daqui a três meses. Se

Kurt [Curt] Nimuendaju pode fazer etnologia com cinco contos por ano, admiro sua habilidade para negócios. Receio ser um extravagante sem esperanças.

Obrigada por toda a sua gentileza para comigo e para com os etnólogos de Columbia. Os melhores votos para a senhora e sua família. Espero que sua mãe esteja mais forte e que sua irmã, Dona Maria, esteja gostando de seu trabalho no Museu.

Sinceramente,

Buell Quain

P.S. Na série de fotos dos Trumai que lhe dei, a de número 29 mostra o método Trumai para fiar o algodão, a de número 30 mostra uma mulher fazendo barbante de buriti; ela o torce enrolando-o contra suas pernas.

15. De Quain para Heloisa⁷¹

Cabeceira Grossa

Março 15 de 1939

[...]

(Kaperkho)

... Há 16 casas, cerca de 200 pessoas...

Vida cerimonial é vigorosa. Cerimônias de corridas, cantos, danças para estimular o crescimento ocupam 4 ou 5 horas por dia...

Trabalhos e cerimônias são eficientemente organizadas em contraste com os Trumai – mas a organização parece afetar somente a vida pública individual; a vida corrente da casa (da família) parece bastante desorganizada e pouco asseada

Eu irei para Pedra Branca outra grande aldeia Krahô.

⁷¹ Extrato de carta digitada, com carimbo do Museu Nacional e data de 1938/39.

17. De Quain para Heloisa ⁷²

Cabeceira Grossa

Abril 19 de 1939

... Um índio chamado Wakedi está a caminho do Rio de Janeiro para pedir ao Presidente Vargas para expulsar os brasileiros possuidores de terra desta área... Tentei demovê-lo da viagem, mas não poderia proibi-lo senão sobre promessa de solver as dificuldades entre caboclos e índios. E, naturalmente, não tenho autoridade para interferir nesse problema.

O governo poderia expulsar todos os brasileiros desta área, o problema estaria solvido, mas esta solução é impossível – não é?...

A maioria dos índios não está interessada em criar gado... embora Wakedi provavelmente declare o contrário.

18. De Heloisa para Quain⁷³

[Rio de Janeiro]

7 de maio de 1939

Prezado Dr. Quain,

Obrigada por suas cartas de 8 e de 15 de março. Fiquei muito satisfeita com as boas novas sobre as facilidades de trabalho que você encontrou. Othon está muito orgulhoso de seu prestígio em Carolina, mas é engraçado que suas cartas possam ter preenchido qualquer requisito legal de registro. De qualquer modo, quando o pessoal daí receber instruções de S.Luís, espero que você me

⁷² Extrato de carta digitada, com carimbo do Museu Nacional e data de 1938/39.

⁷³ Datilografada, em inglês, com um pós-escrito à mão. As palavras sublinhadas, por Heloisa, estão em português ou francês.

escreva de modo que eu tente fazer um arranjo para evitar o pagamento de taxas. Não esqueça de dizer à polícia que você não pode se registrar até dezembro. Isso me dará tempo suficiente para fazer os arranjos.

É engraçado que você possa ficar sem selos para me escrever, mas, como estou muito ansiosa para saber de você, estou enviando imediatamente os meios para receber uma resposta.

Falarei com o Cel. Vasconcelos sobre sua visita à aldeia dos Gavião e lhe mandarei sua opinião logo. Certamente será um prazer (desculpe, sou má datilógrafa [depois de um erro de datilografia]) para mim ajudá-lo a comprar as coisas de que você precise; mas não esqueça de me dizer o que você deseja que eu mande de presente para os índios. Você prometeu e no meu país costumamos dizer: palavra de rei não volta atrás. Estou segura de que Quain não agüentaria ficar numa posição inferior a de um rei!

Creio que deve ter havido algum mal-entendido em alguma de nossas conversas. Não me lembro de jamais ter ouvido que Curt pode fazer etnologia com cinco contos ao ano. Ele me vendeu coleções a este preço, mas enviou outras para diferentes museus ao mesmo tempo. O que ele me pediu foram 18 contos para trabalhar para o M.N. (isto foi em 1930).

Sim, minha mãe está muito melhor, mas sinto dizer que minha irmã ainda não está trabalhando comigo.

Seu plano de estudar os aspectos da cultura Krahô que você acha que foram menos explorados por Curt entre os Kanela é excelente. Creio, também, que os tópicos que você menciona são aqueles nos quais ele tem menos interesse. Acho que você pode começar a se entender com ele por carta. Seu endereço é a/c Berringer & Co., Caixa Postal 27. Belém. Pará. Já escrevi a Carlos Estevão⁷⁴ sobre seu desejo de conhecer Curt e alguns dias atrás

⁷⁴ Carlos Estevão de Oliveira (1880-1946) nasceu em Olinda, Pernambuco, e chegou ao Pará em 1908, como promotor público. Ocupou vários cargos antes de ser nomeado diretor do Museu Paraense Emílio Goeldi (1930-1945), por seus estudos sobre a ornitologia e a etnografia da Amazônia. Carlos Estevão era em Belém, assim como Heloisa no Rio de Janeiro, o interlocutor e, ao mesmo tempo, o suporte institucional e administrativo para os pesquisadores de campo da região amazônica. Sobre sua relação de amizade com Nimuendaju ver *Cartas do Sertão*.

Nimuendajú me telegrafou dizendo que estava em Vitória (Espírito Santo) e que viajaria para Belém em alguns dias. Como sei que ele não tem mais dinheiro, creio que ele ficará lá por um bom tempo. De qualquer modo, devo ter notícias dele logo e lhe direi como fazer para conhecê-lo, se você achar necessário.

Recebi também uma carta de Carlos Estevão, ele disse que sua bagagem chegou a salvo em Belém e foi enviada para Carolina. Mandeilhe o gravador. Estava funcionando bem depois de uma limpeza e de uma nova mola (essa é a palavra?). Há um cilindro que você pode ouvir. Se me lembro, falei no começo, mas muito baixo, depois uma moça cantou bem baixo e repetiu a canção mais alto. É muito bom. Comparei-o a um dos cilindros de Lipkind e o nosso é quase tão forte quanto o dele. Você deve fazer os índios cantarem bem alto. Muito mais do que como você cantou. A máquina está funcionando bem, com cilindros de qualquer largura. Agora tenho um excelente aparato que funciona a eletricidade. Ruth vai usá-lo para suas canções de candomblé. Estivemos juntas muitas vezes depois que você partiu. Ela está bem agora e já começou seu trabalho.

Estou acrescentando uma nota sobre o tipo de casa Gê. Ainda que seja muito pobre, pode ajudá-lo.

Me pergunto porque você teria rasgado a última parte de sua carta.

Wagley já tinha partido quando recebi suas cartas, mas mandei-lhe todas as boas novas. Creio que ele é um verdadeiro amigo seu (Ruth também) e fico muito contente por ele voltar ao Rio no próximo ano. Espero que você mude seus planos e saia do Rio para os Estados Unidos. Seria agradável se nós três pudéssemos nos encontrar de novo na minha cidade maravilhosa. Pense um pouco sobre isso. Chuck [Charles Wagley] teve de esperar quinze dias por sua bagagem, mas deve ter zarpado para Fontoura no dia 9 do mês passado. Agora

já deve estar com os Tapirapé. Creio que Lipkind ia até lá com ele para fazer uma espécie de *survey*. Castro Faria vai se encontrar com Wagley em julho.⁷⁵

Fui informada de que os planos da Senhora de Pieri de conseguir professores americanos através da Sociedade Brasil- Estados Unidos falharam inteiramente. Essa era a oportunidade que o Dr. Lipkind esperava para poder vir para o Brasil. A Dra. Benedict escreveu para Ruth [Landes] dizendo que ela achava que o Dr. Lipkind e outros dois (Lesser e Kennard, acho) seriam bons para oferecerem cursos de lingüística aqui. Mas não há mais probabilidade de arranjar as coisas conforme eles esperavam. Não tenho o menor compromisso com o Dr. Lipkind e o que sei é que você e Wagley são os dois etnólogos que tentarei manter no Brasil se tiver uma oportunidade.

Muitas coisas aconteceram depois que você viajou. Vai haver uma reforma no Serviço de Proteção aos Índios e me disseram que sou parte do Conselho. É possível que eu tenha de ir ao seu país para estudar o seu Serviço, mas como o Museu precisa de minha imediata e constante atenção até o final do ano, creio que não irei antes de 1940. Prefiro que as coisas sejam desse modo, assim terei vocês de volta para me ajudar.

Mas, antes que apareça a ocasião de estudar a possibilidade de você ficar no Brasil, você não gostaria de ter uma conversa séria comigo? Temo não poder esperar mais e vou lhe pedir para me permitir falar *à coeur ouvert*. Estou certa de que você não se magoará com nada do que vou escrever. Quero sentir que posso confiar em você completamente e fico magoada quando penso em certas coisas que sei que você andava fazendo no Rio. Sinto com freqüência que deveria ter falado com você então e, talvez, ajudado você. Estou certa de que você sabe o que quero dizer. Além disso, você não deve esquecer que, se algo desagradável acontecer na aldeia indígena ou mesmo nas cidades civilizadas, isto será do conhecimento do Serviço, e queixas chegarão a mim a respeito de meus amigos. Você pode estar certo de que eu serei a primeira pessoa a sofrer

⁷⁵ O encontro nunca se materializou, apesar de anunciado várias vezes. Ver as cartas entre Heloisa e Wagley.

as conseqüências de qualquer coisa errada. Buell, sei que você não vai levar “pinga” para a aldeia indígena. Sei que você não vai beber demais quando estiver em Carolina. Sei que você não vai tocar numa mulher indígena. Escreva e me diga que eu posso realmente confiar em você. Devo confessar que às vezes tenho medo de você; acho você tão instável, que temo por seu futuro. Gostaria que você tivesse tido mais confiança e tivesse falado comigo sobre o que você anda fazendo. Espero que sua estada no Brasil lhe faça muito bem, e acredito que quanto mais tempo você ficar, melhor. Ficarei muito feliz em ajudá-lo e você pode estar certo de que essa sua velha amiga é muito mais compreensiva com as misérias humanas do que parece ser.

Imagino se você vai compreender exatamente o que realmente quero dizer, mas espero que sua inteligência e bom senso suplementem minha pobreza de expressão em sua língua. O que quero é que você possa sentir minha simpatia e amizade e me escreva, como estou fazendo, na linguagem mais simples e confidencial. Por favor, não responda como você fez no dia em que Luiz, você e eu estávamos almoçando no mercado: “às suas ordens”, como se para me fazer sentir que eu estava pisando onde não devia.

Falamos freqüentemente de você no Museu e sentimos sua falta; isto significa que temos “saudades”.

Cordialmente sua,

Heloisa

P.S. Estou envergonhada de minha datilografia, mas não tive coragem nem tempo para recomençar. Sinto que devo me desculpar também por ter escrito tanto. Você terá tempo de ler tudo isso? E desculpe também por escrever à mão.

HAT

19. De Quain para Heloisa ⁷⁶

Carolina

27 de maio [1939]

Prezada Dona Heloisa,

O dinheiro que a senhora mandou chegou à Carolina em 24 de maio. Ruth mandou uma ordem telegráfica de dez contos que chegou ontem depois do meio dia. Eu lhe escrevi uma carta dois dias atrás, mas agora ela está obsoleta. Portanto, a senhora deve perdoar essa pressa rascunhada. O dinheiro que Ruth mandou é provavelmente meu cheque de Nova York. No entanto, antes de pagar à senhora, preciso esperar uma carta de Ruth explicando de onde vieram os dez contos.

Sou mil vezes grato à senhora pelo trabalho que teve em telefonar - e também por sua carta amiga. Fico satisfeito que a senhora e Ruth sejam boas amigas. A razão pela qual demorei para avisar da chegada de seu telegrama é que a linha telegráfica estava quebrada.

Agora que todo o dinheiro chegou, sinto-me como um bobo por ter enviado um pedido de socorro tão louco para Ruth. As pessoas em Carolina tem sido muito gentis e eu tive crédito sempre que precisei. Mas prefiro não ter dívidas. Eu não tinha sapatos quando cheguei à Carolina e me sentia inseguro por causa de minha aparência pobre. Minha única desculpa por me meter nessas situações é que eu acho importante devotar todo o tempo possível ao trabalho etnológico. Tive sucesso em deixar passar muito pouco. Durante a semana passada, em Carolina, dois Krahô pacientes me ajudaram a revisar 50 páginas de textos lingüísticos e anotações musicais, durante cerca de três dias. Esse é o primeiro texto acurado que consegui até agora.

A senhora ficará muito aborrecida com minha extravagância quando souber que mandei minha bagagem de Alcobaça para cá pela Companhia Condor. Se não tivesse feito isso, teria de esperar aqui em Carolina até o final

⁷⁶ Manuscrita, em inglês.

de junho. E pretendo voltar à aldeia Krahô em 4 de junho - imediatamente depois de receber o correio aéreo do Rio de Janeiro.

[...] devo lhe mandar um cilindro com as canções Krahô antes de deixar Carolina; o melhor aluno do melhor mestre cantor dos Krahô está trabalhando comigo aqui em Carolina.

Tão logo eu saiba quanto dinheiro recebi de Nova York, eu lhe mandarei uma ordem telegráfica de dois contos. Mandarei mais 100\$ para pagar filmes (Kodak; tamanho 120; Pancromatic; Super XX; filme de alta velocidade). Esses são os filmes mais sensíveis que a Eastman Company produz. Eles devem custar menos do que seis mil réis cada um. Creio que 100\$ podem comprar 10 filmes e pagar o custo de enviá-los pelo próximo avião da Condor. Se o custo for maior do que o estimado, mande menos filmes.

Estou incluindo a primeira parte de um rápido relatório sobre o trabalho feito até agora. Minha máquina de escrever está na aldeia indígena e não pude abusar da bondade do homem que me emprestou sua máquina; assim, o resto irá depois. Columbia também receberá uma cópia. Ruth pode gostar de ver essa. A senhora receberá um relatório sobre cultura material por volta de 20 de junho - junto com um pedido de facas. A senhora ficará desapontada com a coleção. Ela terá interesse etnológico, mas [...]. Sei que a senhora é antes de tudo uma cientista -- mas imagino que é politicamente importante para os museus atrair o olho do público. Assim, quero que a senhora saiba o que vai receber antes de enviar um pedido. Devo trazer a maior parte da coleção para Carolina em setembro ou outubro. Quando ela será enviada para o Rio de Janeiro vai depender do estado de minhas finanças.

Tinha a esperança de economizar o bastante deste cheque para pagar minha passagem de volta para os Estados Unidos. Mas no momento isto parece improvável e devo voltar para o Rio de Janeiro, para aguardar mais dinheiro. Nesse caso, acompanharei a coleção e chegarei ao Rio em janeiro de 1940.

A respeito do relatório em anexo: caso haja contradições com cartas anteriores, aceite o relatório como a mais próxima abordagem da verdade. Ele está, claro, cheio de equívocos que espero corrigir mais tarde.

Perdoe as condições desta carta. Espero que a senhora possa ler a minha letra. Talvez Ruth possa ajudá-la nas partes mais difíceis. Daqui em diante tentarei datilografar todas as cartas.

Sua carta de apresentação tem sido muito útil. E a senhora tem razão em me pedir para ter cuidado com minha reputação. Esteja certa de que a minha vida sexual é sem mácula e que a bebida está restrita a um coquetel social ocasional. Não posso trabalhar e beber ao mesmo tempo. Mas devo à senhora e ao Dr. Othon uma desculpa por não ter mantido a posição social que suas cartas conseguiram para mim. Ainda estou em bons termos com os amigos do Dr. Othon - mas a minha pobre aparência e o meu mau português me tornaram tímido ante eles. Tenho certeza de que eles interpretam meu comportamento como sendo rude. Sinto muito porque eles foram realmente amistosos.

Sinceramente,

Buell Quain

Cumprimente sua mãe e sua irmã por mim.

20. De Quain para Heloisa

[Telegrama]

Carolina

31 de maio de 1939

Remeto dois contos e cem mil réis pelo próximo avião Condor. Cordiais saudações. Quain

21. De Quain para Heloisa ⁷⁷

Carolina

3 de Junho de 1939

[...] Manoel Perna, o barbeiro cujo avô amansou os Krahô, tem tentado por muitos anos obter um lugar no S.P.I.

O que eu acho interessante nisso é o fato de ser o único amigo dos índios em Carolina. Por muitos anos tem permitido aos índios morar em sua casa. Sua esposa e filha fazem roupas para eles. EM uma ocasião proibiu a venda de terras dos Krahô, o missionário que tinha longamente residido com os Krahô queria vender as terras, que beneficiara, mas o barbeiro não permitiu.

[...]

Sua bondade é explorada pelos índios que o consideram um pouco maluco; esse julgamento eles generalizam e aplicam a todos nós “civilizados”. [...] mas eles são verdadeiros amigos dele, e sua bondade com eles tem ajudado a solucionar questões de roubo de gado. [...] Porque não há em Carolina ninguém que tenha paciência de ouvir com simpatia as histórias de desgraças e tristezas dos índios.

22. De Quain a Heloisa⁷⁸

Carolina

5 de junho, 1939

Prezada Dona Heloisa,

Faz algum tempo que não há selos em Carolina, mas temos mandado as cartas na esperança de que os selos sejam colados pelo caminho.

⁷⁷ Extrato de carta digitada, com carimbo do Museu Nacional e data de 1938/39.

⁷⁸ Datilografada, em inglês.

Aparentemente tem havido grande atraso - mas eventualmente a senhora receberá as cartas e então me perdoará.

Não gostaria de aceitar os dois contos da senhora antes de receber alguma informação sobre a perspectiva de uma boa coleção. Não tenho a menor idéia de como as coleções são avaliadas - mas a coleção que fiz entre os Krahô não será muito atraente de se ver. Ela terá valor apenas pelos dados etnológicos. Pretendo dar-lhe tanta informação documental quanto possível e talvez isso compense de algum modo a pobreza da coleção. Se a senhora tivesse recebido alguma de minhas cartas, creio que teria hesitado antes de fazer oferta tão generosa. Mas estou extremamente grato por sua confiança.

A bagagem chegará na próxima semana. Não virá pelo ar. Assim, serei rico em mais de um conto. Seu presente de dois contos pode tornar possível meu retorno à Nova York pela Bahia ou por Belém. Por mais que desejasse voltar ao Rio de Janeiro, problemas com a família na América exigem a minha presença. Não sei se Ruth lhe contou meus problemas familiares. Eu disse que havia doença na família - não é isso o que me preocupa. Meus pais passaram os últimos seis meses se divorciando. Eles estão ambos com quase setenta anos, e odiaram um ao outro por trinta anos ou mais. Meu pai sofre de uma forma atenuada de decadência senil - talvez seja isso que o tenha levado a passar os últimos seis meses tirando esqueletos do armário. A senhora me achará extremamente materialista, mas devo voltar à América com a esperança de salvar uma pequena propriedade para pô-la à disposição da etnologia. No entanto, temo que seja muito tarde.

As notícias sobre Nimuendaju são surpreendentes. Mas os Krahô me manterão ocupado até perto do fim do ano. Estou muito curioso para saber como Curt recebeu permissão para trabalhar no Xingu. Ou ele vai trabalhar silenciosa e secretamente? Isso parece improvável, dada a amizade entre Carlos Estevão e o Serviço de Proteção aos Índios no Pará. Tenho muita inveja de Curt - a perspectiva de trabalhar no Xingu, é claro, me interessa imensamente. Mas terei de esperar até o próximo ano. Apenas comecei a arranhar a superfície da

cultura Krahô e devo pelo menos completar alguma coisa antes de deixar o Brasil. (Temo que terei grande dificuldade em entender as complexidades da cultura Krahô. Quando digo que planejo voltar aos Estados Unidos em dezembro, sou super-otimista.) Acabo de receber sua carta. Não tive tempo de pensar sobre o Xingu. Mas tenho quase certeza de que não devo interromper meu trabalho atual. Não estou psicologicamente preparado para começar uma nova aventura. Por outro lado, eu poderia fazer muita coisa com os Trumai em três meses. Se houvesse a possibilidade de trabalhar com eles outra vez, a tentação de ir para o Xingu antes de voltar à América seria muito grande. Mas não posso decidir agora.

Por favor, perdoe as condições desta carta. Seu objetivo é lhe informar que outras cartas estão a caminho. Obrigada pelos selos. O agente da Condor, a quem me queixei do atraso de minhas cartas, queixou-se de como o governo se esqueceu desta região. Ele é brasileiro. Eu disse que tinha ficado embaraçado por causa do atraso na entrega de minhas cartas. Ele disse: por favor omita o parágrafo acima.⁷⁹

Esta é uma máquina emprestada e devo devolvê-la ao dono. As máquinas estão em falta hoje. Todos estão escrevendo cartas para o próximo avião.

Lamento que a senhora não goste de ser chamada Dra, porque toda minha correspondência recente para a senhora foi encabeçada assim. Creio que foi o costume.

Esta carta não tem objetivo. Sinceramente,

Buell Quain

23. De Quain a Heloisa⁸⁰

⁷⁹ Ao lado do parágrafo com a crítica ao governo, ele escreveu à mão “omitir”.

⁸⁰ Manuscrita, em inglês.

Carolina

7 de junho [1939]

Prezada Dona Heloisa,

Espero que a senhora tenha recuperado a sua saúde e energia. E obrigado por sua última carta. Por favor escreva com frequência em português. Exceto pelas dificuldades com sua letra (sem ofensa), achei fácil de ler.

Não mudei de idéia a respeito dos planos para o trabalho etnológico deste ano. Devo ficar com os Krahô e esperar voltar aos Trumai num futuro distante. No entanto, ainda estou curioso em saber como Curt Nimuendaju conseguiu sua permissão para trabalhar naquela região. O fato de que ele seja brasileiro sem dúvida simplifica o problema. Se é possível entrar pelo norte sem encontrar os regulamentos do Serviço de Proteção aos Índios, podemos fazer planos definitivos para uma expedição em 1941 ou 1942.

Obrigado mais uma vez por sua generosidade. E não preciso dizer como sou grato pela expressão de sua confiança. Se houver alguma dúvida a respeito do valor da coleção, poderemos acertar contas depois. Estou feliz em ser rico: devo aceitar seu presente e apreciar o sentimento de segurança que ele me dá.

Vai junto uma ordem postal de 100\$ para comprar os filmes que pedi. Já que devo deixar Carolina amanhã cedo, os filmes devem ser enviados para mim pelo barbeiro Manoel Perna. Mas ele é confiável e deverei recebê-los em julho ou agosto. Até lá, preciso me arranjar com seis filmes. Dois filmes que revelei em abril - como uma experiência com minha nova câmera - foram um desapontamento; eles não valem nada. Temo que a câmera tenha um defeito. Não vou me incomodar em lhe mandar as fotos.

Minha bagagem chegou dia 5 de junho. Devo escrever uma pequena nota de agradecimento ao Dr. Carlos Estevão, em mau português.

O delegado de polícia local é meu bom amigo. Ele pôs um Visto em meu passaporte e disse que eu não precisava de mais nada. Mas devo lhe pedir que esteja preparada para responder a um pedido de socorro quando eu voltar a

Carolina em dezembro. Até lá talvez a polícia receba instruções explícitas sobre a taxa que eu deverei pagar. Devo escrever novamente da aldeia indígena e espero ter tempo para completar o prometido relatório. As minhas notas Trumai chegaram dia 5 de junho - assim, ainda não há um artigo. Com os melhores votos,

Buell Quain

24. De Mead para Quain⁸¹

Sepik River

13 de maio, 1938

Prezado Buell,

Fiquei contente em receber sua carta, cheia de demandas virtuosas a favor da disciplina férrea, no entanto, odeio *post-mortems*, e a crítica severa que você implora tão zelosamente não seria tão severa ou tão útil quanto se você me tivesse enviado um manuscrito de seu trabalho. Sou uma leitora muito atenta de manuscritos, faço comentários datilografados, citando as páginas, e de modo inquisitivo, mas construtivo. Isto quer dizer que, se houvesse um manuscrito, eu poderia dizer: “Você não verificou tal ponto? Você não tem algum exemplo relacionado de a, e b, e c, que ajudaria a fortalecê-lo ou ampliá-lo? E você provavelmente seria capaz de oferecer algum ou todos de a, ou b, ou c, e tudo estaria bem”. Mas não gosto das resenhas que afirmam “É uma pena que o autor não tenha mais evidência para apoiar seu argumento sobre... etc.” É provável que o autor tenha a evidência, mas não sabia que era evidência, e, de qualquer modo, o tamanho de muitas resenhas não deixa espaço para que a crítica seja detalhada o suficiente para ser útil. Assim, você vê que deveria ter

⁸¹ Datilografada, em inglês. Esta carta foi transcrita fora da ordem cronológica porque só chegou às mãos de Buell Quain pouco antes de ele morrer (ver a carta seguinte). Esta carta foi publicada em *cadernos pagu* (19), 2002.

enviado o manuscrito que pedi, e se ele não vai ser publicado até o ano que vem, você teria tempo suficiente para fazê-lo.

Você teve algum contato com Laura Tooting - e algo de seu material foi publicado [?]. Gostei muito do pouco que vi dela e tinha expectativas sobre o que iria publicar.

A única pergunta de sua carta que pode ser respondida de modo relevante diz respeito ao treinamento de um assistente nativo. Um rapaz, aliás, e não uma moça. As moças são muito mais difíceis, mas todos acham que se vai treinar uma moça. O problema é diferente, é claro, dependendo da presença ou ausência de alfabetização. Se você pode obter um nativo alfabetizado, então você pode torná-lo um assistente de verdade. Em Bali tínhamos um rapaz de vinte e dois anos, com uma educação até o oitavo grau, que era muito inteligente, metódico, confiável, empenhado e muito criativo. Nós o ensinamos a datilografar textos em balinês, com cada linha numerada. Você pode achar que este é um detalhe, mas espere até ter milhares de páginas de tais textos com os quais trabalhar. O grosso desses textos eram relatos de eventos aos quais todos assistíamos. Assim, tínhamos relatos triplos de cada evento, o meu, o dele, e as fotografias de Gregory⁸², todos feitos numa escala de tempo. Mesmo se só duas pessoas trabalham juntas, é preciso uma escala de tempo para sincronizar as notas. Eu mantinha um relato sumário dos eventos e atribuía ao secretário nativo, Mádé, tarefas definidas, especialmente o registro do ritual, a enumeração das pessoas presentes, o registro dos nomes dos atores e transcrições das conversas. Um de nós, dependendo do assunto, traduzia este

⁸² Gregory Bateson (1904-1980), antropólogo inglês, autor de *Naven*, então terceiro marido de Margaret Mead, com quem publicou *Balinese Character: a photographic analysis*, New York, New York Academy of Sciences, 1942. Para rememoração e avaliação dos trabalhos do grupo mencionado na carta, ver Mead, *Blackberry Winter: my earlier years*. N. Y.: William Morrow, 1972 e James Boon, *Between-the-wars Bali: rereading the relics*, em G. Stocking ed., *Malinowski, Rivers, Benedict and others. Essays on culture and personality*. Madison: the University of Wisconsin Press, 1986.

texto - também fazendo isso como um exercício de linguagem - usando meu relatório sumário, e qualquer ausência ou detalhes novos eram pedidos a Mádé - em fichas soltas, com o número do texto e da linha, e ele ia procurar certos pontos tais como “Por que a esposa de Nang Polih faz a oferenda e não Nang Polih?” etc., e datilograva a resposta em balinês. Essas respostas eram então fichadas separadamente. Entrementes, eu ficava livre para incluir em meu relatório o tipo de material que ninguém mais, não certamente um secretário nativo, poderia coletar, comentários detalhados sobre o comportamento de indivíduos identificados, especialmente crianças. Em Bali, onde o ritual é extraordinariamente detalhado e monótono, era uma enorme economia ter alguém para anotar: “1. Oferenda chamada... 1 galinha assada, 2 croquetes de arroz, três bolos marrom, três bolos brancos, 4 bananas, 1 ovo de pato.” Havia páginas e páginas disso a serem escritas e se eu própria tivesse de fazer isso, nunca poderia escrever todas as observações sobre comportamento, especialmente relatos de comportamentos sincronizados com as fotos que desejávamos.

O outro tipo de assistente nativo é o analfabeto, que não é tão útil, mas que é melhor do que nada. Tal assistente deveria, se possível, mas não é absolutamente necessário, falar inglês, ou espanhol, ou qualquer que seja a língua a partir da qual você está abordando a língua nativa. O treinamento consiste em duas coisas, ensiná-lo a relatar resumida e rapidamente o ponto do que está sendo dito ou feito, e treiná-lo, depois de um evento, com um olho no próximo evento. Tal treinamento seria o que eu queria saber a respeito do que acabava de ver: (1) os nomes de todas as pessoas que faziam coisas, (2) os nomes das ações realizadas, (3) se uma certa ação era parte da cerimônia ou era irrelevante, (4) se um certo ato era opcional ou essencial, (5) o que estava acontecendo fora da casa enquanto eu estava dentro (este treinamento para cobrir outra parte da cerimônia é muito importante), (6) se algo tinha

acontecido antes de chegarmos, (7) se há seqüência dessa cerimônia e quando será?, etc., tudo ilustrado no detalhe com o que acabava de acontecer. Assim, antes da cerimônia seguinte, preferivelmente, é claro, uma cerimônia do mesmo tipo, você repassa tudo isso outra vez, se possível com um vago esboço do que vai acontecer, e lhe diz o que ele deve observar e lembrar, quando deve ficar dentro ou ir para fora para observar algo que esteja fora de seu campo de visão ou audição, sobre quais personalidades ele deve ficar atento, etc. Daí vá à apresentação, volte, peça-lhe para ditar seu relato imediatamente - eu fazia apenas anotações rápidas, Gregory fazia um texto, o que se faz depende do tipo de facilidade lingüística - e critique o relato que ele fez, aponte as coisas que esqueceu, o momento em que ele não acompanhou o homem com o bastão de fogo, etc., etc. Você ficaria surpreso com os resultados que pode obter. Eu nunca fiz nada tão completo assim com um informante analfabeto, porque até Bali minha imaginação não tinha se expandido para avaliar essas possibilidades. Mas tenho feito boa parte disso; tive informantes que podiam fazer um relato muito cuidadoso de um evento, enfatizando os pontos que tinham sido ensinados a olhar para enfatizar. Em Bali, tínhamos duas outras pessoas trabalhando conosco - no mesmo tipo de questões, em outras partes de Bali - e treinamos seus dois secretários, um dos quais tinha doze anos, o outro dezesseis, e eu lia seus relatos escritos e os criticava. É impressionante o que eles conseguiam fazer. Jane Belo estava trabalhando sobre o transe num grande número de aldeias, indo freqüentemente a um espetáculo grande e importante numa aldeia com mil ou mais pessoas, onde ela nunca havia estado antes. Seu secretário, o de dezesseis anos, podia chegar, estabelecer conexões com os sacerdotes, fazer uma lista das pessoas que usualmente entravam em transe, fazer um esboço do que provavelmente iria acontecer e onde, e identificar a maioria das pessoas importantes, de modo que ela, ou nós, se fôssemos com ela, podia acompanhar tudo muito bem, identificar as pessoas importantes para o transe, etc., conforme elas apareciam em cena. Numa sociedade realmente primitiva, o problema é muito mais simples, já que não se

trata de “Quem pode entrar em transe?” mas de “Quem são os parentes que vão cortar o cabelo do bebê?”, e o campo é imensamente mais limitado.

Creio que vale a pena sugerir outra técnica, para alguém trabalhando sozinho mas com uma câmera. Você não pode ter um relato escrito completo de, digamos, todas as outras pessoas envolvidas numa cerimônia - se elas são estranhas para você e você precisa recolher todos os nomes - e fazer fotos. Mas se você tirar fotos em número suficiente e revelá-las você mesmo, você pode analisar a cerimônia com um bom informante e reconhecer a todos. Fizemos isso com o transe em aldeias estranhas, fazendo registros fotográficos muito completos - digamos duzentas ou trezentas Leicas, e três ou quatro pés de filme cinematográfico, e então as pessoas que tinham trabalhado naquela cerimônia se juntavam, com os cenários escritos, os relatos e a memória dos secretários, e as fotos reveladas e os rolos de filmes, e identificavam e reviam a todos. Claro que este é um trabalho mais caro e elaborado do que o que você pode tentar fazer sozinho, ou do que duas pessoas poderiam tentar numa cultura primitiva, mas o mesmo plano geral pode ser seguido. Você faria tantas fotos quanto possível, uma atrás da outra, reveladas, postas em ordem, elas são analisadas com informantes, identificando a todos e a sua relação com todos os outros do grupo. Este é um método especialmente bom quando se é novo na cultura, e não se pode falar a língua, e também é importante na uniformização da observação durante todo o período de trabalho de campo, eliminando, pelo menos em parte, o efeito de ingenuidade no começo versus o efeito de sofisticação e de melhor formulação teórica no final do trabalho de campo. É claro que para tirar fotos que possam ser usadas em lugar de notas, deve-se usar câmeras em miniatura, Context ou Leica. Acho que as desvantagens de revelar e copiar fotos no campo são superestimadas. Os nativos podem ser treinados para ajudar, e é um alívio produtivo para o excesso de escrita.

Lembro-me que você me escreveu de Fiji dizendo que falhara em escrever suas notas. Vejo pouca razão para duvidar de que menos notas, adequadamente re-escritas, ou pelo menos inteiramente anotadas para se ter

certeza de que elas são completamente inteligíveis, e numa seqüência adequada - claro que isso se consegue re-trabalhando com elas, todas as pontas soltas no trabalho de campo se devem ao fato de não se revisar as notas para ver o que falta nelas - são mais valiosas do que uma massa de material fragmentado, quase ilegível, meio digerido e em muito maior volume do que elas.

Como todas essas observações sugerem, estou completamente convencida do trabalho cooperativo, isto é, não apenas pelo menos duas pessoas trabalhando juntas no campo - simultaneamente - mas tão freqüentemente quanto possível, ambos registrando, de algum modo, o mesmo evento. Em Bali, tivemos quatro europeus e dois secretários (o terceiro estava doente) ocupados em observar uma enorme cerimônia de transe e valeu a pena. Bali era um lugar ideal para desenvolver métodos que podem ser aplicados tanto a culturas mais simples e a números menores de pesquisadores quanto à nossa própria cultura e a uma equipe maior e mais bem equipada.

Você não incluiu nenhuma notícia pessoal em sua carta. Não sei se você está indo para o campo sozinho, para onde você está indo, que tipo de câmera você tem, se você tem algum problema específico, nada. Se eu soubesse algumas dessas coisas, eu poderia escrever uma carta melhor. Gostaríamos de não estar tão longe de todos, seria divertido ter a visita de outros pesquisadores de campo e falar sobre métodos. Cora Du Bois⁸³ passou três dias terrivelmente concentrados conosco em Bali e aproveitamos muito.

Estou tendo uma experiência única aqui, nesta cultura que eu só conheço por uma visita de poucos dias e através do trabalho publicado de Gregory, e de falar com ele, que a conhece muito melhor. É como estar sentada num carro ao invés de estar capinando no mato. Ele me ensinou a gramática da língua no navio voltando de Bali, e agora estamos trabalhando nas variações dialetais

⁸³ Cora Du Bois nasceu em 1903 e trabalhou com Alfred Kroeber de 1932-1935 na pesquisa sobre os índios Wintu do norte da Califórnia, mas ficou conhecida pelo seu trabalho de campo em Alor, ilha da atual Indonésia. Ganhou o prêmio Zemmurray-Stone Chair da Universidade de Harvard. Tornou-se doutora em antropologia em 1939 pela Universidade da Califórnia.

com um informante - mas nada da escuta apaixonada que é necessária para apanhar toda a gramática a partir de uma fonética não familiar. Ao invés disso, Gregory pode dizer: sim, que te-re-ga-un, resumido em terego, e o primeiro t transformado em l pela influência da vogal - e se aprende. Não há uma necessidade desesperada de descobrir o sistema de parentesco e de clã para sequer começar a pensar, e posso me sentar e usar meus olhos com plena vantagem antes que seu testemunho seja complicado por muita ajuda de meus ouvidos. É uma experiência muito agradável. E eles são pessoas adoráveis. Suponho que você leu *Naven* e assim tem uma idéia de como eles são. Com todos vocês se transformando em especialistas na América do Sul, vejo que vou ter de reduzir meu trabalho para ficar em dia. Terei de aprender espanhol ou o trabalho de vocês será suficiente [?] Ainda tenho de aprender holandês, o que é o bastante no futuro.

Com meus bons votos, sinceramente, M. Mead

25. De Quain para Mead⁸⁴

[...]

4 de julho, 1939

Prezada Margaret,

Acabei de receber sua carta de 13 de maio de 1938. Ruth Benedict a enviou para mim com certo atraso, que ela vai explicar. De fato, a carta é muito mais apropriada este ano do que teria sido no ano passado. Caso você não lembre, era uma discussão detalhada sobre o uso de assistentes nativos no

⁸⁴ Datilografada, em inglês. Esta, e a carta seguinte, parecem rascunhos de cartas que não chegaram a ser enviadas; não tem conclusão, nem assinatura.

campo. Não poderei seguir seu conselho no detalhe, mas é um estímulo para esforços sobre os quais de outro modo eu nem pensaria. Seu conselho precisa de considerável alteração antes de poder ser aplicado aqui. Eu poderia fazer muito mais no Xingu, em termos de treinar assistentes, do que aqui. A maioria dos índios de fácil acesso no Brasil tem noções preconcebidas sobre os europeus, contrárias ao trabalho sistemático. Lévi-Strauss pensava que isso era verdadeiro também para os Bororo e atribuía isso ao Serviço de Proteção aos Índios. Creio, no entanto, que isso pode ser atribuído à natureza indisciplinada, invertebrada, da própria cultura brasileira. Meus índios estão acostumados a tratar com o tipo degenerado de brasileiro rural que se estabeleceu nesta vizinhança - é terra marginal e a gentinha do Brasil vive dela. Quando se pensa que 80 ou 90 por cento da população é analfabeta e infestada de vermes e outras coisas (nesta região, provavelmente o *Trypanosoma Cruzi*), a gentinha brasileira está realmente mal. O tratamento oficial dos índios levou a pauperizá-los. Existe uma crença muito espalhada (entre as poucas pessoas que tem interesse nos índios) de que a maneira de ser gentil para com o índio é cobrí-lo de presentes e “elevá-lo à nossa civilização”. Tudo isso pode ser atribuído a Augusto Comte, que exerceu uma enorme influência na educação superior brasileira e que, através de seu espetacular discípulo brasileiro, o agora velho General Rondon, corrompeu o Serviço de Proteção aos Índios. Ainda não estabeleci a conexão lógica - mas ela existe. Os índios embaralharam suas duas impressões dos europeus: 1. os europeus são estúpidos, preguiçosos e não merecem confiança, mas normalmente podem ser controlados e tratados pacificamente se se oferece um falso sorriso e um pouco de adulação; 2. Os europeus que usam sapatos são uma inesgotável fonte de presentes - devem ser, já que sabem como fazer dinheiro. Tanto os brasileiros

como os índios que tenho visto são crianças mimadas que gritam se não obtém o que desejam e nunca mantêm suas promessas depois que você vira as costas. A idéia de esforçar-se para ganhar é estranha a eles, já que usualmente eles podem ganhar mais se ficam emburrados. Nesse ambiente, é extremamente difícil treinar alguém como assistente de um trabalho sistemático. Durante o último mês tenho trabalhado com um jovem (que é definitivamente um anormal, já que parece gostar de trabalhar comigo) sobre a língua. Hoje ele me disse que não pode mais trabalhar porque está cansado de ser ridicularizado pelo resto da aldeia. Quando ele passa, gritam que ele não sabe nada e que não tem o direito de me ensinar. Também o acusam de receber meu dinheiro, que deveria ser usado por toda a aldeia. De fato, o jovem é pobre em parentes e seu estatuto na aldeia é muito inseguro. Nem mesmo as crianças o temem. Como resultado, ele é especialmente vulnerável à crítica pública. Ele não é um gênio lingüístico e a perda não seria grande, ou antes, não será grande, porque posso encontrar outra pessoa. Mas a luta constante que é preciso manter com a aldeia toma tempo e é cansativa. Não é possível fazer intriga aqui como era em Fiji - se eu tivesse relações secretas com informantes pagos, minha duplicidade seria descoberta e eu cairia em desgraça. Mas eles não desgostam de mim - o que é estranho. Uma vez ou outra a aldeia faz coisas agradáveis, por sua própria conta - no entanto, comumente são coisas que eu não quero. Hoje, por exemplo, todas as mulheres levantaram uma horrível poeira em torno de minha casa, limpando pequenos tufo de grama; a teoria é que as casas devem estar cercadas por uma área que não tenha nada a não ser uma boa poeira solta, de modo que se possa andar sem machucar os pés, mas estou usando sapatos este mês e a poeira é horrível. Nunca sou consultado sobre esse tipo de serviços. Eles apenas acontecem. (Esta é uma confissão de trabalho de campo mal feito,

porque mostra que não estou acompanhando o que se passa no conselho dos homens diariamente. Tentarei remediar isto, mas vai ser difícil. Os negócios públicos ocorrem em horários tão estranhos, das 3 às 6 da madrugada e das 6 às 9 da noite, na maior parte depois do escurecer. Tentei usar uma lanterna, mas ela não apenas me deixa cego na escuridão, como interrompe os trabalhos - e, francamente, estou no Brasil há muito tempo para trabalhar com eficiência entre as 3 e as 6 da madrugada). [...]⁸⁵

Sua carta teve um efeito. Em primeiro lugar, me deixou envergonhado, e isto é bom para mim. Em segundo lugar, me levou a decidir a parar de fingir qualquer participação na cultura e a trabalhar sistematicamente com informantes (a despeito da dificuldade que se tem para pagar informantes aqui). Deixarei as observações sobre personalidade para um período definido no final de minha estadia. No presente, deverei me concentrar na lingüística e no tipo de informação estrutural que posso obter dos informantes trabalhando com textos. Devo continuar com isso mais ou menos até primeiro de setembro. Isso me dará três meses (setembro-dezembro) para observação diária e questionamentos sistemáticos especiais (tais como: completar as tabelas de parentesco com os termos através dos quais se representam os termos que cada pessoa na aldeia usa para todas as outras pessoas; aplicar o teste Stanford Binet, que usei em Fiji e tentei usar entre os Trumai - é um velho teste do exército e você vai rir de minha psicologia amadora; fazer um segundo inventário das roças e propriedades da aldeia; e relatos cronológicos da rotina nas unidades domésticas). Se eu não completar a estrutura e a lingüística em setembro, devo continuar com isso e deixar o resto esperar POR OUTRA VISITA AO BRASIL.

⁸⁵ Ilegível.

Me pergunto o que Ruth Benedict planeja fazer a respeito de conseguir alguém para dar aulas por um ano no Museu Nacional no Rio. Lipkind quer o emprego, a diretora do Museu quer a mim -- mas eu não quero o emprego. Ainda não escrevi a Ruth Benedict sugerindo que poderia mudar de idéia. Razão: problemas familiares exigem minha presença nos Estados Unidos durante o Natal, ou pelo menos durante os feriados (isto parece tolo, mas acho que devo ir). Sinto que não posso completar um estudo satisfatório da cultura como um todo no tempo que resta: antes de aceitar o emprego, eu deveria completar um trabalho aceitável em lingüística - que poderia ser uma tese. Se eu puder fazer isso e voltar para lecionar no Rio em abril ou maio de 1940 (sob a condição de que eu possa manter um informante no Rio e obter transporte aéreo militar quando quiser), poderia dar certo. No entanto, ainda não sei quando haverá esse emprego. Se eu o aceitasse, seria um passo para uma expedição conjunta Columbia - Museu Nacional ao Alto Xingu. Preciso falar com mais calma com você sobre isso. Precisaríamos não só de seu conselho, mas de seu apoio para levantar fundos - da América, precisaríamos 20.000 dólares e pelo menos três etnólogos além de mim. Sugiro homens jovens porque o campo é duro e é uma área na qual há pouco respeito pela pessoa ou pela propriedade. Mulheres poderiam trabalhar cooperativamente com os homens, mas seria perigoso para elas permanecerem sozinhas numa aldeia. Se os homens tiverem companheiras mulheres (ou vice-versa), seria necessário mais dinheiro. O Museu Nacional também quer enviar pesquisadores - talvez Columbia tivesse de ajudar o Museu com as despesas. A colocação de etnólogos brasileiros e americanos em várias aldeias da área seria um assunto delicado. Mas poderíamos esperar que todos os brasileiros recebessem algo antes que chegássemos ao campo. Isto parece um procedimento muito complicado, mas é essencial se os americanos quiserem trabalhar no Xingu. Temos o hábito de considerar o dinheiro o único pré-requisito para o trabalho de campo. Mas no Brasil isto não é verdade. Dado o completo isolamento da área das nascentes do Xingu do resto do mundo, acho da maior importância abrir esta área. Os

missionários estão tentando entrar. O Serviço de Proteção aos Índios acabará com a cultura tão logo tenha dinheiro para usar com essa finalidade. Por enquanto, no entanto, os índios da área ignoram completamente o mundo lá fora. Sua dependência de instrumentos de ferro ainda não é completa. Duvido que haja algum lugar no mundo onde existam culturas indígenas mais puras. Mas apesar de todas as virtudes do Xingu, gostaria de deixar o Brasil para sempre e limitar meu trabalho à regiões [...]

26. De Quain para Mead

Cabeceira Grossa

13 de julho [1939]

Prezada Margaret,

Isto começou como uma resposta a sua carta de 13 de maio de 1938, que recebi cerca de dez dias atrás. Escrevi duas páginas dizendo-lhe como apreciei a carta, apesar de sua chegada tardia, e como ela me estimulava a novos esforços, apesar das circunstâncias difíceis que tornavam a aplicação direta do conselho impossível, mas depois de dez dias, os detalhes de minha reação a sua carta me parecem pouco importantes e estou certo que parecerão ainda menos importantes para você. É suficiente fazer a observação geral que fiz acima. Mesmo esta está deixando de ser verdadeira: preciso de outra carta. Já que, depois de ler 35 vezes esta, ela deixou de me estimular. Tentarei escondê-la por uma semana e espero derivar um novo estímulo dela quando a encontrar de novo.

O problema de treinar nativos aqui é extremamente difícil. Ainda não consegui treinar ninguém para acender o fogo para mim. O único modo pelo qual consigo me impor a eles é ficando zangado; daí, durante vinte e quatro horas eu tenho todos os 210 deles a meus pés, tentando desajeitadamente

tornar-me feliz. Tenho um bom informante sobre lingüística - a única pessoa na aldeia que aprecia ser treinado. Mas só posso usá-lo em raras ocasiões porque a aldeia não gosta que eu mostre qualquer parcialidade e torna a sua vida miserável sempre que trabalho com ele. Ele é uma das pessoas mais aculturadas da aldeia e infelizmente sabe pouco sobre a cultura. A dificuldade que tenho em expressar qualquer tipo de autoridade é sentida também por aqueles que tem posições de mando no interior da cultura - mas eles ficam menos exasperados porque esperam pouca resposta. Esta falta de resposta à autoridade também ocorria entre os Trumai e, de modo mais geral, entre os brasileiros. Sem dúvida isso se relaciona com a falta de disciplina imposta na infância. A atmosfera é anárquica e não é agradável. A sociedade parece ter se desintegrado. Fico curioso sobre como a complexa organização cerimonial que encontrei nesta cultura (semelhante a dos Kanela, descrita por Curt Nimuendaju no AA⁸⁶) pôde ser criada por tais pessoas. A única razão para a continuada e vívida existência das cerimônias é que as mulheres e as crianças gostam, mais do que de qualquer outra coisa que tenham experimentado, de correr com toras em seus ombros. Este desejo de correr parece ser o remendo que impede a meia de desfiar. Os Trumai do Xingu, se eram algo, eram ainda menos sensíveis à autoridade. Não havia nenhum princípio estrutural mais geral que ligasse as pessoas em atividades cooperativas e o chefe podia ficar sem fôlego chamando-os para uma importante aventura econômica que, quando chegava a hora, obtinha apenas o apoio de um irmão mais jovem invertebrado e de um filho aleijado. Mas pessoalmente pude organizar meu trabalho muito melhor entre os Trumai, porque fui o primeiro estranho a estabelecer relações com eles e podia fazer o que quisesse; e entre os Trumai eu tinha poderes sobrenaturais que me davam respaldo: estrangeiros brancos vêm da cidade do sol e são, por decreto do Sol, os irmãos dos Trumai. Tive um empregado que estava rapidamente se tornando um excelente informante, travado apenas pela minha inabilidade em usar a língua.

⁸⁶ *American Anthropologist*.

Minha dificuldade aqui pode ser atribuída amplamente à influência brasileira. O Brasil, por seu lado, sem dúvida absorveu muitos de seus traços mais desagradáveis das culturas indígenas com as quais teve contato inicialmente. Não conheço suficientemente a história brasileira para sustentar isto, mas no Brasil rural muitas técnicas de agricultura e de preparação de alimentos foram tomadas de empréstimo diretamente e, conhecendo os brasileiros, supõe-se que eles tomaram emprestado também traços imateriais. (Por exemplo, um barbeiro de Carolina entra na água para se banhar do mesmo modo peculiar dos Krahô - e também dos índios do Xingu). Ninguém no Rio de Janeiro obedece aos sinais de proibição de fumar porque “no Brasil não prestamos atenção aos regulamentos deste tipo” [...] ⁸⁷. As crianças brasileiras pedem a todos os viajantes uma “benção” (o que pode ser uma variante mediterrânea e católica de baksheesh [esmola]). Isto certamente não tem origem indígena, mas é perfeitamente adequado ao temperamento indígena. Os brasileiros limitam seus pedidos à encontros casuais. Mas [...]

27. De Heloisa para Quain⁸⁸

Rio de Janeiro

1º de agosto, 1939

Prezado Doutor Buell Quain,

Devo começar por dizer-lhe que não está nos meus hábitos ouvir duas vezes a mesma censura, assim é que, tendo me sentido altamente ferida pela sua declaração de ter tido dificuldade em compreender a minha letra - sobre cuja beleza eu alimentava grandes ilusões - resolvi escrever-lhe de modo mais

⁸⁷ Frase escrita à mão, ilegível.

⁸⁸ Manuscrita, em português.

alinhado. Penso que, nessas condições, lá para o Natal a minha carta estará terminada.

Não sei bem quais são as suas cartas a que ainda não respondi.⁸⁹ Mas, pelo amor de Deus, tenha pena de mim! Eu sou capaz até de enlouquecer se continuar a escrever nessa moleza. Dê um jeito qualquer e entenda-me. Sobretudo - é favor especial - responda aos pontos mais importantes em que lhe falo.

Mandei-lhe, há uns três dias, uma máquina fotográfica e filmes pack. Fiquei preocupada com a sua informação de que poderia ter havido um acidente na sua. Esta que lhe remeti é de minha propriedade particular. Está longe de ser uma maravilha mas não é má. Pode fazer dela o que quiser, até jogar no Rio Tocantins se for do seu agrado. Mandei-a pelo aéreo militar para não pagar transporte e telegrafei ao representante da Agência Condor pedindo-lhe o favor de recebê-la e fazê-la chegar às suas mãos logo que possível. Posso também remeter cilindros pelo mesmo processo; mande me dizer quantos quer. Como vai funcionando a máquina de gravar? O Coronel da Aeronáutica me facilita transporte de material; para pessoal diz não ser por enquanto possível.

Não se preocupe absolutamente com o valor da coleção do ponto de vista da beleza. Este ano já consegui muito material vistoso, mais do que o suficiente para satisfazer a efeitos políticos quaisquer. Logo que a coleção tiver chegado a Carolina peço-lhe o favor de despachá-la com meu nome para Carlos Estevão que se incumbirá de fazer o redespacho para o Rio. Espero, antes de setembro, mandar-lhe mais uma pequena importância para cobrir mais despesas de permuta e transporte até Belém; pode ser que a Cia. de Vapores queira que seja pago antecipadamente.

Afinal eu estou até hoje sem saber por onde o sr. sairá do Brasil. Isso para mim tem grande importância. Compreendo perfeitamente o seu desejo de tornar à casa o mais cedo possível e teria grande escrúpulo em retardar, por

⁸⁹ Até aqui Heloisa escreve em letra de forma; daí em diante retoma sua letra habitual. Numa anotação à margem, lê-se: "Subsídio para decifração de hieróglifo: [letra] = j, g, q."

pouco que fosse, a sua partida. Mas, por outro lado o meu desejo de conversar com o sr. é muito grande. Fiz alguma modificação no meu plano de curso no Museu. Pensei em transferir para um pouco mais tarde o curso de lingüística e em adotar imediatamente um programa mais prático e que, segundo me parece corresponde melhor a necessidades mais prementes do meu país. Para isso desejaria poder contar com o sr. e o Wagley. Durante o período de permanência no Museu cada um se ocuparia uma hora por dia de um grupo de cinco pessoas para instrução etnológica de caráter essencialmente prático e faria os seus estudos pessoais e redação de pesquisas, durante o resto do tempo. Organizaríamos um plano de pesquisa sistemática de campo; cada qual ao sair levaria consigo um aluno. Espero que, com três anos de trabalho nós teríamos talvez formado pelo menos uns três trabalhadores bons. O sr. vai ficar impressionado com a facilidade que brasileiro tem para aprender. Estou procurando ver se consigo dois contratos para o ano (Quain e Wagley); receio não conseguir coisa de remuneração superior a 2:300\$ por mês. Gostaria de ter sua opinião a respeito mas o melhor seria conversarmos.

Com relação ao caso do Manoel Perna devo dizer-lhe que conversei com o Coronel Vasconcellos. No momento ele não dispõe de meios para contratar ninguém no interior mas tem a melhor boa vontade com o Sr. Perna sobre quem já lhe falou o Othon Leonardos.

Até agora não há, no Rio, notícias de Wakedi e família.

I am awful, desculpe, fiquei muito penalizada com as notícias de sua família; desejaria mesmo vê-lo partir imediatamente para tentar melhorar a situação. Nem pense mais no que disse acima; é provável que, por carta, possamos esclarecer as dúvidas e que o sr. possa voltar mais tarde para o Brasil. Quero assegurá-lo de toda a minha simpatia e dizer-lhe que ficarei contente se puder fazer qualquer coisa para ajudá-lo.

O Curt acaba de pedir licença para ir ao Xingu. Eu informei favoravelmente e ele poderá ir porque não há posto indígena instalado na região. É uma situação como a sua. De qualquer maneira, tenha certeza que os

Trumai são seus. Mesmo se for preciso que eu também vá abrir-lhe o caminho, isso se fará.

Recebi a segunda parte do seu relatório. Acho-o estupendo. Gostaria muito de ter calma para escrever-lhe a respeito e é provável que, ainda este mês depois do dia 15 eu tenha mais tempo para fazê-lo.

Está aqui no Rio um botânico da Flórida, M. B. Foster, conhece? É uma figura impressionante.

De Ruth [Landes] nem um postal. Sei que ela tem escrito sempre ao Édison Carneiro mas acho muito engraçado que não me mandasse uma só linha. Também eu pago na mesma moeda. Na minha terra, quando a gente conviveu, como Ruth comigo, no último mês, o sentimento de solidariedade dura pelo menos (!) algum tempo. Como é, na sua?

O Chuck parece estar sufocado com a amizade dos Tapirapé. Tenho comigo que ele acaba casando lá e virando índio mesmo de uma vez. Meu Deus, que dirá o Coronel Vasconcellos?

Fiquei muito edificada com a firmeza do seu propósito de não deixar os Krahô antes de completar o seu trabalho. Será, Buell, que você está criando juízo? Que horror! Sobretudo não vá criar demais; isso traria um desequilíbrio na sua personalidade.

Ora, com que, são 11 horas da noite e o sono está chegando. Antes do fim do mês escrevo-lhe de novo.

Estou uma fera com o Curt que se recusou a trabalhar para mim este fim de ano. Tive ímpetos de mandá-lo ao diabo; o que não quer dizer que eu faça isso com todas as pessoas que não querem trabalhar comigo.

Não pretendo implantar (está reconhecendo?) ninguém no meu país; desejo apenas que meus amigos me ajudem no desenvolvimento de estudos etnológicos no Brasil. Saudades e um abraço de Heloisa

28. De Quain para Heloisa⁹⁰

2 de agosto [1939]

Prezada Dona Heloisa,

Estou morrendo de uma doença contagiosa. Esta carta vai alcançá-la depois de minha morte. Ela deve ser desinfetada. Pedi que minhas notas e o gravador (lamento, nenhuma gravação) sejam enviados para o Museu. Por favor, mande as notas para Columbia.

Não pense mal de mim. Eu apreciei a sua amizade. Mas não posso terminar o catálogo da coleção que os índios vão encaixotar e enviar para a senhora. Pedi para que dois contos sejam enviados à senhora por causa do meu fracasso. No entanto, se a senhora receber alguma coleção, por favor lembre-se dos índios e mande o que a senhora achar que ela vale para Manoel Perna de Carolina.

Espero que Lipkind e Wagley preencham as suas expectativas.

Sinceramente,

Buell Quain

29. De Benedict para Heloisa

Yegen Hotels, Montana

14 de agosto, 1939

Prezada Dra. Torres,

A terrível notícia da morte de Buell me deixou mais triste do que posso expressar em palavras. Ontem lhe telegrafei agradecendo por sua ajuda nesta

⁹⁰ Manuscrita, em inglês. Na lateral da carta há uma frase borrada: “Pedi que a coleção fosse enviada aos cuidados de Carlos Estevão. Você deve escrever e explicar.”

tragédia e espero que a senhora me escreva se houver algum esclarecimento. Estou tão longe - recebi o telegrama nas florestas do Canadá.

As notas de Buell estão a salvo? Ele se importaria muito em não ter seu trabalho desperdiçado e tentar publicar sua pesquisa será algo a fazer por ele.

A morte de Buell é uma perda irreparável e para aqueles de nós que o conhecíamos é uma perda pessoal de partir o coração.

Sinceramente,

Ruth Benedict

30. De Benedict para Heloisa

Montana

24 de agosto, 1939

Prezada Dra. Torres,

Agradeço-lhe do fundo de meu coração por sua carta e pela transcrição dos telegramas. Pelo mesmo correio chegou um relatório do Departamento de Estado em Washington, também incluindo detalhes da carta que Buell escreveu para a polícia. O relatório enfatizava que ele acreditava estar morrendo de uma doença contagiosa e que desejava que contassem a sua família que morrera de causas naturais. O relatório não menciona ter ele recebido más notícias de casa. Mandeí uma cópia desta carta - e do telegrama que Manoel Perna enviou à senhora - para a mãe dele, e lhe contei de seu desejo de escrever-lhe. Espero que a senhora o faça; seu nome é Dra. Fanny Quain, 518 Ave A, Bismarck, North Dakota. Ela tem o conforto de sua religião, mas estava certa de que a investigação provaria que ele foi assassinado ou morreu num acidente. É difícil para ela aceitar a verdade.

Estava certa de que se devia contar a Chuck e a Lipkind, mas não telegrafei porque queria estar segura de que seus melhores amigos também escreveriam para eles ao mesmo tempo, para equilibrar o correio quando a

notícia chegasse. Já escrevi para Carl Withers, o bom amigo de Chuck, mas a carta teve de ser re-enviada. Quando esta carta chegar, mande a notícia a cada um deles. Também estou escrevendo. A senhora está certa a respeito dos planos de Chuck; ele deve quebrar seu longo isolamento durante a estação chuvosa e ir para o Rio. Ele recebeu uma verba adicional nesta primavera, assim estou certa que poderá arcar com as despesas.

Lipkind estará bem, estou certa. Foi um grande conforto para mim ter recebido cartas excelentes e alegres de ambos os rapazes esta semana. Mas a de Chuck foi escrita em maio.

Esta é a primeira vez que a tragédia de um suicídio ocorreu em qualquer das nossas viagens de campo, e o fato de que tenha sido, no mundo inteiro, Buell, a quem entre todos eu gostaria de poupar de qualquer sofrimento, torna isto mais terrível.

Ruth me escreveu várias vezes. Ela está bem, embora, claro, tenha ficado terrivelmente chocada. Ela está ocupada com seu trabalho e cheia de planos antropológicos. Fico contente que ela não estivesse na Bahia quando soube. Mande-lhe sua mensagem.

Toda minha simpatia e meus agradecimentos,

Sinceramente sua,

Ruth Benedict

31. De Manoel Perna para Heloisa⁹¹

Carolina, 12 de Agosto de 1939.

Exma. Sra. Dra.

Heloisa Torres

⁹¹ As cartas entre Manoel Perna e Heloisa são todas datilografadas e apenas erros de digitação foram modificados.

Museu Nacional
RIO DE JANEIRO

Digníssima senhora

Confirmo inicialmente, o meu telegrama de ontem, avisando-vos o suicídio do ilustre dr. Buell Quain, verificado no dia dois do corrente nas proximidades da fazenda Serrinha, no Estado de Goiás, afastada daqui uns 70 Km.

Estou informando de que vários telegramas daqui foram endereçados para aí noticiando esse ato trágico, de um moço forte e cheio de vida. Infelizmente não me foi possível dar-vos logo após, a notícia infausta e desastrosa, desse acontecimento triste, pois me faltavam informações seguras a respeito. De sorte que após a chegada dos Índios e de sua bagagem, foi que devidamente cientificado pude enviar-vos um despacho seguro, informando-vos o acontecido.

É lamentável que seu desaparecimento tenha sido de um modo tão doloroso. Ainda ignoramos com certeza os motivos que o levaram a tal atitude. Mas... segundo notícias colhidas de fontes que reputamos certas, podemos adiantar que tenha sido por questões de sua família, pois segundo relataram os índios, ultimamente quando recebera cartas de seus pais e família, demonstrava-se muito contrariado dizendo mesmo que as notícias recebidas não haviam sido nada agradáveis, tendo em seguida dilacerado as missivas e queimado.

Consta ainda que ele falara para alguém que sua senhora havia desatendido ordens suas indo trabalhar num jornal em Norte América, coisa que muito o desgostara. Sabemos ainda que nestas últimas cartas que ele recebera, (e que aliás não temos nenhuma aqui, pois ele queimou todas) – seu pai havia deixado sua velha mãe no abandono sem recursos. São portanto estas as notícias que conhecemos e que podem ter contribuído para seu suicídio.

Dentre os aborígenes que vieram trazer sua bagagem, o de nome João conta que, depois dessas correspondências ele ficava sempre triste e pensativo. Vivia num estado de absorção terrível. Era num retraimento desconhecido durante sua estadia ali na aldeia. Sentindo-se cada dia pior, resolveu viajar para aqui, tendo convidado dois Índios para sua companhia. Os caboclos que o pajearam foram esse João e Ismael. Da aldeia partiram no dia 31 do mês findo, vindo pernoitar no lugar João Bento, prosseguindo viagem no dia seguinte (1º deste) fazendo descanso numa cabeceira de brejo próximo da fazenda Serrinha. A preferência do pouso nessa cabeceira de brejo foram motivada, principalmente porque ele achara bonita a paisagem, dizendo mesmo ser um local encantador para sua morada.

Achando-se aborrecido resolveu aí nesse local passar a noite, não viajando a tarde. Nessa noite escreveu muitas cartas até quase a madrugada, sempre chorando copiosamente. Essas epístolas são as que tenho em meu poder e que junto a esta vol-as mando. São cartas para os Estados Unidos, Rio, Mato Grosso e duas para esta cidade, sendo uma para mim e outra para o Capitão da Polícia, atual Delegado Regional, aqui residente.

Depois das cartas fizera um bilhete para o sr. Balduino de tal... morador na fazenda Serrinha, pedindo um dos índios que fosse levá-lo à casa. O aborígene, atendendo o pedido rumou em direção à fazenda, voltando horas depois sem resultado, porque na casa todos eram analfabetos. E ao chegar espanta-se do quadro que deparara. O dr. Buell estava todo ensangüentado, e o outro índio que estava dormindo acordara, ficando apavorado com aquilo. Logo pediram insistentemente que o Dr. não fizesse aquilo, que não morresse, que não se maltratasse tanto. E ele respondera aos selvagens, que assim estava fazendo porque precisava amenizar o sofrimento, precisava extinguir a sua dor cruciante, e que nada tinha de queixa dos companheiros. E o sangue jorrava de quase todas as artérias cortadas com uma pequena navalha Gillete. E logo, com esse quadro angustioso e horrível, João espavorido deixou-o com Ismael e saiu correndo para a Aldeia, afim de comunicar a ocorrência. João momentos depois

não suportou assistir aquele sofrimento e foi também apressado para a casa próxima chamar o pessoal da fazenda. Mas... com a saída dos dois índios, o Doutor já demais torturado resolveu morrer mais ligeiramente, e sozinho caminhou para uma árvore arqueada que estava próxima e subiu, amarrando no alto a corda da rede que trazia, soltando-se de cima com um laço no pescoço, vindo assim a morrer enforcado, depois de todo cortado de navalha, desde as artérias até os braços e as pernas.

E os índios somente vieram chegar no outro dia, o encontrando pendurado. Estava morto e em redor de si, o sangue derramado era em quantidade vultosa.

Mais tarde foi que o pessoal da fazenda tomou chegada, vindo esclarecer o que o bilhete continha. Ele pedia ao vaqueiro desse sítio, que fizesse a bondade de emprestar aos seus companheiros, João e Ismael, enxada, cavador e pá, para abrir a sua sepultura, pois queria ser enterrado no lugar que ficasse morto.

E satisfazendo o pedido do saudoso Dr. Buell Quain, o pessoal abriu a cova e o sepultou como anunciara.

xxxxxxxxxx

xxxxxxxxxx

xxxxxxxxxx

De sorte que somente em nove deste vieram os índios aqui chegar trazendo a sua bagagem. Como de costume, os recebi na minha modesta vivenda, hospedando-os à maneira conhecida pelo nosso bom amigo Dr. Othon [Othon] Leonardos, que me conhece de visu. Com os caboclos, vieram um caixote e um malote, contendo papéis, cartas, uma máquina de escrever, o aparelho para captação de som e farta documentação colhida na aldeia, para ser remetida à esse Museu.

Tudo está em meu poder e ficará aguardando as vossas instruções a respeito, para ser encaminhado para o Museu, conforme vossa orientação.

As cartas que ele deixou e que já falei atrás, seguem como vieram, uma aberta e outras fechadas. Todas estão escritas em inglês.

Nas correspondências que destinou para essa cidade, mandou dizer que os índios não tinham nenhuma complicação no caso. A resolução que tomara partira diretamente de sua vontade. Para melhor conhecimento do que digo, anexo vai uma cópia da carta que me endereçou. Para o Capitão da Polícia, mandou dizer quase a mesma coisa. Pediu em todas que desinfetasse as cartas, pois julgava estar sofrendo de alguma moléstia contagiosa.

Como já deveis saber, na epístola que me enviou, deu destino a todo o depósito que tinha na firma Dias Irmãos, desta praça, pedindo-me que remetesse dois contos para vossa pessoa, retirasse dois contos para dar aos índios e quinhentos mil réis, para mim (continuar a direção dos índios).

A Polícia tomou conhecimento do caso e fez inventário do que deixou em meu poder. De sorte que pelos telegramas de Dias Irmãos, ou do sócio Carlos Dias, podeis já ter alguma cientificação sobre esse caso.

Portanto espero que tudo possais fazer em prol da melhor solução deste caso. Os índios em número de vinte aqui em minha casa, insistem em querer receber as importâncias à eles destinadas, alegando que o Dr. já lhes havia dito que deixaria dinheiro para eles. Confio que tudo vireis resolver plenamente, pois como bem sabeis os selvagens são demais ignorantes, e dizem que só voltarão após receberem essa lembrança que anunciara deixar para os mesmos.

Uma coisa é digno constar nessa carta. Os índios tinham pelo Dr. Buell Quain verdadeira admiração e amizade. Gostavam intensamente dele. Dizem ter sentido muito. Levaram três dias chorando extraordinariamente, dia e noite, lamentando o desaparecimento do seu Papai Grande, como o chamavam na Aldeia. Suponho que satisfazendo o último pedido dessa alma bondosa, cheia de simplicidade e delicadeza, não se fará nada demais, que cumprir os seus anseios e pedidos.

E pedem intensamente que o Governo mande outro homem bom como esse que foi sempre muito delicado para todos eles, tratando-se mesmo como irmãos.

Ainda deixou para ser remetido para o Museu Goeldi de Belém do Pará, vários trabalhos dos índios – são enfeites e alegorias.

Esta notícia repercutiu dolorosamente nesta cidade. Toda a população sentiu fortemente o suicídio dessa alma rutilante e fidalga.

Ainda se encontram na Aldeia alguns objetos seus que mandei buscar, para arquivar tudo aqui em minha casinha.

Deste modo aqui termino, supondo ter pormenorizado tudo da melhor maneira possível. Acho que fui um pouco prolixo, todavia o meu desejo era estereotipar tudo. Fazer com que ficasseis ciente amiudamente do que se passou.

Fico aguardando vossa resposta, pelo próximo avião. Peço-vos que mostre esta ao bom amigo Dr. Othon Leonardos, espírito brilhante que sempre me distinguiu e a quem devo boas considerações.

Sem mais para o momento, subscrevo-me com admiração e estima

Amo. Cdro. Obgro.

Manoel Perna

Endereço:

Alameda Getúlio Vargas
Via aérea Condor
Carolina-Maranhão

CÓPIA DA CARTA QUE ME ENDEREÇOU ANTES DE SUICIDAR-SE

Prezado senhor Manoel Perna

Faz favor de desinfetar as cartas com um ferro quente e mandar. Eu estou doente e não agüento o caminho. Tenho 4:500\$000 na loja dos Dias

Irmãos. Faz favor de mandar dois contos para Dona Heloisa Torres, Diretora do Museu Nacional. Do resto 500\$000 é para o senhor dirigir os Índios. Eles vão encaixotar uma coleção para o Museu Goeldi de Belém, do Pará. Faz favor de mandar minhas notas também e a máquina.

O resto do dinheiro é para os Índios. Dar 100\$000 para João e 10\$000 para Ismael e 50\$000 para cada um dos outros rapazes que vêm levando coisas para o Museu. O resto é para a aldeia toda. Sal e fumo.

Muitas lembranças boas para o senhor. Os índios vão fazer algumas coisas para o Museu. Faz favor de ajudar eles e dar o tacho e o forno.

E informe Manoel Job que ele pode dar os 3 gados quando os índios quiser.

a) – Buell Quain.

Anexo mandou mais esse bilhete –

A caixa que tem dentro uma máquina é propriedade do Museu Nacional e também esta mala de notas. Faz favor de mandar para Museu. O dinheiro é propriedade dos índios. Estou doente – talvez contagiosa – Use muito cuidado.
a. Buell Quain.

.....

Por engano disse na carta que as alegorias e enfeites eram para o Museu Goeldi, quando agora verificando sua carta vejo que o Museu Goeldi será somente intermediário na remessa dos enfeites.

32. De Carlos Dias para Heloisa

Carolina, 12 de Agosto de 1939.

Ilma. Snra.
D. Heloisa Torres
Museu Nacional

Rio de Janeiro

Distintíssima senhora,

Cumprindo as determinações de n/ prezado amigo, Dr. Othon Leonardos, contidas no seguinte telegrama, URGENTE – CARLOS DIAS –CAROLINA – AGRADEÇO COMUNICADO OBSÉQUIO TELEGRAFAR URGENTEMENTE MUSEU NACIONAL TODOS PORMENORES SUICÍDIO DATA LOCAL PROVÁVEL ENTERRO ETC AFIM INFORMARMOS EMBAIXADA pt INDENIZAREMOS DESPESAS – LEONARDOS – e cumprindo as mesmas, com data de ontem passamos v. s. o telegrama cujo teor transcrevemos e que aqui fica confirmado – DIRETORIA MUSEU NACIONAL – RIO DE JANEIRO – URGENTE – ATENDENDO PEDIDO DO DOUTOR OTHON LEONARDOS INFORMAMOS SUICIDIO DOUTOR BILL OCORREU PRÓXIMO MORADA “SERRINHA” ESTADO GOIÁS DISTANTE AQUI QUINZE LÉGUAS QUANDO REGRESSAVA ALDEIA ACOMPANHADO DOIS ÍNDIOS NA MADRUGADA DO DIA DOIS SENDO SEPULTADO NESTE MESMO DIA E LOCAL pt PRIMEIRAMENTE TENTOU SUICIDAR-SE CORTANDO VEIAS LAMINA GILET NÃO DANDO RESULTADO AGUARDOU ÍNDIOS DORMIREM E SERVIU-SE CORDA SUA REDE E UMA ÁRVORE REALIZANDO SUICIDIO POR ENFORCAMENTO pt DEPOIS OCORRIDO ÍNDIOS VIERAM DEIXAR AQUI SUA BAGAGEM CONTENDO CARTAS MUSEU NACIONAL DOUTOR BENEDITO DA UNIVERSIDADE DE COLUMBIA HELOISA TORRES MUSEU NACIONAL E MAIS OUTRAS TODAS EM INGLÊS pt PARA AQUI ESCREVEU A UM AMIGO SEU MANOEL PERNA DANDO VÁRIAS INSTRUÇÕES RELATIVAS QUATRO CONTOS QUINHENTOS DEIXADOS NOSSO PODER SOBRE MOTIVOS SUICIDIOS DOUTOR BILL ALEGOU ESTAR SOFREDO MOLÉSTIA

CONTAGIOSA pt ENTRETANTO ÍNDIOS INFORMA TER SIDO CONSEQUÊNCIA CARTAS RECEBIDAS SUA FAMÍLIA pt AUTORIDADES POLICIAL AQUI ESTÁ PROVIDENCIANDO INQUÉRITO E ARROLAMENTO BAGAGEM pt PELO AVIÃO DOMINGO REMETEREI COPIAS CARTAS ELE DIRIGIU A SEU AMIGO MANOEL PERNA AQUI E MELHORES DETALHES pt SAUDAÇÕES – CARLOS DIAS - e novamente voltamos a v/ presença para melhores esclarecimentos sobre o suicido do infeliz Dr. Buell Quain.

Conforme tivemos ocasião de já vos informar em n/ supracitado, o triste acontecimento verificou-se na madrugada do dia 2 do corrente, quando o doutor, em companhia de dois índios carahôs [Krahô], em cuja aldeia se encontrava em estudos, se dirigia para esta cidade provavelmente a negócios.

Corria a viagem sem outros acidentes, quando em certo ponto, o doutor pretextando cansaço, mandou fazer alto, pois em todo o percurso feito até ali, vinha ele se queixando aos companheiros de excessiva fadiga física, que o privava quase de caminhar, isto na manhã do dia 1º. O acampamento provisório foi armado em uma lareira próxima de uma morada denominada “Serrinha”, ainda no estado de Goiás, pois que a aldeia é localizada nesse estado.

Ao cair da noite de primeiro, depois de passar a tarde toda escrevendo, e tendo afastado os índios sob qualquer pretexto, o infortunado golpeou todo o seu corpo com lâmina de Gilete, sendo de preferência as veias do braço as partes mais visadas. Ao voltarem os dois índios para a sua companhia, e verificando o estado lastimável em que se encontrava o doutor, esvaindo-se em sangue, saíram novamente em busca de socorros, indo um deles de nome Ismael, para a morada da “Serrinha” enquanto o outro, de nome João, se dirigia à aldeia dos índios, já distante muitas léguas do lugar da ocorrência, ficando o tresloucado novamente sozinho.

Aproveitando a oportunidade oferecida pela ausência dos companheiros, e vendo que o seu primeiro desejo não surtiria o efeito esperado, mesmo todo

golpeado, o infeliz lançou mão de uma corda que naturalmente servia para a armação de sua rede e prendendo aos galhos de uma árvore, enforcou-se.

Ao voltar pela manhã seguinte (2 de agosto) o índio de nome Ismael com o socorro que fora buscar na morada “Serrinha” já encontrou o doutor cadáver, pendente do galho da árvore com a corda no pescoço, e ali mesmo, sem mais formalidades, apenas assistido pelas testemunhas de tão lúgubre quadro, fizeram o sepultamento.

O doutor Buell deixou diversos volumes de bagagens e várias cartas escritas em inglês, estando tudo entregue aos cuidados do sr. Manoel Perna, grande amigo do doutor e um dos abnegados protetores dos índios nesta cidade, e para quem mandou o suicida que tudo fosse entregue afim de lhes dar o competente destino.

Em poder de n/ firma deixou o morto a quantia de quatro contos e quinhentos mil réis, que conforme carta sua para o snr. Manoel Perna, destinou às seguintes pessoas:

2:000\$000 para D. Heloisa Torres, no Museu Nacional

500\$00 “Manoel Perna afim de comprar mantimentos para os índios que trouxeram o espólio.

100\$000 o índio João, criado particular do doutor

10\$000 o índio Ismael um dos companheiros em s/ fatídica jornada e

50\$000 cada um dos índios que trouxeram o espólio, e o restante para compra de sal e fumo para o resto da aldeia.

A importância a nós entregue está à disposição das autoridades competentes assim como à de v. s. faltando apenas a ordem para ser entregue a quem for destinada.

Em todas as cartas dirigidas às pessoas aqui de Carolina, o doutor citava estar atacado de forte e incurável moléstia contagiosa que o obrigava a cometer semelhante loucura. Os índios, porém, são unânimes em afirmar que o doutor gozava de boa saúde e que a sua fatídica resolução proveio desde que recebeu umas correspondências vindas provavelmente de sua terra e que o deixaram

em um lastimável estado de melancolia. Depois disto, era visto freqüentemente a chorar e do trabalhador ativo que era, tornou-se apático e solitário.

Da correspondência recebida e que tanto mal lhe causou, nada disse a ninguém e nunca a revelou aos índios, e depois de lida, queimou-a reduzindo-a às cinzas.

O ato do doutor lançou a dor e o desespero entre os pobres selvagens, onde o mesmo era idolatrado e não se cansam de chorar lamentando tão brusco desaparecimento.

O delegado de polícia desta cidade está tomando as necessárias providências e ontem fez a inquirição de vários índios dos que trouxeram o espólio, nada entretanto tendo transpirado.

Para melhores esclarecimentos juntamos aqui a cópia de duas cartas que o infeliz dirigiu à pessoas daqui: uma ao snr. Capitão Ângelo Sampaio, delegado regional do governo e comissário de polícia e a outra ao seu amigo Manoel Perna.

Por elas poderá v. s. verificar que a resolução do doutor foi inabalável e maduramente premeditada, não restando a menor dúvida que o infeliz o fez por sua vontade própria sem que outrem tivesse tido ingerência no seu infeliz gesto.

São estas distinta senhora as informações que no momento conseguimos reunir para vos remeter, contando entretanto que a continuação do inquérito ainda em andamento na polícia traga novos informes que teremos o cuidados de vos transmitir e permanecendo à s/ inteira disposição nos firmamos com toda a consideração e estima.

De v. s. respeitosamente

Carlos Dias

33. De Heloisa para Manoel Perna

Rio de Janeiro, 24/8/1939.

Senhor Manoel Perna,

Muito agradecida pelo seu telegrama de 11 e por sua carta de 12 do corrente. Chegaram com a carta as do dr. Quain dirigidas a diferentes pessoas aos quais já foram remetidas pelo correio registradas.

Também aqui no Museu repercutiu dolorosamente a notícia da morte do nosso amigo dr. Buell Quain.

A perda, do ponto de vista científico, é considerável e eu perdi além desse colaborador, um bom amigo.

Já telegrafei ao Snr. Carlos Dias, em data de 18 do corrente autorizando-o a proceder os pagamentos ordenados pelo Dr. Quain e que deverão ser feitos aí em Carolina. Quanto aos 2:000\$000 a mim destinados determinarei apenas que se indenizassem as despesas havidas depois da morte do dr. Quain com telegramas, cartas e outras diligências guardando o resto para ser aplicado em medidas sobre as quais mandarei instruções. Peço-lhe que converse com o sr. Carlos Dias a respeito e eu conto com a sua cooperação amiga no sentido de nos auxiliar a prestar as últimas homenagens ao dr. Quain.

Espero que o meu telegrama a Carlos Dias tenha resolvido a sua situação difícil junto aos índios.

Peço-lhe igualmente que me remeta, por empréstimo, a carta original que ele lhe escreveu dispondo do dinheiro deixado. É preciso fazer uma fotocópia, afim de que não surjam dúvidas futuras a respeito.

Pedi ao Snr. Carlos Dias que me remetesse todos os papéis e documentos do dr. Quain pela Condor devendo o restante vir com a coleção etnográfica.

Esperando ter breve notícias suas mando-lhe agradecimentos em nome do Museu Nacional e no meu próprio pela sua assistência valiosa em situação tão triste.

Cumprimentos atenciosos

Heloisa Alberto Torres

Diretor

34. De Heloisa para Carlos Dias

M.E.S. – Museu Nacional

Rio de Janeiro, 24/8/1939.

Snr. Carlos Dias

Carolina

Maranhão

Senhor Carlos Dias

Venho agradecer o seu telegrama de 11 bem como a sua carta de 12 do corrente.

Confirmo o meu telegrama de 18 do corrente:

“Muito agradecida carta vossa e de Manoel Perna virgula responderei próximo avião ponto Rogo vossas providências no sentido de remeter-me virgula como encomenda virgula primeiro avião virgula todos os papéis e cadernos do doutor Quain virgula enviando a coleção etnográfica e restante da bagagem via Belém virgula por intermédio Carlos Estevão Museu Goeldi ponto Solicito igualmente obséquio não fornecer dados sobre o doloroso acontecimento à imprensa ponto Depois de entendimento com a Embaixada Americana decidi autorizar pagamento de quinhentos mil réis a Manoel Perna virgula dois contos de réis para os índios vírgula na forma determinada pelo doutor Quain ponto Com os dois contos a mim destinados rogo obséquio proceder ao pagamento das despesas que tem sido aí feitas virgula aguardando o restante para finalidade que exporei próxima carta ponto Os recibos das importâncias pagas deverão ser extraídos em três vias das quais duas virgula devidamente seladas virgula me serão remetidas ponto É indispensável remessa original das cartas dirigidas ao Delegado e a Manoel Perna virgula afim de fazer fotocópias a remeter para América ponto Documentos originais serão devolvidos ponto No caso de se

acharem incluídas no processo virgula peço tirar certidão ponto Atenciosas saudações ponto -----”

Julgo absolutamente necessário que o local de sepultura do dr. Buell Quain fique marcado com exatidão segura. Nesse sentido eu lhe pediria que fizesse seguir para lá pessoa idônea (se possível o Sr. Manoel Perna) que, coadjuvada pelos índios, procedesse a determinação exata do lugar fazendo uma cercadura com o material (pedra, cimento) que fosse mais conveniente de modo a que possa ser identificado em qualquer momento. É provável que a família do dr. Quain queira daqui a alguns anos reaver os despojos mas o que é certo é que o Museu providenciará a ereção de um modesto marco no local em que se acha sepultado o seu corpo.

A cercadura não precisa ser elevada, bastam uns 40 a 50 cms acima do solo mas o indispensável é que ela contorne o recinto em que está depositado o corpo.

Todas as despesas, (material, transporte, gratificações, etc) necessárias à execução desse trabalho correrão por conta dos 2:000\$000 a mim destinados pelo dr. Quain e que se acham em seu poder.

Peço sua interferência para remessa das cartas originais do dr. Quain ao Sr. Perna e ao Delegado.

O frete de transporte da bagagem e coleção etnográfica até Belém, deverá ser pago aí.

Também dessa importância poderá ser pago o transporte pela Condor dos papéis e documentos escritos do dr. Quain.

Quero manifestar a V.S. em nome do Museu Nacional e no meu próprio, gratidão pela sua assistência solicitada em ocasião tão triste.

Aproveito a oportunidade para apresentar a V.S. os meus cumprimentos muito atenciosos.

[sem assinatura]

35. De Manoel Perna para Heloisa

Carolina (Est. Do Maranhão) 25 de Agosto de 1939.

Exma. D. Heloisa Alberto Torres

Rio de Janeiro

Atenciosas saudações.

Confirmo minha primeira carta aérea, de 12 do corrente, comunicando-vos a trágica ocorrência do suicídio do inolvidável dr. Buell Quain, remetendo-vos a correspondência de cujo envio me encarregará e , cientificando-vos do depósito do seu espólio científico e individual, em meu poder, conforme a última vontade do referido dr. Buell, em documento autógrafo que possuo.

V. Exc. não se dignou responder-me, entretanto, aqui estou, novamente, para informar-vos de que o Sr. Carlos Dias, da firma Dias & Irmão, desta cidade, mostrou-me longo telegrama vosso com várias determinações referentes, todas, ao cumprimento das últimas vontades do dr. Buell, inclusive o meu autorizado pagamento de 2:500\$ porém, ainda estou por recebe-lo. Em vista disso, e para evitar futuros mal entendidos, devo dizer-vos, sumariamente, que ninguém receberá coisa que sou depositário legal, enquanto não me houverem pago o que me é legalmente devido.

Foi a mim que o dr. Buell confiou, por um documento in extremis já legalizado, tudo o que possuía e de que se fazia acompanhar, neste sertão, inclusive ordem de pagamento sobre Dias & Irmão, representada pelo próprio documento do depósito da quantia de 4:500\$ nessa casa, o qual também me remeteu e está em meu poder. O dinheiro era, por conseguinte, do dr. Buell e Dias & Irmão nem sequer, tinham de ouvir a segundas pessoas, sobre este caso, desde que dúvidas não existissem, como de fato não houve, na realidade do seu suicídio e dos meios legais para resolver isto. Só por delicadeza fiquei também esperando o resultado da consulta que Carlos Dias vos teria feito. Ainda em atenção a V. Exc., se o quiser, poderá agir energicamente, perante o Sr. Carlos Dias.

Aproveito a oportunidade para reiterar-vos o pedido que, estou certo, vos fez o saudoso Dr. Buell, a meu respeito, lembrando-vos o meu humilde nome como digno de ser aproveitado numa missão de Vigilante, Diretor, ou coisa equivalente, perante os índios Krahô dos rios Manoel Alves. Quero contar com a proteção de V. Exc. quando não seja por méritos pessoais, que não possuo, nem pelos serviços prestados a esses índios, desde longos anos, ao menos, em atenção à memória do dr. Buell Quain, que tão generosamente intercedeu perante V. Exc. neste sentido.

Por tudo, muito vos agradece o

Menor Cro. Atz.

Manoel de Sales Perna⁹²

36. De Manoel Perna para Heloisa

Carolina, (Maranhão), 30 de Agosto de 1939.

Exma. d. Heloisa Alberto Torres
Museu Nacional - Rio de Janeiro

Atenciosas saudações,

Confirmo a minha carta de 25 e acuso a vossa de 24 cujos dizeres muito agradeço.

Comunico-vos que, vindo ontem, à minha residência o Inspetor Regional no exercício de Delegado de Polícia – Cap. Ângelo Sampaio, requisitou e fez conduzir todo o espólio científico e particular do malogrado dr. Buell Quain.

O meu pagamento continua sem solução. Quanto aos vossos pedidos, farei o possível para atendê-los.

⁹² No verso da carta há reconhecimento de firma da assinatura de Manoel Perna.

Com especial atenção subscrevo-me

De V. Exc.

amo. e cro.

Manoel de Sales Perna

37. De Manoel Perna para Heloisa

Carolina, 9 de Setembro de 1939.

Exma. Sr.a Dr.a Heloisa Torres

DD. Diretora do Museu Nacional

Rio de Janeiro

Saudações cordiais

Confirmo as minhas duas cartas anteriores, após o recebimento de vossa estimada missiva de 24 do transato, da qual fiquei ciente dos seus dizeres.

Segundo os dizeres que constam as minhas cartas referidas, já deveis estar ciente do que se tem passado, aqui em torno do caso do suicídio do inesquecível amigo Dr. Buell Quain.

Hoje, entretanto, novamente volto a vossa presença com o fim de algo vos esclarecer, relativamente ao assunto já iniciado nas epistolas passadas. O caso andou pela Polícia local acha-se atualmente no Juizado de Direito desta cidade. O Sr. Juiz Interino deste Termo, está de posse de todo o espólio e dinheiro que havia depositado na firma Dias Irmãos desta praça. Segundo telegrama que a referida autoridade recebeu ultimamente, teve ordem de me fazer a entrega da importância que me cabe, cuja bem sabeis, pois desde 18 do mês findo ordenastes pagamento que infelizmente não me foi feito. De sorte que todos os bens do falecido etnólogo americano Dr. Buell Quain, acham-se no Juízo local.

O que me traz mais uma vez a vossa presença é o seguinte: - o dinheiro que já devia me ter sido entregue acha-se em mãos do Juiz, que tem posto algumas dificuldades, demorando assim a entregá-lo a mim. Consoante notícias

que fui informado o espólio que com ele também está, deverá me ser entregue novamente depois da Policia o ter levado de minha casa, sem me deixar recibo nenhum. Mas... com vagar vou levando esse caso, que poderia estar resolvido desde há muito tempo. Se em todos houvesse boa vontade de solucioná-lo com presteza, não mais se falaria em tal assunto.

O Sr. Juiz alega que ainda é necessário fazer requerimentos para a expedição do Termo de Entrega da referida importância, diz ainda que urge mais outros papéis, que segundo advogados locais, não há nenhuma necessidade, diante da comprovação das cartas deixadas pelo saudoso morto, bem como pelas ordens expressas que tendes dado repetidamente.

Fui informado de que talvez segunda-feira possam liquidar tal caso efetuando o pagamento e devolvendo-me o espólio que tem passeado pelas ruas da cidade. Quanto aos outros restos de bagagem do mesmo, que ainda se encontram na aldeia, ainda não tomei nenhuma providência de mandar buscá-los, porque os índios somente dizem entregá-los após serem embolsados do dinheiro que o dr. Quain lhes destinara. Deste modo tão logo receba o dinheiro mandarei dizer aos índios que venham trazer o resto da bagagem para receber as importâncias que lhes cabem. Quando receber a importância ordenada para me ser entregue, vos avisarei por via aérea.

Com referência as interrogações que formulais no final de vossa carta aludida, tenho a vos dizer, que ele não estava doente fisicamente, de nenhum mal que transpirasse cuidado. Não sofria também moléstia contagiosa. O que andou divulgando pelas suas cartas, parece mais uma confusão cerebral, devido à fraqueza de seu estado sanitário, em ter deixado de se alimentar e dormido pouco, de há muitos dias, até o dia do sinistro. Porque inegavelmente o que bem contribuiu foram as notícias que correm de questões familiares, desgostos com a sua senhora e talvez genitores. Por conseguinte nenhuma desconfiança ou suspeita poderemos ter sobre o assunto, pois pouco tempo antes da sua trágica medida, aqui estive conosco sem nada demonstrar. Acho portanto não existir nenhum fundamento na sua divulgação de sofrer moléstia contagiosa.

Aliás, segundo esclareceu para diversas pessoas, uma índia Tapirapé⁹³, que nesses poucos dias esteve hospedada comigo, e mesmo consoante uma palestra que ela entreteve com ele, os motivos eram unicamente produzidos por cartas que recebera de sua terra. Disse ela que ele lhe afirmara que se sentia mal, viver mais. Voltar aqui para Carolina seria impossível pois onde havia estado com grande conceito e acatamento, chegar (supondo que o povo soubesse das particularidades de seu caso) com que cara? Não, morreria no caminho seria melhor.

Antes de morrer mostrou para alguns índios, de que havia estado doente muito grave, não tendo certeza do local, e descobrindo o tórax exibiu uma grande cissura no abdômen para o peito. Disse ele que havia sido uma moléstia horrível e que somente havia ficado bom depois de ter sido atacado com fortes febres. Mas... como agora vira que a febre não viria, iria suicidar-se logo para morrer mais apressadamente.

Junto a esta estou remetendo as cartas que pediu para enviar sem demora. Deixei de mandá-las logo porque estavam ainda ocupadas nos processos da Polícia e no Juízo. Mas... agora vo-las mando devidamente legalizadas com firma reconhecida. E confio de que após satisfazer a finalidade desejada, possais me as devolver.

Sendo o que tenho a dizer por esta oportunidade, aqui fico esperando vossas notícias, e pondo-me sempre às vossas ordens,

O amo. Cdro. Odro.

Manoel de Sales Perna

Endereço:
Manoel de Sales Perna
Alameda Getúlio Vargas
Via aérea Condor ou
Via aérea Militar – Rota do Tocantis

⁹³ Em cima da palavra estava escrito com caneta “Caraou” [Krahô].

CAROLINA --- MARANHÃO

Aqui fico esperando vossa resposta.

38. De Heloisa para Manoel Perna

M.E.S.P. – Museu Nacional
Rio, 8 de Novembro de 1939.

Sr. Manoel Perna,

Recebi suas cartas de 30 de Agosto, 9, 13 e 16 de Setembro.

Não respondi há mais tempo porque não tinha, na ocasião, elementos materiais que me permitissem resolver o caso, arcando eu somente com a responsabilidade de dar cumprimento às últimas disposições do Dr. Quain.

Peço que me responda, por telegrama, às perguntas seguintes:

- a) foram-lhe entregue os 500\$000 que o Dr. Quain lhe destinava na carta de 2 de Agosto?
- b) foram entregues a quem quer que seja os 2:000\$000 destinados aos índios, pela mesma pessoa, na referida carta?
- c) Foi despachado para S. Luís o espólio do Dr. Quain? Com destino a quem? Por que vapor? Em que data?

No caso de não lhe terem sido entregues os 500\$000, eu lhos remeterei imediatamente por ordem telegráfica e peço-lhe que, uma vez recebidos, o Sr. me mande, devidamente seladas e assinadas, as três vias do recibo que junto a esta remeto.

Quanto aos 2:000\$000, também remeterei, mas é preciso que me sejam enviados documentos que comprovam que a importância foi aplicada ao fim a que o Dr. Quain a destinava. Duas pessoas poderão atestar a aplicação do dinheiro, na nota do recibo (o Delegado de Polícia e o Sr. Carlos Dias).

Peço que seja tomada essa medida, não por motivo de desconfiança mas como salvaguarda da sua responsabilidade pessoal e garantia para mim quando tentar reaver a importância que estou adiantando, por ocasião da abertura do inventário do Dr. Quain. É preciso também que me remetam comprovação de que Manoel Job entregou aos índios as três cabeças de gado a que o Dr. Quain se refere na carta, acima mencionada.

Penso que por esse meio fica resolvida toda a sua situação pessoal e com relação aos índios. Faça-se a entrega do dinheiro a estes exatamente nas condições em que o Dr. Quain determinou.

Chamo a sua atenção e a dos demais amigos aí de Carolina para o fato que estou respondendo perante a Embaixada Americana, a Universidade de Columbia e a família do Dr. Quain e quero que a situação fique perfeitamente esclarecida.

Seria possível conseguir o bilhete que o Dr. Quain escreveu ao tal fazendeiro Balduino?

Recebi o original do bilhete que o Dr. Quain lhe escreveu. Muito obrigada. Ele lhe será devolvido com segurança brevemente.

Desejo igualmente saber em quanto importará a ida à aldeia de uma pessoa que tome as seguintes providências:

1. recolher tudo quanto era de propriedade do Dr. Quain e que lá ficara;
2. fotografar a casa em que ele morava lá, interior e exteriormente;
3. fotografar o local em que ele está sepultado, o aspecto do lugar, a árvore em que morreu;
4. marcar de maneira segura o contorno de sua sepultura e indicar o lado em que se encontra a cabeça.

É provável que a gente da Fazenda Serrinha possa dar informações seguras.

A mãe do Dr. Quain tem me escrito sempre e quer saber de todas as minúcias e de todos os objetos que pertenciam ao filho. Por infelicidade ela veio

a saber como se passou o caso, de forma que não há mais a preocupação de esconder-lhe o que quer que seja.

O Sr. Carlos Dias, a quem estou escrevendo por este mesmo correio, indenizará as despesas de telegrama e carta.

Aproveito a oportunidade para apresentar-lhe os meus cumprimentos muito atenciosos.

39. De Manoel Perna para Heloisa

Carolina, 27 de Novembro de 1939.

Exma. Sra. D.

Heloisa Alberto Torres

Museu Nacional

RIO DE JANEIRO

Prezada e ilustre senhora

Saudações cordiais

Confirmo as minhas cartas anteriores remetidas há vários dias, até hoje sem notícia de seu recebimento aí.

Desejo saber se v. s. recebeu as cartas que remeti para a senhora tirar fotografia e depois devolver como também as outras posteriores.

Agora há pouco estiveram novamente nesta cidade os índios lá da aldeia onde estive o saudoso Dr. Buell Quain, trazendo outros objetos típicos de suas tribos. Aqui chegando demoraram-se muito em minha casa desejando que lhes desse agora sem falta o dinheiro prometido pelo dr. Quain. Fiz-lhes ver que nada ainda havia recebido, e que toda a promessa feita por ele de deixar esse dinheiro ainda estava sem solução pois aqui não tinham sido embolsado de importância alguma. Mas... os aborígenes parece que não compreendem bem e ficam a amolar bastante, exigindo o dinheiro e que não tenho mais meios para desenrascar tal caso. Deste modo mais uma vez venho solicitar a sua interferência para isto ser logo resolvido afim de que esses índios possam me

deixar em paz. Tem sido importunos por demais. Os objetos que agora trouxeram e que estão em meu poder são também destinados ao Museu.

Confiado de que possa ter em breve alguma resposta e ainda crente de que tomará todo interesse para solucionar tal caso firmo-me com atenção e respeito.

Amo. Cdto. Obgro.

Manoel de Sales Perna

40. De Heloisa para Manoel Perna⁹⁴

M.E.S. – Museu Nacional

Rio de Janeiro, 17/1/1940.

Snr. Manoel Perna,

Carolina.

Maranhão

Sr. Manoel Perna.

Recebi seu telegrama de 17 e suas cartas de 20 e 27.

Remeti pelo Banco do Brasil dois contos e quinhentos mil réis para pagamentos na forma em que o dr. Quain determinou ao Sr. e aos Índios.

Peço-lhe que me mande os recibos nos termos que remeti ao Sr.

Mande-me também por intermédio do Snr. Carlos Dias as coisas que estão em seu poder e que pertenciam ao dr. Quain. Quanto à ida à Aldeia teremos que aguardar um pouco pois só depois de receber meus vencimentos de Janeiro poderei dispor da importância necessária. Infelizmente não tenho fortuna e as minhas economias eu as estou aplicando para a solução do caso aí no Maranhão.

A mãe do dr. Quain como é natural, está na maior ansiedade para receber as coisas do filho.

⁹⁴ Junto a essa carta há uma cópia da carta enviada ao Procurador Regional da República.

O meu advogado determina que para poder mais facilmente pleitear a devolução da importância de dois contos e quinhentos eu faça a remessa diretamente ao Senhor e pelo Banco do Brasil.

Desejando-lhe um ano de 1940 cheio de felicidades, aproveito a oportunidade para apresentar-lhe os meus cumprimentos muito atenciosos.

Heloisa Alberto Torres
Diretor

41. De Manoel Perna para Heloisa

Carolina, 25 de Março de 1940.

VIA AÉREA CONDOR
Sah- 26/3/1940
M.S.P.

Exma. Sra. Dra.
HELOISA ALBERTO TORRES
DD. Diretora do Museu Nacional
RIO DE JANEIRO

Saudações afetuosas

Acuso em meu poder a sua delicada e atenciosa carta de 17 de janeiro do ano corrente, que ciente dos seus dizeres passo a responder.

De acordo as instruções contidas em sua missiva, estou agora, enviando-lhe justamente a esta os recibos e comprovantes, da aplicação do dinheiro deixado pelo dr. Buell Quain, destinados aos Índios Krahô, sob a minha responsabilidade.

Conforme poderá V. S. verificar na demonstração de Contas e recibos juntos, a importância dos dois contos de réis – 2:000\$000 – foi integralmente despedida, segundo seus anseios.

Comprei o forno e tacho de cobre, e também fumo, sal e alguns mantimentos, passando aos Índios o restante da importância de conformidade, o recibo que vai assinado por índio a rogo do Chefe da Tribo que é analfabeto.

Acompanham a presente os seguintes documentos: - um maço de recibos do correio e telégrafo, das despesas feitas nessas repartições; uma demonstração geral da aplicação do dinheiro; o recibo do Chefe da Aldeia; recibos da firma Ayres & Maranhão, relativo ao tacho e forno de cobre; nota da Casa Azevedo – do sal que lhe comprei e um de Belarmino Correia, do frete que lhe paguei para ir buscar o restante de bagagem deixado na Aldeia pelo saudoso Dr. Quain.

Com referência ao recibo do dinheiro e objetos dos Índios mandei reconhecer a firma das pessoas que testemunharam a entrega para maior regularidade do serviço e menor responsabilidade do meu ato.

Quanto ao serviço das fotografias no local do sinistro, fico ainda aguardando as suas instruções para tomar as devidas providências a respeito.

Quero ainda, antes de terminar esta, cientificar-lhe que as despesas que tenho feito com os Índios tem sido grandes. O dinheiro deixado, para fazer as compras e entrega do restante não foi suficiente, pois tenho dado ainda da minha parte, porque quando eles vem querem por tudo dinheiro. E agora quando vieram receber essas encomendas, estiveram na minha casa 48 silvícolas, podendo a ilustre dama saber a despesa e os incômodos extraordinários que sempre dão. Todavia continuo aqui a fazer o possível pelos mesmos esperando sempre que possa ser auxiliado pelo serviço de Proteção aos Índios, na sua maior parte aplicado indiretamente aos mesmos. Confio assim que juntamente a esse Departamento possa ainda algo conseguir para os mesmos, como também alguma função para minha pessoa, que vive desde a plenitude da vida, entregue a essa tarefa espinhosa. Acho que não será desarrazoada a minha sugestão, pois está patente que o meu trabalho e a minha luta com os aborígenes, que me reconhecem na cidade como seu Chefe, possa ser um dia melhor tributada. Desde há muitos lustros venho dispensando

esforços e trabalhando sempre pela sua civilização e procurando mesmo disseminar entre os mesmos a instrução mesmo em grau muito rudimentar, pois as minhas posses são exíguas e quase nada posso fazer. Entretanto confiado que poderá a digníssima diretora do Museu Nacional, que já me conhece ao menos através desse caso, possa também ter algum interesse pela causa nobre e elevada por que há tanto tempo venho empenhado.

Com os protestos de elevada estima e alta consideração, subscrevo-me amigo, crdo. obgro.

Manoel S. Perna

[Na lateral da carta]

EM TEMPO – Com referência ao seu pedido da remessa do bilhete no qual ele pedia ferramenta para o sepultamento do seu corpo, deixo de enviar.

NOTA – A bagagem restante do dr. Quain, em meu poder atualmente, será entregue agora ao sr. Delegado de Polícia local.

42. De Heloisa para Manoel Perna

M.E.S. – Museu Nacional

Rio de Janeiro, 12/8/1940.

Ilmº Sr. Manoel Perna
Avenida Getúlio Vargas
Carolina – Maranhão
Sr. Manoel Perna

Recebi por intermédio do dr. Raimundo Maranhão Anes, a sua carta de 29 de Abril.

Também me chegaram à mãos os recibos que o Sr. me enviara referentes à aplicação do dinheiro deixado pelo Dr. Buell Quain, importância que eu adiantei até que se resolva o caso com o Tesouro do Estado. Muito obrigada.

Penso que agora podemos cuidar de mandar uma pessoa à aldeia buscar quaisquer objetos que tenham pertencido ao dr. Quain e que por ventura ainda estejam guardados lá. Com essa mesma pessoa poderá viajar alguém que fotografará interna e externamente a casa em que ele morou. Ao passarem no local em que foi sepultado e depois de verificação precisa do lugar, deverá ser cercada com tijolos a sepultura e colocada uma cruz na cabeceira. É preciso fotografar também a árvore em que ele morreu.

Provavelmente um funcionário do Museu irá ainda antes do tempo das chuvas a Carolina e que quero que ele encontre tudo em ordem.

Na sua carta de 20 de dezembro o sr. me diz que arranjou um fotógrafo e uma outra pessoa de confiança que farão os serviços acima mencionados por 350\$000 e 200\$000, respectivamente.

Queixam-se de que teriam que viajar com chuva. Agora essa razão não existe; a importância de que disponho aí em Carolina, em mãos da firma Dias & Irmãos é de 500\$000 que eu havia remetido para pagar frete da bagagem, importância essa que não foi aplicada por se ter disposto de modo diferente para o transporte dos volumes do dr. Quain.

Eu desejo que os pagamentos a fazer se enquadrem dentro dessa importância. Para mim, seria impossível fazer mais remessa de dinheiro pois estou sobrecarregada com encargos de moléstia em duas pessoas da família. Penso aliás, que o preço de 500\$000 é mais que razoável para o serviço. Peço que me escreva logo uma palavrinha a respeito afim de que eu telegrafe a Dias & Irmãos autorizando-os a lhe fazerem a entrega da importância.

A máquina de escrever do dr. Buell Quain não veio com a bagagem. Falta também a caneta tinteiro.

Espero uma resposta sua para deliberar quanto a remessa dos objetos que vierem da aldeia e mais alguns de propriedade do dr. Quain que o sr. me escreveu há tempos que tinha em suas mãos.

Cumprimentos atenciosos

Heloisa Alberto Torres

43. De Manoel Perna para Heloisa

Carolina, 17 de Agosto de 1940.

Excma. Sra. D. Heloisa A Torres

RIO

Tenho a satisfação de acusar o recebimento de sua atenciosa carta de 12 do corrente, de cujos dizeres fico ciente e agradecido. Com relação ao que me fala sobre o nosso querido e saudoso amigo Dr. Buell passo a dar-lhe as seguintes informações:

Logo que recebi a sua carta procurei o Capitão Ângelo Sampaio delegado de polícia local, e pedi-lhe notícias da máquina de escrever e da caneta tinteiro que pertenceram àquele falecido engenheiro.

Disse-me ele que esses objetos seguiram para Belém, aos cuidados do aviador militar, Tenente Geovanine, tendo ido a caneta dentro da mala de papéis.

Quanto a outras coisas pertencentes a ele creio que não existe mais nada por cá a não ser uns enfeites de pena e embira, maracás, etc. aqui em minha casa, e um outro objeto grande de embira lá na aldeia, que segundo me informaram os índios, é até difícil de trazer em costa de muares sem estragá-lo ou deformá-lo. Eu mesmo não sei como é esse adorno, pois, não o vi ainda, e os próprios não o sabem descrever.

Infelizmente não se acham aqui agora o fotógrafo, Manoel Rocha, nem o Sr. Balduino Correia que se propôs a fazer o cercado da sepultura do referido Dr. Buell. Até o fim deste, porém, os espero, e, logo que cheguem, procurarei me entender com eles sobre os respectivos serviços.

É possível que o fotógrafo deixe por Rs. 300\$000 as fotografias dos lugares, casa, etc. que a senhora menciona, pois agora estamos no verão e não há chuvas para dificultar o trânsito.

Entretanto o cercado da sepultura só poderá ser feito de madeira, em virtude da distância que é de cerca de 100 kms, tornando-se muitíssimo caro o transporte, para lá, de cal e de tijolos de alvenaria.

O Sr. Correia promete fazer um serviço bem acabado, de madeira de lei, com uma cruz na cabeceira, que, por 200\$000, acho bem razoável.

Sendo assim penso que a senhora deve ordenar aos senhores Dias, Irmãos para me entregarem os Rs. 500\$000, caso eu consiga os referidos serviços pela forma e preços acima mencionados e os mesmos mereçam ainda a sua aprovação.

Existem entretanto ainda uma pequena dificuldade a ser resolvida: Não só o fotógrafo, como o Sr. Correia, exigem a minha companhia na viagem à aldeia, alegando não se confiarem nos índios. Não ponho dúvida em acompanhá-los, mas, como a senhora sabe, sou um pai de família numerosa, não posso abandonar os meus afazeres por muitos dias sem um interesse. Não lhe dou preço da minha viagem, apenas me ponho ao seu inteiro dispor e quanto ao pagamento a senhora fará o que achar de justiça. Não é insinuação, porém, acredito mesmo que com a presença de um interessado tudo sairá melhor.

Fico, pois, aguardando suas novas e acatadas ordens para dar início às obras em apreço.

Outrossim, caso não lhe interesse ficar com a última carta que o Dr. Buell me endereçou, dando suas determinações finais, e que eu lhe enviei a título de empréstimo, queira devolver-me pelo correio aéreo Condor que muito lhe agradecerei.

Sendo isso o que tenho a tratar, subscrevo-me com muito apreço.

De V. Exca.

Cro. Atto. E Admirador Manoel de Sales Perna

44. De Manoel Perna para Heloisa

Carolina, 31 de Agosto de 1940.

Excma. Sra. D. Heloisa Torres
Cordiais saudações

Cumprindo o meu dever, tem esta como principal e único objetivo, levar ao vosso conhecimento, do Dr. Othon Leonardo e autoridades competentes para as necessárias providências, uma notícia triste e sobre –

OS ÍNDIOS KRAHÔ CHACINADOS POR FAZENDEIROS DO MUNICÍPIO DE PEDRO-AFONSO – EST. DE GOIÁS

Ao amanhecer de Domingo, 25 de Agosto corrente, os índios Krahô da Aldeia Cabeceira Grossa (Kapêrkô) foram atacados pelos fazendeiros vizinhos José Santiago e João Gomes, à frente de 11 (onze) homens armados a rifle, do que resultou ficarem mortos os índios:

- O chefe-Cap. Luiz Balbino (Tébiêt)
- O velho Papamel (Kupen-Tuk)
- A índia Prapó, mulher de José Pinto (Krató)
- Um filhinho desta, ao peito.
- Outro filho maior, esfaqueado.

Ferido: - O velho Fernando, com um antebraço quebrado por bala 44.

Aqui está em Carolina, em minha casa, uma embaixada Krahô composta de cinco índios corridos, que vieram implorar providências. Eles afirmam que os seus companheiros estão amalocados num vão de serra próximo, famintos porque abandonaram suas roças que ficaram em redor da aldeia.

Viram, de um esconderijo, os atacantes varejarem depois, suas casas e delas levarem toda a ferramenta de lavoura que possuíam e outros objetos de valor, como sejam um tacho grande de cobre, tudo oferta do saudoso amigo Dr. Buell Quain quando ali esteve em 1939. Viram também os atacantes matarem toda a criação da aldeia – porcos e galinhas que ficaram extintos.

Lamentam acima de tudo, a fome a que estão expostos os seus companheiros, no mato, sem arcos, flechas, ou ao menos uma faca.

Fica assim dada a verdadeira informação e certos de que o governo tome as justas e necessárias providências, por seu intermédio os índios Krahô enviam os mais sinceros agradecimentos.

Sem outro motivo para hoje, firmo-me com elevado apreço.

De V. Exca.

Criado e Admirador

Manoel de Salles Perna

Em tempo.

Fineza mostrar esta ao Dr. Othon Leonardo.

45. De Manoel Perna para Heloisa

Carolina, 30 de Dezembro de 1940.

Excma. Sra. D. Heloisa Torres

Cordiais saudações

Rio de Janeiro

Por intermédio destas linhas, venho trazer-lhe o testemunho da minha gratidão eterna, pelo muito que a senhora tem feito em meu benefício. Venho apresentar-lhe os meus mais sinceros agradecimentos pelo interesse e pelas considerações que a senhora tem dispensado a este humilde sertanejo, obscuro e sem valor.

Estou cientificado das recomendações feitas aos capitães Masolene e H. Diniz a meu respeito, para as quais eu não encontro frases que possam traduzir a minha verdadeira gratidão.

Por parte dos capitães Masolene e Diniz, tenho sido alvo das maiores considerações e já conto na pessoa de ambos os dois amigos verdadeiros.

Estou hoje investido das honrosas funções de encarregado do Posto Indígena Manoel da Nóbrega e este triunfo devo em grande parte à senhora, pois sei o quanto D. Heloisa trabalhou para esse objetivo, e, aqui mesmo de longe eu tenho a grata satisfação de oferecer-lhe na medida das minhas forças, os meus humildes préstimos.

Aproveito a oportunidade para lhe felicitar pela entrada do novo ano, fazendo votos a Deus para que o 1941 lhe seja repleto de felicidade e venturas mil.

Sem outro motivo para hoje, firmo-me com elevado apreço.

De V. Exca.
Amo. E Admirador
Manoel de Sales Perna
Enc. do Posto Manoel da Nóbrega

46. De Manoel Perna para Heloisa

Carolina, 26 de Setembro de 1941.

Dr^a Heloisa Alberto Torres

Diretora do Museu Nacional

Rio de Janeiro

Distinta Srta.

Por esta apresento-vos o meu bom amigo sr. Justino Aires de Medeiros, residente, nesta cidade, tio de Raimundo Maranhão Aires e como este, é também membro da “Casa Humberto de Campos”.

Vai pela primeira vez a grande metrópole acompanhado da família.

Justino Medeiros é bem conhecedor de zona ocupada pelos Krahô e bem poderá dar explicações a tal respeito.

Aproveitando o ensejo tenho a informar-vos que de New York recebi carta da mãe do saudoso Dr. Buell Quain, pedindo científicasse-lhe o que sabia sobre a morte do filho. Respondi-lhe circunstanciadamente que houve de fato o suicídio.

As. Manoel Sales Perna

47. De Manoel Perna para Heloisa

Carolina, 24 de Agosto de 1942.

Excma. Sr.a D. Heloisa Torres
Membro do C.N.P.I.

Rio

Prezada snr.

Levo ao vosso conhecimento que a 19 do corrente fui dispensado sumariamente do encargo de encarregado do Posto “Manoel da Nóbrega”, por ato do Sr. Cildo Meireles que responde pelo expediente da inspetoria de Goiás.

Na minha gestão procurei sempre corresponder a expectativa do S.P.I., cumprindo ordens e zelando pelo bem estar da tribo dos Krahô, etc. e, se houve qualquer falta nas minhas atribuições foi motivado por imprevistos que embaraçam a boa marcha dos empreendimentos, especialmente no Posto em apreço que tem apenas um ano e tanto de fundação.

Estão de parabéns os urdidores do crime aos índios, os que gratuitamente se indispuseram com a minha investidura no Posto constituindo um entrave a seus planos de perseguição e os que pretendem aproveitar-se dos trabalhos e propriedade dos pobres silvícolas.

Continuo a merecer dos Krahô o mesmo acatamento de antes, e a prova cabal disso é terem se manifestado contristados com o meu afastamento do

cargo e aqui transcrevo textualmente a satisfação que me deram: “Não foi índio que lhe rebaixou, você amigo, parente de antiga, tão bom p’ra nós.” E o Major Chiquinho, chefe da Cabeceira Grossa adiantou mais o seguinte: Não se zangue Mané Perna, quero que você receba em seu casa eu e meu povo e faça compra em Carolina de tudo que cabôco precisar. Ofereço também meu égua para você não voltá a pé p’rá Carolina, pois o homem (referindo-se ao inspetor) não lhe deu o burro do Posto.

Diante do exposto é natural que ainda venham surgir comentários, desconfiança e até mesmo queixas contra mim, dada a intimidade que dispunha para com os índios desde minha mocidade, e absolutamente não me recusarei a prestar-lhes o meu concurso, caso seja procurado.

Aproveito a oportunidade para agradecer-lhe o muito que se interessou por mim e aqui neste longínquo sertão do Maranhão, ao vosso inteiro e franco dispor, fica o menor

Cre. e Amo.

Manoel de Sales Perna

[Na lateral da carta] Vai junto cópia da carta dirigida dr. Estigarribia Terra

Carolina, 24 de Agosto de 1942.

Ilmo. Sr. Dr. A. M. V. Estigarribia
Chefe da 2ª Seção do S.P.I.
Rio de Janeiro

Prezado senhor,

Acabo de chegar da Aldeia Cabeceira Grossa, aonde a 19 do corrente fui dispensado encargo de Encarregador do Posto “Manoel da Nóbrega” por ato do Sr. Cildo Meireles que responde pela expediente da inspetoria do S.P.I. de Goiás.

Senti profundamente a atitude D'aquêle senhor, dada a minha maneira de agir e meu interesse pelo serviço, mas ao mesmo tempo fiquei agradecido por haver tirado as grandes responsabilidades que pesavam sobre os meus ombros. O meu afastamento foi sumário e sem comentários, não dando o sr. Cildo importância as ponderações e nem cogitado da possibilidade de concluir-se dentro do corrente ano, as obras já iniciadas.

Com as costumeiras intrigas, inveja e ambição de empregos de alguns habitantes de Pedro Afonso e Itacajá, eu já estava certo que o Sr. Inspetor vinha com os seus planos traçados e não os modificaria absolutamente, haja o exemplo de ter demitido também todos os trabalhadores do Posto, ali residentes com as suas famílias. Ademais declarou o sr. Meireles que a recomendação do sr. Diretor do S.P.I. é que nas inspeções, deixe-se o coração cinco léguas distante do Posto.

Convém adiantar que quando o sr. Cildo chegou em Pedro Afonso eu ainda estava em Carolina aguardando a chegada das folhas de pagamento e do numerário que vem sempre por intermédio do Banco e mesmo porque não recebi aviso da vinda dessa autoridade, a não ser depois que o mesmo estava em Pedro Afonso.

Apesar de arredado do Posto, julgo ainda do meu dever esclarecer-vos o seguinte:

Da inspeção feita pelo Dr. Araújo Góis, em fins de 1941, cogitou-se das providências para a demarcação dos terrenos do patrimônio dos índios Krahô, apelando-se para a intervenção de terceiro, pessoa habilitada e conhecedora da zona, afim de organizar-se o mapa ou croquis. Acontece que conversando agora com o Sr. Cildo Meireles, fiquei inteirado do logro em que caiu o Dr. Góis, não contemplando no croquis o maior aldeamento Cabeceira Grossa, sede do Posto "Manoel da Nóbrega", deixando-o por fora da área solicitada pela diretoria do S.P.I. ao sr. Interventor de Goiás.

Dado o interesse do perito, manifestado desde o início, e ultimamente a pregação insistente do mesmo aos índios para a mudança do posto e aldeia para

outro local indicado, desconfio que foi proposital não inclusão da Cabeceira Grossa na faixa de terras reservada ao patrimônio da tribo Krahô e que passou despercebido ao Dr. Góis. Merece portanto, por parte do S.P.I. todo o cuidado afim de que o mesmo não fique ludibriado e em consequência do que não venham surgir futuros atritos entre índios e civilizados. De já asseguro que os índios não se convencerão da vantagem da muda, especialmente agora que têm as suas casas construídas de novo.

Desta minha assertiva, podeis fazer o uso que convier.

Peço-vos remeterdes minha quitação militar com os documentos anexos, bem assim a do trabalhador Belarmino Correia.

Sem outro nativo, firmo-me.

Atenciosamente. De V. S. Amo. Cr.

Manoel de Sales Perna

2

Cartas do campo: Charles Wagley

Charles Wagley tinha vinte e cinco anos quando chegou ao Brasil, em 1939, mesmo ano em que conheceu Heloisa Alberto Torres, então diretora do Museu Nacional, que contava quarenta e quatro anos. Alfred Métraux, que veio dos Estados Unidos no mesmo navio que trouxe Wagley, anotou em seu diário sua impressão ao reencontrá-la: *Elle n'a guère changé, c'est tout juste si elle a épaissi et blanchi. Ses cheveux blancs sont teints en bleu.*⁹⁵ As fotos de Heloisa, na época, a mostram como uma senhora de meia idade, sobriamente vestida; as de Wagley, quase como um adolescente, muito magro, no cenário de sua primeira pesquisa no país: ele parece frágil, ela parece ter os pés firmemente plantados no chão. Impressão confirmada, no caso dela, por vários testemunhos de contemporâneos⁹⁶, no caso dele, por outra frase de Métraux: *Je m'aperçois que Wagley est impressionable et facile à démonter. Je le plains sincèrement.*⁹⁷



(Acervo CCHAT)

⁹⁵ *Ela quase não mudou, engordou e branqueou um pouco. Seus cabelos brancos são tingidos de azul.* A. Métraux, *Itinéraires* 1, p.41.

⁹⁶ Roberto Cardoso de Oliveira, Ana Maria Galano e Luiz de Castro Faria, entre outros, evocaram a imagem de Heloisa como uma senhora que pisava firme no chão do Museu, anunciando sua chegada – imagem que Ana contrastava com suas ‘blusinhas de organdi com botões de madrepérola’. Nas cartas que enviou para sua mãe, quando fez uma excursão à Ilha de Marajó, no início dos anos trinta, Heloisa descrevia as roupas que tinha mandado fazer, ou as que usava em festas e ocasiões especiais, como jantares e homenagens que recebeu no Pará.

⁹⁷ *Percebo que Wagley é impressionável e fácil de desmontar. Lamento sinceramente por ele.* *Itinéraires*, p.40.

A correspondência entre Heloisa e Wagley é um bom exemplo de desmistificação da viagem antropológica: durante muito tempo romantizada, por só aparecer em seu resultado final (“Imagine yourself...”, dizia Malinowski, responsável, no entanto, pelo início dessa desmistificação com a publicação de seu diário), ela é aqui sempre árdua (*hard* sendo um adjetivo recorrente nessas cartas).⁹⁸ E, como no caso do diário de Malinowski, as cartas são também o registro da formação de um pesquisador, documento da transformação de um jovem tímido num homem seguro depois de sua passagem pelo campo.

Este conjunto de cartas é parte de um mosaico maior, por sua vez parte de nossa história disciplinar, no qual entram outras cartas de Wagley (entre ele e Eduardo Galvão; entre ele e Thales de Azevedo) e outras cartas de Heloisa (entre ela e Buell Quain, entre ela e Carl Withers).⁹⁹ As cartas de ambos mostram o quão antigo era o plano de estabelecer um centro de pesquisas etnológicas de qualidade, com pessoas recebendo boa formação, com ênfase na lingüística, no Museu Nacional. E o quão ingênuos ambos parecem, hoje, à distância, tentando dar soluções pontuais para problemas institucionais estruturais – como o treinamento de estudantes brasileiros no exterior ou a contratação de antropólogos profissionais para o Museu. Mostram, também, detalhes da vida acadêmica norte-americana e a sua influência no início da história profissional da antropologia no Brasil – como se forma um jovem professor, as horas e horas de preparação de aulas, a escrita de textos sobre sua pesquisa que é preciso publicar, e o quanto os livros eram objetos de valor, difíceis de comprar e difíceis de fazer chegar ao seu destino na época: isto é, como a circulação das idéias antropológicas era lenta. Mostra os riscos que os

⁹⁸ Ver também Castro Faria, desestabilizando o mistério e o romantismo da viagem de Lévi-Strauss, em *Um outro olhar*.

⁹⁹ A correspondência de Heloisa com Withers parece ter sido a mais rica em cartas suas: nas cinquenta cartas dele guardadas na pasta da CCHAT, trinta e nove tem a anotação “respondida” e a data da resposta. No entanto, ao contrário das trocas de cartas aqui reproduzidas, a pasta não conta com nenhuma cópia das cartas dela para ele. As cartas de Wagley aqui transcritas, menos oito, são todas datilografadas, em inglês; as de Heloisa, menos três, são todas manuscritas – quatro delas em português. As de Cecília Wagley são todas manuscritas, em português. Wagley assinava quase sempre com seu apelido - Chuck .

materiais antropológicos, raros (desenhos, objetos da cultura material dos índios, fotografias, máquinas fotográficas, máquinas de escrever, gravadores), corriam, viajando precariamente entre o campo e o Museu, e precariamente entre o Brasil e os Estados Unidos, para identificação, classificação - ou devolução - e precariamente na volta. E de quanto o trabalho etnográfico dependia (depende) de pessoas de boa vontade, numa linha pontilhada de amigos, de parceiros, de camaradas, de cúmplices que acompanhavam o antropólogo e o ajudavam a chegar ao seu destino, e a voltar. As cartas são ainda um mapa dos antropólogos americanos envolvidos com a história da antropologia brasileira, dos quais Charles Wagley foi uma espécie de mentor, e um índice da globalização da disciplina, antes que essa palavra adquirisse o sentido que tem hoje: elas apontam para as relações entre os antropólogos que circulavam no eixo Paris/Nova York/Rio de Janeiro – e nas instituições nas quais estavam baseados (universidades, museus, agências de financiamento, organismos internacionais) – oferecendo pistas para a melhor compreensão dessas relações.¹⁰⁰ E mostram, finalmente, a posição firme de Heloisa Alberto Torres na defesa do Museu Nacional como território privilegiado da etnologia brasileira: sua idade e posição funcional parecem ter contribuído para matizar uma pressuposta dependência do Brasil em relação aos Estados Unidos – o que fica explícito na carta 32, por exemplo, e nos apêndices que a documentam.¹⁰¹

O fato de ambos escreverem em inglês, durante a maior parte do tempo, torna também difícil lidar com algumas palavras como “dear” e “love”: traduzi “dear”, na primeira parte da correspondência por “cara”, já que, no caso de

¹⁰⁰ Há muitas referências a Charles Wagley nos documentos de época: ver, por exemplo, os diários de Métraux e a correspondência entre ele e Pierre Verger. Alfred Métraux, Pierre Verger. *Le pied à l'étrier*. Correspondance. 1946 –1963. Présenté et annoté par Jean-Pierre Le Boulter. Paris. Jean Michel Place, 1994. Wagley atribuía a Métraux, a quem conheceu nos Estados Unidos, sua decisão de vir pesquisar no Brasil. Ver também *Diários de campo*, de Eduardo Galvão, edição e organização de Marco Antonio Gonçalves. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Museu do Índio, 1996.

¹⁰¹ Não deixa de ser irônico que fosse uma mulher a contrariar alguns dos desígnios de Boas no Brasil: Hilary Lapsley comenta que apesar de seu conhecido apoio a estudantes do sexo feminino, ele *favorecia os homens quando fazia recomendações para empregos e confiava na boa vontade das mulheres em trabalhar por pouca ou nenhuma remuneração*. Hilary Lapsley, *Margaret Mead and Ruth Benedict*.

Wagley, a expressão vem seguida de um respeitoso “D. Heloisa” e não há cartas de Heloisa dentre as primeiras oito cartas – as notícias que dela aparecem aí são indiretas: tomando as providências necessárias para que o trabalho dê certo - no contexto do primeiro momento do trabalho de campo de Wagley entre os Tapirapé, que culminou com um ataque de malária e a volta ao Rio, a chamado de Heloisa, logo depois do suicídio de Buell Quain. Essa tragédia certamente os tornou mais próximos e parece ter criado também uma grande ansiedade em Heloisa a respeito da segurança de Wagley no campo – de fato, a partir daí ele está quase sempre acompanhado por alguém de fora da aldeia, entre os índios.¹⁰² Wagley omite o “Dona” ao partir de volta para o campo, ainda em São Paulo, e encerra as cartas com a expressão “love”, como faz Heloisa. Por isso, a partir daí traduzi “dear” por “querida/querido” e mantive “amor” no final das cartas. Quando escreve em português ela alterna “caro/querido”. Mas creio que é uma frase jocosa de Wagley a que melhor exprime o tom dessa correspondência: *Suas caixas chegaram em todos os dias de correio. Elas aquecem meu coração e enchem meu estômago*. Essa jocosidade vai aparecer também em outras cartas, particularmente na correspondência entre Wagley e Galvão. Wagley estava, de fato, na inteira, ou quase, dependência de Heloisa para obter tudo o de que precisava no campo – desde suas roupas, passando pelos alimentos e pelas providências para ir e vir num país estranho (os passes ferroviários, o uso dos aviões da FAB, o envio das bagagens), até as pequenas miudezas que eram a sua riqueza em campo: as contas de vidro, ou porcelana, que os Tapirapé tanto cobiçavam.¹⁰³

¹⁰² Na carta em que anuncia a morte de Quain a Lipkind, Heloisa pede que ele e Wagley retornem ao Rio o quanto antes e observa: *Não vou mais permitir um longo isolamento de centros civilizados*. Carta de 3 de setembro de 1939. Na mesma carta, Heloisa explicava que Castro Faria não fora encontrar os dois pesquisadores devido a um ataque de malária.

¹⁰³ Ver o capítulo XXIV de *Tristes Trópicos*, no qual Lévi-Strauss descreve sua procura por essas contas minúsculas, as miçangas, nos arrabaldes de Paris. A descrição de Wagley da procura delas, em *Lágrimas de boas vindas: os índios Tapirapé do Brasil Central*, Editora da Universidade de São Paulo, 1988 é quase idêntica a de Lévi-Strauss.



Charles Wagley, Tapirapé. (Acervo CCHAT)



Cecília Roxo e Betty, esposa e filha de Wagley. (Acervo CCHAT)

O Wagley que retornou ao Brasil pela segunda vez em 1941 não era mais aquele jovem impressionável descrito por Métraux: as freqüentes alusões a Cecília em sua correspondência são de certo modo um anúncio do casamento de ambos¹⁰⁴; sua experiência docente o tinha ajudado a refinar as perguntas e,

¹⁰⁴ Ele casou com Cecilia Helena de Oliveira Roxo em 1941. Marvin Harris, no artigo citado abaixo, observa que foi graças à rede de parentesco e de amigos de Cecília que ele conheceu as classes altas no Brasil. Harris não menciona sua conexão anterior com dona Heloisa, que certamente teve os mesmos resultados.

também, a desejar ver impressas algumas de suas respostas. Ele estava se tornando um adulto. Dona Heloisa continuava a ser um esteio – fosse no apoio logístico à expedição, fosse pela presença amistosa que lhe emprestava confiança – mas, cada vez mais, o jovem Wagley tinha opiniões próprias, sobre os seus companheiros de viagem, sobre o SPI, e sobre outros agentes institucionais que encontrava pelo caminho. E sua correspondência tem agora um tom urgente, quase sempre telegráfico, transmitindo as notícias como se fosse um correspondente de guerra, uma guerra diferente daquela cujas notícias ouvia todas as noites transmitidas pelo seu rádio. Mas uma guerra a qual ele estava atento e que soube ir mapeando nas suas cartas: não apenas caboclos e índios, agentes do SPI e antropólogos, mas também representantes do governo americano no Brasil, no que foi chamado de “esforço de guerra”, agora povoam suas frases. Cito a observação de Marvin Harris sobre o período coberto por algumas dessas cartas (ver especialmente as cartas 56, 57 e 58):

Em 1942, quando Chuck estava como professor visitante no Museu Nacional, os governos do Brasil e dos Estados Unidos criaram o Serviço Especial de Saúde Pública/SESP como parte de seu esforço comum na Segunda Guerra. Um dos objetivos principais do SESP era o de encontrar maneiras de aumentar a produtividade dos coletores de borracha – já que ela se tornara matéria prima estratégica, necessária ao esforço de guerra – melhorando os serviços de saúde pública na região amazônica. Graças à sua experiência com os Tapirapé e com os Tenetehara, o alistamento de Chuck foi adiado e ele foi convidado a juntar-se à equipe de campo do SESP no Vale Amazônico. Foi como parte dessa equipe que ele visitou Itá pela primeira vez. Entre 1942 e 1945, Chuck foi, primeiro, diretor de um programa do SESP especificamente destinado a implementar a saúde dos migrantes que acorriam para o Vale Amazônico, fugindo das secas do nordeste, depois Superintendente-assistente do SESP e, finalmente, diretor de sua Divisão Educacional. A equipe do SESP se dedicava a abrir valas para latrinas, a distribuir remédios contra a malária, a distribuir rações alimentícias

de emergência, a estabelecer clínicas locais e a desenvolver materiais educacionais tais como slides e curta-metragens que explicavam como a malária e outras doenças tropicais podiam ser evitadas. Durante esses anos, Chuck trabalhou de perto com a equipe médica no estabelecimento de políticas, oferecendo conselhos sobre a melhor maneira de implementar os objetivos do SESP. Seu trabalho deve ser visto assim como um dos pioneiros e mais dramáticos exemplos de colaboração entre praticantes da antropologia e da medicina para a prevenção de doenças. Em 1945 e 1946 o governo brasileiro expressou seu apreço à colaboração de Chuck com o SESP, ao torná-lo membro da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul e ao conceder-lhe a prestigiada Medalha de Guerra.¹⁰⁵

Quando o casal Wagley e as duas crianças nascidas no Brasil, Isabel (Betty) e William (Billy) foram para os Estados Unidos, dona Heloisa quase tinha se transformado na “vovó Lisa”- personagem que receberá cartas também de Cecília. Mas não inteiramente – quando surge uma nova oportunidade de voltar ao Brasil, Wagley

¹⁰⁵ M.Harris, Charles Wagley's contribution to Anthropology. In *Looking through the kaleidoscope: essays in honor of Charles Wagley*. Florida Journal of Anthropology. Special Publication Number 6 – 1990. Para um detalhamento da trajetória de Wagley e de sua atuação durante o período da guerra, ver Francisco Tadeu Rosa, *A aliança e a diferença: uma leitura do itinerário intelectual de Charles Wagley*. Dissertação de Mestrado, Campinas: Unicamp, 1993 e Regina Érika Figueiredo, *Cuidando da saúde do vizinho: as atividades de antropólogos norte-americanos no Brasil*. Dissertação de Mestrado, Campinas: Unicamp, 2004. Ver também a entrevista de Wagley a José Carlos S.B. Meihy em *A colônia brasilianista*. São Paulo: Nova Stella Editorial, 1990. Quase cinquenta anos depois, Wagley ainda recordava com emoção sua chegada ao Rio de Janeiro. "Quando deixei o Brasil, em 1940, tinha a certeza de que voltaria. Meu conhecimento superficial do país, de passagens pelo Rio de Janeiro, São Paulo e Goiás, em minhas viagens de ida e volta para a aldeia dos Tapirapé, deu-me a convicção de que o Brasil é um dos mais interessantes laboratórios de pesquisa para a antropologia social. Desde então, tenho me dedicado, de uma maneira ou de outra, ao estudo do Brasil moderno. Em, 1941, voltei para estudar os índios Tenetehara, uma tribo que vivia em estreito contato com os brasileiros da zona rural e que estava sendo gradualmente incorporada à nação. E então, em 1942, os acontecimentos colocaram-me em contato direto com os problemas do Brasil moderno. ("Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos. São Paulo: Editora Nacional, 1977 [1953]) Ao voltar, Wagley trabalhou junto ao SESP (Serviço Especial de Saúde Pública), como diretor do seu programa de migração: se os Tapirapé, que Wagley começara a estudar em 1939 sobreviveram às operações deflagradas durante a Segunda Guerra, outros grupos, como os Tupari, desapareceram graças ao 'esforço de guerra' e ao 'exército da borracha' -trabalhadores que, levados à Amazônia para trabalharem nos seringais, perturbaram as pequenas comunidades indígenas locais, provocando uma promiscuidade geral das mulheres índias com os estranhos. (E. Schaden, *Leituras de etnologia brasileira*. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.)

retoma a correspondência nos velhos termos, invocando antigos planos de cooperação com o Museu Nacional. A carta 66 é importante para mostrar o quão delicadas eram suas relações e também nos dá uma pista a respeito da ausência de cartas de Heloisa. É uma carta longa, com o uso de muitos superlativos, na qual se nota claramente a intenção de persuadir dona Heloisa a respeito da vinda de novos pesquisadores, ao mesmo tempo em que lhe concede o direito de decisão: trata-se de um jovem profissional, já com experiência internacional, tratando de modo respeitoso uma velha amiga que tem uma posição importante no cenário nacional e que parecia em vias de também ingressar no cenário internacional, com o ambicioso projeto do Instituto da Hiléia Amazônica. A frase que chama a atenção é discreta: “escreva-me algumas linhas sobre o que você acha disso”, e, comparada com as muitas vezes em que nas poucas cartas de Heloisa ela promete: “vou escrever em breve”, nos faz pensar que boa parte do prestígio de sua correspondência estava baseado na escassez de cartas. Cada uma delas assumia, assim, grande importância. E o próprio fato de que uma *correspondência tão escassa*¹⁰⁶ *tenha tido tamanha ressonância deveria nos fazer refletir sobre o alcance do trabalho de Heloisa Alberto Torres na história da etnologia no Brasil.*¹⁰⁷

As cartas estão numeradas em ordem cronológica, mas os azares da comunicação entre o Rio de Janeiro e as margens do Araguaia fizeram com que raramente elas fossem lidas na sequência na qual foram escritas. A primeira carta de Wagley para Heloisa é de março de 1939, um mês depois de sua chegada ao Brasil, quando foi para São Paulo a caminho de seu trabalho de campo entre os Tapirapé; a última é para a irmã dela, Maria (Marieta), ao saber de seu falecimento. Corrigi os erros de escrita, quando evidentes (Wagley escreve *bichu* por bicho, por exemplo, ou *Rubins*, por Rubens), acrescentei (poucos) sinais de pontuação, e atualizei os nomes de pessoas, grupos indígenas, cidades e estados – correções que, de certo modo, são uma pena: em certas cartas de Wagley, seu cansaço físico e mental é quase palpável através

¹⁰⁶ Só ao concluir o levantamento da correspondência, computei as cartas na qual Heloisa havia anotado “respondida em” e a data. É possível ver, assim, que ela responde, numa carta, a duas ou três que recebera e também fundamentar o adjetivo usado acima: na correspondência com Wagley, num total de 82 cartas, há quatro com aquela anotação, além de mais seis no caso das cartas de Cecília; na correspondência com Eduardo Galvão, num total de 34 cartas, há dez com aquela anotação.

¹⁰⁷ Heloisa Alberto Torres nasceu em 1895 e faleceu em 1977; Charles Wagley nasceu em 1913 e morreu em 1991.

desses erros; em outras, as manchas no papel e as teclas disparadas na máquina de escrever são quase uma impressão digital daqueles que o cercavam. Dentro do possível, mantive também o tom coloquial das cartas – o de uma conversa entre amigos, da qual nem sempre é possível recuperar as referências, muitas delas jocosas. O fato de haver cartas originais de Heloisa na pasta dessa correspondência é um mistério – a menos que elas tenham ficado esquecidas no Museu durante o período em que Wagley morou no Brasil. Acredito que a maior parte das cartas dela para Wagley, ou cópias, estão na pasta da Casa de Cultura Heloisa Alberto Torres, supondo-se que as que faltam tenham se perdido.¹⁰⁸

1. De Wagley para Heloisa.

São Paulo, sábado, 18 de março [1939]¹⁰⁹

Cara Dona Heloisa:

Esta é apenas uma nota para acrescentar à nossa conversa telefônica do outro dia. Sinto muito que você tenha tido de ligar duas vezes para me encontrar. Vim para o Hotel City quando encontrei a família de Chico triste com a morte de sua avó. Por favor! Quando voltar ao Rio, quero pagar todas essas chamadas. Muito obrigado também por ter enviado o revólver para Goiás. O banco aqui é o “Banco Apothecario e Agrícola de Minas Geraes”.

Falei de novo com Baldus¹¹⁰ sobre os Tapirapé. Apesar de ele me aconselhar o contrário, vou levar adiante meus planos e estudar os Tapirapé.

¹⁰⁸ Segundo colegas de lá consultados, nenhuma carta de Heloisa consta do acervo de Charles Wagley, depositado na Universidade da Florida. Sua única filha sobrevivente, Betty Kottak, me disse recentemente que também acredita que essa correspondência tenha se perdido.

¹⁰⁹ Em várias cartas o ano está anotado ao lado, numa classificação que pode ter sido feita por Marieta, já que algumas estão fora de ordem; quando acrescentado, o ano aparece aqui entre colchetes.

Não consegui descobrir quanto tempo ele passou com eles e quanto material ele tem. Não obstante, vou trabalhar de outra perspectiva e, quando Luiz¹¹¹ vier, em junho, ele poderá tomar medidas físicas; assim, não creio que vamos duplicar o trabalho de Baldus.

Obrigada mais uma vez por ter sido tão gentil comigo no Rio. Creio ter encontrado em você uma amiga que compreende minha personalidade melhor do que eu mesmo. Realmente tenho saudades* ¹¹² do Rio, do Museu, dos almoços e, mais, da oportunidade de passar uma tarde com uma amiga, e colaboradora, encantadora, discutindo tantas questões.

Cordialmente,

Chuck

P.S. Desculpe a datilografia. Escreverei de Goyaz [Goiás].

2. De Wagley para Heloisa.

Sábado, 25 de março [1939]

¹¹⁰ Herbert Baldus (1889- 1970), nascido na Alemanha, foi professor de antropologia na Escola Livre de Sociologia e Política, co-editor da revista *Sociologia*, pesquisador do Museu Paulista e diretor da *Revista do Museu Paulista*. Publicou uma prestigiada *Bibliografia crítica da etnologia brasileira* e a primeira etnografia sobre o grupo que Wagley iria estudar: *Tapirapé. Tribo Tupi do Brasil Central*, em 1970. O livro, publicado pouco antes de sua morte, era dedicado a Wagley: *escrevi este livro para Charles Wagley, ligado a mim por nosso amor aos Tapirapé. Escrevi-o para incentivar o colega a publicar tudo o que sabe sobre esses índios e o que pensa sobre eles*. Ver a crítica de Wagley ao trabalho de Baldus em *Lágrimas de boas vindas*, onde aparece essa citação. Sobre Baldus, ver Luiz Henrique Passador, *Herbert Baldus e a antropologia no Brasil*. Dissertação de Mestrado, Campinas: Unicamp, 2002

¹¹¹ Luiz de Castro Faria, nascido em 1913 e falecido em 2004, vinculou-se ao Museu Nacional como estagiário em 1936 e acompanhou a expedição de Lévi-Strauss ao Brasil Central em 1938, como fiscal do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil. Ver Luís D. B. Grupioni. *Coleções e expedições vigiadas* e Luis de Castro Faria, *Um outro olhar*. Ed. Ouro sobre Azul, São Paulo, 2001.

¹¹² Wagley punha entre aspas, ou sublinhava, as palavras que escrevia em português em suas cartas. Para evitar a confusão com palavras em inglês que ele sublinha ou põe entre aspas, acrescentei um * quando a expressão está em português.

Hospital Evangélico
Anápolis, Goiás.

Cara Dona Heloisa:

Mandei-lhe um telegrama ontem e hoje de manhã o Dr. Fanstone¹¹³ recebeu os conhecimentos* para a bagagem, o que respondeu algumas de minhas dúvidas. A bagagem deixou São Paulo dia 14 de março; pelo menos é a data que consta dos papéis. A bagagem não está vindo de São Paulo como encomenda, mas por “carga” comum. Pode demorar uma semana, duas semanas, ou um mês até que ela chegue - assim me disseram na estação de trem. Apesar disso, ainda espero que ela chegue em poucos dias, já que, ocasionalmente a carga chega em duas semanas. Estou telegrafando a [William] Lipkind sobre meu atraso, esperando ainda alcançá-lo. Ele contratou um piloto para nos levar aos Tapirapé no início de abril. Lamento se o telegrama lhe causou alguma preocupação. Mesmo depois de você me ajudar a partir, ainda lhe dou preocupações à distância.

Com esta carta, estou enviando o trecho do passe ferroviário de Araguari a Anápolis. Eles não foram avisados e não aceitarão a requisição. Aqui em Anápolis, eles também não receberam nenhum aviso do Ministério. Estou devolvendo a requisição, de modo que o Museu possa obter um ressarcimento a seu favor.

Ainda tenho saudades* do Rio. São Paulo foi agradável. Fiz vários amigos e conheci várias pessoas. Houve almoços aqui e jantares ali; mas São Paulo não tem o espírito que o Rio tem e a gente se pergunta porque tantas pessoas têm negócios lá, quando podiam se estabelecer num lugar tão magnífico como o Rio. O clima mais frio não compensa a diferença. Em São

¹¹³ James Fastone, nascido em 1890, pernambucano filho de missionários evangélicos ingleses que serviram no Recife. Concluiu o curso de medicina em Londres e se mudou para Goiás em 1925.

Paulo tive uma agradável conversa com o Dr. Taunay¹¹⁴. Ele é encantador e seu conhecimento é impressionante. Gostaria de conhecê-lo melhor. Ele me deu Tastevin¹¹⁵ e vários outros itens sobre a gramática Tupi. Passei várias horas aqui, a cada dia, lendo e estudando Tupi.

Estou muito preocupado com meu Português. Quando deixei São Paulo, podia compreender conversas inteiras e passei várias horas falando mal apenas em Português – mas, aqui no interior, estou tendo muita dificuldade. O sotaque e o vocabulário são tão diferentes e eles falam tão mais rápido do que as pessoas consideradas do Rio e de São Paulo.

Obrigado de novo por tudo que você fez por mim no Rio. Estou tão ansioso para começar o trabalho e esta espera é difícil para uma pessoa ansiosa para fazer um bom estudo para o Museu e para Columbia. Os Fanstones são agradáveis e dizem que quase a conhecem – eles tem ouvido muito a seu respeito, tanto de Lipkind quanto de mim.

Cordialmente,

Chuck

P.S. Melhores votos para Luiz e Raimundo¹¹⁶. Diga-lhe para vir logo. Estou esperando por ele.

¹¹⁴ Affonse D'Escragnolle Taunay, professor da Escola Politécnica de São Paulo e diretor do Museu Paulista de 1916 a 1946.

¹¹⁵ *Constant Tastevin, missionário francês da Congregação do Espírito Santo, atuou de 1906 a 1926 na Missão e Prefeitura Apostólica de Tefé. Percorrendo o Solimões e seus afluentes, redigiu numerosos trabalhos sobre aspectos geográficos, lingüísticos e etnográficos da região, contribuindo com vocabulários indígenas para os estudos de Paul Rivet (vide bibliografia comentada de ambos os autores em Baldus, 1954). De volta à França, Tastevin lecionou etnologia no Instituto Católico de Paris, sendo em seguida enviado, na década de 30, para as colônias francesas da África, em especial o Senegal. Nota em Cartas do Sertão.*

¹¹⁶ Raimundo Lopes da Cunha (1894 –1941), português de nascimento, deixou muitos trabalhos sobre o Maranhão e aparentemente também era estagiário do Museu à época. Ver a foto em que ele, Wagley, Ruth Landes, Lévi-Straus, Édison Carneiro, Castro Faria e dona Heloisa aparecem juntos no Museu, em 1939: ele e Castro Faria estão de avental branco.

3. De Wagley para Heloisa.

Quinta-feira, 30 de março [1939]

Hospital Evangélico.

Anápolis, Goiás.

Cara Dona Heloisa,

Apenas um bilhete para pedir-lhe mais um favor. De fato, é um favor para mim e para Lipkind. O Dr. Fanstone está abrindo uma nova escola, moderna, em Anápolis no próximo mês, com o nome de Couto de Magalhães. E, claro, eles querem ter um bom retrato desse grande goiano. Me pergunto se o Serviço do Patrimônio teria esse retrato, ou se alguma livraria teria algum barato. Se você puder encontrar algum e mandá-lo para o Dr. Fanstone, seria um grande favor. Pagarei os custos do correio e do retrato antes de minha volta ou quando voltar. Eu não a incomodaria a esse respeito, não fosse o fato de que os Fanstones foram tão agradáveis e não pude recusar seu pedido. Se tal retrato não estiver disponível, por favor nos informe.

Até agora a bagagem não apareceu no horizonte. Telegrafei tanto aos administradores da estrada de ferro Mogiana quanto aos da Goiás, tentando apressá-la. Até agora, nenhum deles teve a cortesia de responder a meus telegramas, com resposta paga. Apesar disso, ainda sou um otimista e os espero a qualquer momento – talvez hoje! O tempo não é inteiramente perdido, já que tenho lido Tastevin e um dicionário Tupi-Português editado por Da Silva Ayrosa¹¹⁷ – ambos ganhos do Dr. Taunay.

Gosto das pessoas do interior; tenho conversado durante horas com vaqueiros que trazem couros do norte para o comerciante de peles próximo daqui. Estou certo de que Goiás será ainda mais interessante e o Araguaia melhor do que isso. Apesar disso, ainda sinto saudades* do Rio.

Cordialmente,

¹¹⁷ Plínio Ayrosa, regente da cátedra de Etnografia e Língua Tupi-Guarani da Universidade de São Paulo.

Chuck

P. S. Por favor, não se sobrecarregue com o pedido do retrato.

De J. Fanstone para Heloisa¹¹⁸

Exma. Snra. D. Heloisa Alberto Torres

M.E.S.Museu Nacional

Prezada Senhorita Torres,

Acabei de receber sua carta, datada de 26 de junho de 1939, e decidi respondê-la imediatamente, confirmando que ficarei encantado em enviar os pacotes para o senhor Wagley. Creio que poderemos enviá-los através de intermediários muito confiáveis, isto é, ou Ubaldino Rios ou dois caminhoneiros que no passado prestaram tais serviços com correção.

Um pouco antes de fazer uma viagem ao triângulo mineiro, recebi a fotografia do general Couto de Magalhães e um volume sobre sua vida, enviados pela senhora; acabo de voltar da viagem e tinha a intenção de escrever-lhe em seguida, em reconhecimento à sua gentileza. Assim, agradeço-lhe muito por esses dois presentes, que serão muito úteis para o nosso trabalho na escola, já que a escola se chama Colégio Couto de Magalhães. O retrato será emoldurado e pendurado na entrada da escola e o livro será incorporado à sua biblioteca.

Com os melhores votos, sinceramente seu,

James Fanstone

¹¹⁸ Esta carta estava na mesma pasta da correspondência entre Wagley e Heloisa e mostra o empenho dela em atender aos pedidos de seus protegidos, assinalando também a importância de se manter boas relações com os intermediários nas viagens ao campo: percebe-se que Heloisa mandou o retrato desejado e uma biografia – e pediu ao médico que cuidasse das encomendas de Wagley. O papel de carta traz a imagem de um imponente edifício, supostamente o Hospital Evangélico Goiano, com os dizeres “Clínica Cirúrgica e Ginecológica”, e os nomes do Dr. J. Fanstone, “da Universidade de Londres e de Belo Horizonte” e do “Dr. Cristiano Teixeira da Silva, da Universidade de S. Salvador (Bahia)”. A carta está escrita em inglês, sem data.

N.B. O pacote deve vir assim: “J. Fanstone. Anápolis. E.F. Goiás. Via Araguari.”

4. De Wagley para Heloisa

Sexta-feira, 7 de abril [1939]

Goiás em Goiás

Cara Dona Heloisa,

Já é tarde e parto amanhã cedo para Leopoldina. O motorista passou rapidamente às 9 da noite para dizer que me levará amanhã, a tempo de pegar um barco para Fontoura.

Esta semana em Goiás foi agradável. Durante dois dias estive horrivelmente doente com uma sinusite mas, quando a superei, comecei a conhecer pessoas e a visitar esta adorável cidade antiga. As ruas estreitas, as casas velhas, as igrejas, etc., são todas “o Brasil real”. Encontrei sua encantadora carta no Banco. Era tão parecida com você e fiquei triste por não poder falar com você a respeito dos planos e de todos os outros assuntos sobre os quais pensaríamos. Seria magnífico se você fosse aos Estados Unidos – mas eu desejaria estar lá e mostrar-lhe tudo e apresentá-la a meus amigos.

Sim. O revólver estava esperando por mim no Banco. Muito obrigado. A bagagem chegou dia primeiro de abril em Anápolis e aqui no dia dois. Chegou tudo bem. Escreverei do Araguaia, dizendo a Castro Faria o que trazer e exatamente como chegar. Dependendo dele para trazer arroz e feijão*, já que não estou levando muito comigo desta vez. Ele deve deixar o Rio em junho e subir o Rio Tapirapé em julho porque depois de primeiro de agosto o rio fica muito baixo e sem água suficiente para viajar. Uma coisa que sei. Ele deve mandar sua bagagem três semanas antes de partir, para o Dr. Fanstone e deve comprar

quase tudo no Rio ou em São Paulo. Aqui não se pode comprar quase nada. Diga-lhe que deve trazer cigarros Continental.

Estou muito feliz e tudo corre bem. Sinto muito sua falta, mas sei que tenho uma amiga sincera no Rio quando voltar. Obrigada outra vez por todos os favores. Você realmente tem sido gentil comigo. Perdoe esta carta – estou cansado e preciso arrumar a bagagem.

Cordialmente,

Chuck

5. De Wagley para Heloisa.

Segunda feira, 24 de abril [1939]

Rio Araguaia

Cara Dona Heloisa,

Finalmente estou trabalhando. Depois de algumas dificuldades, cheguei aqui de canoa, depois de uma viagem de onze dias descendo o Araguaia a partir de Leopoldina. Perdi o barco a motor mensal e, ao invés de esperar mais um mês, comprei uma canoa e contratei karajás e caboclos para descer comigo. Foi incrivelmente barato, dada a distância, que é cerca de 140 léguas, e foi uma viagem maravilhosa – que nunca vou esquecer. Seu país é lindo e o Araguaia um de seus melhores cenários.

Lipkind está agora com os Javaé por alguns dias, mas antes de partir ele deu presentes a um Tapirapé que passava para que ele esperasse por mim. Nunca deixarei de agradecer o bastante a Lipkind por este favor – porque já comecei a trabalhar com este Tapirapé e posso trabalhar alguns dias aqui neste pequeno acampamento, enquanto me apronto para fazer a viagem de cinco ou seis dias por terra até a primeira aldeia Tapirapé. Lipkind terá então voltado e planeja ir comigo. Ele ficará apenas por uma ou duas semanas e depois voltará.

Estou muito entusiasmado com meu começo. O informante Tapirapé que está vivendo comigo é filho de um de seus chefes e fala um pouco de português. Obtive dele uma lista de palavras e uma idéia geral sobre o que me espera. O mais curioso sobre o trabalho até agora é o que ele me conta sobre o número dos Tapirapé. Baldus escreveu e me disse que havia apenas uma aldeia atualmente. Meu informante me disse várias vezes que eles tem cinco aldeias; apenas uma foi visitada por brancos porque nas outras eles não eram bem-vindos. Agora, eles estão ansiosos para que alguém visite todas as aldeias. Outros equívocos no que Baldus me disse começam a aparecer. Pelos meus cálculos, sobrevivem cerca de mil Tapirapé. E, se todos forem como O. prunxi, meu novo amigo e informante, eles são pessoas maravilhosas e interessantes.

No momento, não sei o que aconselhar Castro Faria a trazer com ele, nem quando ele deve vir. O plano melhor é o seguinte. Quando eu estiver instalado na aldeia, por volta de 15 de maio, escreverei uma longa carta com instruções sobre como e para onde vir, para você traduzir para Castro Faria. Ele deve esperar esta carta antes de partir. Com a carta, mandarei uma lista de coisas que ele deverá trazer. Sei agora que precisaremos de mais contas e de mais espelhos de mão. Os Tapirapés são loucos por isso. Também vou querer mais comida enlatada. Em Goiás, Castro Faria pode obter vários sacos de sal, um saco grande de feijão, que não pode ser comprado em nenhum lugar perto daqui, e rapaduras. Mas todas essas coisas podem esperar até a próxima carta, quando farei uma longa lista e saberei melhor o que vamos precisar. Planejo fazer o grande círculo e visitar todas as cinco aldeias antes da estação das chuvas e provavelmente vou esperar por Castro Faria para que possamos ir juntos.

No momento, estou muito feliz em relação aos Tapirapé e acho que eles são muito melhores para os meus objetivos do que, digamos, os Karajá. Há apenas uma grande preocupação na minha vida. Não creio que meu dinheiro seja suficiente para o tempo que eu deveria ficar para fazer um trabalho realmente correto. Gostaria de ficar aqui até dezembro e então voltar para o

Rio por algumas semanas; daí, gostaria de voltar aos Tapirapé durante outra estação seca. Você pode fazer os arranjos de modo a que eu possa ir de avião de Goiás para São Paulo ou Rio por essa época. E qualquer ajuda que você possa me dar que diminua as despesas será realmente bem-vinda. Depois de toda a ajuda que você me deu até agora, dificilmente posso pedir mais, já que você tem sido tão gentil e tão atenciosa. Mas creio que esta é a oportunidade de uma vida para um bom estudo etnográfico e realmente vou fazê-lo bem feito.

O sol, o calor, o arroz com feijão, a carne seca*, o peixe, os mosquitos, TUDO tem me dado melhor saúde do que tive na cidade. Como bem, durmo bem, falo mal, mas fluentemente, o Português, nado, e acima de tudo estou fazendo o trabalho que tanto amo. Só me preocupo com as dificuldades em aprender este Tupi altamente anasalado que os Tapirapé falam – ele não combina muito bem com nenhuma das gramáticas e dicionários que eu trouxe.

Ainda sinto falta do Rio e sinto muito a sua falta – mas o prazer do trabalho compensa um pouco isso. Sinto-me muito próximo de você porque nas últimas tardes que passamos juntos percebi que encontrei uma amiga de verdade, que me compreende, e entende o que ando procurando nesse nosso mundo estranho.

Cordialmente,

Chuck

P.S. Pergunto-me sobre o que se passa no mundo. Há uma guerra? O que aconteceu na Espanha? etc. Realmente isto não parece fazer muita diferença desde aqui. Por favor, desculpe esta carta, ainda estou sentando, vivendo e escrevendo em caixotes.

6. De Wagley para Heloisa.

1º de maio [1939]

Furo de Pedra

Cara Dona Heloisa,

Ainda estou aqui trabalhando com meu informante Tapirapé e agora estou bem adiantado com a língua e obtendo uma idéia geral sobre a cultura. O trabalho anda rápido com este jovem camarada; ele é uma maravilha. Esta semana partimos para a aldeia Tapirapé. Estou apenas esperando o barco a motor para comprar sal, feijão, rapadura e querosene.

Vou tentar escrever aqui a carta para Castro Faria. Em Goiás, ele pode procurar o Dr. Fanstone que o ajudará. Ele pode despachar sua bagagem, como Lipkind e eu fizemos, para o Hospital Evangélico. O Dr. Fanstone saberá que ele está vindo, pois vou escrever-lhe. De Anápolis, ele deve vir de caminhão até Goiás e depois até Leopoldina. O motorista chamado Raymundo, ou o Ubaldino dos Rios, o trará diretamente a Leopoldina e cobrará bem barato. De Leopoldina ele pode descer até Furo de Pedra no barco a motor, se eles estiverem navegando na estação seca e, se não estiverem, ele deve vir de canoa. Em Leopoldina, Túlio Maranhão, dono da Pensão, o ajudará a combinar a viagem bem barato. Em Furo de Pedra, Juvenal, o barbeiro, ou José Duvinhol o ajudarão com os arranjos para os Tapirapé. Todos os meses, uma canoa sai daqui para o porto Tapirapé levando meu correio. Ela chega no porto todo dia 4 do mês, saindo daqui no dia 28 ou 29. Castro Faria pode vir nesta canoa, pagando um pouco mais ao remador. Devo fazer a caminhada de 15 léguas da excursão de julho e agosto esperando encontrá-lo no porto. Eu viria para cá ou para Leopoldina para esperá-lo, mas seria impossível sair daqui naquela época.

Além de seus objetos pessoais, como filmes, roupas, rede, cobertor, etc., ele deve comprar em Goiás um saco de feijão*, um saco de arroz, dois ou três

sacos grandes de sal, cerca de vinte e cinco queijos, um rolo de fumo* (muito barato).

No Rio, ele pode comprar, para mim. Pagarei por essas coisas com cheque ou na volta.

Da E.Spiller Junior (Rua da Alfândega, 139), preciso de cerca de dois quilos de contas brancas, vermelhas e azuis deste tamanho O. Vai ser caro, mas pagarei na volta. As contas são as coisas mais necessárias aqui para o trabalho. Se ele puder trazer alguns anéis baratos, isto também ajudará. Preciso também de cem, ou mais, pequenos espelhos baratos. Se ele quiser trazer roupas, diga-lhe para comprar camisas e calças baratas porque aqui apenas peças prontas tem grande valor. Tesourinhas também são boas, e não tenho nenhuma.

E, no Rio, pagarei por alguma comida enlatada, da qual ele vai realmente precisar. Cerca de uma dúzia de latas de massa de tomate*, cerca de oito latas de azeite de oliva (preciso muito disso porque meu camarada é adventista e não pode comer gordura de porco). Cerca de uma dúzia de latas de frutas locais e cerca de quinze pacotes de frutas secas (coloque essas numa lata velha de biscoitos porque os bichos são ruins). O inevitável chocolate é necessário – já sinto falta dele – embora rapadura seja boa para comer. E também algumas latas de ervilhas e outros grãos enlatados ajudariam. Alguns pacotes de cigarros Continental ajudariam, digamos, cem maços. Qualquer coisa mais que ele possa lembrar aí nessa linha seria muito bom e eu ficarei feliz em pagar por elas.

Uma coisa que esqueci. Ele deve trazer algum tipo de lampião, com mechas e vidros sobressalentes. E se outro camarada vier com ele para cozinhar, Castro Faria deve trazer mais comida – mais arroz, queijo, mais comida enlatada, etc.. Diga-lhe também para não esquecer algumas coisas pessoais como quinino (atebrina), iodo, um prato, garfo e faca, algumas panelas grandes, etc., etc. É difícil listar tudo.

Por favor, perdoe esta carta. Estou apenas tentando anotar todas as informações de maneira resumida e tão concisa quanto possível. Estou ansioso

para ver Castro Faria e para trabalhar com ele. Lipkind provavelmente estará em Furo de Pedra quando ele chegar, já que a sua base mudou de Fontoura para Furo de Pedra e ele pode ser de grande ajuda. Ele pode querer ficar e aprender algo sobre os Karajá, eles são uma das melhores tribos dos arredores e Lipkind certamente os conhece bem. Lipkind também foi de grande ajuda para mim no começo do trabalho com a língua Tapirapé e ao me dar muita informação sobre a cultura Karajá. Incidentalmente, Lipkind acaba de voltar dos Javaé. Ele me disse que eles são um povo rico e produtivo e que restam cerca de mil deles. Ele trouxe coisas muito bonitas (cocares, etc.) e me pergunta se eu acho que você ficaria feliz com essas coisas maravilhosas para o Museu. Respondi por você: a coleção do Museu seria enriquecida com elas. A única coisa que me horrorizou ao fazer essas coleções Karajá é o preço que eles pedem. Vi Lipkind barganhando por coisas feitas para ele e eles queriam materiais que valiam quarenta e cinquenta mil réis para os cocares – suas razões para tais preços são boas – eles são sagrados, dizem eles. De qualquer modo, Lipkind está juntando uma linda coleção para você e eu espero fazer o mesmo nos Tapirapé. Lipkind e eu provavelmente teremos atritos a respeito das coisas Tapirapé – ele quer uma pequena coleção Tapirapé e eu não vou abrir mão de boas coisas. De qualquer modo, não vamos quebrar o material Tapirapé, brigando sobre quem vai levá-lo para você no Rio. Você pode dar a cada um de nós metade do agradecimento pela primeira coleção comprada aos Tapirapé, seja quem for que apareça com ela.

Estou ansioso por saber seus planos para o Museu e duplamente ansioso por saber a respeito de seus planos pessoais. Por favor, se tiver tempo, escreva-me outro bilhete. Quain me escreveu e ele parece razoavelmente feliz.

Cordialmente, Chuck

7. De Wagley para Heloisa.

28 de maio de 1939

Aldeia Tapirapé

Cara Dona Heloisa,

É bem difícil escrever com uma massa de Tapirapé pendurados nos meus ombros e com seus narizes quase na máquina de escrever. Assim, vou mandar meu relatório e minhas notícias para você de modo bem breve. Estou na aldeia há duas semanas. Lipkind veio comigo e ficou durante dois dias, antes de voltar para Furo de Pedra no Araguaia. A viagem foi excitante. Foi feita facilmente em três dias com o barco a motor de Lipkind puxando duas canoas até o porto Tapirapé. Do porto Tapirapé, é uma árdua caminhada de 13 a 16 léguas (me tomou um dia e meio até a aldeia). A caminhada é árdua por causa dos campos* pantanosos (por vezes atravessamos com a água até os meus ombros) e o último meio dia atravessando mato* cerrado foi duplamente árduo. Eu estava morando na Casa dos Homens até hoje quando os Tapirapé terminaram minha casa e estão me levando de mudança para lá.

A respeito dos Tapirapé há muito a dizer – mas a maior parte vai ter de esperar. Uma coisa importante para minha vida aqui é que eles não sabem nada sobre comércio. Os Padres (dominicanos) vem ao Porto todos os anos e distribuem presentes – facões, machados, etc., não pedindo nada em troca. Acredito que esses presentes sejam pagos pelo Governo. O resultado é que os Tapirapé esperam de mim presentes em grande quantidade, esperam receber tudo de uma vez e esperam não dar nada em troca. No entanto, ganhei deles no seu jogo, e escondi facões, algumas contas, sal, etc., para usar quando começar a pedir e arrancar deles uma coleção. De fato, eles começaram a me dar presentes e tenho o início de uma coleção. Disse-lhes que Papai Grande * já tinha objetos dos Karajá, mas não tinha nada dos Tapirapé – isso os deixa loucos, e eles começaram a trazer presentes. Em relação a bens comerciais, é muito longe por terra para trazer mais facões ou lâminas, etc. O que preciso são

contas. Dois quilos de contas seriam a minha fortuna aqui – se possível três quilos. Preciso de cigarros (Astórea, cerca de 24 maços) e cerca de 12 latas de Aveia Quaker.

Combinei com um caboclo em Furo de Pedra para vir de canoa uma vez por mês ao Porto. Meu camarada*, eu mesmo ou um Tapirapé irá encontrá-lo e levar cartas, trazer meu correio e o que mais for enviado. Se Castro Faria não vier, por favor mande as contas pelo correio (A/C Correio em Leopoldina) e Lipkind arranjará para que meu canoeiro as traga. Se Castro Faria vier, combinei com o canoeiro (Thomasinho) para trazê-lo aqui. Não há maneira de eu saber quando ele chega – já que calculo estar a umas boas duzentas milhas ao norte e oeste do Araguaia. De qualquer modo, faça com que as contas cheguem aqui. Estou na expectativa de encontrar Castro Faria e penso que ele não teria uma tribo melhor com a qual trabalhar.

Os Tapirapé são as pessoas mais amáveis que já encontrei. Tenho muita sorte de ter encontrado índios agradáveis com os quais trabalhar. Eles nunca me deixam em paz – estão sempre me dizendo alguma coisa, tentando me ensinar a língua, já me deram um nome, me designaram uma família e me vincularam a termos de parentesco. Meu trabalho progride rapidamente. Tenho um amplo vocabulário da língua que coletei em Furo de Pedra com o tapirapé que veio comigo e agora já sei bastante sobre a gramática. Desde que cheguei, eles fizeram duas festas que duraram dois dias cada uma e com a construção de minha casa tive uma boa apresentação da cultura material. A aldeia tem cerca de 150 pessoas – um enorme número de crianças mostra que eles estão crescendo outra vez. A próxima aldeia em direção ao Xingu está vazia – me dizem eles. Todas as pessoas de lá se mudaram para cá. Eles dizem que a segunda aldeia, que fica a quatro dias de caminhada daqui em direção ao Xingu, é mais ou menos do tamanho desta. Aqui é o mais longe que os brancos vieram – ninguém nunca viu a outra aldeia. Assim, há dúvidas a respeito da existência de mais duas aldeias Tapirapé sobre as quais eles falam. Acredito que essas aldeias sejam de outros grupos, provavelmente mais perto do Xingu

do que do Araguaia. De qualquer modo, quando Castro Faria chegar podemos ficar um pouco por aqui, depois planejo ir pelo menos até a próxima aldeia. Eles dizem quatro dias de viagem – mas para mim serão cinco ou seis dias.

É difícil por ora falar de planos para além de outubro. Tenho dúvidas sobre se meu camarada ficará aqui comigo depois de primeiro de novembro. Os campos e matos* entre a aldeia e o rio se enchem de água. Eles me dizem que é impossível sair durante as chuvas. Terei de sair em novembro, levando dois tapirapé comigo e concluir meu trabalho no Araguaia, ou ficar aqui durante as chuvas até abril ou maio, ou voltar ao Rio perto do Natal e voltar para cá durante a próxima estação seca. A última idéia provavelmente estará além das minhas finanças, de modo que provavelmente ficarei aqui ou no Araguaia com uma dupla de tapirapé.

Agora, vou lhe contar minhas grandes dificuldades. As casas Tapirapé (e a minha) têm milhões de baratinhas. Elas estão em sua comida, sua cama, suas roupas, etc. – elas comem todo o papel e as velas e fazem sua bagagem cheirar mal. Graças aos céus elas vão para o teto e só caem sobre você à noite. E os Tapirapé são tão afetuosos que estou sempre vermelho de urucum* e preto de tinta. E, como eles gostam de mim, eles me fazem beber a bebida mastigada e cuspidada numa cuia. Um deles me beija a orelha continuamente. Mas eles são pessoas agradáveis e eu gosto muito deles. Uma coisa devo lhe dizer – eles tem bananas* e tenho vivido de mandiocas e bananas* por alguns dias.

Perdoe esta carta, gostaria muito de ter uma longa conversa com você. Estou na expectativa de passar algumas semanas no Rio, trabalhando no Museu e tendo longas conversas com você. Ainda tenho saudades*. Os Tapirapé mandam lembranças e seu melhor arrote.

Cordialmente,

Chuck

4 de junho

P.S. Essa gente só quer contas e para conseguir uma coleção, vou precisar de mais contas, já que trouxe muito poucas. Eles querem brancas, vermelhas e

azuis escuras, deste tamanho O – e as contas devem vir penduradas em pequenos pedaços de barbante. Por favor, mande-as tão logo quanto possível. Elas podem ser enviadas pelo correio, bem empacotadas, para Leopoldina, ou Castro Faria pode trazê-las. Mande pelo menos dois quilos.

8. De Heloisa para Wagley.¹¹⁹

[Telegrama ou radiograma sem data]

Dr. Carlos Wagley – Furo de Pedra – Rio Araguaia

Aproveito a oportunidade de comunicação rápida para informar que já remeti para Furo de Pedra os víveres e material de permuta solicitados inclusive três quilos de contas de vidro ponto Determino que a sua permanência na aldeia não se estenda além de primeiro de novembro ponto Poderá então trazer dois índios para Furo de Pedra onde será possível o trabalho de lingüística ponto Convém estar no Rio em fins de dezembro ponto Tomei todas as providências para que sua permanência nesta cidade não fique dispendiosa ponto Taves oferece hospedagem no seu apartamento ponto Segue carta ponto Cumprimentos afetuosa Heloisa Alberto Torres

NOTA IMPORTANTE: No dia 28, Tomasinho, barqueiro parte de Furo de Pedra para a viagem mensal ao porto dos Tapirapé; seria de toda vantagem que esta nota chegasse aquele lugarejo antes dessa data.¹²⁰

¹¹⁹ Em português.

¹²⁰ Aqui a correspondência se interrompe com a volta de Wagley para o Rio de Janeiro em setembro. Ela será retomada quando Wagley voltar a São Paulo, em outubro.

9. De Wagley para Heloisa

Sábado, 27 de outubro [1939]

Querida Heloisa,

Seu telefonema e seu bilhete com carta para o Dr. Pedro me ajudaram na minha terrível saudades*. Quase gostaria voltar para o Rio de imediato, mas partimos hoje a noite para Anápolis. Devo me acostumar a estar longe. Ontem tivemos uma longa conversa com Baldus. Ele sempre me incomoda. Desta vez ele foi igualmente charmoso, mas não adiantou. Disse-lhe tudo que ele queria saber, sem lhe apresentar minhas idéias fundamentais. Ele discorda inteiramente de minha opinião de que os Tapirapé são influenciados pelos Gês [Jês] do norte. Baldus também se mostra muito superior com relação ao seu ano de experiência no [ilegível] do Sul. Sinto-me melhor hoje e estou determinado a trabalhar duro para me certificar sobre todas as idéias. Incidentalmente, Baldus não me ajudou em nada – seja com a linguagem, seja com a cultura.

Ambos temos estado ocupados aqui. Na noite de quarta feira, fui a uma festa* oferecida por Antonio Prado para cerca de 300 pessoas. Dancei e bebi. Quinta feira Chico ofereceu um jantar para Antenor¹²¹ e para mim com vários outros convidados e, na noite passada, Sylvio e Willems¹²² fizeram um jantar para nós – festa* mais tarde em outra casa, de cujo dono não lembro o nome. Antenor estava engraçado a respeito desse luxo e festas* – mas ele é simpático. Só tenho medo de sua mania por armas e munições, pois odeio isso. Tive uma

¹²¹ Antenor Leitão de Carvalho, zoólogo do Museu Nacional, que acompanhava Wagley.

¹²² Emilio Willems (1905), antropólogo alemão, professor da Escola Livre de Sociologia e Política e da Universidade de São Paulo; fundador e co-editor da revista *Sociologia*; transferiu-se para os Estados Unidos em 1949. Autor de um clássico estudo de comunidade: *Cunha. Tradição e transição em uma cultura rural do Brasil* (1947). Fernanda Massi e Heloisa Pontes, *Guia biobibliográfico dos brasilianistas*. 1930-1988. Obras e autores editados no Brasil. São Paulo, Editora Sumaré, 1992; M. Corrêa(org.), *História da Antropologia no Brasil* (1930-1960). Testemunhos: Emilio Willems/Donald Pierson. São Paulo/Campinas: Editora Vértice/Editora da Unicamp, 1987.

conversa a respeito da necessidade de não ter medo dos índios e de não andar armado lá. Vou entender.

Por favor, escreva com frequência. Escreverei outra vez de Goiás. Nossa bagagem já chegou em Goiânia. Muito obrigado pelo tempo que passei no Rio e pelo presente de aniversário (eu o estou usando). Dê lembranças a dona Maria José¹²³ e dona Marieta.

Amor,
Chuck

De Ullysses Eduardo dos Santos para Heloisa¹²⁴

São Paulo, 31 de outubro de 1939

Prezada sra. D. Heloisa

Sabendo de seu interesse por notícias do nosso caríssimo amigo Charles Wagley, tomo a liberdade de vir por meio desta contar-lhe aproximadamente como foram passados os rapidíssimos dias que o nosso Chuck aqui esteve em São Paulo.

Na altura de minhas possibilidades, tratei de proporcionar-lhe, nas horas vagas, um pouco de distrações e prazeres que o nosso acanhado meio social paulistano oferece.

Disse-me o Chuck, ao despedir-se, que saía encantado com tudo que viu e tomou parte.

Enfim, fiz o que pude para distraí-lo um pouco!

Logo na primeira noite levei-o a uma festa em casa do Sr. Antonio Prado Júnior, um coquetel seguido de jantar dançante, onde estivemos das oito às 3 ¼

¹²³ Dona Maria José, mãe de Heloisa.

¹²⁴ Como no caso da carta do doutor Fanstone, esta se encontrava entre a correspondência guardada na CCHAT e é incluída aqui porque, como aquela, explicita alguns dos personagens encontrados por Wagley em São Paulo.

da manhã, e onde o Chuck dançou, saracoteou, tomou uísque e... foi flertado a valer.

Nas noites subseqüentes tive-o sempre em companhia, assim bem como o Sr. Antenor Carvalho, para coquetéis, jantares e reuniões aqui em casa e em casa de amigos, inclusive na de um gentleman americano, Sr. Georges Harrington, diretor-superintendente da general Motors em São Paulo. Chuck me disse que levava desse senhor a melhor das impressões, e que estava satisfeitiíssimo por ver que não são só os americanos horríveis, tipo “turistas” que aqui aparecem.

Durante o dia saímos quase sempre juntos para uma última compra, levar cartas ao correio aéreo, etc.

Repito: fiz tudo que pude para proporcionar-lhe alguns momentos agradáveis! Pobre amigo! Que extremos de vidas vai levar!... New-York-Tapirapés...

Estivemos no Liceu Sagrado Coração de Jesus onde o Chuck teve a sorte – boa ou má, não sei! – de avistar-se com o Rev. Pe. Antonio Colbacchini¹²⁵, conhecedor profundo daquela zona do Araguaia, onde viveu a insignificância de 35 anos...

Quase alarmado ouvi o Pe. Colbacchini dizer que achava “um tanto imprudente” fazer-se uma viagem, nesta época do ano, a aquelas paragens... Senti um “frisson”, mas o Chuck nem pestanejou!...Nunca vi espírito tão forte como o daquele jovem.

Tem um programa traçado e há de cumpri-lo.

Apresentei-o também a distinto amigo meu, o Dr. Paulo Sawaya, de quem consegui duas ampolas de “Pantophon” e uma bisnaga de um anestésico, coisas essas que os dois sertanistas não se haviam lembrado, e que são de um valor extraordinário em certas ocasiões, sobretudo para quem vai para o “fim do mundo”...

¹²⁵ Antonio Colbacchini, missionário salesiano, publicou com César Albisetti *Os bororo orientais. Orarimogodogue do Planalto Oriental de Mato Grosso*, em 1942.

Eu, como já sofri de cólica renal, alta madrugada, numa fazenda aqui do Estado de São Paulo, há apenas 10 quilômetros de distância da cidade com diversos médicos e farmácias, posso avaliar o que seja uma injeção de pantophon num caso desses, sobretudo lá nos confins dos Tapirapé.

O Chuck mostrou-me a linda caneta tinteiro que a Senhora lhe deu, com a data do aniversário dele – 9 –IX –939. Ele estava, com muita razão, encantado com o belo e utilíssimo presente, e só me dizia o quanto a Senhora tem sido boa e atenciosa para com ele.

Dona Heloisa – é um nome que ele pronuncia a cada instante, com o máximo respeito e entusiasmo. Eu, que apesar de ter tido apenas uma amostrinha desse feliz convívio, estou de pleníssimo acordo com o Chuck!

Partiram sábado, às 19.50, recebendo ainda, na estação, o meu último grande abraço de despedida da atual temporada, todas as minhas fraquíssimas palavras de encorajamento e os meus mais ardentes e sinceros votos de inúmeras felicidades.

Peço a Deus que ambos sejam felizes, e, que, em julho do próximo 1940, possamos nos reunir novamente num outro “churrasco”, no restaurante do Aeroporto, aí no Rio de Janeiro.

Bem, Sra. D.Heloisa, já me estou tornando enfadonho: não mais tomarei seu precioso tempo.

Aqui faço ponto final apresentando-lhe os meus mais respeitosos cumprimentos.

Seu muito atento, cordial, admirador,

Ulysses Eduardo dos Santos

P.S. Para qualquer coisa que lhe possa ser útil. Meu endereço é: 12, Rua Avaré – São Paulo.

10. De Wagley para Heloisa

1º de novembro, 1939

Cara D. Heloisa,

Por esta carta gostaria de apresentar Acary dos Passos Oliveira.¹²⁶ Ele é um bom amigo, companheiro de viagem no Araguaia e chefe do Ministério do Trabalho no estado de Goiás. Além disso, ele é um bom companheiro e me ajudou muito.

Converse com ele. Ele deseja ajudar com coleções de Goiás. Pergunte-lhe sobre a tecelagem local, com cores naturais. Ele pode obter uma boa coleção dela.

Cordialmente,

Charles Wagley

11. De Wagley para Heloisa

Goiás em Goiás

Sexta feira, 3 de novembro [1940]¹²⁷

Querida Heloisa,

Não houve tempo para escrever até chegarmos aqui. Chegamos quarta feira e ficaremos alguns dias para compras e para descansar. Até agora, tudo correu de acordo com o planejado. Nossa bagagem veio conosco no mesmo trem e a bagagem mais pesada estava esperando em Goiânia. O Dr. Pedro nos deu o caminhão, mas teremos de comprar seis galões de gasolina para a viagem – algo em torno de 500 milréis, mas barato para o caminhão. O caminhão chega aqui na segunda feira e partiremos para Leopoldina na terça. Valentim¹²⁸

¹²⁶ Acary dos Passos Oliveira “*mais tarde tornou-se diretor do Museu do Índio de Goiânia*”. Wagley, *Lágrimas de boas vindas*, p. 41.

¹²⁷ A anotação do ano está evidentemente equivocada: pelo contexto, a carta é de 1939.

¹²⁸ Valentim Gomes, meu auxiliar e companheiro constante em 1939-40, tornara-se encarregado do Posto Indígena do Serviço de Proteção aos Índios. Esse posto foi implantado, em 1940, na embocadura do rio Tapirapé para evitar a penetração estrangeira no território tribal. Charles Wagley, *Lágrimas de boas vindas*.

ainda não chegou, mas podemos apanhá-lo em Leopoldina, se ele não chegar até lá. Todos meus amigos foram muito simpáticos. Em Goiânia, Acary dos Passos Oliveira fez tudo para nós e nos levou a passear à noite. Incidentalmente, eu lhe dei uma nota para você. Ele pode obter um bom material tecido à mão para o museu. Eles são quase tão bonitos como os de Minas. Goiás ainda está bonita e hospitaleira – como sempre de uma maneira antiga e calma. Os Caiados ficaram encantados em saber que você lembrava deles.

Desde que deixei o Rio sofri mais do que pensei que sofreria de saudades*. Não ousou me deixar levar pelo pensamento porque minha mente volta direto para o Rio e para tudo do que sinto falta. Cada vez que escrevo seu nome penso no que deixei para trás por alguns meses. Sinto uma onda de tristeza – nós não temos uma boa palavra para saudades. Quando o trabalho com os Tapirapé estiver terminado, e bem feito, voltarei tão rápido quanto possível.

Fico satisfeito por não ter escrito alguns dias atrás porque estava muito aborrecido com Antenor. Tivemos uma conversa franca e esclarecemos a maior parte das dificuldades. Ele comprou um enorme revólver de um gaúcho em São Paulo, com munição para um exército. E a sua maneira cheia de suspeitas e quase valente* me enraiveceu. Estou certo de que ele estava com medo – especialmente dos índios. Tudo isso combinado com sua falta de diplomacia me deu arrepios. Acho que agora ele compreende meu ponto de vista e que poderemos nos dar muito bem porque ele é muito inteligente. Mas se ele não tiver confiança, e confiança tanto nos caboclos como nos índios, será duro para mim. Por favor, não se preocupe com isso. Você sabe que posso me dar bem com quase qualquer pessoa na terra e somos bons amigos agora. Se eventualmente ele não se der bem com os índios, eu lhe pedirei que acampe em Furo de Pedra. Ele é realmente uma boa pessoa e faria isso por mim. Me perdoe, mas a única coisa que odeio no Brasil é a mania que as pessoas tem por armas. São

geralmente pessoas da cidade as que precisam ter tantas armas; os caboclos sabem que as pessoas que tem medo vem armadas até os dentes, e se divertem com elas (riem delas). Não entendo o sentido nem a necessidade das cerca de cinco armas que Antenor carrega.

As chuvas estão atrasadas e estamos com sorte. As estradas ainda estão boas e me dizem que com duas ou três chuvas o Araguaia terá mais água. Estou rezando para conseguir levar a bagagem até os Tapirapé antes de muito mais chuva. Um amigo meu foi para Leopoldina hoje e vai procurar por um bom batelão para nós – se ele encontrar um, perderemos poucos dias lá e será outro golpe de sorte. Esta viagem está bem organizada e parece ir tudo muito bem – e por isso estou muito feliz.

Bem, devo mandar logo esta pelo Correio porque ele fecha cedo e devo comprar querosene, manteiga em lata, sabão e fósforos hoje. Gostaria de escrever dez páginas, mas devo guardar algo para contar quando voltar. Nunca vou esquecer o Rio desta vez. Por favor, não esqueça nosso compromisso de 9 de novembro. Pensarei em você durante quase todo o dia e beberei uma garrafa de porto.

Com afeto, Chuck

P.S. Escreverei mais tarde para dar informações a João sobre a viagem dele. Não deixarei passar um mês sem escrever. Por favor, dê lembranças a sua família. E não se preocupe conosco. Com meu amor. Chuck

12. De Heloisa para Wagley.

Segunda feira, 3 de novembro de 1939

Querido Chuck – Fiquei muito feliz em receber sua carta. Estou um pouco envergonhada por não ter conseguido deixar de lhe telefonar duas vezes! Mas tive duas boas razões para fazê-lo: uma era comunicar a chegada da carta do

Dr. Pedro e a outra que a bagagem havia chegado em Goiânia. Fico contente por não ter ouvido falar dessas coisas quando você estava aqui. Recebi uma longa carta (e muito engraçada também) de Ulysses. Estou guardando para você ler na volta. Ele descreve os mínimos detalhes de sua estadia em São Paulo e conta o quanto você me admira. Vou escrever-lhe uma carta gentil. Você realmente teve sorte em encontrar Colbacchini. Recebi uma carta de Lipkind (2 e 10 de setembro). Ele estava em Conceição e recém tinha tido notícias de Buell [Quain]. Ele esperava estar em Belém no final de outubro. Deve estar lá agora. Mande-lhe uma carta com uma requisição de transporte e explique-lhe que não deveria trazer o Karajá para o Rio. (Ele fala nisso em sua carta). Creio que ele está sem dinheiro já que pretende voltar de barco.

Estou enviando hoje as fotos de seu encantador pequeno Tapirapé e também cópias das últimas fotos que você deu para revelar. Gostaria que você tivesse sido mais generoso e me tivesse mostrado melhor do que sou e não pior. Abri seu baú e mandei por ordem em tudo. Mande fazer uma camisa para ver se serve. Encomendarei as outras e os pijamas logo depois, se a primeira servir. Como você me mostrou, os punhos da camisa da qual você tanto gosta estão um pouco puídos. Você gostaria de mandar virá-los do avesso ou acha que ela está muito usada? Você esqueceu sua escova de cabelos? Ela estava no baú. Fiquei com a foto do Cassino. Gosto dela. Também encontrei seu relógio. Usei-o durante alguns dias e percebi que não estava funcionando. Mande consertá-lo e penso em usá-lo, se você não se importar. Não tenho nenhum agora. Por favor não se esqueça de escrever explicando tudo sobre o dinheiro para Billie.¹²⁹ Não tenho seu endereço. Vou pagar 500\$ para Lipkind e enviar o mais breve possível toda a informação sobre os Tupi que você pode encontrar na sua viagem, mandioca, gramática e todo o resto. Diga também toda a informação

¹²⁹ *História tocante de Wagley. Seu irmão é um anormal. Aos quinze anos, ele tem o corpo de um menino de onze. Wagley está determinado a curá-lo e lhe deu 350 dólares da verba que recebeu para sua expedição. Ele me disse: 'É bom ter na família alguém a quem se ama'. Parece que ele ama este irmãozinho que pôs toda sua esperança nele.* Métraux, *Itinéraires*, 37.

que você quer de Lipkind. Estou mandando por este malote um livro recente. Ainda não o li, mas parece que no final há alguma informação sobre as línguas Guaraní. Espero que ajude. A senhora Lewis me perguntou se eu não ia sentir a sua falta quando você voltasse para os Estados Unidos. Disse que não. Espero que você não tenha esquecido de pagar ao Dr. Fanstone os 134\$ que lhe devo. Se esqueceu, escreva dizendo, que farei isso. Você consegue entender esse Inglês horrível? Estou escrevendo com uma pressa incrível. Fico contente em dizer que tenho trabalhado muito desde que você partiu. Me sinto muito bem e feliz quando penso sobre o belo trabalho que você está fazendo. Tentarei obter dados históricos sobre os Tapirapé. Eles podem ser encontrados nos antigos relatórios dos Governadores de Província. Recebi outra carta da mãe de Buell. Ela é muito simpática, mas fico terrivelmente preocupada em responder às suas muitas perguntas. Creio que vou lhe escrever dizendo que será melhor conversar quando nos encontrarmos. Você sabe os dias certos do mês em que o correio vai de Goiânia para Leopoldina? Escrevi ontem para Antenor falando de novo sobre os 50%. Espero que dê tudo certo. Acredito que dará. Não se canse muito; guarde sua energia para o trabalho bom. Vou escrever para a Dra. [Ruth] Benedict sobre você.

Chuck, no dia 9, quando você acordar, olhe em volta. Vou estar por perto com meus melhores votos. Fico imaginando onde você estará nesse dia, mas de qualquer modo estarei perto de você. Temo que João não termine seu trabalho antes de janeiro. Gostaria que ele fosse, mas às vezes acho que não será possível.

Nossas flores (as de mamãe e as minhas) duraram muitos dias. Eram lindas e lhe agradeço especialmente por sua atenção. Espero que sua saudade também dure tanto quanto a minha... Temo que dure muito, isto é, todo o tempo que você está longe. Mamãe e Marieta mandam as melhores recomendações. Eu também. Amor. Heloisa.

13. De Heloisa para Wagley.

Sábado, 11 de novembro de 1939

Querido Chuck - Não tive nenhuma notícia desde que você deixou São Paulo, mas espero que você e Antenor de Carvalho tenham recebido minhas cartas. Como você passou o dia 9? Onde você estava? Você não está triste por ter deixado o champanhe? Temo que você tenha saído de Goiânia sem telegrafar. Ficarei brava quando tiver certeza. Estou brincando. Posso bem imaginar o quão ocupado você estava nos últimos dias e espero que todas as dificuldades estejam sendo deixadas de lado. Se você receber esta carta antes de deixar Leopoldina, escreva dando-me o nome de uma pessoa de confiança a quem eu possa escrever com segurança de que minhas cartas ou alguma coisa mais que eu mande estão sendo levadas para Furo de Pedra. Gostaria também de ter alguém a quem escrever em Furo de Pedra. Tivemos duas ou três grandes chuvas no Araguaia - portanto, elas devem estar começando e estou ansiosa para saber se você já está na aldeia. João está preparando sua viagem. Agora ele está certo de que irá. Gosto desta idéia não apenas por causa do bom trabalho que estou certa que ele fará, mas porque ele será excelente companhia. Provavelmente ele chegará à aldeia com o correio que sai de Furo de Pedra no final de janeiro ou no início de fevereiro. Escreverei sempre nos dias 15 e 30 de cada mês, mandando a carta por avião até Goiânia - e peço que você escreva todo mês. Espero que sua correspondência não se perca. Recebi mais duas cartas da mãe de Buell. Estou de fato incomodada com todas as perguntas dela. Não sei exatamente o que dizer. Penso que é melhor dizer-lhe que quando nos encontrarmos no próximo ano falaremos sobre Buell. Recebi um telegrama de Lipkind ontem. Ele acaba de chegar a Belém e me pede que o faça esperar por ele. Ele diz que deseja discutir seu material com você antes de escrever sua monografia sobre os Karajá. O Presidente vai me receber depois do dia 15. Não há novidades administrativas interessantes. Estou terminando,

quero que esta carta alcance o avião do meio dia em São Paulo. Sinto sua falta, mas trabalho bem. Amor, Heloisa.

14. De Wagley para Heloisa.

Domingo - 26 de novembro [1939]

Furo de Pedra

Querida Heloisa:

Fiquei feliz e excitado esta manhã ao ser acordado às 5:30 AM pelo correio* trazendo-me duas cartas suas. Uma escrita em 3 de novembro e a outra do 11. Li e reli ambas hoje. Tenho tanto a escrever agora (tudo de bom) que não sei por onde começar. Espero que agora você já tenha a história até Leopoldina --e agora que Ulysses descreveu completamente as aventuras em São Paulo, posso pular essa parte. Deixamos Leopoldina por volta de 13 de novembro, creio. Embarcamos a gasolina e muita bagagem pelo barco comercial que vinha logo atrás de nós. Em Leopoldina compramos dois barcos e os amarramos um ao outro -- isso foi idéia minha porque barcos menores subirão melhor até os Tapirapé. O motor é uma beleza; ele agüentou a carga facilmente a meia marcha todo o caminho, exceto as duas últimas léguas e no dia seguinte eu o consertei. Agora o motor está melhor do que nunca. Levamos dez dias descendo -- foi tão lento porque um vento estável soprava do norte ameaçando chegar a nossos barcos e afundá-los-- assim tínhamos de sentar durante horas a cada dia e esperar pela calmaria para viajar. Encontramos apenas duas chuvas longas e fortes e pudemos dormir nas margens. Ficamos em São Pedro mais de um dia e a meu pedido para os Karajá houve uma dança de máscaras muito parecida com a minha dança Tapirapé. Fiz grandes anotações no dia seguinte. Antenor é um bom companheiro; ele é forte e nunca se queixa, mesmo quando os pequenos e irritantes mosquitos de

pólvora* picavam o pior que podiam. Ele é melhor aqui do que na cidade. Apesar disso, espero a chegada de João porque estou certo de que ele pode falar sobre muitos assuntos sobre os quais Antenor não pode.

Nossa bagagem é grande. Descendo o rio, Antenor e eu conversamos sobre o que faríamos se não pudéssemos encontrar cavalos, etc, para levar tudo para a aldeia Tapirapé. Quando chegamos na boca do Tapirapé, conversamos com o homem que estava lá. Antenor decidiu que para seu trabalho um mês ou dois na boca do Tapirapé seria bom. Ele tem o rio e todos os lagos perto -- cheios de bichos* para ele. Antenor decidiu ficar lá; assim viemos para Furo de Pedra depois de deixar Antenor e muita bagagem no Tapirapé. Isso significa desmembrar a bagagem e deixar com ele muitas coisas, mas isso será fácil. Ele planeja ficar lá no Araguaia até meados de janeiro e então vir para a aldeia e passar um mês ou seis semanas comigo coletando e visitando. Assim será mais fácil de vir para a aldeia porque ele deixará muitas coisas no seu posto do Araguaia. Também significa que eu pagarei a canoa do correio e o transporte a cavalo -- mas Antenor, que é muito, muito justo, pede para pagar parte das despesas de correio e transporte. No entanto, penso que posso pagar essa despesa porque Antenor ficou com pouco dinheiro. Ele comprou uma arma e munição, etc., em São Paulo. Arranjei um camarada para Antenor e um para mim aqui em Furo de Pedra. O homem de Antenor irá comigo até os Tapirapé, ajudando a construir a casa e, depois, voltará para se juntar a Antenor no Araguaia-- assim, terei três homens no Tapirapé nas três primeiras semanas para construir uma boa casa e para me ajudar a me estabelecer. Antenor se juntará a mim no primeiro de janeiro ou um pouco depois. João pode vir e se juntar a mim quando quiser. No momento, se possível, planejo vir para Furo de Pedra no final de fevereiro com o motor. João pode ficar com Antenor na boca do rio Tapirapé até que eu chegue e então voltar comigo. João e Antenor podem passar meses alternados comigo lá de modo que sempre terei alguém comigo depois do primeiro mês. Antes de vir para os Tapirapé, João passará algum

tempo com Antenor no Araguaia. (Vou escrever outra página de informação para João e incluí-la nesta carta.)

Aqui estão algumas observações para você. Meu correio* deixará Furo de Pedra no dia 26 ou 27 de cada mês. Eles tentarão voltar para apanhar o correio que sai para Leopoldina, assim minhas cartas chegarão mais rápido. A melhor pessoa em quem penso em Leopoldina para nos mandar qualquer coisa é Tertuliano Santa Anna. O correio chegará porque fui definitivo e certo com eles. Tentarei escrever hoje uma lista de coisas para Lipkind responder. Diga-lhe que a conversa a respeito do material sobre os Tapirapé pode ser em Nova York diga-lhe que estou sinceramente sentido por não tê-lo encontrado. Tenho informações definitivas sobre os Guajajara. Eles podem ser alcançados a cavalo, ou talvez por caminhão, de Boa Vista ou Porto Franco no Tocantins em cerca de dois dias. Posso ir -- dependendo das notícias de Columbia e as suas mais adiante. Devo reservar pelo menos três semanas para passar no Rio antes de voltar aos Estados Unidos, mesmo para uma visita. Paguei o Dr. Fanstone e todas as dívidas em Goiás e todas as dívidas aqui. O barco a motor tem instruções para verificar cargas para nós cada vez que for a Leopoldina. Em Furo de Pedra, a melhor pessoa é Tomais de Santa Anna Luz, ele é o correio.

O Rio parece muito longe (que é) daqui e sinto sua falta mais do que nunca pensei que sentiria - falando sinceramente. Pensei que a mudança para cá e o trabalho afogariam todos os pensamentos do que deixei para trás, mas isso não ocorreu. No dia 9, quando cheguei a Leopoldina, não pensava em nada mais. Cada vez que abro uma caixa encontro algo que você achou para eu trazer e encontro coisas úteis que você me fez trazer. Isto sempre me faz pensar em você -- isto me entristece e aquece meu coração. Valentim pergunta continuamente "quem pensou nisso", "quem mandou isso" e agora responde as perguntas ele mesmo. Ele sente (acho) que é um bom amigo seu -- ele não sabe que gosto de responder suas perguntas a seu respeito. Ele sugere que o contratemos e façamos uma viagem-- sobre contratá-lo, não sei, mas devemos

fazer uma pesquisa juntos. Falta muito tempo até junho ou julho mas trabalhe bastante e eu farei o mesmo e ele passará rapidamente.

Obrigada outra vez por me ajudar e ser tão amável comigo no Rio. Obrigada pelo novo material Tupi --vou lê-lo amanhã. Obrigada por suas cartas e eu guardarei minha caneta tinteiro por toda a vida. Escreverei pelo menos uma vez em cada correio*, isto é, pelo menos uma vez por mês. Esta sobe o rio no dia 3 ou 4 de dezembro e minha seguinte seguirá em janeiro. Por favor escreva longamente e com frequência. Minhas saudades* durarão mais do que eu gostaria que durassem -- disso estou seguro. Amor, Chuck

Aqui está uma fotografia tirada por um amigo meu. Ele a tirou sem que eu soubesse durante um almoço em Nova York e acaba de mandá-la para mim. Dê minhas recomendações a sua mãe e a dona Marieta.

[Folha anexa à carta: "Informação para João"]

De Anápolis em Goiás ele pode vir como quiser para Goiás (velha capital). Há carros partindo diariamente. De Goiás para Leopoldina, cada dia 3 e 18 de cada mês, Raymundo traz seu caminhão com correio para Leopoldina. Se Raymundo não estiver disponível, procure Ubaldino dos Rios, motorista.

Em Leopoldina, Tertuliano Santa Anna o ajudará. Ele deve pagar cerca de vinte mil réis para Terio por seu transporte e canoa. Se possível, espere o barco a motor e compre passagem para Furo de Pedra.

Tomaizinho Santa Anna Luz pode lhe dar a melhor informação sobre mim. Ele deve sentar e conversar com meus amigos Senhor Simplicio e Dona Januaria, meus dois velhos, em Furo de Pedra. Antenor mora perto de Dona Inez da Luz na boca do Tapirapé. São sete léguas de Furo de Pedra.

Além de sua bagagem pessoal, que deve ser tão pouca quanto possível (compre rede, o mosquitoireiro para rede pode ser feito em Leopoldina. O material do mosquitoireiro deve ser de um tecido extremamente fino através do qual se possa ver mas através do qual nenhum mosquito, do tamanho de uma cabeça de alfinete, possa passar), João pode trazer:

12 mangas para Petromax --300 mechas

12 carretéis de barbante branco

botões de vários tamanhos (brancos e pretos)

5 caixas (de 50 balas cada) de calibre 22 (Remington)

Duas (ou mais) garrafas de uisque ou rum--- para remédio???

Se possível de encontrar, meio quilo de contas---muito pequenas

Se João vier de canoa, precisará de uma pequena cobertura de lona para a bagagem.

No Rio ele pode comprar qualquer comida enlatada que deseje trazer, frutas secas são boas, etc.---já tenho o que é necessário para comer aqui, e poucas comidas em lata são boas.

Em Goiás ele pode comprar--

sacos de açúcar e dois sacos de sal

cerca de dez quilos de cebolas

dez quilos ou mais de café

fósforos para si mesmo e algum para trocar

(temos farinha*, arroz, rapadura, feijões, etc., etc.,)

Em Goiás, Alencastro Vega (a maior casa comercial) está esperando por João e o ajudará. Vá também ver Consuelo Caiado, a quem disse que gostaria de João. Hotel em Goiás é Hotel Portugal (onde me conhecem).

Arranjarei camarada* para João aqui, se ele precisar um.

Diga a João para comprar alguns romances policiais em inglês para mim.

Não posso pensar em mais nada a não ser que ficarei feliz em ver João e ficaria mais feliz se você viesse em seu lugar.

15. De Wagley para Heloisa

Quinta-feira, 15 de dezembro 1940¹³⁰

Tampiitawa, Tapirapé

Querida Heloisa:

Hoje faz uma semana que voltei aos Tapirapé. Ontem os cavalos partiram depois de deixar o resto de minha bagagem; eles fizeram duas viagens desde o porto para trazer tudo. A viagem subindo o rio Tapirapé desde o Araguaia foi ótima; o motor é excelente. Ele empurrou três canoas (duas bem grandes) amarradas juntas e fizemos a viagem em exatamente três dias usando só um pouco mais do que duas latas de gasolina. O Penta é muito mais econômico que o Johnson. A viagem do rio até a aldeia não foi tão boa. Vim na frente dos cavalos com um camarada e encontrei os Tapirapé acampados no campo sujo*, cerca de oito léguas de distância do rio. Foi uma sorte poder descansar com eles, do calor e de duas grandes bolhas que as botas tinham feito roçando nos meus pés e que estavam a ponto de me fazer parar. Passei dois dias com eles, caçando porcos selvagens, coletando piki* [pequi], e macaba*. Daí chegaram os cavalos com metade de minha bagagem e voltamos para a aldeia, mas com dificuldade. Quando entramos no mato, ao deixar o acampamento, os cavalos com bagagem não puderam prosseguir. Então, três de nós fomos na frente, com facões, abrindo caminho. São cinco ou seis léguas de mato denso, chamado mato fechado*. Fizemos cerca de três léguas num dia (alguns trechos são mais abertos) e tivemos de acampar no mato, debaixo de chuva. Ficamos sentados toda a noite, debaixo de abrigos feitos de banana brava*, enquanto a bagagem descansava seca debaixo da lona grande. No dia seguinte chegamos na aldeia e no mesmo dia os Tapirapé voltaram do acampamento para a aldeia.

Eu fiquei ao mesmo tempo feliz e muito triste quando soube o que acontecera desde que parti em setembro. De um grupo de caçadores que os

¹³⁰ A data correta deve ser 1939.

Tapirapé viram no rio no final de setembro, ou dos índios que mandei de volta do Araguaia quando parti, os Tapirapé pegaram a gripe ou resfriado comum. Ela, é claro, circulou por toda a aldeia, resultando em cinco mortes. Morreram um chefe, um chefe da outra aldeia, duas mulheres e uma criança. O chefe que morreu não era meu amigo, mas era importante para algumas das cerimônias vindouras e uma pessoa extremamente ativa. Corta o meu coração pensar não apenas nessas mortes, mas sobre o que vai acontecer nos próximos anos. É quase impossível proteger um povo como os Tapirapé; a mais leve infecção pode se espalhar como ocorreu com essa e bastarão apenas algumas mais para acabar com eles. Não se pode mantê-los afastados dos brancos, já que eles tem uma enorme curiosidade e até vão procurar brasileiros – e também, não se pode manter os brasileiros fora de seu território. A única solução é atenção médica imediata e ensiná-los a isolar aqueles que tenham gripe, etc. Um de meus camaradas teve um caso leve de resfriado comum quando chegamos; para demonstrar o que eu queria dizer com isolamento, e para protegê-los, eu o isolei (pobre sujeito) durante dois dias até que ele se livrou de seu resfriado. Eles acharam graça nisso e foi difícil mantê-los afastados dele – eles entenderam, mas estou certo de que não aprenderam. De qualquer modo, não tivemos gripe por aqui. Graças a Deus.

Não há falta de tapirapés agora, já que cerca de quarenta vieram da outra aldeia, tornando esta uma grande aldeia. Com a exceção de um homem, eles estão surpreendidos com os primeiros civilizados* que jamais encontraram. O homem que morou aqui antes é uma jóia. Pensei que ele estava morto, porque nunca o vira, mas tinha ouvido falar dele por Baldus e pelo missionário. Ele é grande, paciente, um bom trabalhador com muito prestígio, e entende português melhor do que qualquer outro tapirapé. Trabalhei com ele durante várias horas sobre os mitos e ele se delicia explicando pequenos detalhes. Espero que ele nunca perca o interesse. Todos os outros foram encantadores á minha chegada; um xamã sonhou que eu me atrasara na minha viagem porque “meu irmão morrerá”. Isto me deu um susto. Quase todos trabalharam em

alguma coisa para acrescentar à minha coleção, e eles tinham bananas, amendoins, cará, mandioca mansa, etc., etc., armazenados para a minha chegada. No entanto, os cavalos foram o ponto alto do espetáculo durante dois dias. Só um ou dois tapirapé tinham visto cavalos; eles tiveram de examiná-los, literalmente, da cabeça à cauda, e muitos até montaram neles. Temi pela segurança dos cavalos.

Consegui o mesmo correio* de Furo de Pedra. Ele se chama Tomaisinho da Luz. Eles chegarão agora no dia 30 de cada mês ao porto, voltando depressa para por minhas cartas no correio que sobe o rio (para Leopoldina) e que passa todo dia 3 de cada mês. Se isto funcionar, você receberá minhas cartas mais rapidamente do que antes. Estou vivendo para cada correio e para suas cartas. Não sabia que minhas saudades* durariam tanto tempo. Tenho de me manter ocupado, para evitar pensar muito sobre minha volta. Quero voltar com um bom trabalho feito e com uma boa (mesmo se pequena) coleção para o Museu. Será agradável no próximo mês, quando Antenor chegar, ficar conversando à noite, e melhor quando João vier mais tarde. Espero convencer João a ficar pelo menos dois meses aqui na aldeia comigo. Espero que ele traga um jogo de xadrez, pois sei que ele joga xadrez. Valentim e Salvador estão fixos comigo agora e dois outros bons trabalhadores estão ocupados construindo uma boa casa. Meus visitantes terão a sorte de encontrar uma casa confortável – pois parece que ela ficará confortável. Estou vivendo agora sob a lona grande até que eles terminem. Vou deixar para terminar esta mais tarde, um pouco antes da data do correio.

27 de dezembro

Valentim sairá cedo para o porto amanhã, para recolher minhas cartas. Espero que haja ao menos duas suas – se não houver, vou ficar muito triste. Passei o dia de Natal na minha rede. Eu recém tinha voltado de uma expedição de caça, de três dias, com os Tapirapé e cheguei com enormes bolhas nos pés – causadas pelos sapatos que comprei no Rio. Joguei o par no regato e voltei de pés

descalços. Enfim, comemos veado e ganso selvagem no Natal e bebemos uma garrafa do vinho do porto que você me mandou. Eu tinha um bom livro para ler e recusei-me a fazer anotações no meu caderno o dia todo. No fim do dia estava morto de saudades* tanto do Rio como de casa. Na véspera de Natal, depois que fui me deitar, Valentim e Salvador acharam boa idéia dar uns tiros de revólver em homenagem ao Natal. Os Tapirapé não viram nisso uma celebração; todas as mulheres correram para o mato* e os homens gritavam de longe, perguntando porque estávamos bravos. Tive de me levantar e, de madrugada, fiz um discurso público para todos os homens presentes, falando-lhes a respeito do ancestral dos cristãos, Jesus Cristo, e toda a história do Natal, explicando que todos os cristãos celebram este dia. Depois dei ordens para que não houvesse mais tiros e fui dormir. No dia seguinte ao Natal, fui premiado pelo meu espírito missionário. O chefe, Kamiaraho, me informou que os Tapirapé também tem vários ancestrais dos quais eu nunca tinha ouvido falar e ele me contou um belo mito das viagens de um deles e das razões pelas quais desde então os Tapirapé tem grupos de festa. Abriu-se um caminho fácil para chegar aos mitos – de modo que tenho usado Jesus como um bom personagem e trocado mitos com eles. Faço relatos levemente indianizados de Jesus e de seus discípulos – preciso contá-los de maneira ligeiramente aventureira, já que os Tapirapé não gostam deles se não for assim, mas me mantenho bastante fiel às histórias tal como contadas na bíblia.

Daqui a uma semana Antenor estará vindo, eu aguardo sua estadia com expectativa e mais tarde, a menos que os planos tenham mudado, João estará aqui. O tempo passará depressa porque os dias aqui passam com uma terrível rapidez. Fiz um programa e percebi que devo trabalhar arduamente. Trabalhei com a língua durante cerca de três semanas – trabalhando cerca de três horas por dia com textos. Ela não parece tão impossível agora e posso seguir as conversas e falar um pouco. Em março serei capaz de trabalhar inteiramente na língua [deles].

Tenho momentos de saudades* que me fazem pensar se deveria ir até os Guajajara. Planejo fazer isto, mas é possível que saía daqui terrivelmente ansioso para voltar. De fato, do Pará ao Rio é um longo trajeto e eu devo ir ao Rio – ou você deve vir ao Pará (Belém). Acho que minha ida ao Rio seria mais fácil, já que você está ocupada com o Museu. De qualquer modo, não desistirei dos Guajajara a menos que sinta muita vontade de voltar rapidamente. Talvez eu possa ir de avião de Marabá ao Rio.

Lembranças para sua mãe e dona Marieta. Muitas, muitas para você.

Todo meu amor. Chuck

P.S. Perdoe esta carta. Escrevo rapidamente e de fato sou muito descuidado. Estou enviando esta pelo correio normal de Leopoldina. O correio normal é tão rápido quanto o aéreo, a menos que você leve a carta no dia em que o avião parte.

16. De Wagley para Heloisa

Domingo, 21 de janeiro [1940]

Tapirapé

Querida Heloisa,

Andei muito preocupado durante este mês. Meu correio de dezembro (que chegou dia 1o de janeiro) não tinha uma carta ou um bilhete seu. Chegaram duas caixas com nozes e frutas secas, mas a falta de qualquer palavra sua me preocupou. Espero que uma carta não tenha se perdido. Dentro de uma semana, Salvador vai ao porto para recolher o correio e deve haver uma carta. Recebi cartas dos Estados Unidos. A carta de minha mãe me deixou triste porque ela não parece nada feliz com seu casamento, mas nisso não posso

ajudá-la. Todas as fotografias chegaram, menos o pacote grande com as ampliações que mandei para [Carl] Withers.¹³¹ Chegou a foto ampliada do menininho, diz ele, mas nada mais. Eu lhe enviei cerca de trinta ampliações. Talvez elas apenas tenham se atrasado. Preciso lhe dar péssimas notícias. Algo aconteceu com a filmadora. Tanto Antenor como eu trabalhamos nela durante dias tentando fazê-la funcionar, ainda que temporariamente. Finalmente desisti da idéia de usá-la; gastei muito tempo tentando consertá-la e gastei vários rolos de filme. Pensei em mandá-la de volta para o Rio ou para Goiás, mas se fizer isso agora em fevereiro, ela só voltaria em abril. Cada vez que penso nisso, fico irritado comigo mesmo por não poder descobrir o que está errado, e triste porque essas maravilhosas cerimônias não podem ser registradas. Não se pode voltar para um bom filme, porque para registrar a melhor cerimônia, as melhores fotos do dia, etc, tem-se que esperar e esperar. Estou envergonhado também por estar desperdiçando a maravilhosa oportunidade que você me ofereceu. Nem Antenor nem eu pudemos fazer nada a respeito disso. Mantereí os filmes em boas condições de modo que o Museu possa trocá-los por novos filmes (filmes virgens) para serem usados em outra viagem. Estou terrivelmente sentido a respeito disso. Estou certo que um bom consertador de câmeras será capaz de consertar a máquina sem muitos problemas. Aqui acabam as más notícias.

Antenor chegou duas semanas atrás; ele planeja ficar até perto do dia 20 do próximo mês (fevereiro). Naquela época, irei com ele até Furo de Pedra, para uma mudança de cenário e para trazer João comigo, se ele estiver lá. Antenor está encantado com os índios e tem um jeito simpático com eles. Ele parece imensamente interessado em cultura material e passou dias aprendendo a

¹³¹ Carl Withers (1900-1970), antropólogo norte-americano, grande amigo de Wagley. Escreveu sob o pseudônimo de James West, uma obra que se tornou clássica nos estudos de comunidade, *Plainsville, USA*. Escreveu também livros para crianças. No Brasil desenvolveu pesquisa em Arraial do Cabo, litoral norte fluminense. Ainda que nunca publicada – os manuscritos estão no Museu Nacional – a pesquisa rendeu um filme, *Arraial do Cabo*. Ver Paulo César Saraceni, *Por dentro do cinema novo – minha viagem*. Rio de Janeiro: Ed.Nova Fronteira, 1993.

fazer flechas, arco, como tecer uma rede, etc. Muito disso eu já havia registrado, mas ele está escrevendo tudo e faz desenhos muito bons. Talvez ele me deixe usar seus desenhos. Meu trabalho vai muito bem. Minha intuição sobre o Tupi está melhor; estou coletando mitos agora e alguns com texto; e acabei de testemunhar uma das cerimônias mais excitantes, da qual jamais ouvi falar. Foram dez dias de luta com Topu, ou Trovão. A quantidade de tabaco ingerida foi enorme. O xamã e todos que queiram tornar-se xamãs tomavam parte todos os dias e quase todos os homens Tapirapé “fumaram” uma vez ou outra. Eles engoliam a fumaça até ficarem bêbados, cantando e tropeçando em volta até caírem inconscientes, assim vendo o Trovão. Muitos fingiam e caíam, mas outros ficavam verdadeiramente inconscientes. As reações eram membros esticados, lamentações e rolar pelo chão, coceira violenta e o enrijecimento de braços e pernas. Não posso começar a descrever o efeito aqui, numa carta, mas é uma das mais violentas cerimônias dionisiacas que jamais vi. Amanhã, os homens jovens vão procurar buriti para fazer máscaras para uma breve sessão de espíritos animais. Mas a parte mais interessante dessas cerimônias da estação úmida está em sua organização. A metade masculina e a dos grupos de idade trabalham sistematicamente como grupos – eles festejam os resultados de grupos caçando grupos, a ampla casa de danças foi dividida em partes para eles (cada grupo ocupa e é dono de sua parte); as metades lutam umas com as outras; e cada metade deve oferecer uma máscara para cada dança do espírito animal, etc., etc. Não entendo como, mesmo numa estadia curta, Baldus deixou de observar essas metades. Quanto aos mitos, os Tapirapé são tipicamente Tupi. Estrelas, ancestrais míticos, o sol e a lua. Às vezes parece um recital do livro de Métraux¹³² sobre a religião Tupi, levemente modificado. O material histórico também é excitante. Parece que o

¹³² Alfred Métraux (1902 – 1963), nascido na Suíça, trabalhou na Argentina, nos Estados Unidos, na França e no Chile, onde ajudou a fundar a Flacso. Tendo sido por longos anos funcionário da UNESCO, fez muitas viagens ao Brasil no contexto de seu interesse pelos estudos afro-brasileiros. Foi o principal organizador do *Handbook of South American Indians*, editado pela Smithsonian Institution.

terreno original e tradicional dos Tapirapé está ao norte, perto do território Kayapó; cinco das seis aldeias eram lá. E eles me contam longas histórias do contato com os Kayapó - o que provavelmente explica minha crença de que os Tapirapé tem muitos pontos em comum com os Jê do Norte. Estou realmente satisfeito com esta viagem e creio que em maio terei bom material e material detalhado.

Quanto aos planos, eles ainda estão indefinidos. Quero ficar aqui para ver a grande cerimônia do final da estação úmida. Isto acontece no final de abril, ou pode acontecer só no final de maio ou no começo de junho. Eu quero ver os Guajajara, mas talvez eles devam esperar. Salvador diz que é mais fácil chegar a eles da costa do Maranhão do que da costa do Tocantins. Eu talvez pudesse trabalhar com os Kayapó em Conceição, mas não há já uma grande quantidade de material publicado sobre eles? O que Lipkind fez com os Kayapó? Conceição está a apenas quatro dias de Furo de Pedra. De qualquer modo, meu primeiro objetivo é obter material Tapirapé; além disso, não posso dizer. Se eu ficasse no Brasil, gostaria de ir diretamente (próxima viagem) aos Tembê, Urubu e Guajajara. Eu poderia até querer voltar para uma estadia de três meses com os Tapirapé para fazer um estudo realmente bom. Quero ter pelo menos um mês no Rio, lendo material Tupi e pondo minhas notas em ordem antes de ir para os Estados Unidos e posso não estar de volta ao Rio até quase julho, do modo como estão as coisas.

As coisas aqui andam bem. Temos as suas frutas secas e as frutas que trouxemos. A saúde de nós quatro é excelente – apenas meus dois furúnculos estragam nosso recorde. Salvador traz um veado toda semana e ocasionalmente temos pato, mutum e jacu. Os índios estão trabalhando muito bem numa coleção e cada vez que o correio parte mando alguns objetos. Leio muito para quebrar minha solidão e sonhos de voltar. Nenhuma notícia de Columbia, de modo que minha vida está ainda incerta. Tenho mais expectativa sobre uma estadia no Rio com você do que em relação à minha volta aos Estados Unidos. Sei que você está ocupada e trabalhando muito duro, mas espero que você não

tenha mudado em relação a mim e ainda tenha tempo para saudades uma vez ou outra. Espero que possamos ter a mesma amizade forte e calorosa que tivemos no Rio da última vez – quando eu voltar. Por favor, escreva. Espero que João esteja a caminho. Estou certo de que sua companhia ajudará; acho que ele é o tipo de pessoa de que eu gosto. Eu o convencerei a ficar comigo pelo menos dois meses e depois ele poderá ir rio abaixo para Belém, com Antenor, se quiser. (Mesmo se eu fosse para o norte, acompanharia Antenor apenas até Marabá, parando para ver os Guajajara.)

Escreva-me – mesmo que seja uma nota para dizer que está tudo bem. Sinto muita, muita falta de você. Receber suas duas caixas aqueceu meu coração. Muito obrigado.

27 de janeiro

Antenor decidiu voltar ao Araguaia com o barco do correio. E deve partir amanhã. Sentirei sua falta. Esperamos João nesse barco do correio, ou no barco motor de fevereiro. Espero muito que haja uma carta sua. Amor. Chuck

17. De Heloisa para Wagley.

Cidade do Salvador -Bahia

10 de Fevereiro de 1940

Querido Chuck. Já estava na Bahia quando recebi suas cartas datadas de 15 e 27 de dezembro. Fiquei muito satisfeita com as boas notícias sobre seu trabalho. Às vezes você parece aborrecido; espero que isso já tenha passado e que você esteja contente outra vez. Creio que Antenor ainda está com você e fico contente por isso. Mais uma vez é possível que João vá em meados de março. Farei o possível para que ele vá. Ele só pensa nisso. Fiquei muito aflita por ter de vir a Bahia, mas você não pode imaginar o que Édison [Carneiro]¹³³

¹³³ Édison Carneiro (1912-1972), baiano, jornalista, folclorista, etnógrafo, autor de vários trabalhos sobre as tradições afro-brasileiras nos candomblés da Bahia. Heloisa se refere à

andou fazendo com as coleções para o Museu. Tive de vir, para não perder tudo depois de ter gasto 20:000\$000! Fiquei muito contente e pude juntar muita coisa nesses 15 dias que passei aqui. Na nota que lhe enviei antes de deixar o Rio, prometi uma longa carta mas não tive um minuto para mim todo este tempo. Hoje é o último dia para enviar o correio que chegará a Goiás no dia 18. Estou apenas rabiscando algumas palavras. Estou muito triste por não ter mandado para o meu menino guloso algumas latas de comida, mas daqui era impossível. Você não pode ter idéia da reputação de Ruth [Landes] na Bahia. Temo que ela nunca mais possa trabalhar aqui. Édison casou-se alguns dias atrás e contou que Ruth escreveu dizendo que possivelmente voltaria ao Rio em agosto. Também tenho terríveis saudades e penso muito em você. Comprei algumas coisas que penso que você gostaria de levar para seus amigos. Entre elas, três baianas: uma negra, uma mulata e uma cabocla que são muito simpáticas. Como vai Billie? Devo mandar-lhe dinheiro? Acho que já escrevi que recebi 12:500\$ para você. Paguei 500\$ para Lipkind.

Gostaria que você e Antenor mandassem no próximo mês uma lista completa do que João deve trazer.

Parto para o Rio na próxima segunda (dia 12) e ainda não tive tempo de ver uma única igreja na Bahia.

Quando deixei o Rio não tinha nenhuma notícia sobre minha verba para novos contratos. Quando você acha que vai ter notícias de [Ralph] Linton ¹³⁴? Por favor, escreva imediatamente. Espero que então eu saiba sobre o Museu e poderemos discutir o assunto.

Recebi sua carta do dia 31; levou um pouco mais de um mês. Acho que foi a mais rápida.

Exposição Histórica do Mundo Português, organizada em 1940 pelo governo português e para a qual ela fora encarregada de preparar uma exposição etnográfica – que acabou sendo cancelada, aparentemente pelo grande número de artefatos de origem afro-brasileira por ela enviados a Lisboa.

¹³⁴ Ralph Linton (1893-1953), substituiu Franz Boas na chefia do Departamento de Antropologia de Columbia, em 1937. Sua inimizade com Ruth Benedict era notória. Cf. Sydel Silverman (ed.), *Totems and teachers*. Perspectives on the history of Anthropology. New York: Columbia University Press, 1981.

Estou com vergonha desta carta, mas minha mente está terrivelmente ocupada com o pensamento de tantas coisas que tenho de fazer antes de deixar a Bahia. Há uma coisa que desejo acima de tudo: que você esteja saudável e feliz. Espero que você me escreva sobre qualquer coisa que precise e estou certa de que se for necessário, você terá a sensibilidade necessária para voltar. Boa saúde, bom trabalho, toda minha saudade e meu amor, Heloisa.

18. De Wagley para Heloisa

20 de [dezembro¹³⁵] fevereiro [1940]

Querida Heloisa:

Amanhã estaremos partindo para Furo de Pedra. Está chovendo forte e ultimamente durante quase todo o dia. Não há dúvida de que os campos se tornaram lagos e os Tapirapé dizem que vamos nadar em dois lugares. Os mosquitinhos e muriçocas* têm estado terríveis e eles devem ser piores perto do rio. Apesar de tais dificuldades, creio que será bom sair por umas duas semanas. As cerimônias tiveram uma pausa temporária e os informantes Tapirapé estão um pouco cansados de serem apanhados por mim, obrigados a sentarem quietos e me fornecerem texto. Dois Tapirapé estão ansiosos para irem comigo e estamos levando todo o material necessário para fazer as máscaras da dança. Fazê-las em Furo de Pedra economiza o transporte da aldeia até Furo de Pedra. Elas certamente se desmanchariam se levadas por esses matos*; em Furo de Pedro posso encaixotá-las imediatamente e elas chegarão ao Museu em boa condição. Um de meus companheiros será o pajé (Pantxe) mais famoso e estou ansioso para tirá-lo da tribo – certamente ele me contará muito em reclusão e estou ansioso como o diabo para escrever os sonhos – como ele os conta. Mas, devo descansar dos Tapirapé pelo menos por um par

¹³⁵ Há um equívoco óbvio: o mês deve ser fevereiro, pelo contexto das cartas que antecederam e que se seguem a esta, e pelo pós-escrito.

de dias, pois estou ficando cansado deles. Trabalhei duro depois que Antenor partiu. Às vezes acredito que sei tudo sobre a cultura Tapirapé e daí alguma coisa aparece sobre a qual eu nunca tinha ouvido falar e isto me faz pensar que devo estar perdendo muito. Às vezes gostaria de partir agora e aprender algo sobre os Guajajara e então penso que devo ficar aqui o maior tempo possível para realmente conhecer os Tapirapé. Penso que devo conhecer os Tapirapé completamente. Venho trabalhando com a linguagem e Tapirapé é claramente Tupi quase clássico. Agora posso até trabalhar falando Tupi; seria valioso ser capaz de falar Tupi (ou pelo menos um dos dialetos do Tupi).

Fiquei, é claro, muito desapontado que João não pudesse se encontrar comigo, mas você tinha me avisado que ele ainda tinha que fazer seu concurso* e eu entendi logo. Antenor ficou mais desapontado porque ele tinha planejado ter uma companhia para sua viagem a Belém. Antenor ainda está na boca do rio Tapirapé. Vamos encontrá-lo daqui a alguns dias e levá-lo a Furo de Pedra (onde não há muriçocas*). Creio que seus planos são apanhar o barco a motor comercial e descer o rio em abril ou mesmo março. Ele não quer voltar aqui por causa das dificuldades de entrar e sair. O álcool que ele tinha acabou e ele pode coletar pouco mais até que consiga mais álcool. Sinto sua falta e gostaria que ele pudesse se juntar a mim, mas compreendo que leva pouco tempo para coletar seu material e o transporte para cá é difícil. Suas caixas chegaram em todos os dias de correio. Elas aquecem meu coração e enchem meu estômago. Os figos, as frutas secas, os doces de frutas, etc. foram ótimos. É ainda mais simpático porque faz me lembrar você – e nossa calorosa amizade. Sinto tanto sua falta. Mas, por favor, não mande mais nada. Quando você receber esta será final de março e devo estar saindo daqui em maio (provavelmente no início de maio). Gostaria de pagar por tudo que você mandou, mas tenho medo de sugerir isto.

Recebi cartas de Benedict (no último correio), de [Ralph] Linton, de vários outros em Columbia – mas nenhuma notícia de Lipkind. Temo que ele tenha se ofendido por alguma coisa, mas isso não me incomoda. Diga, você

gostaria de uma arara* vermelha para sua fazendinha*, ou isso seria muito trabalho para você? Os Tapirapé me ofereceram dois filhotes de araras* vermelhas muito bonitos, se você quiser. Por favor, me diga. Eu poderia levar a segunda arara* para os Prado de São Paulo – eles escreveram que gostariam de ter uma. E também prometi uma passagem para o Rio para Valentim, para seu prazer ou para acompanhar minha coleção e as araras. Pretendo ir de avião – se voltar por Goiás. Você poderia me mandar uma requisição de passagem de Anápolis para o Rio, com bagagem. Se você quiser a arara, mande-me uma permissão para o transporte de bichos* ou, pelo menos, de duas araras. Seria bom se você pudesse mandar isso para Furo de Pedra, de modo que eu não teria de incomodar você por telegrama quando quiser voltar. Mas, se esses favores causarem qualquer dificuldade para você ou para o Museu, por favor não se incomode. Já dei a você e ao Museu gastos e dificuldades suficientes.

Vou deixar espaço aqui para resposta, esperando receber uma carta sua no correio que estará à minha espera em Furo de Pedra.

27 de fevereiro

A viagem até Furo de Pedra foi horrível. Caminhamos de 4 a 5 léguas com água pelos joelhos e fomos muito mordidos pelos mosquitos. Eu quase não agüentei a viagem. Viajamos à noite, com a lua caindo sobre os Tapirapé – que não dormiam porque não havia lugar seco para dormir. O rio cobriu inteiramente a região. Mas Furo de Pedra é ótimo. Tenho Antenor comigo – e temos bananas, melancia, laranja, limões e carne de gado* com arroz. Os Tapirapé estão ocupados com a coleção. Mas, o correio chegou com apenas uma carta de um conhecido e nada mais. Nenhuma carta de casa, nenhuma sua, de Columbia. É difícil de agüentar. Tenho muitas saudades. Amor, Chuck

19. De Heloisa para Wagley.

[Dia ilegível] março de 1940

Querido Chuck - Senti muito ao saber (sua carta de 20 de janeiro) que você não havia recebido notícias do Rio pelo correio de janeiro. Há uma carta minha perdida. Também escrevi a Antenor. Talvez elas apenas tenham se atrasado e em fevereiro cheguem duas cartas. Estou enviando esta nota por dois rapazes que gostaria de apresentar a você: Eduardo Enéas Galvão e Nelson Teixeira.¹³⁶ Ambos serão contratados pelo Serviço (de Proteção) aos Índios e provavelmente irão trabalhar em Goiás. Eles vêm explorando o Museu comigo há cerca de um mês e pensei que teriam a ganhar passando algum tempo no campo seguindo seu trabalho e ajudando, sob sua orientação e seu conselho. Você poderia ser de uma grande ajuda para mim e para os índios se tomasse esses dois sob sua orientação.

Enquanto estive na Bahia, João partiu para uma excursão no Mato Grosso e só voltará depois do dia 15. Não creio que vá ao Araguaia, ele chegaria quase no final de sua estadia. Não entendo porque ele foi para Mato Grosso agora se queria encontrar você e Antenor.

As notícias de sua pesquisa, especialmente sobre as festas, são ótimas. Ainda não tenho nada seguro a respeito dos contratos. Talvez em minha próxima carta haja notícias sobre este assunto. O Serviço (de Proteção) aos Índios está muito interessado na cooperação conosco. Penso que funcionará bem, com grandes vantagens para ambas as partes. O Coronel Vasconcellos me disse que gostaria de mandar-lhe não apenas dois, mas doze dos seus

¹³⁶ Em 1940, três estudantes de antropologia do Museu [Nacional], Rubens Meanda, Nelson Teixeira e Eduardo Galvão, passaram um breve período na aldeia Tapirapé. Wagley, *Lágrimas de boas vindas*, 17.

Conforme mostram as cartas, Rubens Meanda só iria a campo um ano depois. Eduardo Galvão (1921 -1976), que acompanhou Wagley em outras pesquisas, se tornaria o primeiro brasileiro a obter um PhD em antropologia, em Columbia, sob a orientação dele. De acordo com Castro Faria, Rubens Meanda tornou-se piloto e Nelson Teixeira suicidou-se. Entrevista com Castro Faria em 17 de fevereiro de 1995.

contratados. Seria perturbador para a aldeia indígena e, além disso, não há dinheiro para tanto.

Não creio que seja boa idéia chegar aos Guajajara pelo Tocantins; talvez seja melhor deixar isso para depois.

Fico feliz em pensar que em três ou quatro meses você estará de volta para trabalhar conosco por um tempo. É bom esperar pela ocasião de conversar com você e de ter uma agradável noitada no Rincón Argentino (comendo um churrasco), apreciando nossa profunda e cálida amizade - que, espero, dure mais do que sua estadia no Brasil. Boa sorte, com amor, Heloisa.

20. De Heloisa para Wagley.

Rio, Quinta-feira, 7 de março de 1940

Querido Chuck - Escrevi uma carta para você anteontem e a enviei pelos jovens do Serviço [de Proteção] dos Índios que foram ao seu encontro. Mas quero lhe dizer mais algumas coisas. Esses jovens não tem nenhum cargo oficial e eu lhes disse que eles estavam indo para aprender com você e para trabalhar sob suas ordens. Espero que eles não sejam um estorvo. E uma das razões pelas quais os enviei é que espero que eles possam ajudar. Além disso, quero muito estimular meu pessoal. Estou certa de que podemos conseguir muito do Serviço dessa maneira. Penso também que pode ser bom para você ter um conhecimento direto das pessoas que estão no S(erviço), especialmente daqueles que vão ficar entre os Tapirapé. Tenho boa impressão de ambos os jovens, mas especialmente de [Eduardo] Galvão que sabe ler inglês. Não sei se ele fala. Parece-me um moço sério. Há outro que é o melhor de todos e senti muito não ter podido enviá-lo a você, mas ele ficou no Rio por causa do serviço militar. Se eles o atrapalharem, mande-os de volta, mas espero que eles ajudem e aproveitem bem por estarem no campo com você. É claro que fico sentida pelas fotografias, mas não há nada a fazer. Quando o Serviço estiver em ordem, será muito mais fácil voltar e tirar fotos. Ainda não sei nada sobre novos

contratos, mas creio que haverá uma oportunidade e talvez mais do que uma para você no Brasil, se Columbia não o contratar. Estou atenta à questão e estou tentando o tempo todo vincular o Serviço ao Museu. Não recebi carta de Antenor este mês. As suas estão chegando regularmente. A última chegou em 33 dias! É possível que o Presidente vá ao Araguaia este ano e neste caso enviarei dois taxidermistas para trabalhar no seu acampamento. Serão provavelmente João e Berlo, que você ainda não conhece, mas que é um jovem simpático.

Não me sinto bem desde ontem e tive de ficar em casa. Isto me dá a oportunidade de uma conversa com você este mês. Fico contente por isso. Estou sempre pensando sobre coisas e notas que lhe possam ser úteis no seu trabalho e na sua volta aos Estados Unidos e recolhendo tudo que posso para você. O trabalho não é um obstáculo [...] e suspeito que você não vai encontrar muitos amigos do meu tipo em seu caminho. Realmente desejo que encontre, mas duvido que eles sejam frequentes.

O senhor Acary veio para o Rio e agora somos bons amigos. Ele é muito simpático e pensamos em ir ao Araguaia em junho, mas penso que isto é apenas sonho.

Não tive mais notícias de Lipkind desde que ele partiu, mas infelizmente tive muito que fazer e não pude escrever, porque o Conselho as quer. Se você puder sugerir alguém como você ou Buell que gostaria de vir ao Brasil para trabalhar com etnologia, me avise. Estou sempre com medo de que você não vá ficar. A mãe de Buell me escreve com frequência. Ela me mandou três fotos excelentes dele e duas dela. Ela é muito bonita e parece tão equilibrada que não posso suportar algumas das coisas que Buell escreveu. Antes que você volte para os Estados Unidos devemos conversar sobre isso mais uma vez, se você não se importa.

Não sei onde está a Dra. Benedict. Não tive resposta às minhas duas últimas cartas.

Não pude encontrar contas para lhe mandar. Mandei tudo o que você pediu numa carta que João trouxe, e sei que Antenor também escreveu a João pedindo algumas outras coisas, mas não recebi a lista. E João está fora. Lamento se faltou algo importante. Emprestei até os romances policiais e este pedido me divertiu enormemente. Receio que você já os conheça, já que eles não tem data de publicação, mas o livreiro me disse que esses eram novos. Chuck, devo confessar que esqueci de todos meus males físicos enquanto escrevia esta carta. Você é um bom remédio. Espero que você volte logo. Com amor e todas minhas saudades, Heloisa.

21. De Wagley para Heloisa

28 de março, 1940

Aldeia dos Tapirapé

Querida Heloisa,

Valentim vai ao porto amanhã buscar o correio. Estou na expectativa de uma carta sua neste correio. Fazem dois meses que recebi uma carta sua. Houve apenas três cartas suas nesses cinco meses. Creio que as cartas não estão chegando; no mês passado, em Furo de Pedra, não havia cartas da família nem dos amigos que vinham escrevendo todos os meses. Espero que, pelo menos, as minhas cartas tenham chegado e não tenham se perdido.

Voltei de Furo de Pedra no dia 6 deste mês. Passei lá uma semana agradável com Antenor. Os moradores locais organizaram uma dança para nós, comemos enormes quantidades de carne fresca e leitoa*, meus quatro tapirapés fizeram duas bonitas máscaras de dança e gravaram 45 cilindros que chegaram tarde de Conceição. Lipkind tinha deixado a máquina lá com os padres e eles recém a estavam mandando para mim. Os cilindros tem um som muito baixo, mas limpo. Infelizmente, todos os tapirapé que cantaram tem tosse (eles não

pegaram gripe no Araguaia, mas tiveram tosse por muitos meses na aldeia). A volta para cá foi muito árdua. Toda a região em torno do Rio Tapirapé está inundada e não pudemos encontrar terreno para acampar, assim, durante duas noites, cozinhamos na canoa e estendemos nossas redes sobre a água, amarradas às árvores. A caminhada foi dentro d'água, dos joelhos à cintura, por umas boas sete ou oito léguas – todo o campo está debaixo d'água. O mesmo campo no qual caminhávamos carregando água e indo dormir com sede é agora todo água. Ao chegar encontramos todos os Tapirapé com um ataque renovado de suas gripes e com malária – todos estavam doentes. A aldeia estava quase inteiramente inundada e mais da metade dos Tapirapé tinha se mudado, levando os doentes para as terras mais altas. Minha casa estava acima d'água, mas o chão ainda é só lama. Nenhum tapirapé morreu, mas vários ainda estão muito doentes; a água baixou um pouco com vários dias de sol e algumas pessoas voltaram. Mas a aldeia ainda está triste*. Os mosquitinhos e as muriçocas* atacam dia e noite. Todas as cerimônias são indefinidamente adiadas. Tudo isso fez com que meu trabalho ficasse quase inteiramente suspenso e significa que devo esperar pelo menos mais um mês antes de partir. Estou muito ansioso por partir; minhas “saudades” foram terríveis nos últimos dias. Caço (matei porcos selvagens três vezes), fico longas horas debaixo do mosquiteiro, lendo – mas ainda penso no dia de partir. Se os Tapirapé melhorarem e tivermos cantos e danças, poderei suportar melhor isto aqui. Tive azar com as cerimônias, pois este foi um ano doente para os Tapirapé e a vida cerimonial se ressentiu disso.

Deixei Antenor na boca do Tapirapé. Ele está muito ansioso para partir para Belém. Ele deveria apanhar o barco a motor que desce o rio no dia 18 de março – agora deve estar a caminho, provavelmente em Conceição. Sua visita foi agradável; ele é muito simpático e um bom companheiro de prosa, depois de se tornar mais íntimo. Mas ele estava sem álcool e estava doido* para ir para o Pará. Ele está fazendo arranjos para que o barco leve minha coleção (mais da

metade dela) para Leopoldina nos primeiros dias de abril. Penso que está tudo bem empacotado e acondicionado.

Em Furo de Pedra encontrei um homem que tinha visto os Guajajara e tinha informações sobre eles para mim. Elas parecem excelentes. Ele diz que há muitos; que ainda existem aldeias respeitando os velhos costumes e que há Guajajaras que falam português e que são comerciantes*. Mas ele me diz que seriam de vinte a vinte e cinco dias de viagem a partir de Furo de Pedra, a maior parte por terra. Ele diz que se pode alcançá-los do alto do Rio Grajaú no Maranhão e que é mais fácil chegar lá pelo leste – isto é, pelo lado do Oceano. Se eu fosse daqui para lá, só poderia chegar ao Rio no final de agosto ou em setembro. Devo ir para os Estados Unidos durante o verão, assim, devo abandonar meu desejo de visitar os Guajajara até voltar.

Planejo sair daqui mais ou menos por volta de primeiro de maio. Se os Tapirapé não fizerem cerimônias, devo partir até antes. Eu partiria de Leopoldina no início de maio, pegando o primeiro avião que saia de Goiânia. Valentim levará minhas malas e mandarei o resto da bagagem e a coleção de caminhão para o Museu. Gostaria de ficar em São Paulo por três dias. De São Paulo, devo telegrafar pedindo dinheiro, pois estou com pouco. Seria ótimo se eu pudesse telegrafar a você de Goiás e pudéssemos nos encontrar em São Paulo. Você não disse que tinha negócios em São Paulo, para tratar de alguma coleção? Isso já foi resolvido? Devo ficar no Hotel City. É barato e muito simpático. Se não for possível me encontrar em São Paulo (tenho muitas saudades* de você), você pode me fazer um grande favor. Vou precisar de um terno de casimira em São Paulo. Estará frio em São Paulo em maio ou junho e só tenho roupas leves. Telegrafarei de Goiás dizendo para onde mandá-lo e dizendo-lhe quando chegarei a São Paulo. Se por acaso você puder me encontrar, você pode levar o terno. Pretendo subir o rio no barco a motor (é um bom motor) e a chegada a Goiás vai depender das correntes do Araguaia, que são fortes na vazante*, e de conseguir um caminhão de Leopoldina. Confio na sorte para que a viagem seja curta de modo que eu possa passar mais tempo no

Rio, trabalhando no seu Museu. Você acha que eu poderia apanhar um navio e voltar para os Estados Unidos do Pará? Tenho um milhão de coisas para conversar com você. Sinto-me mais seguro de nossa amizade do que nunca.

Carinhosamente, Chuck

P.S. Perdoe esta carta. Minha máquina está quebrada e enferrujada por causa da chuva. Escreva para mim em Leopoldina ou em Goiás A/C Correio.

P.P.S Se não for muito trabalho, mande-me uma requisição para o trem de Anápolis ao Rio. Prometi a Valentim sua passagem para o Rio e ele pode levar a bagagem, dando-me a oportunidade de ir de avião.

22. De Heloisa para Wagley

13 de abril de 1940

Querido Chuck.

É o último minuto para enviar-lhe um bilhete por este correio. Minha mãe não esteve bem, eu também não, e os preparativos para a Exposição em Lisboa estão me deixando louca. Há outra coisa que está me intrigando e preocupando muito. Não posso entender o que está acontecendo com minha correspondência. Escrevi a você todos os meses. Temos ficado trabalhando aqui até tarde e eventualmente toda a noite. Recebi uma carta sua todos os meses e elas me dão muito prazer, muita segurança. Em dois meses (começo de julho/junho) espero ter você de volta. Que bom! Estou tão satisfeita com seu trabalho. Espero que os rapazes que enviei não o tenham incomodado. Gosto muito de Galvão, mas ele é muito tímido. Escreverei na próxima semana sobre o passe para Valentim e mandarei a carta para Furo de Pedra. Como você pode voltar para esta aldeia. Que viagem horrível você teve. O Rio começa a ficar

agradável, não está mais tão quente. Você vai gostar daqui em junho ou julho. Sim, eu gostaria muito de ter uma arara, mas ficaria [ilegível] se este presente seu morresse. Se você acha que o casal de araras não gostaria de se divorciar, leve ambas para os Prado. Diga para Galvão que recebi duas cartas dele e que espero que eles estejam se comportando como bons meninos e aprendendo muito. [Frase ilegível]. Heloisa

23. De Wagley para Heloisa

[a bordo do S.S. Argentina]

11 de junho [1940]

Querida Heloisa:

Amanhã vamos parar em Trinidad. Tenho um milhão de coisas para escrever, mas vou guardar a maior parte para Nova York— de lá escreverei uma longa carta.

A viagem tem sido ótima — estou descansado e me sentindo 100% melhor. Agora só sofro de “saudades”. Eu realmente amo o Brasil e valorizo sua amizade muito mais do que poderia dizer. No dia em que o navio partiu, fiquei olhando você até só poder ver seu vestido e depois seu braço acenando. Você parecia ser o sinal de que - quando eu não mais pudesse vê-la - eu realmente saberia que tinha deixado o Brasil — e me senti muito mal. Não agüentei jantar com outras pessoas naquela noite.

Há várias coisas que gostaria de dizer agora. Primeiro, gostaria de agradecer-lhe pelo álbum. A maior parte das fotos estão nele. Por favor, pague pela capa e pelos gastos com o dinheiro que deixei. E a respeito da bagagem — no navio me disseram que ela deve ser enviada como bagagem num navio de passageiros maior e que deveria ir no compartimento de bagagens e não como frete. Seria melhor mandá-la depois de primeiro de agosto, assim estarei em

Nova York para recebê-la. Desse modo, poderei acompanhá-la na passagem pela alfândega, entrando nos Estados Unidos. Qualquer custo com a bagagem pode ser pago com o dinheiro que deixei.

Há outro favor que quero lhe pedir. Quando você receber a bagagem de Goiás – você pode me mandar o caderno de notas grande por correio registrado. Ele tem os termos de parentesco anotados. Você poderia (ou peça a Galvão para fazer isso) fazer uma cópia desses termos de parentesco – no caso de que o caderno de notas se perca no correio. Só os termos de parentesco são suficientemente importantes para merecerem cópia. Acho que o risco de que ele se perca é pequeno, mas seria melhor se você tivesse uma cópia dos termos de parentesco, caso isso aconteça. Creio que o correio registrado é mais rápido e melhor do que o correio diplomático.

Quero explicar-lhe minha situação financeira. Quero que você a conheça e há uma parte que nunca expliquei – não sei porque nunca a expliquei para você. Desde setembro último, tive 3 contos (150 dólares) no National City Bank, que Carl Withers me enviou por temer que eu ficasse sem dinheiro. Eu estava determinado a não usar o dinheiro dele, por isso nunca o saquei. Assim, depois de comprar cheques de viagem por 10 contos, com meu dinheiro – tinha dinheiro para comprar algumas notas e me sobraram mil e quinhentos réis. Paguei a Carl quando encontrar com ele. No entanto, ainda tenho 400 dólares. Queria explicar-lhe isso porque tinha medo de que você não entendesse minhas transações financeiras – como eu estava tão rico? Essas coisas me preocupam – somos amigos tão íntimos que eu queria que você entendesse. Use quanto você precisar do dinheiro que deixei. Pague todas as despesas que lhe dei com este dinheiro. Não sei porque isto me preocupa – mas pensei nisso logo depois de partir.

Há vários brasileiros a bordo, assim ainda falo português – meu inglês melhorou. Tenho trabalhado no catálogo e em breves descrições das fotos – mas tenho dormido e comido a maior parte do tempo. Estou lendo *Os corumbas* (é ótimo) e dormindo quase até o meio dia. Serei o retrato da saúde ao chegar em

casa. Um ano parece um tempo tão longo agora, antes de poder voltar ao Brasil – já que eu sinceramente amo o Brasil e estou sentindo a falta de meus amigos, especialmente a sua – minha melhor amiga. Dê minhas lembranças a dona Maria José e dona Marieta – e também a Galvão, etc., e a todos que conheci no Museu. Mandarei cartões de Trinidad.

Amor, Chuck

P.S. Espero que você consiga ler esta. Por favor, perdoe esta carta. Escreverei à máquina de Nova York.

24. De Wagley para Heloisa

Sábado, 29 de junho [1940]

Departamento de Antropologia

Columbia University¹³⁷

Querida Heloisa,

Estou preocupado por saber se a carta que enviei a você de Trinidad chegou. Me disseram depois que com a guerra toda a correspondência daqui tem se atrasado muito. Espero que você a tenha recebido. Queria chorar de saudades depois de ler a sua carta, a de dona Marieta, de dona Maria José e, por último, a carta maluca mas simpática de Galvão. Me sinto mal por não ter escrito esta semana mas Linton (meu chefe) me esperou no desembarque e tive dois dias muito ocupados com ele. Benedict também estava em Nova York por apenas dois dias, e muitas outras pessoas. Por sorte, pude ver a todos antes que

¹³⁷ Embora muitas cartas de Wagley tragam o timbre do Departamento de Antropologia/Columbia University, fica claro pelo contexto que ele estava dando aulas no Columbia College, o curso de graduação para homens de Columbia. Gérald Gaillard, no *Dictionnaire des ethnologues et des anthropologies*, diz que Wagley lecionou na universidade de Columbia de 1946 a 1971, quando se transferiu para a Florida. Paris: Armand Colin., 1997, p.129.

partissem até setembro. Agora não vou precisar ir ao Colorado para encontrar Linton. Sua idéia de apanhar o primeiro barco foi boa e funcionou quase perfeitamente. Estou economizando a passagem de trem e muito tempo. Quinta-feira já tinha terminado a maior parte do que tinha de fazer, felizmente, porque a malária voltou. Não foi um ataque forte e os médicos me disseram que eu deveria esperar por um depois da mudança de clima. E também, andei correndo muito e indo deitar muito tarde todas as noites. Hoje estou melhor, esta tarde tomarei o trem e amanhã estarei em casa com Bill e com mamãe. Lá eu vou ler, comer frango frito e morangos com creme, e descansar.

Vi Lipkind. Ele diz que vai lhe mandar um relatório e um catálogo para a coleção. Ele diz que enviou um relatório de Trinidad, na vinda para cá, e que ele pode nunca ter chegado. Me pergunto se isto é verdade. Ele pergunta se alguém no Museu poderá fazer uma breve lista do que está na sua coleção e ele usará isto para fazer um catálogo sobre os usos e funções das peças de sua coleção. Você deve ter tal catálogo para os Karajá e os Tapirapé e vou providenciar para que os tenha. Não vi Ruth Landes. Ela está fora durante o verão.

Na outra carta falei-lhe sobre a bagagem, mas vou repetir. Os baús, os arcos e as flechas, e o gravador devem vir no *Brasil* – em agosto (ele chega em 19 de agosto e posso estar aqui para esperar o navio.) Pague pela bagagem com o dinheiro que deixei com você. Diga a Galvão para me mandar os números e as frases descritivas da coleção, de modo que eu possa terminar o catálogo. Você poderia fazer uma cópia dos termos de parentesco que estão no caderno de notas grande (para o caso de ele se perder), guardá-la com você, e mandar o caderno por correio registrado para o Departamento de Antropologia para mim em agosto. Você estava preocupada com o álbum de fotografias. Eu o estou usando do modo como você trouxe – o tamanho grande das páginas é ótimo. Em cada página cabem duas fotos e as descrições vão coladas nas costas da página seguinte. Tenho muito orgulho dele. A capa deveria ser do tamanho das páginas. Há tanta coisa que queria discutir com você e estou escrevendo isto

antes de correr para pegar o trem, assim vou guardar algo para lhe escrever de Kansas City. Incidentalmente, mencionei casualmente para Linton a idéia de ir ao Brasil no próximo ano e ele disse que “achava que não haveria problema em fazer acertos do lado de cá” (querendo dizer Columbia). Ele achou que era uma grande oportunidade.

Meus cursos não parecem ruins. Devo trabalhar duro. Tenho cursos de história, filosofia, etc., mas é tudo tão organizado que eu poderei acompanhá-los. Professores famosos vem dar aulas altamente técnicas, filosóficas, etc., para mim. Estou levando livros para casa e começarei a trabalhar na próxima semana. Planejei também, com Benedict, dois artigos sobre os Tapirapé, a serem concluídos em novembro, e devo fazer a revisão no manuscrito sobre a Guatemala, de modo a publicá-lo em dezembro. Tenho muito trabalho e é melhor assim, porque preciso matar minhas saudades. Sinto terrivelmente a sua falta, e só percebi o quanto sentia quando a sua carta (e as outras) chegaram ao navio em Trinidad. Este é o tipo de coisa que apenas uma amiga de verdade faria – nunca conheci e nunca tive um amigo que tivesse demonstrado afeição de maneira tão amável. Sinto falta do Brasil também. Curiosamente, ainda acho os Estados Unidos estranho e os americanos rudes. A vida no Rio é tão mais civilizada e não creio que meus compatriotas tenham o senso de humor criativo, solto, alegre, que eu tanto amava nos brasileiros educados (o que quero dizer é que eu ainda amo os meus amigos cariocas.) Gostaria de poder descrever as reações que tenho tido enquanto elas ainda são recentes, mas uma carta não poderá contê-las.

Diga a Galvão, Rubens, e a todos, que não esqueci que prometi mandar livros e bibliografia, mas que preciso de tempo agora para me instalar, depois vou mantê-los ocupados desde aqui. Me avise tão logo saiba de planos de pessoas de virem para cá. Terei todas as informações sobre antropólogos para você logo. (É claro que quero dizer lingüistas e etnólogos.)

Diga a dona Maria José que aceito seu convite para a festa de aniversário e que lá estarei. Serei um bom menino e vou trabalhar duro este

ano só se puder voltar ao Brasil em maio; se não, vou me rebelar e não vou trabalhar. Dê lembranças para dona Marieta e Galvão, Rubens, Nelson e Castro Faria e João, etc.

Por favor, escreva logo, preciso notícias suas. Sinto muito sua falta. Escreva para casa (4533 Gillham Road, Kansas City, Mo.) até primeiro de agosto e depois para o Departamento de Antropologia, Columbia University. Pretendo escrever com frequência, já que aqui é mais perto do que os Tapirapé.

Todo meu amor, Chuck

P.S. Achei a renda e é linda. Este é outro exemplo sobre sua maneira de fazer com que as pessoas (eu) se sintam bem, mas você não deveria fazer tanto para uma pessoa sem valor. A viagem de navio foi ótima – bom tempo durante todo o trajeto e gente simpática. Me senti muito bem ao chegar.

25. De Wagley para Heloisa

12 de julho, 1940

4533 Gillham Road

Kansas City, Mo.

Querida Heloisa:

Ontem lhe escrevi uma carta e não a enviei; hoje chegou sua carta de 4 de julho e decidi escrever minha carta de novo. Me sinto tão mal por seu sofrimento nas últimas três semanas. Gostaria de estar perto de você. Talvez se eu tivesse ficado, isto não teria acontecido. Faz uma semana que estou em casa (quase duas semanas), já comemos todos os “doces” e voltamos a nos conhecer outra vez. Mamãe está tão jovem como sempre e muito parecida consigo mesma antes. Bill está muito diferente. Ele cresceu quase quinze centímetros e tem um aspecto muito melhor. Intelectualmente, desenvolveu-se bem além do que eu esperava. Ele é um bom companheiro agora e não um

menino. Espero levá-lo para Nova York, para ficar comigo por um mês antes que suas aulas comecem. A malária voltou duas vezes em breves ataques desde que cheguei de Nova York, mas creio que isso se deve à mudança de clima. Fui ao médico e fiz todos os exames. Estou certo que será fácil controlá-la. Estou descansado e me sinto muito melhor.

Devolverei a lista para você com esta carta. Não há muito que eu queira dessa lista porque vou precisar disso muito mais no Brasil do que em Nova York. Se Othon [Leonardos] não puder trazer tanta bagagem, você pode mandá-la pelo *Brasil*, que sai dia 2 de agosto. Estarei de volta em Nova York quando Othon chegar e encontrarei com ele no porto (no navio). Ele chega no dia 6, não é? Se alguma bagagem vier pelo *Brasil* e não com Othon, você pode me mandar uma lista do que há em cada baú ou pacote? Vou precisar disso para a alfândega. Se Othon trouxer tudo (não importa o que ele traga), diga-lhe para listar tudo como propriedade sua ou como presentes para amigos. Pagarei qualquer taxa que ele deva pagar pelas minhas coisas. Seria muito melhor se Othon trouxesse as notas de Quain, etc. Escreva para Nova York dizendo o que Othon está trazendo ou o que está vindo pelo *Brasil*. Escreva A/C do Departamento de Antropologia, Columbia University, há tempo de eu encontrar com Othon no navio.

Perdoe minha carta tratando de dinheiro. Não! Você não me deve dois contos, pois usei este dinheiro para viver. Eu lhe devo dinheiro, de fato. Não quero nada de dinheiro até que você possa me levar de volta ao Brasil, e mesmo assim se eu não tiver nenhum.

Os cilindros virão no baú? O gravador deve vir num caixote, suponho. Não posso deixar de me preocupar com o trabalho que minha bagagem está lhe dando.

Tenho todas as minhas fotografias no álbum e escrevi algo em cada página. Vou fazer uma cópia das anotações este mês e lhe mandar. Galvão me mandou um bilhete e disse que logo me mandaria notícia sobre a coleção. Tão logo eu tenha a sua lista dos objetos com o número que ele lhes deu, enviarei

minha descrição e as notas sobre cada peça. Terminei de escrever o catálogo e vou imprimí-lo em Nova York no mês que vem. Também no mês que vem vou examinar meus livros e mandar alguns para você. Você pode emprestá-los a Galvão, Rubens e Nelson, porque eles devem lê-los. Quero comprar vários outros que eles precisam ler e dá-los a você, de modo que você possa lê-los e emprestar a eles. Também enviarei a bibliografia para Galvão e os outros. Tenho a sensação de que devemos trabalhar juntos, mesmo à distância – embora eu possa responder suas cartas no dia seguinte e não no mês seguinte, como entre os Tapirapé.

Na noite passada, jantei com Ed Kennard. Lembra-se, pensamos nele para o Brasil. Ele tem um bom emprego do qual ele gosta, trabalhando para o Indian Affairs Office. Ele está escrevendo textos curtos, para usar nas escolas indígenas, na língua indígena. Ele gosta disso e provavelmente está fora de nossa lista brasileira. Não soube nada sobre Jules Henry (ex-Blumensohn)¹³⁸, mas terei notícias dele no mês que vem. No entanto, há um bom homem que está disponível e que nunca mencionei. Trata-se de Morris Seigel. Infelizmente, ele é muito parecido com Jules. Não é uma pessoa muito educada e tem pouco charme social. Ele provavelmente é um etnólogo melhor, em geral, do que Jules – mas não tão bom lingüista – embora conheça lingüística. Você gostaria dele. Ele adora o trabalho de campo, gosta de ensinar e seria “muito companheiro” de seus estudantes, fala espanhol, é casado, com uma filha pequena, e precisa de trabalho. Eu não tentaria empurrar alguém para o Brasil que não fosse bom, porque amo o Brasil e sou ciumento dele como lugar de trabalho. Vou procurar e obter informação sobre outras pessoas e mandar-lhe uma longa descrição deles e de seu trabalho.

¹³⁸ *Jules Henry (Blumensohn) (1866-1936), aluno de Franz Boas e Ruth Benedict na Universidade de Columbia, autor da monografia sobre os Xokleng intitulada Jungle people: a Kaingang tribe of the highlands of Brazil (New York, 1941). O livro resultou de uma permanência de dezembro de 1932 a janeiro de 1934 no Posto Indígena Duque de Caxias (...).* Nota de T. Hartmann em *Cartas do sertão*. Jules Henry parece ter sido o primeiro etnólogo norte-americano a vir pesquisar no Brasil, o que também foi afirmado numa carta de Ruth Landes para mim.

Estou lentamente me acostumando aos Estados Unidos. Odeio a idéia de comer apressadamente, do modo que fazemos, e odeio a idéia de não ter ninguém servindo a comida. Fico irritado ao ver pessoas vivendo em meio a tal luxo tecnológico e realmente vivendo tão mal. Eu realmente gosto mais do tipo de luxo brasileiro do que do tipo de luxo americano e sonho a respeito do quão agradavelmente poderia estar vivendo se tivesse ficado no Brasil – que é o meu lugar. Vou trabalhar duro, mas com uma única idéia na cabeça – a de que vou voltar ao Brasil até junho do ano que vem. Você não sabe o quanto eu sinto falta de sua cálida amizade sempre perto de mim e o conforto de ter alguém assim. As pessoas falam menos da guerra desde que a França foi derrotada, ou traiu. As pessoas ainda se aglomeram em torno do rádio, esperando pelo ataque à Inglaterra. A maior parte das conversas nesses dias é sobre o perigo do ataque à América do Sul e o que isso significa para nós. Os jornais estão cheios de editoriais sobre o Brasil.

Mande meu amor para sua mãe e dona Marieta. Pergunte a Galvão se ele é alfabetizado e se ele não pode escrever mais do que um bilhete por cinco mil réis. Eu realmente aprecio o fato de ele lembrar-se tanto assim de mim. Dê lembranças a ele, Rubens, Nelson e todos os do Museu e diga alô a quem quer que se lembre de mim no Rio. Por favor, escreva com freqüência e não me esqueça. Espero muito por suas cartas.

Todo meu amor, Chuck

P.S. Aqui estão alguns selos que não posso usar e que você pode. Obrigada por me mandar meu caderno de anotações, mas estou certo de que uma cópia escrita é suficiente e de que não precisamos da cópia fotográfica.

Veja a lista – livros – não mande romances: você pode lê-los. Esteja certa de ficar com *Notes and Queries* para você (minha bíblia). Posso arranjar outro facilmente.

Daqui a meia hora saio correndo para passar o fim de semana com Withers – preciso jogar minhas coisas numa mochila.

26. De Wagley para Heloisa

Terça feira, 3 de agosto [1940]

Caríssima Heloisa,

Parece fazer um ano desde que recebi uma carta sua – e também muito tempo que não lhe escrevo. Fiz uma lista de coisas que devo lhe dizer – sobre negócios e pessoais. Devo começar com os negócios e deixar o prazer por ultimo?

Primeiro, a senhora Quain me escreveu. Ela está irritada porque não temos as notas e a bagagem de Buell. Ela quer vir para Nova York nos últimos dias deste mês para organizar as coisas que Buell deixou aqui e aquelas que estão vindo do Brasil. Seria possível por sua bagagem de mão e suas notas (via correio diplomático ou registrado) no próximo navio, de modo a que chegassem aqui no final de setembro ou início de outubro? Isso é importante para a sra. Quain, já que ela fará uma viagem de mais de mil milhas a Nova York, para ver essas coisas. Eu me sentiria mal em desapontá-la. Você pode me avisar como e em que navio elas estão vindo.

Segundo, terminei o catálogo. Galvão pode me mandar sua lista, de modo que eu possa ver se lembrei de tudo. Se ele numerar os objetos e escrever uma descrição sumária deles – posso concluir o catálogo com os números, sem esquecer nada. Se ele não puder, vou datilografar e mandar o catálogo como está.

Terceiro, quero perguntar a respeito dos desenhos dos objetos na coleção e a respeito das fotos dos itens da coleção. Nunca lhe mandei uma lista do que eu quero. (Lista em anexo.) Você já usou os negativos? Gostaria muito de tê-los, já que uma das publicações quer algumas fotos, para ter uma breve história de minha viagem, e Columbia quer outras cópias. Você pode mandá-los com as notas de Quain, se já terminou de usá-los.

Quarto, você tem notas a respeito de contratos? Estou ansioso para voltar ao Brasil no próximo verão, ou durante todo o próximo ano. Não poderei custear

isso eu próprio, já que Billy está me custando tanto este ano. Sinto que devo continuar a trabalhar no Brasil e mais um ou dois meses com os Tapirapé ajudariam a cobrir os hiatos que agora vejo em meu material. O trabalho com os Urubu ou Guajajara iluminaria muito o material Tapirapé. Você soube algo mais a respeito de um etnólogo indo daqui para aí? Quero dizer, algum outro (e melhor) etnólogo indo trabalhar para você. Por favor, me informe sobre essas coisas; elas eram nossos planos e sonhos mútuos. Por favor, gaste uma hora e escreva sobre essas coisas – a bagagem e as notas de Quain, o catálogo, as fotos e os negativos, e as possibilidades de contrato – para mais alguém e para mim mesmo. Incidentalmente, disse à senhora Quain que sem dúvida as coisas de Quain estariam aqui.

Agora, posso escrever-lhe por prazer. Estou soando como um cansado homem de negócios americano ou como um professor nas alturas. Estou cansado, mas gosto disso. Faltam apenas vinte dias até minha primeira aula e estou lendo dia e noite. Descobri que pensar nos Tapirapé por dezoito meses não me ajuda a lembrar tudo sobre o México. Planejo usar os primeiros dois meses para falar da América Central, depois do Peru e finalmente do Brasil. Vou usar minhas notas sobre os Tapirapé quando falar de aculturação – isso será divertido e fácil. Vou falar também sobre os Karajá ao falar em aculturação. Trabalhei muito sobre minhas notas até agora. Columbia me deu uma datilógrafa durante duas semanas e a maior parte delas está datilografada e escrevi muitas coisas que estavam na minha cabeça, mas não no papel – tinha medo de esquecer. Reze por mim no 23 de setembro.

Lipkind está fora com as classes mais adiantadas, no campo, durante o verão. Ainda não vi Ruth Landes – suponho que ela também esteja fora – mas ambos voltarão à cidade nos próximos dias. Benedict chega esta semana e Linton na próxima. Othon foi para Washington depois de me visitar de novo e escreveu que tem um bom apartamento, mas muito caro. Almocei duas vezes

com a senhorita Roxo¹³⁹ (brasileira, enviada por dona Herminia) e isso impede que meu português enferruje. Estava morando no belo apartamento de Linton, mas ontem aluguei um para mim. Tive muita sorte. Fica numa velha casa, que se parece muito com as casas antigas do Rio. O apartamento tem duas peças (um quarto pequeno e uma sala grande), banheiro e geladeira. Ainda não me mudei, mas vou me mudar esta semana. Ficaré bonito com meus cinzeiros, bonecas baianas, lanças, flechas, livros e tapetes guatemaltecos. Gostaria que você estivesse aqui para organizar um coquetel para mim para inaugurá-lo.

Quando Linton voltar, apanharei os livros que ainda quero mandar para você. Dois deles já estão aqui, e posso comprar dois outros muito barato, se fizer Linton comprá-los para mim. Porque Galvão não escreve? Diga-lhe que isso será parte de seus deveres no Museu.

Dê lembranças a todos no Museu. Diga a dona Marieta que faça algumas preces episcopais, de modo que eu possa voltar ao Brasil. Transmita meu amor a ela e a sua mãe. Quando eu voltar, teremos uma garrafa grande de Grandjo para festejar – isto é, se vocês no Brasil não me esqueceram, e se ainda me quiserem em junho. Escreva-me logo, pois minhas saudades são grandes; saudades* é uma horrível doença brasileira e meu médico diz que nada me ajudará a não ser uma carta do Brasil. Por favor, escreva logo.

Amor, Chuck

P.S. A senhorita Roxo veio para os Estados Unidos na mesma cabine da senhora Lewis. Ela achou a senhora Lewis terrível. A senhora Lewis ainda não fala nada de português. Ah, sim, o senhor Pp está melhor e não parece mais com uma perereca* . Ele manda lembranças.

27. De Wagley para Heloisa

13 de agosto, 1940

¹³⁹ Cecília Roxo, com quem Wagley se casaria em setembro de 1941.

Departamento de Antropologia
Columbia University

Querida Heloisa,

Andei tentando encontrar tempo nos últimos dez dias para escrever-lhe, mas não consegui. Bill está em Nova York comigo e deve ver a Feira Mundial e alguns museus e teatros. Othon chegou na última segunda feira; cheguei do oeste bem a tempo de encontrá-lo no navio. Seu passaporte diplomático foi realmente útil, já que toda a sua (e a minha) bagagem passaram sem taxas e sem qualquer problema. Fiquei feliz em ter minhas coisas e em poder exibir minhas bonecas, minhas flechas, minhas bordunas, meus cestos, etc. para as pessoas em Columbia. Tudo estava tão bem embalado; senti vontade de chorar de saudades quando abri os baús. Othon me deu o dinheiro, mas me senti mal em recebê-lo ao ver quanto dinheiro você deve ter gasto comprando mais um baú, limpando as coisas, empacotando e, finalmente, tendo tornado minha máquina de escrever numa máquina nova e brilhante. Esta última coisa foi tão amável; tinha pensado (e até avaliado) em máquinas novas, mas agora que tenho uma limpa e nova – não preciso comprar outra. Você não deveria ter feito isto – mas, como sempre, apreciei o que você fez por mim. Tentarei devolver seus muitos, muitos favores – o que você quer de Nova York? Por favor, me diga.

Na última quinta feira, Othon, a senhora Leonardos, Cecília Roxo (da Biblioteca Nacional do Rio) e eu fomos jantar no Greenwich Village (a Montmartre de Nova York) e depois a um novo ponto intelectual de jazz, para dançar e assistir ao show. Miss Roxo chegou até mim com uma carta de apresentação de sua prima (ou tia?), sra. Herminia Prado Barros. O mundo é muito pequeno. Ontem passei a tarde ajudando a senhorita Roxo a encontrar um apartamento e ajudando-a a inscrever-se na universidade. Ela vai estudar aqui durante o inverno. Estou tentando apenas retribuir um pouco da hospitalidade que todos os brasileiros me ofereceram. E ganho também a

oportunidade de falar português. Othon parte esta semana para Washington, mas promete voltar a Columbia para encontrar as pessoas no final de setembro.

Passei alguns dias no hospital em Kansas City, fazendo todos os exames que você sugeriu. Eles descobriram que eu só tenho malária. Terminei de tomar Atabrina e a malária parece ter desaparecido. Estou me sentindo muito bem. Não tenho mais os pés e mãos frios, etc., e estou outra vez ganhando peso. Não acredito que possa recuperar a saúde e o peso que tinha quando estava no Rio, em setembro e outubro. Fiquei preocupado com sua fratura – parece tão estúpido que os médicos não tenham visto logo que se tratava de uma fratura – mas essas coisas acontecem aqui com frequência. Desejo muito que você esteja se sentindo melhor e que esteja feliz. Não importa o que aconteça, quero que você sinta que estou ao seu lado. Tenho a mesma sensação, isto é, sinto que você está comigo e me apoiando. Você me deu tanta auto-confiança – eu precisava muito disso. Você não sabe o quanto foi boa para mim e o quanto você é boa. Sinto muito a sua falta.

Na última semana tive uma longa conversa com o secretário da universidade. Ele sugeriu que, se eu pudesse arranjar as coisas no Brasil, tirasse uma licença de um ano e fosse trabalhar outra vez aí. Parece que se algo puder ser arranjado para mim no Brasil, não haverá problemas para sair daqui. E, se eu for chamado para o serviço militar, pretendo pedir para ser enviado para o Brasil ou para trabalhar em alguma divisão cooperativa na América Latina –acho que posso ser útil nisso – e não quero vestir uniforme. Mas não se preocupe, não creio que isso me fará um quinta coluna americano no Brasil. De todo modo, eu gostaria de voltar ao Brasil.

Tenho alguma informação a respeito de pessoas (etnólogos) se você quiser um no Museu. O homem que mencionei está disponível e estaria muito, muito, ansioso por ir. Lembre-se que é Morris Seigel. E, em Columbia, temos outro jovem, Bernard Mishkin, que seria bom. Ele trabalhou um ano no Peru e na Nova Guiné durante um ano. Ele é encantador e foi evidentemente um sucesso com os peruanos. Jules Henry (nascido Blumensohn) parece estar feliz

no México e sua esposa precisa da altitude do México, já que tem tuberculose nas juntas. Se algum desses dois jovens não parecer exatamente o que você gostaria – me diga que ficarei atento para obter algo melhor. Gostaria, ainda, de sugerir um certo Carlos Wagley para um emprego de um ano, ou de um verão, e ele gostaria muito de trabalhar com os Urubu. Há algo, no entanto, a seu respeito, ele fala muito mal o português e provavelmente nunca o aprenderá.

Espero que Galvão e Rubens e Nelson já tenham lido os livros de Lowie. Eles leram *American Indians* de Wissler? Faça-os ler livros gerais sobre Antropologia – por exemplo *Anthropology*, de Kroeber. Depois de um conhecimento geral, eles devem ler a respeito dos índios brasileiros. Você não acha que é perigoso saber muito a respeito de uma região específica antes de ler sobre o campo mais amplo? Quero que esses rapazes (meus estudantes) sejam os melhores etnólogos do país. Estou enviando o livro de Linton na próxima semana. Já foi encomendado e logo estará aqui.

Não esqueça de mandar meu amor para Dona Marieta e Dona Maria José. Sinto muita falta de ambas e desejaria, depois de um longo dia de trabalho, poder jantar com elas – e com certeza com você. Por favor, escreva sobre os planos ou notícias a respeito de minha volta para você e os seus no Brasil. Gostaria de sonhar a respeito disso e seria maravilhoso se isso fosse certo. Saudades.

Amor, Chuck

Espero que sua tia não esqueça de mim se estiver em Nova York.

28. De Wagley para Heloisa

Sábado, 5 de outubro [1940]

Columbia University

Nem sei por onde começar. Tenho tanto para lhe contar e tanto a lhe agradecer. Desde que as aulas começaram, quis escrever todos os dias, mas ficar em dia com minhas aulas mostrou-se uma tarefa enorme. Todas as semanas planejava escrever aos sábados – não temos aulas hoje – mas esta manhã descobri que deveria terminar meu relatório financeiro para Columbia (sobre o que gastei no Brasil) até segunda feira e que precisava fazer um resumo de uma palestra que vou fazer no American Museum este mês (Título: Efeitos da queda de população sobre a organização social dos Tapirapé do Brasil). Vou lhe mandar o resumo assim que for publicado. Trabalhei todo o dia nessas coisas, mas vou escapar (como estou fazendo) para escrever.

Primeiro, José Cândido de Carvalho¹⁴⁰ chegou com a mala de Quain e eu apanhei meu caderno de genealogias. Araújo chegou esta semana, com as notas e com meus livros. Devo me desculpar por não ter recebido Carvalho ou Araújo como gostaria de fazer – esta foi minha primeira semana ensinando e eu estive terrivelmente ocupado. Ajudei Araújo de algum modo, acho, e mostrei a universidade para ele e seus dois amigos. Fiquei encantado por receber as notas e levá-las para a Dra. Benedict – ela escreveu para a senhora Quain por via aérea e ela sem dúvida virá a Nova York nos próximos dias. Quanto a mim, estou feliz por ter os livros. O von den Steinen é magnífico e a encadernação dos outros é muito especial. Me sinto mal – não cumpri minha parte do acordo – isto é, não mandei nenhum livro de Nova York. Comprei quatro e estou esperando até poder comprar mais dois antes de mandá-los. Fico com o coração aquecido e com saudades* cada vez que abro uma caixa ou pacote tão bem feitos e em tão boa ordem – o seu toque ainda está neles. Aprecio muito sua amizade.

Nenhuma decisão foi tomada em relação ao material de Quain. Sua mãe deve conseguir que algum etnólogo trabalhe com ela na preparação dele para publicação. Estou tão ocupado que acho que não posso fazê-lo – isso levaria todo o próximo verão e planejo estar no Brasil no próximo verão. Quem quer que

¹⁴⁰ José Cândido de Carvalho, naturalista do Museu Nacional, seria mais tarde seu diretor.

faça isso - trabalhará comigo. A Dra. Benedict concorda e quero ter poder de decisão – de modo que tudo seja feito do modo que gostaríamos que fosse feito.

Ensinar é uma alegria. Fico acordado até de madrugada preparando as aulas e até agora cada uma delas tem sido mais ou menos bem sucedida. Sinto que este é o tipo de vida no qual terei sucesso – depois de aprender como fazer. O principal, no entanto, é que gosto disso. Na próxima semana começarei a falar do Brasil e dos Karajá e Tapirapé – vou gostar disso. Tenho vários estudantes bem mais velhos que eu e diga a Galvão que tenho um ou dois da idade dele e tão espertos quanto ele. Incidentalmente, recebi uma carta simpática (moleque, mas simpática) do Senhor Eduardo E. Galvão e ela me fez sentir saudades de ver sua figura alta, feia – como Abraham Lincoln, se você me entende. Vou escrever a ele e a Antenor assim que tiver uns minutos livres. Esta corrida e luta pelo tempo aqui em Nova York me faz saudoso do Brasil.

Os desenhos dos objetos Tapirapé coletados são maravilhosos. Desdigo qualquer comentário que possa ter feito a respeito de os brasileiros não serem eficientes. Na próxima semana tentarei me organizar e escreverei minhas informações nos cartões ou a anexarei a cada um deles. Será fácil fazê-lo. Sinto-me melhor a respeito da coleção, já que estava preocupado pensando tê-la deixado em mau estado e achado que nunca poderíamos pô-la em ordem. É claro que tenho ciúmes. Os desenhos são tão bons que gostaria de ficar com eles, mas você mandará fazer outros para mim (e para minha publicação) no futuro (não fará?) se eu for simpático e não falar mal do Brasil e dos brasileiros.

Ontem tomei chá com o Dr. Gavião Gonzaga, que trabalha para o DASP e que está aqui há vários meses. Vou conseguir que ele assista vários cursos de Antropologia Física por um breve período, e ele quer comprar alguns livros para sua seção. Espero que ele inclua alguns livros sobre antropologia em geral e sobre antropologia social, de modo que Galvão e Rubens possam usá-los. Ele é uma pessoa muito simpática (não é exatamente um pêssego, mas também não é um abacaxi) e devo me encontrar outra vez com ele na próxima semana. Para a noite da próxima quinta feira, tenho entradas (para o Dr. Linton e esposa ,

Cecília Roxo e eu) para a abertura da exposição de arte de Portinari. Os jornais só falam dele, o que ele faz e tem feito – ele é o novo gênio que dá o que falar em Nova York e a noite de abertura de sua exposição estará na moda e será elegante.

Métraux e vários outros etnólogos americanos estão querendo criar um Instituto de Pesquisas do Vale Amazônico¹⁴¹ – comparável ao Instituto de Pesquisas Andino, que vem recebendo verba de várias fontes de pesquisa há vários anos. Eles me convidaram a ajudar a organizá-lo; ele pode ter certa importância – assim, vou mantê-la informada sobre ele. Incidentalmente, Métraux está mal de finanças e com pouco trabalho. Ele está sendo psicanalizado (você pode imaginar o que vão descobrir) e está pagando cinco dólares por dia para isso. Ainda não o vi, mas ele promete vir a Nova York e me visitar.

Espero que esta carta diga o que quero que diga. Estou tão cansado que preciso parar. Preciso de um uísque com soda, um banho quente e uma boa noite de sono. Lembre-se de que sinto muito a sua falta e a falta do Brasil. Aprecio e agradeço muito por tudo que você é e por tudo que você fez por mim. Escreverei de novo em breve. Por favor, me escreva. Dê lembranças para dona Maria José e dona Marieta – desejaria poder ir jantar na sua casa hoje.

Amor, Chuck

P.S. Continuo a perguntar a Lipkind por seu relatório sem sucesso. Ruth Landes veio a Columbia – ela está exatamente igual e não tinha nenhuma notícia. Ela está provavelmente mais maluca.

¹⁴¹ O Instituto de Pesquisas do Vale Amazônico parece ter sido a idéia inicial do Instituto da Hiléia Amazônica, que seria objeto de grande atenção de Heloisa nos anos seguintes. Ver Marcos Chor Maio e Magali Romero Sá, *Ciência na periferia: a UNESCO, a proposta de criação do Instituto Internacional da Hiléia Amazônica e as origens do INPA. História Ciências Saúde-Manguinhos* VI, Rio de Janeiro, 2000.

29. De Wagley para Heloisa

Quarta feira, 20 de novembro [1940]

New York City

Querida Heloisa,

Temos feriados até segunda feira e finalmente posso ter tempo para lhe escrever. Primeiro, recebi seu telegrama e ele me fez sentir tão bem, apreciar tanto sua amizade e sentir tanta falta do Brasil. Sabia que de algum modo teria notícias suas no meu aniversário. Um ano atrás eu estava descendo o Araguaia com Antenor e Valentim em dois barcos amarrados um ao outro, empurrados pelo motor do “Museu”. E também tinha “saudades” do Brasil. Várias semanas atrás recebi uma carta ótima de Rubens. Não respondi pela mesma razão pela qual não tenho escrito a você ultimamente. Estou tão ocupado. Preciso preparar aulas todos os dias; tenho dois cursos de Antropologia e de Civilização Contemporânea sobre os quais já conversamos. Preparar essas aulas me toma entre seis a oito horas por dia. Escrevi um artigo que será publicado logo e fiz uma palestra sobre a queda da população entre os Tapirapé (palestra na Academia de Ciências de Nova York). Estou escrevendo um artigo sobre a cosmografia dos Tapirapé; estou tentando comparar, com notas de pé de página, as idéias dos Tapirapé com as dos Tupi da costa – usando mais o material de Métraux do que fontes antigas. Este último será publicado no *Journal of American Folklore* nesta primavera (em Abril), juntamente com artigos de Lipkind, Jules Henry (Blumensohn), Landes, Mishkin (sobre o Peru) e talvez um de Métraux sobre a Bolívia – todos sobre a América do Sul. A *Economia da Guatemala* (minha tese) foi aceita para publicação e estou também revisando pequenos trechos dela. Bom! Depois da calma do sertão, este ano em Nova York será longo e árduo.

Na semana passada, mandei, através de um amigo, um projeto meu sobre o Brasil e “nosso Museu”. O Comitê de Planejamento dos Fundos Nacionais, do governo dos Estados Unidos, tem verba para ser gasta na

América do Sul. Para o caso de que algo possa acontecer, fiz um esboço de nossa idéia a respeito da ida de antropólogos para o Brasil. Em resumo, escrevi que eles deveriam enviar um ou dois etnólogos dos Estados Unidos para o Brasil, para trabalhar para o Museu Nacional. Eles dariam aulas lá por seis meses e passariam seis meses em campo. Seus salários deveriam ser pagos pelos Estados Unidos. Tomei a liberdade de assegurar-lhes que o Diretor do Museu cooperaria inteiramente com este projeto e que provavelmente o Museu poderia pagar os gastos de campo dos estudantes brasileiros e que tal projeto poderia fazer uso da infra-estrutura do Serviço de Proteção aos Índios – isto é, postos, amizade com os nativos, permissão para pesquisar, etc. E há uma parte do projeto que trata a vinda de vários estudantes brasileiros para estudar nos Estados Unidos, com todas as despesas pagas. Pode ser que nunca mais tenhamos notícias sobre essas idéias, mas também pode ser que elas sejam aceitas. Com o governo, nunca se sabe. É claro que tudo combina muito bem com a política de Boa Amizade. O professor Linton está tentando ajudar e ele tem amigos em Washington. Vou lhe mandar uma cópia do memorando que enviamos e se algo acontecer, a aviso em seguida. Enfatizei o fato de que o projeto está afinado com o que o Museu no Rio quer fazer. Bem, vamos torcer, porque eu gostaria de voltar ao Brasil.

Rubens diz algo a respeito de pesquisar neste verão. *Gosh! (americanism)*. Gostaria de ir, mas não vou poder nem pagar o preço da passagem de navio para o Brasil, depois de [pagar] o colégio de Billy, minhas dívidas e novas roupas de inverno. Quais são os planos dos rapazes? A vida americana é maluca; eles estão fazendo planos com meses de antecedência aqui em Columbia, mas eu sou vago a respeito deles porque gostaria de ir ao Brasil, se houver oportunidade de fazê-lo. O que aconteceu com os contratos e fundos do Museu? Ainda não decididos, ou adiados até o próximo ano? Se for possível, me informe sobre essas coisas, porque estou ansioso por saber. Columbia não tem verba disponível para pesquisa agora, e seria difícil voltar ao Brasil contando com este lado.

Encontrei com Lipkind esta semana. Ele está escrevendo sobre seu material Karajá e muito preocupado a respeito de um emprego. Sua verba de pesquisa está terminando e ele ficará sem nada para fazer. Ele fez um projeto para a Fundação Guggenheim, pedindo verba para voltar ao Brasil, mas há pouca chance, acho, de recebê-la. Landes escreveu um livro popular (diz ela) sobre o Brasil e está procurando um editor. Ela teve notícias de Édison e disse que ele estava de volta ao Rio; no entanto, Landes não vem muito a Columbia porque está procurando um novo emprego e parece irritada comigo – porque eu soube muita coisa e não me dou ao trabalho de ser muito amistoso com ela. A mãe de Buell não apareceu em Nova York, mas recebeu a mala dele e a Dra. Benedict tem as notas. Antes do final do ano elas esperam trabalhar nelas para uma publicação. Vou jantar com Oliver La Farge, que escreveu *As long as the grass grows* (lembre-se! Você tem uma cópia). Ele gostaria muito de vê-lo traduzido para o português e diz que os direitos custariam cerca de 45 dólares (para o editor americano). Na semana passada, fui a uma festa oferecida a Portinari; ele é o querido de Nova York. Sua exposição foi um tremendo sucesso e sua publicidade tem sido enorme. Ele gosta muito disso, mas tem “saudades” do Brasil. Brasileiro é um bicho. Penso que ele acha Nova York maluca e louca e penso que ele está certo. Foi magnífico falar em português com ele e com sua esposa. Continuo a treinar, procurando brasileiros para me exercitar – mas ainda sou ruim.

Temos duas semanas de férias no Natal e estou planejando ir a Kansas City para uma festa* familiar e voltar para cá depois para me preparar para o longo e árduo semestre de janeiro a maio na escola. Obrigado e mais uma vez obrigado pelas felicitações de aniversário; elas me fizeram sentir que ainda tenho amigos e que ainda sou lembrado no Brasil. Por favor, escreva. Diga o que você acha de meu projeto para o governo, sobre seus planos para o Museu e o que tem sido feito, sobre Eduardo, Nelson e Rubens, sobre dona Marieta e Maria José, e por último, mas muito importante, sobre você mesma. Estou solitário. Dê meu amor (lembranças) a todos – Eduardo, Rubens, Nelson, João,

Antenor, Castro Faria, Chico, Gabriel, o fotógrafo, etc. Particularmente, dê lembranças a meus amigos particulares e a sua família e lembranças a você. ESCREVA POR FAVOR.

Amor de um amigo profundo e sincero, Chuck.

30. De Heloisa para Wagley¹⁴²

Rio, 17 de dezembro 1940

Chuck querido – Ainda hoje não é dia de escrever uma carta longa. Ainda é caso de uma carta urgente. Entreguei ao médico de bordo do Brazil, dr. George Dill, dois volumes contendo fotografias suas e do Quain. Disse ao médico que V. ou a dra. Benedict se encarregariam de ir a bordo buscar essa documentação científica fotográfica que o Museu Nacional manda para a Universidade de Columbia. Tenho receio que V. não esteja em N.Y. pelo Natal, por isso escrevo à dra. Benedict explicando tudo e pedindo que ela se encarregue de mandar buscar os volumes a bordo.

Espero que tudo se passe sem grandes trabalhos para quem quer que seja.

Antes do fim do ano escreverei a V.; tenho muito a dizer. Estou com três cartas suas para responder. Há boas esperanças para a viagem aos Urubu no próximo ano.

Muitas saudades e um grande abraço. Heloisa

31. De Heloisa para Wagley¹⁴³

Rio de Janeiro, domingo, 12 de janeiro, 1941

¹⁴² Em português.

¹⁴³ Em português.

Meu caro Chuck.

Ando um tanto curiosa em saber o que é que V. estará pensando de mim; mas se V. é meu amigo quanto eu sou sua amiga não pode ser nada de muito ruim. Você tem antes de tudo de desculpar o meu silêncio e eu tenho quase que certeza que no correr da leitura desta carta toda a sua queixa há de desaparecer.

Tenho tanto a dizer que não sei por onde começar. Em primeiro lugar gostaria de saber se V. recebeu as fotos e negativos do Quain e as cópias diretas das suas fotografias com uma nova numeração, a coleção de ampliações, e uma seleção de cópias artísticas. E já que peguei nesse assunto vou levá-lo até o fim. Os seus negativos estão arquivados como os do Quain, isto é, em perfeita ordem. Não os remeti porque não tinha certeza de ter feito todas as ampliações artísticas que V. possa desejar. Pela coleção de ampliações V.verá, peço que me mande o número das que V. ainda quer ter:

- a) em cópia mate, artística;
- b) as que deverão ilustrar o seu livro (indicando quando a fotografia deverá ser conservada completa ou a parte que interessa que seja destacada);
- c) quais são as fotografias do Antenor que V. quer em ampliação.

Gostaria muito que V. me devolvesse o mais depressa possível o catálogo com as fichas. Pode estar tranqüilo que eu mandarei fazer todos os desenhos necessários para a sua publicação. Já comecei o trabalho pelos arcos e flechas. O Antenor me entregou os detalhes de fabricação de flechas e arcos que estão muito bons. Breve lhe remeterei a lista do que me parece que deverá ser feito em desenho. Gostaria de ter o mais depressa possível a lista de fotografias para a publicação porque eu tenho meios de mandá-las copiar por pessoa muitíssimo hábil. Penso que V. não estará zangado por eu não ter mandado os negativos.

Encontrei umas fotografias da primeira viagem do SPI aos Tapirapé. Entre elas, há uma da viagem através do campo em que se vê a índia dentro da rede, carregada por dois homens, a tal índia que serviu de introdutora ao grupo de civilizados. Esta fotografia, infelizmente, está muito apagada, mandei fazer

um desenho calcado sobre o documento; ficou muito bom. Os outros são grupos em que os pobres índios aparecem vestidos; em todo o caso servem para se ter uma idéia do número de habitantes da aldeia naquela ocasião e também a data exata da penetração que foi em 1912, estando mesmo indicado o dia do mês, mas eu não me recordo dele, tenho as fotografias no Museu e estou te escrevendo de casa.

Não quero deixar para o fim a notícia de que V. poderá se aprontar para vir em maio. Está decidido que a excursão se fará ao Maranhão para realizar estudos em torno dos Tupi. Só uma coisa eu não tenho certeza se será possível fazer: é V. desembarcar diretamente em Belém para se reunir aos rapazes em S.Luiz do Maranhão. Talvez seja necessário que V. venha antes ao Rio. Em todo o caso temos tempo para resolver isso a tempo. Há um detalhe que não está assentado, é o da sua passagem, mas eu penso que resolverei isso por intermédio do Ministério do Interior; se não pé, pé, pé grande será mesmo o único remédio. Mande me dizer a quem eu devo me dirigir para solicitar que seja concedida uma permissão para o seu afastamento da Universidade durante um ano. Gostaria dessa resposta com urgência. V. terá uma remuneração de quatro contos de réis. Todas as despesas da excursão, incluída a sua manutenção enquanto V. estiver fora do Rio, serão pagas à parte. Penso que o negócio não é mau porque V. estará no mato quase que todo o tempo de forma que terá oportunidade até de economizar. O Galvão, o Rubens e o Nelson irão com V. Temos muito o que fazer para aprontar tudo em perfeita ordem até lá. Agora, recados do Antenor e do Castro Faria: todos dois convidam V. para morar com eles enquanto V. estiver no Rio, o Castro tomou um apartamento no centro da cidade e o Antenor tem um em Copacabana. Parece-me prudente aceitar os dois convites porque assim V. terá uma residência de inverno e outra de verão.

Recebi a sua nota sobre “Depopulation”, obrigada, gostei. Foi um sucesso? O Galvão já a traduziu e eu desejava saber se há inconveniente em que seja reimpressa no nosso Boletim ... quando ele sair.¹⁴⁴

Como não pude até hoje arranjar os tomos da *Revista do Arquivo Municipal* que faltavam, mandei a V. todo o volume do von den Steinen¹⁴⁵ que saiu há pouco. Não sei se V. o recebeu.

Muito agradecida por seu cartãozinho de Natal. Quis tanto escrever a V. por essa ocasião, mas foi tamanho o atropelo que não pude.

Antes que me esqueça, Vera casou com o rapaz mais louco do Rio de Janeiro. Chico esteve cantando no Cassino Atlântico; vou mandar a V. um recorte de jornal a respeito.

Agora, com relação ao plano do Métraux: acho muito bom, mas é preciso V. dizer a ele que qualquer coisa a ser feita no Brasil tem que ter o Museu Nacional à frente; é a única coisa de que eu faço questão, mas eu faço questão cerrada disso. Você poderá dizer que eu mandei dizer isso a ele.

V. teve mais alguma notícia dos planos do seu Governo sobre pesquisas no Brasil e a sua proposta? Gostaria bem que isso fosse adiante. Até hoje ainda não recebi a cópia do Memorando que V. fez a respeito. Estou começando a desconfiar que brasileiro tem mais palavra que americano do Norte. Será possível?

Obrigada pela informação sobre a publicação do livro de Lafargue no Brasil. Logo que seja possível vou tratar do caso e mandarei dizer alguma coisa a V.

Passo agora a contar-lhe uma coisa que aconteceu há poucos dias e de que V. talvez não goste muito, mas se eu tivesse que recomeçar faria

¹⁴⁴ The effects of depopulation upon social organization, as illustrated by Tapirapé Indians, *Transactions of the New York Academy of Science* 3 (1), 1940 foi, no entanto, publicada em português pela revista *Sociologia*, IV (4), 1942.

¹⁴⁵ “Entre os aborígenes do Brasil Central” saiu na *Revista do Arquivo Municipal*, XXXV-LVIII. *O Brasil Central* foi publicado pela Companhia Editora Nacional em 1942. Ver Vera Penteadó Coelho, org., *Karl von den Steinen: um século de antropologia no Xingu*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

exatamente o que eu fiz. Recebi uma carta do Boas me comunicando que tinha solicitado uma bolsa para o Lipkind vir para o Brasil continuar as suas pesquisas e fazer o trabalho de ensino de antropologia no Museu Nacional e que ele (Boas) desejava que eu escrevesse ao sr. Aydelotte da Guggenheim a respeito. Eu fiz a vontade dele e escrevi apenas que [ilegível] não tinha nenhuma objeção a que ele voltasse para o Brasil para continuar suas pesquisas, embora ele não pudesse recomê-las enquanto não satisfizesse os requisitos legais de fornecimento de relatório, mas que eu me opunha a que ele viesse cooperar com o Museu Nacional. Vou mandar a V. cópia dessas cartas. Ao mesmo tempo, escrevi ao Boas dizendo a mesma coisa. Fui absolutamente positiva nas minhas cartas, mesmo porque eu não sei dizer as coisas por meias palavras; eu só sei falar claro. Comuniquei também ao Boas que a coleção do Lipkind que está aqui no Rio, e que eu disse a ele que faria exportar quando tivesse recebido o relatório, está correndo o risco de ser confiscada. Disse também ao Boas que eu gostaria de ter o Kennard ou o Jules para lingüística e V. para antropologia social.

Eu tinha três cartas suas a responder, no momento só acho duas. Lembro-me de que na terceira V. me falava em um rapaz que se chama Seigel para curso de etnografia. Infelizmente até o presente não posso dizer nada de positivo com relação a ele. A sua vinda foi estabelecida em condições muito especiais (sua vinda, de que eu comunicarei a V. quando nos encontrarmos ou em carta que escreverei mais tarde). Mas pode estar absolutamente tranqüilo a respeito, tudo correrá bem, eu me responsabilizo pelo caso.

O ano novo não começou mal. A minha verba para material melhorou bastante, a de pessoal está má, mas ainda tenho boas esperanças de melhorar a situação.

Recebi uma longa carta de Othon Leonardos, a que não pude ainda responder. Nem sei se responderei. Há dias um rapaz do Museu recebeu uma carta dele que é um libelo de tentativa de desmoralização do Museu e em parte da minha pessoa. Se V. o avistar prefiro que não fale de mim. Acredito que

aquela voz, que ele nunca conseguiu engrossar, resultou num complexo de inferioridade que lhe transtorna freqüentemente o espírito. Não dou importância ao caso como não dou à pessoa. Gosto imensamente da mulher dele. V. poderá dizer que vem ao Brasil, não faz mal.

Penso que a mãe de Quain estará em N.Y. agora. Afinal eu não tive tempo para copiar as notas dele. Gostaria muito, se elas fossem copiadas para serem trabalhadas que tirassem uma cópia para mim. Há muitas informações, inclusive de ordem prática, que poderiam ser muito úteis ao Museu como ao SPI. Eu teria prazer em pagar as despesas que essa cópia ocasionasse.

Recebi uma carta do Acary muitíssimo triste porque o filhinho dele morreu. Escrevi a eles, mas até agora não tive mais notícias.

Remeto também a V. cópia de uma carta do Valentim em que há notícias que interessam a V.

Tivemos nos últimos dias de dezembro um calor pavoroso. O dia primeiro entrou bem mais fresco e o tempo se tem mantido suportável desde então.

A *Revista do Arquivo* está agora traduzindo o Krause sobre os Karajá. Vou começar a mandar a coleção.

Soube que o Édison está morando aqui no Rio. Teve o bom gosto de não me procurar, mas Maria Julia me disse que ele ficou completamente bom das pernas.

Nunca mais soube dos Urbach. Uma tarde o Hellmuth veio aqui em casa e falou mal dos brasileiros que foi um horror. Eu não respondi uma palavra; apenas, quando ele me disse que estava tratando de naturalizar-se, eu observei que ele fazia mal. Tenho pena de não procurar Mrs. Urbach de quem gosto muito e Mariana de quem gosto também, mas não posso mais encarar o H.

Estão agora trabalhando na Bahia dois mulatos americanos: Turner, da Fisk University e Frazier¹⁴⁶, creio que de Harvard. O primeiro está fazendo

¹⁴⁶ Lorenzo Turner, professor de Inglês na Fisk University, apoiou Frazier e sua esposa, Marie, na sua vinda ao Brasil, escreveu dois artigos sobre as relações entre afro-brasileiros e africanos, e trabalhou com Frazier sobre as influências africanas na linguagem dos negros brasileiros. Franklin Frazier, sociólogo norte-americano, um dos intelectuais negros que foram importantes

línguas africanas (seus vestígios no português) parece que é especializado em línguas africanas, vai fazer umas conferências no Museu quando voltar ao Rio.

Chuck, eu acredito que V. já estará cansado de ler e por isso aqui fico. Sempre sua velha amiga – como dificilmente V. encontrará outra na vida – que se lembra sempre de V. com a maior amizade e grandes saudades. Quem sabe se V. não estará jantando aqui em casa daqui a uns quatro meses? De qualquer maneira, este ano com certeza. Você pretende trazer o Billie? Como vai ele? E o Withers? Lembranças minhas aos dois. Um grande abraço, tão grande quanto as saudades de H.

Mamãe e Marieta agradecem os seus recados e mandam muitas lembranças.

32. De Heloisa para Wagley

[Sem data]

Chuck. Aqui vão uns elementos para V. se divertir. Muito me admira a coragem do L. em querer vir trabalhar aqui. Ele poderá voltar para o Brasil com todos os fellowships do mundo, mas no Museu não ficará. O absoluto pouco caso em atender ao meu pedido de relatório já é desaforo. Mande me dizer se V. achou a minha atitude violenta demais e como ela repercutiu aí.

Estou ansiosa por uma resposta à minha última carta aérea (12.1.41).

Um abraço e saudades de Heloisa.

De Heloisa para a Guggenheim Foundation

President Aydelotte
Guggenheim Foundation
Latin American Division

Princeton, New Jersey

2 de Janeiro, 1941

Caro Senhor,

Acabei de receber uma carta do Professor Franz Boas, a respeito do pedido que ele fez para a Fundação Guggenheim, para conceder ao Dr. William Lipkind uma bolsa que permitisse a continuação de seu trabalho científico no Brasil, tendo em vista especialmente o desenvolvimento de pesquisas com estudantes brasileiros.

Como o professor Boas me pediu para escrever-lhe a respeito dessa proposta, tomo a liberdade de expressar sinceramente minha opinião sobre esta questão.

Quanto ao trabalho do Dr. Lipkind, não duvido de sua eficiência, mas a continuidade dele só poderia ser assegurada se ele cumprisse certas condições impostas por lei a todos e quaisquer cientistas sociais no Brasil. Ele ainda não as cumpriu e eu sou responsável pelo seu cumprimento ante as autoridades brasileiras ao pedir sua permissão para o seu trabalho de pesquisa.

Quanto à segunda parte do projeto, sinto dizer que não o aprovo. O Dr. Lipkind mostrou-se inteiramente desrespeitoso em relação às várias demandas que lhe fiz em nome do Museu Nacional, e que tinham a ver com a apresentação de relatórios sobre suas atividades no Brasil – creio, assim, que ele não deseja trabalhar em cooperação com o Museu Nacional.

Penso também que o Dr. Lipkind não é a pessoa adequada para lidar com nossos estudantes. Embora ele seja inteligente e hábil, os brasileiros tem uma inclinação para a crítica, e estou certa de que a atitude de superioridade do Dr. Lipkind não teria a simpatia de nossos estudantes.

Creio que seria muito mais proveitoso para eles se fosse possível enviar um lingüista competente com um temperamento mais adequado.

Aprecio enormemente seu interesse no treinamento de jovens cientistas brasileiros, e lhe agradeço por isto. Espero que você compreenda meu ponto de vista.

Com a expressão de meus melhores sentimentos, sinceramente,
Heloisa Alberto Torres, diretora.

De Heloisa para Boas

2 de janeiro, 1941

Professor Franz Boas

Department of Anthropology

Columbia University in the City of New York

New York City – USA

Caro professor Boas,

Acabei de receber sua carta expressando seu interesse em que eu escreva para o presidente Aydelotte, da Divisão Latino Americana da Fundação Guggenheim, a respeito da ajuda que ele está pronto a oferecer para o treinamento de jovens brasileiros que desejam fazer pesquisas em antropologia.

Essas perspectivas são muito boas para nós. Creio, no entanto, que devo fazer algumas considerações a respeito da escolha feita, que lhe parece uma boa escolha.

Quando o Dr. Lipkind esteve no Rio, a senhora de Pieri, secretária da Sociedade Brasil-Estados Unidos, pensou ter encontrado os meios que possibilitariam à Sociedade manter um americano, professor de antropologia, no Brasil. Houve uma reunião, à qual não pude comparecer, na qual foi decidido que você deveria indicar a pessoa responsável pelo ensino. Alguns meses depois, soube que o plano não tinha dado certo e escrevi para o Dr. Lipkind, no Araguaia, dizendo-lhe isto. Nunca houve, de parte do Museu Nacional, qualquer intenção em ter o Dr. Lipkind trabalhando em cooperação com ele. Não creio que ele seja um professor adequado

para os estudantes brasileiros que são comumente muito inteligentes e capazes para a pesquisa, mas que tem um senso de crítica muito desenvolvido para poderem lidar com alguém tão convencido de sua própria superioridade como o Dr. Lipkind.

Devo também informá-lo a respeito do completo desrespeito do Dr. Lipkind em relação aos meus repetidos pedidos de um relatório sobre seu trabalho no Brasil. Este relatório deveria ser usado como contexto do relatório que devo apresentar às autoridades brasileiras das quais recebi a permissão, sob minha responsabilidade, para que ele trabalhasse no Brasil. Recebi bons relatórios de Wagley, e até de Quain, mas também não recebi nada de Landes.

Devo lhe dizer que ajudei o Dr. Lipkind tanto quanto pude, mais até do que já fiz em relação aos estudantes de Columbia que vieram ao Brasil; e, graças à circunstâncias financeiras de momento, pude ajudá-lo até nisso.

É verdade que ele deixou uma bela coleção etnográfica dos Karajá para este Museu. Seria de esperar que ele tivesse tido uma atitude diferente em relação a outros assuntos.

Lamento dizer que a sua coleção privada poderá ser confiscada por falta dos requisitos legais que mencionei acima.

Adiei esta decisão até agora, mas não creio poder adiar mais essa situação.

Gostaríamos de ter o Dr. Kennard ou o Dr. Jules Henry para a lingüística e o Dr. C.Wagley para o treinamento de campo em antropologia social.

Receba, caro professor Boas, minhas melhores expressões de estima,

Sinceramente,

Heloisa Alberto Torres, diretora.

33. De Wagley para Heloisa

Sexta –feira, 24 de janeiro [1941]

New York, N.Y.

Cara Heloisa,

Foi ótimo receber uma carta sua tão longa – cheia de boas notícias. Eu também tenho tanto a dizer que não sei por onde começar. A dra. Benedict recebeu as fotos e os negativos no navio. Eu estava fora na ocasião, num congresso de antropologia, apresentando um trabalho sobre o Folclore Tapirapé. Ele será publicado nos próximos meses e eu lhe mandarei uma cópia. A dra. Benedict não trouxe as fotos para seu escritório e nunca a encontro em casa para recebê-las, mas marquei um encontro com ela amanhã para apanhá-las. Minhas notícias são ruins pelo momento. Logo depois do Natal, caí doente de novo com a velha malária e fiquei mais de uma semana de cama em casa, e outra semana no hospital. Tenho um médico excelente agora, do Instituto Rockefeller, e acho que ele vai acabar com ela. A malária me deixou fraco e sem coragem, mas graças a Deus! agora tenho dez dias de férias entre os dois semestres, e posso descansar. Amanhã devo trabalhar no catálogo da coleção. Esta é uma promessa definitiva e deverei mandá-lo para você antes que as aulas recomecem. Você está certa. A palavra dos brasileiros é realmente melhor – você fez sua parte e eu sou tristemente deficiente em fazer a minha do nosso trato*.

Estou tão feliz a respeito da excursão Tupi, tão contente. Você deve escrever para o diretor Herbert Hawks, Columbia College, Columbia University, New York, N. Y. Uma cópia da carta deve ser enviada ao professor Ralph Linton, Departamento de Antropologia, Universidade de Columbia. Penso que ela deve ser escrita de tal modo que não haja dúvidas de que eu devo trabalhar com o Museu por um ano e de que você não quer que isso interfira com meu trabalho aqui. Peça-lhes para manter em aberto meu emprego atual para quando eu voltar. É claro que estou encantado com todos os detalhes,

inclusive os arranjos financeiros. Sua escolha da companhia também é excelente. Diga a Galvão que nós não vamos andar bestando*, mas que vamos fazer trabalho duro. Será ótimo trabalhar com aqueles três. Acho mesmo que devo ir ao Rio antes de partir, seria uma vergonha não aproveitar Antenor e Castro Faria e não jantar em sua casa. Creio que estarei completamente restabelecido da malária em maio, mas assim mesmo você poderia obter alguma informação sobre a malária (o quanto existe) no Maranhão. Lembro de alguém dizer que lá há pouca e não tão forte como na região do Araguaia.

As referências a projetos norte-americanos para estudos no Brasil são vagas. Tive uma conversa com o Dr. Henry Moe, da Fundação Guggenheim e ele gostou da idéia de mandar um ou dois antropólogos ao Brasil à disposição do Museu Nacional, mas não há verba do governo disponível imediatamente. Os governos são os mesmos, no norte ou no sul. Há outro projeto no Comitê de Relações Culturais, para o estudo de comunidades caboclas* no Rio Amazonas. Este também seria feito em conjunto com o Museu Nacional. Também falei ao dr. Moe a respeito da vinda de estudantes brasileiros de antropologia para estudar aqui. Ele ficou interessado e disse que depois de eu ter passado um ano [aí] (ele não disse às custas de quem), seria fácil arranjar bolsas para dois brasileiros que já tivessem trabalhado comigo. Isso seria ideal para um ou dois dos rapazes (Nelson, Galvão e Rubens).

Não, não estou zangado com o que você escreveu a Boas sobre Lipkind. Parece que Boas não gostou, mas supostamente eu não sei nada sobre isso. Lipkind não é mais um grão fino* e certamente não está indo bem com Linton. Sinto pena dele agora, mas ele é tão egoísta. A senhora Quain está aqui. Tive uma longa e dolorosa conversa com ela. Ela ainda não pode acreditar que foi um suicídio e acho que está bem que continue a acreditar que ele morreu naturalmente. Ela a considera muito e está desapontada porque você não pode vir visitá-la este ano. Ela a considera uma boa amiga e gostaria de lhe dar a coleção de Buell de materiais dos índios Dakota. Perguntarei se posso levá-la no navio comigo – quando eu for.

Vi Othon em Filadélfia no Natal. Ele agiu de modo engraçado, e agora entendo porque, quando lhe perguntei se ele tinha recebida carta sua. Outros brasileiros me contam que ele se sente infeliz estudando aqui. Foi um equívoco ele vir estudar Administração. Ele estava tentando saber se eu voltaria ao Brasil, mas na época eu não tinha nada para lhe dizer.

Fiquei muito triste por Acary; ele é um bom pai e ama sua família. Já ouvi coisas terríveis sobre o atual marido de Vera, através de brasileiros em Nova York (o mundo é pequeno para um brasileiro). Mas gostei da idéia de Chico estar cantando por seu pão e manteiga (ou seria feijão e farinha*?).

Fico envaidecido por Galvão estar traduzindo a nota sobre “Depopulation”. Você pode fazer o que quiser com ela. Recebi o von den Steinen e nunca poderei lhe agradecer o suficiente pelo que você fez por mim. Krause vai ser de grande ajuda. Detesto o alemão e ele escreve um alemão muito difícil.

Escreverei em breve dando-lhe as informações sobre as fotos. Quero o maior número possível das fotos de Antenor. Nunca as vi, assim, deixo ao seu critério a escolha. Mandarei os números nos próximos dias, assim que puder ver os novos números nas fotos.

Não sei como lhe dizer como estou excitado com a perspectiva de voltar ao Brasil. Vou gastar algum tempo me preparando, pois há muitas coisas que quero levar. Comprarei algum equipamento para o campo* aqui e muitas outras coisas, de modo que você terá de me encontrar nas docas (no navio), para me desembaraçar. Desta vez eu sei o que levar para o Brasil e, melhor, o que posso obter lá e como trabalhar. Por favor, não pergunte o que acho de você pois você deveria saber. Sei quando tenho uma boa amiga e se eu não fosse tão egoísta, faria melhor tentando mantê-la. O silêncio é de ouro (dizem em inglês) e especialmente quando finalmente chegam tão boas notícias. Sempre apreciarei o que você está fazendo por mim. Devo escrever novamente em breve.

Todo meu amor para sua mãe, dona Marieta e você. Escreverei de novo em breve e não demorará muito para nosso verão e estarei bebendo um Grandjo em sua casa.

Com afeto, Chuck.

P.S. Recebi um cartão e uma carta de Magalhães do SPI. Muito simpático e muito cordial.

P.P.S. Minhas lembranças para Galvão, Nelson e Rubens – meus companheiros* e para os do Museu. Gostaria muito de ver a carta de Valentim, pois sinto muito sua falta. Ainda sou um meio brasileiro*.

34. De Wagley para Heloisa

14 de fevereiro, 1941

Columbia University

Cara Heloisa,

Passei a semana caçando nos arquivos de Columbia o projeto que apresentei para o Brasil, sem encontrá-lo. (Eficiência americana!) Assim, posso apenas lhe dar exatamente o resumo do que ele continha.

Projeto - Sugestão de que o governo norte-americano (via Departamento de Relações Culturais) envie um ou dois etnógrafos – um deles lingüista – ao Brasil. Eles deveriam ser postos à disposição do Museu nacional do Brasil e trabalhariam sob suas ordens. Sugeri que eles seriam usados para ensinar estudantes brasileiros e fariam expedições de treinamento com estudantes brasileiros. A diretora do Museu Nacional teria o poder de selecionar um ou dois etnógrafos. (Nota – Este é simplesmente o projeto do qual falamos no Brasil).

Custos – Todos os gastos dos americanos seriam cobertos pelo governo norte-americano. Pedi dinheiro para livros, que seria dado ao Museu. Afirmar

que o Museu cooperaria cortando despesas e provavelmente poderia pagar os gastos de dois ou três estudantes brasileiros.

Tempo – Duração de um ano e possível continuidade por mais tempo.

O que está acima é o resumo da história. Ontem recebi uma carta do Dr. H. Moe da Fundação Guggenheim em Nova York, assistente do governo nessa área e que pode garantir a verba. Ele está muito interessado no plano acima. Ele diz que recebeu uma proposta semelhante do Señor Valcarcel, diretor do Museu do Peru. Então, faça o seguinte. Gostaria que você escrevesse uma carta (em Inglês) para ele (para Moe). Diga-lhe

- 1) que você ouviu sobre o projeto e que quer dar seu apoio a ele.
- 2) que, de certo modo, ele já foi iniciado, já que Galvão, Rubens e Nelson já tiveram uma curta experiência de campo comigo.
- 3) enfatizando a necessidade de tal trabalho no Brasil (no ensino da etnografia).
- 4) Que o Museu cooperaria inteiramente.

Você pode usar meu nome ao escrever, se quiser (ele me conhece), mas possivelmente seria melhor se você não dissesse que lhe pedi para escrever. Creio que há uma boa possibilidade de que eles apóiem tal projeto, se você lhe der uma acolhida entusiástica numa carta. A carta não precisa ser oficial, apenas uma carta pessoal para o Dr. Moe. Seu endereço é:

Dr. H. A. Moe

Guggenheim Foundation

551 –5th Avenue

New York City

Então, pois*, este projeto não tem tudo a ver com nosso ano planejado com o Museu, ou com nossos planos. Pretendo continuar com nossos planos para o próximo ano, não importa o que aconteça. Estou sempre pensando no Brasil e no Museu. Se eu puder obter algo do tipo de Nova York, posso ir conforme planejado, mas poderia levar um lingüista comigo. Prometo que você poderá escolher quem deve ir. (Você não vai receber Lipkind). Tenho esperança em

alguma coisa desse tipo, não apenas por agora, mas para o futuro. Se começarmos algo assim, poderemos dar continuidade a isto e obter fundos para estudantes brasileiros estudarem aqui durante um ou dois anos. Eu gostaria muito de ter Galvão como estudante em um de meus cursos. Eu o faria trabalhar tanto que ele pediria socorro. Diga-lhe isto. Ainda estou fazendo planos para o próximo ano no Brasil. Tenho várias idéias e quero fazer um tipo de estudo diferente do que fiz com os Tapirapé.

Parece que acabei com a malária e estou ganhando peso, mas há muito trabalho a fazer para ganhar demais. Hoje tive três horas de aula e fiquei acordado até as duas da manhã preparando essa aula. No próximo mês finalmente minha tese vai para a editora (para imprimir) e eu a modifiquei consideravelmente, acrescentando trinta páginas. Devo ter um artigo sobre folclore Tapirapé publicado logo e lhe mandarei uma cópia em seguida. Estou preparando outro sobre organização social para publicar este verão. Os cursos e o ensino dão muito trabalho.

Espero que você tenha recebido os cartões e o texto sobre a coleção. Mandeí-os por correio registrado duas semanas atrás. Como de costume, fiz um trabalho desorganizado, mas posso corrigir quaisquer erros no texto e acrescentar material durante o verão. Tenho as fotos e elas são maravilhosas. De novo, muito, muito obrigado. Creio que não vou precisar de mais ampliações. Posso obter algumas com Antenor quando for ao Brasil. Só vou precisar de mais cópias artísticas quando meu livro estiver pronto para ser publicado. Por enquanto, tenho o suficiente. Logo vou querer ter alguns slides (para projeção).

Obrigado pelo recorte de jornal sobre Chico; gostei muito da carta de Valentim e pobre João! Os fantasmas Karajá são muito importantes na imaginação Karajá, imagine alguém chamando por eles. O que você disse sobre Lipkind é apenas honesto e, do modo como ele se comportou, não vejo como você poderia ter dito algo diferente.

Billy escreve a respeito de suas maravilhosas notas do semestre. Ele morrerá se não puder ir ao Brasil e cada vez que escreve pergunta se vou levá-lo, se e quando eu for outra vez.

Perdoe esta carta mal escrita e tantos negócios. Gostaria apenas de sentar numa rede na fazendinha* e conversar com você. Se você concorda comigo, escreva logo a carta e vejamos o que acontece. (Mande-me uma cópia). Eu nunca tenho muita fé. Dê lembranças para Galvão, Rubens, Nelson, João, Antenor, etc. e meu amor para sua mãe e dona Marieta. Acredite-me, eu valorizo sua amizade – por isso escreva logo. Amor, Chuck.

P.S. Recebi carta de Acary. Métraux vai se casar (de novo), em 6 de março, com uma moça americana simpática. Ele tem sido psicanalizado. Sonho em voltar ao Brasil. Sempre temo que algo aconteça para atrapalhar meus planos. Quando quero muito alguma coisa, sempre fico nervoso a respeito. Oh! Sim! Depois da malária, P.P. foi outra vez irritante e houve muitas pererecas (sapinhos)* de novo.

35. De Wagley para Heloisa

Sábado, 22 de março [1941]

Querida Heloisa,

Tenho esperado ansiosamente por uma palavra sua. Minha situação na Universidade de Columbia no próximo ano depende de uma carta sua (ou outro agente oficial), pedindo uma licença para trabalhar no Brasil. O professor Linton, meu chefe, diz que não podemos fazer um pedido formal de licença até que tenhamos uma definição formal do Brasil. Ele fala em “convite” ou “contrato”. Meu contrato em Columbia deve ir para o comitê de renovação nas primeiras semanas de abril e os programas dos cursos do próximo ano estão sendo impressos. Eles se adiantaram e incluíram meus cursos, já que não

podem deixá-los de fora, por medo de que eu perca o cargo. Mas tudo parece estar pronto e acertado para o próximo ano. Linton está convencido de que eu devo ir ao Brasil e o Diretor Hawks diz que manterá minha posição como professor para o ano depois do próximo. Ele só pode manter meu emprego se eu for requisitado ou convidado pelo Museu, até que eles saibam por você que eu tenho um contrato. Assim, você deve escrever tal carta (ou pedir que algum agente oficial a escreva) para o diretor Herbert Hawks, Columbia College, Columbia University e outra para o professor Ralph Linton, Departamento de Antropologia. Tão logo tudo esteja arranjado com certeza para o próximo ano, escreva essas cartas, pois quero ir ao Brasil e só posso ir com a segurança de meu emprego em Columbia. (Empregos para antropólogos são difíceis de obter no mundo atualmente – assim percebo o quanto sou afortunado.)

Tomei um drinque com a amiga de Rubens, Aloisa Vianna, que me trouxe uma carta dele. Respondi a maior parte das perguntas na minha última carta. Fiquei tão satisfeito de que tudo estivesse indo tão bem na preparação da viagem. Ele faz várias perguntas. Aqui estão as respostas às que me lembro (a carta dele está no escritório). Minhas aulas em Columbia terminam no 25 de março. Se vou encontrar com eles no Pará ou em São Luís depende de “nossa chefe”, isto é, depende da opinião de Heloisa Alberto Torres. Acho que devemos visitar as tribos da região (Kanela, Krahô, Guajajara, etc.) já que esta é uma viagem de treinamento para três novos antropólogos brasileiros.

Há uma ou duas perguntas que devo fazer: 1) você obteve alguma informação sobre os Guajajara? Se eles não tiverem ido muito longe, parecendo-se muito aos caboclos*, a minha opinião é que eles seriam melhores para os nossos objetivos que os Urubu. Com os Guajajara teríamos um bom intérprete para nos ajudar a começar o estudo da língua; poderíamos trabalhar mais rápido e obter elementos de fundo (com mais profundidade) (do que o que obtive com os Tapirapé, por exemplo), seria um lugar melhor para ensinar as técnicas de campo e eu poderia fazer experiências com coisas novas que estão sendo feitas por outros antropólogos americanos. Essas vantagens dependem de os

Guajajara não estarem completamente aculturados e terem mantido a maior parte de sua antiga cultura. Poderíamos ficar com eles e depois ir aos Urubu por mais um ou dois meses. Essas decisões dependem de você – “nossa senhora chefe”, como dizem nas fazendas do Texas.

Pergunta 2). A respeito da data de minha ida. Devo ir a Kansas antes de viajar, para ver Bill e mamãe. Se eu fizer isso, não poderei viajar até julho, ou mais tarde. Eles ficariam magoados se eu partisse por um ano sem vê-los. Não os vi no Natal. Isso faz alguma diferença para seus planos? (Gostaria de levar Bill, mas mamãe ficaria tão infeliz e solitária se ambos viajarmos e ele está no colégio lá.)

Segunda tenho uma entrevista com o pessoal da Guggenheim. O dr. Moe da Guggenheim está ansioso para enviar alguém para o Brasil, mas ainda precisa obter a verba. Ele telefonou ontem, assim talvez tenha chegado a alguma decisão. Você lhe escreveu? Se qualquer novidade definida [surgir], escreverei imediatamente.

Minha malária se foi! Tenho minha velha energia de volta. Finalmente me livre de meu parasita. Peso 165 libras (?? quilos) e só preciso de duas semanas na praia de Copacabana para ter uma excelente saúde de volta. Minhas aulas estão melhores agora. Num dos cursos estamos discutindo os negros brasileiros e os da Guiana – assim, li Arthur Ramos e um dos livros de Édison. Um americano, Herskovits, escreveu muito sobre a Guiana holandesa. Ah, sim, Arthur Ramos vem para cá no próximo mês para dar duas palestras sobre “Raça no Brasil”. Recebi um grupo de brasileiros que estavam visitando universidades americanas e fui convidado a dar-lhes as boas vindas em Columbia num português acabocado*. Na próxima semana devo dar quatro palestras (de duas horas cada uma) sobre os Tapirapé para um grupo de psicanalistas. Minha tese está no prelo, bem como dois artigos sobre os Tapirapé – devem ser lançados em um ou dois meses. Maio logo estará aqui e faltará pouco para junho, de modo que estou ansioso em ter as coisas acertadas

para o próximo ano e ansioso por voltar ao Brasil. Ainda tenho saudades* e sempre terei saudades* – acho que tenho o Brasil nas minhas veias.

Dê lembranças para Galvão, Rubens, Nelson – Antenor e os outros do Museu. Meu amor para sua mãe e dona Marieta. Escreva-me logo e me informe sobre a carta pedindo minha licença* para Hawks e Linton e sobre meu contrato. E também sobre as perguntas acima. Por favor, esteja certa de que sou o mesmo de sempre – seu amigo próximo e sincero; portanto se houver alguma dúvida, me diga. Nossa amizade é mais do que minha ida ao Brasil, você sabe o que quero expressar e parece que [não] consigo dizer.

Afetuosamente, Chuck

P.S. Cecília Roxo, prima de Herminia Prado, disse que sua mãe lhe escreveu dizendo ter ouvido que eu iria para o Brasil em junho. Provavelmente dona Herminia contou a ela. Provavelmente você contou a dona Herminia. Isto é complicado!

A senhora Quain ainda está aqui. Espero que ela me dê a coleção dos índios norte americanos de Buell para levar para você. Eu lhe pedi para fazer uma cópia das notas dele para você.

36. De Wagley para Heloisa

Segunda, 24 de março [1941]

Querida Heloisa,

Escrevi uma carta ontem, mas hoje todo o padrão da vida mudou. Devo escrever de novo e não mandarei a outra. Esta carta é urgente. Vi hoje o dr. Moe da Fundação Guggenheim e que está representando o governo americano no Comitê de Relações Culturais. Eles tem a verba para que eu vá ao Brasil. Eles se oferecem para pagar meu salário, transporte para o Rio e a volta, de modo que posso trabalhar à disposição do Museu Nacional por um ano. Ele não dará a verba a nenhuma outra pessoa. Ele pagará 200 dólares por

mês (exatamente o que recebo aqui) e 600 dólares de transporte. A verba já está disponível. Agora, isto é importante. Ele está esperando uma carta sua para ele dizendo que você está disposta a cooperar; que você tem necessidade de um etnólogo no Museu, para ajudar a treinar estudantes; que você concorda em ter a *mim* trabalhando no Museu. Ele quer esta carta logo. Deve ser uma carta simples e amistosa, pois ele é um homem muito simpático e muito simples. Por favor, faça isso para mim! Faça isso no mesmo dia em que receber esta. Esta carta deve ser enviada para: Dr. Henry Allen Moe, Guggenheim Foundation, 551 Fifth Avenue, New York, N.Y.

Agora, preciso explicar tudo isso. Quando disse ao diretor de Columbia e ao professor Linton que eu poderia trabalhar um ano para você no Museu eles ficaram encantados. Mas eles e o dr. Moe acharam que meu salário deveria ser pago pelos Estados Unidos – para mostrar (suponho) nossa (dos Estados Unidos) amizade e nosso interesse. O dr. Moe sugeriu que o Museu brasileiro use sua verba para a expedição da qual vou participar. Para mim é melhor ser mandado daqui (pelo governo) nas atuais circunstâncias; porque eu não posso ser chamado de volta no meio do ano para o serviço militar (se fosse de outro modo, isso estragaria nossa expedição). Essa conexão com minha missão também me assegura que a universidade de Columbia manterá meu emprego docente no ano seguinte. Espero que você realmente me queira no Brasil e que escreva, assim tudo estará acertado.

Espero que isto não afete seus planos quanto ao contrato. Se um contrato for arranjado e você quiser também mais alguém, estou certo de que Jules Henry poderia ir, ou John Landgraf, um camarada jovem, mas muito charmoso e inteligente. Gostaria de poder levar John porque ele é bem treinado e trabalhando conosco poderíamos ensinar-lhe sobre o campo brasileiro e ao mesmo tempo ele poderia ensinar muito bem antropologia geral para nossos rapazes. Depois de escrever ao dr. Moe, escreva-me também dizendo o que você acha de o Comitê pagar meu salário e o dele.

Será exatamente o mesmo que se eu estivesse trabalhando com seu (do Museu) salário. Estarei trabalhando para o Museu e sob as ordens da Diretora do Museu Nacional. O dr. Moe sugeriu que talvez você possa financiar a viagem ao campo quando nós (Galvão, etc.) formos para o sertão.

Há outras coisas. Tomei um drinque (coquetel) com a amiga de Rubens, Aloisia Vianna, que me trouxe uma carta dele. Ele faz várias perguntas: minhas aulas terminam no 25 de março. Devo passar três semanas em casa, pois não fui ver mamãe e Bill no Natal. Eles ficariam muito tristes se eu não fosse. (Gostaria de poder levar Bill ao Brasil.) Assim, acho que só posso partir daqui no final de junho ou início de julho. Se vou ou não encontrar com eles em São Luís ou no Pará – ou no Rio, depende da decisão de nossa chefe (Heloisa Alberto Torres). Acho que devemos ver todas as tribos da região (Canela, Kahó, Guajajara, etc.), pois esta é uma viagem de treinamento para três novos antropólogos brasileiros. Quero que Galvão obtenha informação sobre os Guajajara. Acho que seria um lugar melhor para começar nosso estudo dos Tupi porque com eles teríamos excelentes intérpretes e poderíamos estudar as técnicas de campo melhor. Poderíamos trabalhar de modo mais rápido e de maneira mais aprofundada sobre a cultura. Poderíamos então mudar para os Urubu depois de saber mais sobre a língua e a cultura Tupi. Quatro pessoas trabalhando duro podem fazer mais do que uma, assim acho que devemos trabalhar com ambas as tribos. Sei que elas estão longe uma da outra, mas podemos fazê-lo. As decisões cabem a você, pois você é “nossa senhora chefe” como dizem nas fazendas do Texas.

Estou muito ansioso para saber sua reação a tudo isso. Estou tão entusiasmado com minha volta ao Brasil. Creio que tenho o Brasil nas veias. Minha malária se foi, espero. Ganhei peso. Preciso apenas de duas semanas na praia de Copacabana para obter perfeita saúde. Minha tese e dois artigos sobre os Tapirapé estão no prelo. Vou fazer quatro palestras sobre os Tapirapé para um seminário de psicanalistas. Arthur Ramos chega aqui no próximo mês para dar duas palestras sobre “Raça no Brasil”. Vejo brasileiros toda semana, de

modo que posso falar português e devo começar a estudar gramática. Planejo comprar uma panela de pelo menos um metro de diâmetro, de modo a podermos cozinhar feijões suficientes para satisfazer Galvão de uma vez, e uma proteção para os olhos, de modo que Nelson possa dormir durante o dia. A senhora Quain ainda está aqui e espero que ela me dê a coleção dos índios norte americanos de Buell para levar para o Museu.

Por favor, escreva a carta para Moe e me escreva também. Estou tão ansioso para ouvir sua opinião sobre este projeto. Lembre-se que quero fazer o que você quiser. Nossa amizade é mais para mim do que minha ida para o Brasil; você sabe o que gostaria de expressar e pareço incapaz de dizer. Dê lembranças a Galvão, Nelson, Rubens e a turma do Museu. Dê meu amor para sua mãe e dona Marieta. Depois de dez dias, vou procurar em todas as entregas de correio por uma carta sua.

Afetuosamente, Chuck

P.S. A carta para o dr. Moe não é oficial. Ele simplesmente quer saber se você quer um etnólogo e concorda com minha ida. Ele ouviu falar de você e disse que falou com pessoas que a conhecem e que gostaram de você. Mande-me uma cópia da carta, se você não se importar.

37. De Wagley para Heloisa

Quarta feira, 26 de março [1941]

Querida Heloisa,

Escrevi segunda-feira. Espero que a carta não a aborreça nem mude os planos. Recebi hoje sua carta com cópias das cartas para Hawks, Linton, Moe e com a carta de Valentim. Sua carta para Moe é excelente e serve para tudo. A carta para Hawks é excelente. Assim, espero que você não escreva outra carta para Moe pois esta é suficiente.

Agora, o que fazer? Você prefere que eu vá com verba do Museu ou de Moe? Se houver verba de dois lugares, faz sentido que a usemos para duas pessoas. Devo ter outra conversa com Moe e ver o que ele acha disso. Quero fazer exatamente o que você achar que é melhor fazer. Minhas razões para escrever-lhe a respeito da verba da Guggenheim tinham as melhores intenções de ajudar. Você gostaria que eu repassasse a verba (se possível) da Guggenheim para outra pessoa? Como sua verba é destinada pelo governo, ela pode ser repassada de modo a que outra pessoa possa ir? Não quero que ninguém pense que estou tentando pegar e manter tudo para mim. Vou esperar até ouvir sua opinião e quando escrever diga-me se você está respondendo ambas as cartas (esta e a de 24 de março). Diga-me exatamente o que você pensa.

Se mais alguém (outro etnólogo) for ou puder ir, deve ser Jules Henry? Acho que ele é uma boa escolha e sua lingüística complementa a minha especialidade. Se for outro, sugiro Bernard Mishkin – que é charmoso, muito inteligente, e se adequaria muito bem a uma expedição. JH, no entanto, certamente pode nos ensinar a todos algo de lingüística.

Na minha carta de segunda-feira faço várias perguntas: seria possível que eu fosse no fim do verão, por volta de julho? Sei do problema do rio Gurupi, mas acho que poderíamos navegar nele. Quem sabe Galvão etc. possam ir antes e levar a bagagem rio acima. Vou encontrar com os rapazes no Pará? Parece que você decidiu a favor dos Urubu? Segundo todas as notícias que pude obter, parece que os Guajajara são muito parecidos com os caboclos*.

Fiquei muito triste esta noite. As notícias de Valentim sobre os Tapirapé me magoam. Pobres diabos! Conhecia bem todos os que morreram e eles devem ter ficado tão confusos para caminhar todo o trajeto até o Araguaia. Eles não vão resistir muito. Eu gostaria de voltar lá um dia – se alguém sobreviver. Também tive uma discussão com Lipkind hoje. Pobre rapaz, também, ele não consegue aprender a respeito das pessoas e veio me pedir para acertar as coisas para ele com você. Ele quer tanto voltar ao Brasil e não consegue entender

porque não pode. Ele acha que estou tentando guardar tudo para mim. Ficamos um pouco esquentados – mas não é minha função, na minha atual situação, dizer-lhe “verdades”, por isso tentei ser gentil. Ele não é mau – mas infeliz.

A escola anda tão lentamente. Gosto de ensinar, mas estou tão cheio de trabalho. Finalmente minhas notas Tapirapé estão sendo organizadas e estão datilografadas. Não creio que vá ter tempo para transformá-las num livro agora, mas posso fazer mais um ou dois artigos. E, mais tarde, posso escrever um livro em dois volumes sobre duas tribos Tupi (ou comparação ou duas descrições longas).

Dê notícias logo. Lembre-se que quero fazer o que quer que você queira sobre todas essas coisas. Escreva sobre o que você decidiu e arranjaréi tudo do lado de cá. Suas cartas foram maravilhosas e me dão a oportunidade de fazer o que preciso fazer. O diretor

Hawks me chamou e estava entusiasmado; Linton me disse que tem pena de me perder por um ano, mas que fará o melhor que puder por mim. Tudo parece pronto*.

Mais uma vez, amor para todas (dona Marieta e sua mãe e acima de todas para você). Estou ansioso por me por a caminho.

Afetuosamente, Chuck

P.S. Se eu for para o Pará e não para o Rio, a Panair me daria o transporte?

De Linton para Heloisa

27 de março de 1941

Minha cara Dra.Torres:

Sua carta de 13 de março, e cópia carbono de sua carta para o Diretor Hawks foram recebidas.

Discuti a questão do afastamento do Dr. Wagley com o Diretor Hawks e ele está inteiramente de acordo comigo de que seria desejável

que o Dr. Wagley aceitasse essa oportunidade incomum de continuar seus estudos na América do Sul. Fui assegurado de que seu cargo no College será mantido em aberto para ele até o final de 1942.

Estamos extremamente felizes em saber que você tem tanta confiança no Dr. Wagley e compartilha nossa própria alta opinião sobre sua capacidade.

Sinceramente seu,

Ralph Linton

38. De Wagley para Heloisa

Sexta feira, 29 de março [1941]

Columbia University

Querida Heloisa:

Escrevi para você na segunda, mas na quarta recebi sua carta com cópias das cartas para o Diretor Hawks e para o Dr. Moe. Sua carta para Moe era excelente. Ele telefonou para dizer que não precisava uma carta sua, tendo recebido esta. O Diretor Hawks disse que estava respondendo sua carta, que não haveria nenhum problema e que eu posso estar seguro de que minha posição estaria esperando por mim. Linton está muito entusiasmado. Todos foram muito simpáticos a respeito. Suas cartas acertaram tudo da melhor maneira. Muito obrigado. Meu prestígio subiu rapidamente.

O que deve ser feito? Quero fazer exatamente o que você achar melhor a esse respeito. Devo ir para o Brasil com a verba da Guggenheim, ou é melhor que eu vá pago diretamente pelo Museu? Parece que Moe quer pagar meu salário e meu transporte. Seria lógico (já que há verba de dois lugares) que duas pessoas a usassem. Podemos conseguir que Jules Henry seja pago pela Guggenheim ou pelo Museu? Como sua verba é destinada, poderia ser usada

por outra pessoa que não eu – de modo que duas pessoas poderiam ir? Eu poderia tentar repassar a verba para outra pessoa (para Henry). Escrevi-lhe apressadamente a respeito da oferta da Guggenheim (do governo, de fato) com a melhor intenção de ajudar em seus arranjos. O salário é mais ou menos o mesmo em ambos os casos. Se eu fosse pago aqui em dólares, seria mais fácil mandar dinheiro para Bill e para mães todos os meses. Mas de fato não há diferença entre ambos. Quero dizer outra vez que desejo fazer o que você achar melhor. Você conhece a situação no Brasil e sabe o que pode ser feito. Como disse na última carta, Moe sugeriu pagar meu salário e transporte e que o Museu pague a expedição. Você me dirá exatamente o que pensa sobre isso. Se você quiser duas pessoas, creio que se pode conseguir. Sugiro que você escreva a Moe explicando que escrevi dizendo que ele me ofereceu uma verba para ir [ao Brasil]. Você e Moe provavelmente podem combinar para enviar Henry com um dos fundos. Quero fazer o que for melhor para você e para o Museu.

Espero que isso não tenha complicado mais as coisas. Lembre-se de que tenho trabalhado aqui com o interesse do Museu no coração. De repente tudo de bom surge no nosso caminho. Quero manter Moe interessado porque acho possível que através dele estudantes brasileiros venham aos Estados Unidos para estudar antropologia.

Seja o que for que aconteça, parece certo que eu vá ao Brasil. Minha licença em Columbia está acertada (Métraux pode ser meu substituto aqui). Há verba do Museu e de Moe. A questão é saber se Henry vai usar um ou outro dos fundos. Estou tão excitado com isso que não consigo dormir. Sonhei com o Brasil na noite passada – que eu estava de volta aos Tapirapé e registrando longos, longos mitos. Fiquei tão triste com as notícias de Valentim sobre os Tapirapé. Pobres diabos!

Minha saúde está muito melhor. Estou cansado por trabalhar muito, mas a malária não voltou. Devo ser muito cuidadoso em relação à malária nesta viagem. Essas próximas seis semanas de escola serão árduas. Estou impaciente e tenho muito trabalho a fazer. Estou fazendo trabalho extra – palestras sobre

os Tapirapé para um seminário psicanalítico (duas horas por semana) durante as próximas cinco semanas.

Minha saúde não é problema para a viagem, mas Bill e mamãe são um problema. Devo passar três semanas com eles. Compreendo o problema do rio Gurupi e sei que os rapazes estão ansiosos para se por a caminho. Seria melhor para mim (para a saúde etc.) se eu tivesse algumas semanas de descanso e exercício antes de partir para o Gurupi. Se eu fosse para o Rio, creio que poderíamos passar as manhãs proveitosamente com um curso sobre organização social e psicologia primitiva e métodos de campo. Assim, quando estivermos com os Urubu, poderíamos continuar com os mesmos temas. No entanto, se você achar melhor, ou se parece melhor ir diretamente para o Gurupi, irei para o Pará (com suas indicações), e faremos isso no campo. Se formos mais cedo para o Gurupi, possivelmente seria bom que Galvão etc. fossem antes e levassem a bagagem rio acima.

Você deve me mandar logo instruções sobre tudo isso. O que deve ser comprado aqui em Nova York para a expedição. (Miçangas) Que equipamento é melhor comprar aqui. Você deve escrever para Moe, dando-lhe sugestões. Fale-me sobre a data de minha ida, etc.

Gostaria de estar aí para o aniversário de Dona Maria José, como prometi. Se eu for para o Rio, vamos fazer uma festa para acabar com todas as festas. Estou começando, finalmente, a estudar uma gramática do português. Leio melhor o português e falo melhor do que antes – vi brasileiros este inverno. Incidentalmente, encontrei um grupo de estudantes brasileiros (visitantes) e os recebi em nome de Columbia num português acaboclado*, o que os encantou. Os representantes de Columbia pensaram que eu estava falando um português perfeito.

Agora que se aproxima a época de voltar, minhas saudades* apertam. Perdoe-me se faço com que as coisas pareçam complicadas. Por favor, escreva-me uma longa carta dizendo tudo o que pensa. Aprecio sua boa amizade acima de todo este negócio antropológico. Lembranças* a todos.

Chuck

PS. Estou mandando pelo navio de hoje dois livros (Linton – *O estudo do homem* e Boas- *Antropologia Geral* – leia especialmente os capítulos 3, 4, 5, 6, 7, 8, 11, 13 e 14). O Dr. Antonio Gavião Gonzaga, diretor do Serviço de Miometria Médica, INEP, os está levando no *S.S.Brazil*. Você pode telefonar a ele e mandar Gabriel apanhar os livros. Todos os rapazes devem lê-los.

De Moe para Heloisa

9 de abril de 1941

Minha cara Dr.Torres,

Tenho o prazer de informar-lhe que, para tornar possível a aceitação, pelo Dr. Charles Wagley, de seu pedido para ele trabalhar no Museu Nacional durante o ano de 1941-42, meus colegas e eu aprovamos uma dotação de três mil dólares (\$3,000) para o Dr. Wagley proveniente dos fundos postos à nossa disposição pelo Coordenador das Relações Econômicas e Culturais entre as repúblicas americanas.

Gostaria que você fizesse o favor de me manter informado a respeito dos progressos do trabalho do Dr. Wagley durante o ano.

O Dr. David H. Stevens, com quem compartilho o trabalho de coordenação, estará no Rio de Janeiro quando você receber esta carta e sugeri a ele que a encontrasse. O endereço do Dr. Stevens é na Fundação Rockefeller na sua cidade.

A sua perspectiva coincide com a minha a respeito das bases para cooperação intelectual e fico feliz que um acadêmico com a qualidade do Dr. Wagley esteja disponível para contribuir para esta cooperação.

Sinceramente seu,

Henry Allen Moe

39. De Wagley para Heloisa

11 de abril, 1941

Columbia University

Querida Heloisa,

Recebi a cópia de sua carta para Moe. Estava muito boa e me deu muita alegria. Tudo parece estar acertado para minha partida para o Brasil. O Dr. Moe escreveu dizendo oficialmente que a verba de transporte e o meu salário estão disponíveis. Tivemos uma reunião ontem em Columbia, meu “afastamento” tornou-se oficial e aprovamos um professor substituto para o próximo ano. Linton e o Diretor (Hawks) disseram achar o arranjo feito com Moe (o pagamento de meu salário e do transporte) excelente. Fiquei feliz ao ver (na breve nota ao final da sua carta para Moe) que você também concorda e acha o novo arranjo satisfatório.

Preciso deixar dinheiro nos Estados Unidos para mamãe e para a escola de Bill no próximo ano. Moe não me dará dinheiro para comprar livros e equipamentos aqui. Quando eu chegar ao Brasil, deverei viajar à expensas do Museu – mas suponho que você compreende e eu trabalharei como se estivesse sendo pago pelo Museu. Minha idéia é que o encargo financeiro do Museu será menor se eu for pago (salário) por Moe.

O que você decidir a respeito de Jules Henry estará bem para mim. Escrevi na última carta a respeito da possibilidade de alocá-lo ou à verba do Dr. Moe ou à sua. Agora, parece que está tudo acertado com Moe e acho que é melhor deixar em paz o que está “bom o suficiente”. Tentar fazer a alocação com Moe só complicaria as coisas. Se você decidir ter Henry, tanto melhor – mas você conhece a situação no Brasil e fará o melhor.

Estou ansioso por uma carta pessoal sua. O que devo comprar aqui para a expedição? O que você acha dos meus planos de volta e a respeito da viagem ao Gurupi? No momento, só em primeiro de junho estarei liberado de Columbia;

então vou visitar Bill e mamãe. Eu diria primeiro de julho. Sei que Galvão, etc., estão mortos de ansiedade para chegar ao sertão*; mas eu acho que seria melhor esperar um pouco. Devo ir ao Rio. Sinto que preciso de um período de dois ou três meses depois deste inverno duro, para estar em boa forma física para o sertão*. Um mês ou dois trabalhando sobre organização social, parentesco, lingüística, etc., antes de partir (no Museu) será útil para nós quando chegarmos aos Urubu. Vou esperar sua opinião sobre isso antes de decidir a respeito do navio, etc.

Todos estão excitados esses dias, em relação à guerra, e bem deprimidos. Tenho minha “torre de marfim” que é a antropologia, e aulas nas quais me esconder. Muitas pessoas estão indo para a América do Sul, fazer pesquisa. Bernard Mishkin (eu lhe escrevi sobre ele) está indo para o Peru, para trabalhar com estudantes peruanos e está sendo financiado pelo Dr. Moe. Seigel está outra vez na Guatemala, por um ano – assim, a despeito da guerra e do mundo científico, o trabalho parece continuar. O governo americano também deu dinheiro para trabalho arqueológico no Peru e Valcarcel, o diretor do Museu Peruano, está em Nova York agora. Na próxima semana, Arthur Ramos vem a Nova York para falar. Chamei Métraux de Yale para jantar com Ramos e para ouvi-lo falar. Ah, sim, Métraux tem uma nova esposa (americana e muito bonita)¹⁴⁷.

Estou contando os dias até terminar o ano letivo. Fico tão ansioso ao pensar que em dois meses, mais ou menos, estarei fazendo as malas para navegar para o Brasil. Quero mandar vários outros livros nas próximas duas semanas. Espero que os outros tenham chegado bem. Diga aos rapazes para lerem muito esses dias.

Estou planejando uma festa para a própria noite em que chegar ao Rio. Esta festa é a meu convite para a turma toda. Podemos ir à Urca ou beber champanhe na sua fazendinha*. Você deve vir ao navio com a polícia ou os

¹⁴⁷ Rhoda (Bubbendey) Métraux, aluna e amiga de Margaret Mead. Segunda esposa de Métraux, ele se separaria dela ao deixar os Estados Unidos no início da década de 1950.

inspetores sanitários. Se não, vou saltar do navio e nadar até a praia. É melhor parar de sonhar e fazer o trabalho que tenho de fazer aqui.

Tudo é maravilhoso. Todos os acertos estão feitos e decididos. Estou ansioso por receber uma carta pessoal sua. Dê lembranças à “turma” e meu amor para sua mãe e Dona Marieta. Escreva logo e meu amor para você.

Afetuosamente, Chuck

PS. A saúde está bem, mas estou tão cansado e preciso tanto descansar.

40. De Heloisa para Wagley¹⁴⁸

29 de abril de 1941

Meu caro Chuck- No momento em que V. receber esta carta V. me fará o favor de sentar e responder imediatamente. Vai aqui uma grande preocupação com relação à época em que V. poderá ir para o Gurupi. Eu penso que se V. teve outro acesso de malária depois daquele de dezembro ou janeiro, não é prudente pensar-se este ano em trabalho de campo. Caso V. não tenha tido outro acesso desde que começou a tratar-se com o médico da Rockefeller penso que seria interessante cogitar-se de trabalho de campo ainda este ano. Mas eu preciso saber com toda segurança do seu estado de saúde. Tenho a impressão que se V. só tem cansaço talvez seja possível partir para o Gurupi na primeira quinzena de agosto. V. voaria daqui até Belém.

Acontece, porém, que, no caso da viagem se realizar este ano, os rapazes terão que partir para lá muito antes porque depois de julho não será possível subir o rio com muita bagagem. Eles subiriam em fins de junho e construiriam a casa. Mas para que eu os mande preciso ter a segurança de que V. estará em condições de ir depois. Peço que V. me mande dizer com a maior franqueza o seu pensamento, o estado em que V. se sente etc. Esta viagem teria mais a

¹⁴⁸ Em português.

significação, altamente importante, de treinamento dos rapazes que poderiam voltar nos anos subseqüentes para continuar o estudo que tivesse sido iniciado. É claro que o curso feito previamente seria muito mais interessante mas o que atrapalha é esse nosso desgraçado e irremovível regime de águas. Mas, antes de tudo é preciso que fique bem claro que se V. sente que não pode ir só haveria prejuízo em tentar uma aventura.

No caso de V. não poder ir este ano dá-se maior desenvolvimento ao curso e procura-se mais tarde um grupo indígena mais acessível para trabalho de treinamento.

A viagem é dura. Vai aqui dentro uma descrição feita pelo Galvão e uma carta da região.

Eu quero, se for possível, que V. me compre umas dez canastras de fibra boas como aquelas que V. levou para os Tapirapé, umas dez capas de borracha como a que tinha e os meninos tanto elogiam. Também não se conseguem contas no Rio, seria preciso comprar uma boa quantidade. Logo que V. chegue aqui eu pagarei.

Durante o tempo que V. estivesse no Rio daria algumas aulas a dois outros rapazes que eu pretendo formar. Quero, pelo menos, cinco etnólogos se formando.

Eu vou mandar chamar o Henry, penso que brevemente; por uma série de circunstâncias que eu lhe exporei quando V. chegar não pude fazer a substituição imediata do seu nome pelo dele. Mas ele virá com certeza e penso que para demorar.

O seu amigo Paul F. Kerr veio ver-me; gostei dele; agora está em Minas.

Esteve aqui no Rio o Dr. Stevens da Rockefeller. Ficamos muito amigos. Ele seguiu a bordo do *Brasil* e eu acharia bom que V. o visitasse. V. não sonha com que prestígio eu estou junto a ele!...

O Boas me escreveu muito amável. Não parece ter ficado aborrecido com o caso do L.

Pense na ansiedade com que eu espero uma resposta sua. Há tanta coisa a decidir.

Muitas saudades, um abraço.

Heloisa

41. De Wagley para Heloisa

Quarta feira, 30 de abril [1941]

New York, NY

Querida Heloisa,

Estou muito ansioso para receber uma resposta sua a respeito de minhas últimas cartas nas quais lhe falava de meus planos para ir ao Brasil. Quero fazer meus planos de acordo com o que você acha melhor fazer. Disse-lhe que provisoriamente (até ter notícias suas) tinha decidido visitar minha família durante o mês de junho e viajar para o Brasil no final de junho ou no início de julho. Devo ir para o Rio? Seria bom trabalhar durante algum tempo no Rio, antes de ir para o Maranhão. Quero saber o que você acha desses planos. Minha visita a Bill e mamãe é realmente importante para mim, mas eu poderia ir direto para Vizeu, se você achar melhor. Por outro lado, gostaria de passar algum tempo com a turma (Galvão, Rubens e Nelson) de modo que pudéssemos fazer algum trabalho duro preliminar (estudo) antes de alcançar os Urubu. Durante uns dois meses no Rio, eu poderia escrever bastante usando meu material Tapirapé.

Tudo está correndo bem por aqui. O Dr. Moe tem tudo preparado e começará a pagar meu salário em julho (quando termina meu contrato com Columbia). O Diretor e Linton me deram garantia por escrito de meu emprego no ano seguinte. Comprei um rádio de pilha para levar para o sertão* (para notícias desse mundo miserável). Não fiz reservas no navio por duas razões. 1)

Estou esperando uma carta sua me dizendo se vou para o Rio ou para Belém. Você aprova meus planos? 2) Estou esperando para ver se consigo um desconto na passagem da Moore-MacCormack. Se eles não me derem um desconto, devo partir de New Orleans (Delta Line) que é realmente mais perto de Kansas City. A Delta Line me dará um desconto. Há apenas mais dezesseis dias de aulas em Columbia; depois, devo corrigir os exames, empacotar minha mobília e livros, fechar meus arquivos no escritório, ir ao dentista e partir para visitar Billy. Espero sair de Nova York antes de primeiro de junho. Imagine! Em dois meses estarei a caminho do Brasil. Parece mais do que apenas um ano desde que eu deixei o Rio; mas ainda lembro olhando você acenar com o lenço enquanto o *Argentina* se afastava mais e mais. Realmente acho que seria proveitoso para mim ir para o Rio. Dois ou três meses antes de ir para o sertão* podem ser usados de maneira tão proveitosa, ensinando, escrevendo, conversando com você sobre o que deve ser feito, etc. Galvão, Rubens e Nelson morrerão de ansiedade se adiarmos um pouco a viagem?

Vi Othon no último fim de semana. Ele estava visitando Nova York. Falei pouco sobre nossos planos para ele. Ele é um sujeito muito infeliz e nunca deveria ter vindo aos Estados Unidos para estudar Administração. Ele tem slides das fotos de índios dele e os mostrou para mim.

O que eu deveria comprar em Nova York? Devo comprar contas? Se sim, pergunte a Raimundo Lopes de que tipo, cor e tamanho de contas os Urubu e Tembê gostam. Que outro equipamento pode ser facilmente comprado aqui? Material fotográfico? São mais baratos aqui? Escreva a respeito de meus planos de viagem, da compra de equipamentos, planos para ficar no Maranhão, etc. Escreva logo – porque quero fazer reserva no navio e estarei logo partindo para Kansas City.

Estou muito ansioso para que chegue o dia de partir. Tenho medo de pensar demais nisso, até que as aulas terminem, mas você sabe o quanto tenho sonhado sobre o próximo ano. Não esqueci meu português – ele até parece um pouco melhor (mesmo sem uma garrafa de Grandjo). Minha malária parece

esquecida; ganhei peso e recuperei algo de minha velha disposição. Estou na expectativa de nadar em Copacabana, do sol, da viagem de navio, de ver outra vez a natureza – em Nova York a vida é sem sol e sem ar limpo e aberto. Estou tão ansioso para jantar em sua casa. Estou guardando tanto para conversar com você.

Dê lembranças para todos. Diga-lhes que vou vê-los logo. Há algo que alguém deseje dos Estados Unidos? Amor para Dona Marieta e Maria José e para você.

Afetuosamente,
Chuck

42. De Wagley para Heloisa

9 de maio de 1941

Columbia University

Querida Heloisa,

Recebi ontem sua carta escrita em 29-1-41.¹⁴⁹ Tentarei responder todas as suas perguntas de maneira satisfatória, mas deixarei a decisão final para você.

Quanto à minha saúde -- Não tive nenhum ataque de malária desde o ataque de janeiro. O médico da Rockefeller não encontrou malária no meu sangue. Ele diz que não pode afirmar que eu esteja livre da malária porque ela pode estar escondida em minha linfa ou no meu fígado. Sinto-me muito bem e tornei a ter muita disposição, mas estou cansado e não ganhei meu peso de volta. Tenho certeza de que minha saúde não será um problema quando pensarmos no trabalho de campo. Estarei descansado e em melhor condição física depois de um mês de férias.

¹⁴⁹ Deve tratar-se da carta de 29 de abril: o 1 e o 4 se confundem na caligrafia de Heloisa.

Quanto aos outros problemas, vou falar com franqueza. Honestamente, não acho que a viagem para os Urubu em agosto seja o melhor para o treinamento de etnólogos principiantes. Os Urubu oferecem um problema científico extremamente excitante e rico e você sabe o quanto sonhei em trabalhar com eles. Para o treinamento, no entanto, os Urubu tem sérias desvantagens -- 1) Partiríamos sem o necessário treinamento preliminar sobre parentesco, lingüística, organização social, métodos de campo, etc. 2) Entre os Urubu, teremos um problema lingüístico difícil (suponho que os Urubu falem pouco ou nada de português) 3) Teríamos de tomar muitíssimo cuidado nas nossas relações com um grupo pouco acostumado com os brancos -- somos um grupo grande (cinco).

Tendo em mente apenas o treinamento de etnólogos, eu proporia um plano diferente (e muito menos excitante). Proporia dois ou três meses de trabalho intensivo no Museu (de 15 de julho a 15 de setembro). Depois, iríamos até alguma tribo acessível; uma tribo na qual se pudessem encontrar informantes e intérpretes que falem português. A tribo deveria manter muito da sua vida antiga, mas poderia ter sido influenciada pelos brancos. Tenho lido Froes de Abreu, *Na terra das palmeiras*, e Snethlage; parece que os Guajajara, apesar de fortemente influenciados pelos europeus, são bastante numerosos e ainda poderíamos aprender muito sobre sua antiga vida. Creio que em seis meses perto de Barra do Corda e do Rio Grajaú poderíamos obter muito material. Seria uma introdução mais fácil para o problema Tupi e para o trabalho de campo. E ofereceria uma base forte para os rapazes estudarem os Urubu mais tarde. Gostaria de trabalhar sistematicamente com os Tupi. Com os intérpretes Guajajara, cada rapaz poderia avançar no estudo da língua e da cultura Tupi.

Há várias questões e dúvidas a respeito dos Guajajara. 1) Podemos alcançá-los em setembro ou outubro? Curt Nimuendaju fez um estudo dos Guajajara? Eles não estão muito longe dos Canela. 3) Os Guajajara estão muito

modificados? Tenho certeza de que resta muito da vida antiga. Certamente resta a linguagem.

Depois de nosso trabalho de campo em tal excursão, haveria tempo para passar no Museu, interpretando e começando a escrever sobre nosso material.

Agora, minha cara*, disse o que acho que seria melhor para o treinamento. O mundo atual e o regime de águas* brasileiro não são os melhores jamais vistos. Não gosto de sugerir esse plano porque sei o quão ansiosos estão Galvão, Rubens e todos pela viagem ao Gurupi. Sei o quanto eles trabalharam para a viagem. O Gurupi realmente oferece um campo mais rico para o trabalho científico. É claro que poderíamos treinar no Gurupi e que obteríamos muitos dados valiosos. Tenho certeza de que minha saúde não interferiria com qualquer uma das viagens (Gurupi ou Guajajara). É uma oportunidade maravilhosa para estudar uma cultura realmente viva e excitante. Todos nós aprenderíamos muito com os Urubu. No entanto, sinto que uma tribo mais acessível com intérpretes do português seria melhor para o treinamento. (Esta é a experiência de todos os etnólogos que conheço.)

Devo deixar a decisão para você. Estou pronto a fazer qualquer uma das viagens e para trabalhar com Galvão e os outros. Acho que uma viagem de campo é muito importante e eu (pessoalmente) estou muito ansioso para continuar o trabalho com os Tupi. Os Urubu nos dariam um retrato da cultura Tupi “clássica”; os Guajajara nos dariam um retrato do contato entre a cultura Tupi e os caboclos* (um problema de aculturação muito importante) e um retrato de outra cultura Tupi. Você decide qual dessas duas, estou pronto e entusiasmado. Se você decidir pelos Urubu, seria melhor ir diretamente a Belém, se eu puder encontrar um navio. Acho que o navio de New Orleans para em Belém. Planejo partir por volta do dia 15 de julho, mas se for a Belém, deveria chegar lá na mesma época. A viagem de avião do Rio a Belém é cara, não é?

Se Galvão e Antenor forem antes para o Gurupi (se você se decidir pelos Urubu), onde eles iriam construir uma casa? Não deveria ser dentro da aldeia

indígena; somos muitos. Eu diria que não deve ser muito longe, mas, digamos 400 a 500 metros fora dela. Devemos ser cuidadosos em nossos primeiros contatos com os Urubu.

Fiquei contente com sua decisão a respeito de Jules Henry. Ele seria muito valioso para o Museu. Possivelmente, ele estará no Brasil para continuar o trabalho com os rapazes no final deste ano. Que bom que você gostou de Kerr; ele é o melhor geólogo de Columbia e um dos melhores deste país. Vou visitar Stevens da Rockefeller. Sua amizade com ele é boa para mim – ele é um dos meus chefes* do Comitê de Relações Culturais. Tenho muito a conversar com você mas não há espaço aqui.

Vou comprar as contas* (se estiverem disponíveis), as capas de chuva de oleado e as mochilas de fibra (elas custam \$ 16 cada uma). Estou levando um rádio de pilha portátil (ondas curtas) já que meu país provavelmente entrará logo na guerra. Tenho vontade de chorar com isso. Se o que eu disse fizer com que Galvão e os outros fiquem tristes e desapontados, peço desculpas. Estou tentando ser honesto e ser seu amigo. Por favor, escreva logo para que eu saiba o que você decidiu. Lembre-se que ficarei feliz com qualquer dos planos. Mas me diga para que eu possa planejar minha partida e fazer reservas num navio. Vou esperar uma longa carta antes de primeiro de junho – parto para Kansas City logo depois. Lembranças para a turma e meu amor para sua irmã e sua mãe.

Afetuosamente,

Chuck

P.S. Agradeça a Galvão pelo mapa e pela descrição da viagem. Ele certamente tem os detalhes na cabeça. Eu ainda o admiro.

43. Wagley para Heloisa

29 de maio, 1941

Columbia University

Querida Heloisa,

Sua nota respondendo minha carta chegou esta tarde. Esperava que você me dissesse o que pensa dos planos que lhe apresentei na minha última carta. Por favor, tente escapar por meia hora quando receber esta e escreva a respeito de nossos planos. Espero que meu plano na última carta não tenha desapontado você e os rapazes. Depois de receber seu bilhete, estou realmente preocupado com que você esteja desapontada. Tenho muitas esperanças e sonhos que devemos concretizar neste ano; a idéia central é treinar os rapazes. Falei sobre isso com muitas pessoas, com mais experiência no treinamento para o trabalho de campo, e todos sugeriram que viver numa cultura intocada como a dos Urubu deveria ser adiado até que o treinamento estivesse bem adiantado. Lendo sua nota, não estou certo sobre qual o plano que vamos seguir; já que você me diz que sou esperado no Rio, suponho que vamos seguir o plano de ir mais tarde para uma tribo mais modificada (civilizada). Por favor, sente-se e escreva uma carta curta dizendo-me o que você pensa sobre isso.

Hoje dei as últimas notas dos exames. Amanhã devo começar a preparar a viagem. Preciso por minha mobília e os livros num depósito, fechar meu escritório, etc., etc. Devo partir para Kansas City na segunda (2 de junho). No sábado vou tratar do visto, do passaporte, etc. Estou esperando para fazer a reserva no navio até descobrir que desconto vou conseguir. Planejo pegar o navio que sai de Nova York dia 3 de julho, se possível – ele chega no Rio por volta de 16 de julho. Escreverei sobre as datas definitivas assim que tiver feito as reservas. Espero que você possa estar junto com a inspeção sanitária antes que o navio atraque.

Comprei quarenta dólares de contas maravilhosas. Fiz contato com a empresa e estou levando amostras do seu estoque com os preços. Só pude achar as mochilas (exatamente igual a sua) em uma empresa. Elas são caras – 18 dólares cada uma, incluindo todas as tiras de couro para usar com a carga a cavalo. Você pode escrever imediatamente me dizendo se as quer a este preço? Você quer dez a este preço? As capas de chuva custam sete dólares cada uma – você quer cinco, ou não? Escreva. Encomendei ambas, mas elas não serão entregues até que eu tenha notícias suas sobre o preço e o número que você quer.

A senhora Quain ainda promete trazer sua coleção indígena para Nova York na data da minha partida.

Estou comprando livros para levar comigo para o Brasil. Há vários de que precisamos e que serão necessários neste ano. Também estou levando alguns dos meus próprios livros.

Agora que o ano letivo terminou estou ansioso e só penso na minha ida para o Brasil. Este vai ser um ano de muito trabalho. Diga aos rapazes para buscar informação a respeito das tribos nas quais possamos fazer trabalho de campo – sobre os Guajajara. Eles estão muito aculturados?

Há algo pessoal que eu possa levar para você e sua família dos Estados Unidos? Roupas, livros, alimentos, etc.

Dê lembranças à “turma”; espero não ter ficado muito impopular depois de minhas observações desapontadoras a respeito da viagem aos Urubu. Sou uma alma tímida e preciso da confirmação de meus amigos. Gosto de meus amigos no Brasil; me sinto grato.

Dê meu amor para Dona Marieta e Dona Maria José.

Afetuosamente, Chuck

P.S. Escreva sobre: 1) O que você acha dos planos para este ano? Quais são os planos para este ano? O que você acha deles? 2) Sobre as mochilas – quantas comprar? Quantas capas de chuva?

44. De Heloisa para Wagley¹⁵⁰

7 de junho de 1941

Museu Nacional

Chuck velho querido- Parece até que V. não me conhece, que nunca trabalhou comigo. O meu bilheteinho tão curto em resposta a sua carta não refletia desapontamento de espécie alguma. Se eu tivesse ficado desapontada eu teria dito. Eu estou perfeitamente de acordo com a organização do plano de trabalho que V. propôs. É a única lógica. Eu pensava, entretanto, que V. faria questão dos Urubu como complemento ao Tapirapé e considerava difícil chegar-se até lá sem aproveitar a época das águas. Penso que vocês deverão ir aos Guajajaras; acredito que será melhor combinarmos tudo aqui. Os rapazes ficaram desapontados, sobretudo o Rubens que já tinha idealizado uma cena de morrer pró Urubu junto a namorada. Mas eles são muito crianças e isso tudo não passa de criançação. Você poderá comprar as dez (10) malas por 18 dólares cada uma; e as cinco (5) capas impermeáveis por 7 dólares cada. Foi muito bom ter comprado as contas para colares. Eu só tenho medo que V. não tenha dinheiro bastante. Julgo bom que toda essa encomenda venha dirigida ao Museu Nacional, aos cuidados de Charles Wagley. Você poderá por dentro livros e objetos de excursão seus, não coisas pessoais. Também poderá vir a coleção do Quain. Não deixe de visitar o Dr. David Stevens na Rockefeller. Até muito breve, um grande abraço.

Heloisa

[À margem:] Tenho muita pena que o Billie não venha. H.

¹⁵⁰ Em português.

45. De Wagley para Heloisa

2 de julho, 1941

Camdenton, Mo

Querida Heloisa,

Não tenho boas notícias. Não posso pegar o navio dia 3 de julho, como planejado, mas devo ir pelo *Argentina* que sai de Nova York no dia 18. Estou desapontado; tenho tanta pressa em começar o meu novo ano no Brasil. Várias causas me impediram de ir no navio de amanhã. Devo acertar tudo com mamãe e Billy, de modo a que tudo corra bem durante o próximo ano e preciso estar aqui na próxima semana. Posso explicar os detalhes para você quando chegar ao Rio; e você entenderá perfeitamente. Outra causa de meu atraso é que eu não tenho uma certidão de nascimento e preciso de uma para obter um visto do cônsul brasileiro em Nova York. Parece que no Texas os nascimentos não eram registrados (como em Goiás e no Mato Grosso) e a menos que o cônsul se satisfaça com algum outro documento legal (uma declaração), ainda posso ter problemas. Vou obter um visto, no entanto, e vou estar no *Argentina*. Ele chega no Rio, creio, no primeiro de agosto.

Não escrevi desde que recebi sua simpática carta. É claro que nunca duvidei de sua amizade e talvez nunca deveria ter pensado que você não falaria francamente comigo. Fiquei aliviado depois de receber sua carta. Temos muito sobre o que conversar quando eu chegar. Estou levando meus livros, notas, etc. Tenho um plano de trabalho para este ano que vai me manter – e os rapazes – muito ocupado. Passei quase um mês em casa e estou ansioso para voltar ao trabalho. Realmente não trabalhei muito desde que cheguei aqui. Escrevi uma resenha e corrigi as provas de minha tese. Ela está publicada e vou levar várias cópias comigo. Mas este mês foi agradável. Estamos agora numa pequena cabana num lago (Lago dos Ozarks), a cem milhas de Kansas City. Comprei um carro de segunda mão por \$85 e viemos para este lugar para nadar, pescar,

comer, e descansar. Tivemos dois visitantes de Nova York e Carl Withers está aqui para continuar seu estudo da pequena comunidade de Missouri.

Pretendo deixar Kansas City na próxima terça ou quarta feira, chegando em Nova York na quinta (10 de julho). Isso me dará uma semana para fazer os preparativos finais para a viagem. Diga para Antenor que vou fazer as compras para ele e já encomendei as mochilas (malas*) e as capas de chuva. Me sinto fraco quando penso no tempo que falta para partir – parece muito. Há muito o que fazer em Nova York nessa última semana mas o tempo que vou passar no navio será bom. Você pode estar lá com a barca da polícia quando meu navio chegar ao porto?

Antes de eu sair de Nova York, Moe perguntou se você gostaria de visitar os Estados Unidos. Ele acha que pode ser possível fazer um convite para que você venha visitar os museus à expensas do seu comitê. Precisamos falar sobre isso quando eu chegar. Devo ver Stevens em Nova York antes de partir. Moe me falou do quanto Stevens gostou de você e só tinha boas palavras a seu respeito. Ele disse que sabia que “Torres é exatamente o tipo de pessoa com quem eu gosto de fazer negócios”. Vi Othon recentemente durante uma hora; disse-lhe o quanto você é estimada pelos vários agentes das fundações educativas de Nova York; daí, imediatamente, mudei de assunto e me recusei a falar do Museu. Isto fez efeito. Ele (Othon) planeja pegar o navio em 15 de agosto e está agora viajando pelo oeste. Ele tem um Buick novo e sua esposa (se tudo correr bem) vai ter um outro bebê.

Se você lembrar de alguma coisa que queira que eu leve, mande um telegrama para o Departamento de Antropologia, Columbia University. Me alcançará antes de partir. Se não tiver notícias suas, espero ver você nas docas. Ficarei magoado se você não for às docas por um minuto ou ao navio antes que ele atraque. Lembre-se que o convite para a festa na noite de minha chegada no Cassino da Urca é meu. Convide Rubens e pequena*, Galvão, Nelson, Antenor e os outros – ou quem sabe, se formos muitos, faremos uma festa com cerveja – mas acho que a Urca seria melhor.

Dê meu amor para Dona Marieta e Dona Maria José. Lembranças para os do Museu e meu amor para você.

Afetuosamente, Chuck

P.S. Você me faria um favor? Telefone para Dona Herminia Prado Barros. Diga-lhe quando eu vou chegar ao Brasil; não tenho seu endereço aqui comigo, deixei em Nova York. Pergunte-lhe se ela ou Maneco Mendes Campos querem algo de Nova York e diga-lhes que posso comprar com prazer (seria difícil dizer isso em português). Se você quiser qualquer coisa pessoal, por favor me diga. Se Dona Herminia quiser qualquer coisa, diga-lhe (ou ponha isso em sua carta) para me escrever para Columbia University.

46. De Wagley para Heloisa

18 de julho, 1941

Querida Heloisa,

Parto hoje a meia noite no *Argentina*. Creio que ele chega a 30 de julho, mas é melhor que você telefone e descubra a data e a hora exatas da chegada.

Só pude comprar cinco mochilas por causa da indústria de guerra, mas tenho todo o resto, inclusive a coleção de Quain. A bagagem é enorme e vou ficar perdido se não houver ninguém para me ajudar a passar na alfândega.

Diga para Dona Herminia que comprei seu porta garrafas e que ele está comigo no *Argentina*.

Parece inacreditável que eu esteja realmente partindo e voltando ao Brasil. Não esqueça de nossa festa na noite em que o navio chegar.

Afetuosamente, Chuck¹⁵¹

47. De Wagley para Heloisa

Sábado, 13 de novembro (1941)

Gonçalves Dias

Querida Heloisa:

Rubens partirá dentro de minutos para São Pedro e vai levar nosso correio. Há ainda algumas outras coisas que gostaria de dizer. 1) Você poderia mandar o questionário preparado por [Ruth] Bunzel¹⁵² que trata de “agressão” e do “ciclo de vida do indivíduo” (há apenas um, mas eu lhe dei dois títulos). Temos o questionário que trata da economia. O que precisamos está na gaveta de Eduardo na mesa branca ou no armário ao lado de minha mesa. 2) Você poderia mandar pelo barco duas pilhas B (45 volts) e duas pilhas A (4 ½ voltas cada) para meu rádio;

2 pilhas B de 45 volts cada uma

2 pilhas A de 4 ½ volts cada uma

Não há grande pressa em relação a elas porque tenho pilhas extras, mas tenho certeza de que vou precisar delas em fevereiro; estou usando o rádio muito mais

¹⁵¹ Aqui se interrompe a primeira fase da correspondência entre Wagley e Heloisa; a partir de setembro, ele se tornará um adulto, casando-se e constituindo família e depois desse primeiro retorno ao Brasil não mais fará pesquisas com grupos indígenas brasileiros. *Após um curso de três meses, agosto a outubro de 1941, sobre antropologia geral e culturas americanas, nos dedicamos aos últimos preparativos de uma projetada excursão ao Maranhão, região do Pindaré. O objetivo foi de treinamento de técnicas de campo em etnografia entre os índios Guajajara, habitantes dessa região.* Eduardo Galvão. *Diários de campo*, p. 29.

¹⁵² Ruth Bunzel (1898-1990), como Esther Goldfrank, sua antecessora, começou sua carreira como secretária de Franz Boas. Fez extenso trabalho de campo entre os Zuni e foi a primeira pesquisadora a estudar comunidades na Guatemala. Lecionava cursos noturnos em Columbia, mas nunca foi admitida como professora em tempo integral. Ver verbete sobre ela em *Women Anthropologists: A biographical dictionary*. Organizado por Ute Gacs, Ausha Khan, Jerrie McIntire e Ruth Weinberg. N.Y/Westport, Connecticut, Londres: Greenwood Press, 1988.

do que usaria normalmente, à noite, por causa da guerra. Pagarei ao Museu pelo gasto com as pilhas quando voltar.

Os Estados Unidos estão agora em guerra dos dois lados (do Atlântico e do Pacífico); o rádio diz que estamos planejando enviar a infantaria para algum lugar; o rádio diz que estamos planejando um exército de seis a oito milhões de homens. Com esse número, certamente serei necessário em algum tipo de trabalho. Espero não ser necessário até que termine o meu ano no Brasil. Estou preocupado com Cecília. Se for chamado, nossa vida juntos será adiada mais uma vez. Tenho idéia de que posso ser útil no Brasil, de alguma maneira; mas tudo depende dos próximos meses. Escrevi para meu posto de alistamento para saber qual é a minha situação.

Esta carta será meu cartão de Natal. Então, Feliz Natal para você e sua família e um ANO NOVO VITORIOSO para todos nós; pois sei que você está de coração com os Estados Unidos nisso. Escreva e me conte o que se passa a respeito disso no Rio. Os navios estão sendo convocados? Estão vendendo passagens para os Estados Unidos? Estão anunciando viagens nos jornais? Qual é a opinião no Rio? Etc. Terei sorte se voltar aos Estados Unidos!

Não sei como isso afeta nossos planos a respeito do ano de Eduardo nos Estados Unidos. Columbia terá aulas e penso que Moe e Stevens terão dinheiro para bolsas e para ajuda à ciência. Eduardo disse que ele gostaria de ir em frente e passar lá um ano, guerra ou não guerra. Se você acha que talvez ele deva ir de qualquer maneira, você deve escrever para Stevens e/ou Moe até o mês que vêm. Eduardo certamente merece. Ele é bom. Você deve explicar a Stevens que Eduardo é contratado pelo Museu e explicar porque ele não tem um diploma de bacharel. Acho que ele deve ir adiante com seus planos.

Bom, Feliz Natal para você, D. Marieta e D. Maria José e para os do Museu.

Afetuosamente,

Chuck

48. De Wagley para Heloisa¹⁵³

Quinta feira, 20 de novembro (1941)
Belém do Pará

Querida Heloisa:

Tenho andado bem ocupado em minha visita a Belém. Vi Curt [Nimuendaju] pela primeira vez no domingo, às 8 da manhã e desde então tenho tido pelo menos duas horas por dia com ele. Ele está cheio de informação até as orelhas e tenho coletado informações com ele a respeito de lugares para futuras pesquisas de campo. Gosto dele e só desejaria poder ficar três meses para estudar com ele. Ele é muito estranho. Na segunda, vi Carlos Estevam, que é simpático, mas é o exemplo perfeito do “exército do Pará”, falando como meu superior. O Museu não parece com nada que eu já tenha visto - já estive lá duas vezes e ontem encontrei Eladio e Ester Lima. Eles são adoráveis – jantei com eles ontem à noite e falei de muitas coisas. Seus desenhos e pinturas da fauna são de primeira; eles são vivos, alegres e interessantes. Malcher¹⁵⁴ me faz ter esperanças em relação ao SPI. Fui ao escritório local várias vezes e Malcher é bom. Ele vai trabalhar conosco inteiramente e ele é eficiente. Ele tem um motor de popa, “camarada”, etc., esperando por nós no Maranhão. Descobri com dois “encarregados de portos” que os Mundurucu (Tupi), Wayapi (ilegível). Mauhé, etc., ainda estão em ótimo estado para estudo.

Quanto aos Guajajara – Malcher me deu muita esperança. No rio Pindaré eles ainda circulam só de “tanga”*, celebram a festa da puberdade, “fiesta de miel”* e ainda tem pajés. Muitos não falam português. As aldeias são na beira do rio, assim pode-se chegar lá pelo batelão do Serviço, com o gravador, etc. Os Urubu vem com frequência ao Pindaré, e Malcher propõe que eu faça uma breve visita a uma aldeia Urubu a partir do Pindaré, com um de seus homens

¹⁵³ Manuscrita, em inglês. As expressões entre aspas estão em português – as aspas são do autor.

¹⁵⁴ José Maria da Gama Malcher, indigenista e funcionário do SPI. Foi Inspetor do Maranhão e mais tarde veio a se tornar diretor do SPI.

antes de partir para o Rio (i.e. abril, maio). Os Guajá estão aparecendo agora numa aldeia Guajajara do Zataina, chamada Limão. A situação parece excelente.

Cecília mandou o cheque e está tudo bem. A viagem rio acima foi bonita, embora o tempo não estivesse muito bom – assim, perdi muita coisa. Dormimos em Maceió, com seu amigo Coronel Ferreira. Caminhamos pela cidade durante horas. O Dr. Moraes me convidou a fazer uma viagem de três dias com ele ao “Alto Turiaçu”, se ele conseguir um avião (devo recusar porque estou ansioso para começar com os Guajajara.)

Marajó é impossível por falta de tempo e porque Dona Ester vai para o Rio na sexta-feira. Talvez ela vá no mesmo avião com esta carta, ou vice-versa. Ela tem dúvidas, no entanto, sobre sua reserva.

Heloisa, muito obrigado por sua carta gentil e pelas cartas dos Estados Unidos. Estava me sentindo só e elas ajudaram. Sentirei falta do Rio, de você, de Cecília, etc., mas estou ansioso para me afundar no trabalho agora. Se houver qualquer pergunta sobre o texto “Xamanismo Tapirapé”, me avise. Estou ansioso por vê-lo impresso logo, porque preciso dele, já que Curt, Lowie, Métraux, et al, estão fazendo perguntas sobre os Tapirapé.

Muito obrigado pelas cartas e telegramas. As pessoas tem sido muito amáveis comigo. Telegrafarei para Galvão e os outros hoje. Vou para São Luís no domingo e espero que possamos sair para São Pedro na quinta ou sexta feira daquela semana. Escreva quando tiver tempo. Dê meu amor para D. Marieta, D. Maria José e para os do Museu. Meu amor para você. Serei sempre um amigo próximo e leal.

Chuck

49. De Wagley para Heloisa

Terça feira, 25 de novembro, 1941

Querida Heloisa:

Tanta coisa tem acontecido que nem sei por onde começar uma carta. A semana em Belém foi um prazer e muito valiosa. Acho que escrevi a respeito de minhas três horas por dia com Curt e sobre minhas noites com a família Lima. D. Ester está indo para o Rio ou estará lá em uma semana; ela teve grande dificuldades para fazer uma reserva com a Panair. Curt foi muito gentil nos últimos dois dias. Ainda estou admirado com seu conhecimento sobre os índios brasileiros. Dr. Carlos Estevão foi encantador, mas muito “exército do Pará”. Conheci outros no Pará, o Dr. Borges, que está estudando a dieta, o Dr. Estavas, um amigo dos Lima, etc. Malcher é de primeira e bom; é uma pena que ele tenha sido transferido do Maranhão. Jantei com ele, cerveja, conversa, etc., nos separamos como bons amigos.

Agora, a história local. Galvão e Rubens me esperavam quando cheguei de avião no domingo de manhã. (Foi uma viagem muito boa, pois vi do ar os Gurupi, os Turiaçu, os Pindaré, e seus grandes matos*) A situação está sob controle. Todos os suprimentos foram comprados. A Capitania dos Portos só estava esperando que eu chegasse para marcar nossa viagem. (Partimos na quinta feira de manhã, com a maré.) Vi o Interventor ontem e ele me segurou por mais de uma hora, conversando. (Ele mandou um oficial para me receber, quando cheguei.) Devemos nos apressar em ir para o Posto Gonçalves Dias, pois no último correio de lá, trinta e dois Urubu estavam lá e outros eram esperados numa aldeia Guajajara a três dias do posto. Tudo é muito excitante. Até os Guajajara parecem um ótimo problema dessa distância (i.e., pela informação de Curt, Malcher e Mendez, o inspetor substituto do Maranhão). Assim, nossos planos são os seguintes. Saímos na quinta feira (27 de novembro), esperando chegar a Gonçalves Dias no domingo (1º de dezembro). Lá, trabalharemos com os Guajajara sobre a língua, o parentesco, etc., e com os

Urubu, se houver alguns, durante duas semanas. O rio Pindaré está muito seco para navegação e assim estará até janeiro, assim, passaremos nosso tempo no “caminho do sertão”, no qual podemos viajar por terra. Em janeiro, subiremos o Pindaré, onde se diz que há boas e grandes aldeias Guajajara. O SPI tem um motor Penta e compraremos uma canoa, ou pegaremos a deles emprestada para essa viagem. É claro que é mais do que provável que teremos de mudar um pouco esses planos, mas tenho uma idéia de que esse será o padrão geral do trabalho.

Há apenas uma dificuldade. O SPI combinou que um sujeito chamado Castello Branco viaje conosco. Pessoalmente, ele é amigável e engraçado. Mas, no que diz respeito à nossa expedição, no entanto, ele é apenas “bagagem”. Ele nunca esteve nesta região do Maranhão (ele estava alocado a um posto entre os Canela – muito longe de nossa região); ele não é particularmente “prático” no sertão, ainda que tenha viajado um pouco; seu estatuto é suficientemente alto para que não cozinhe, nem carregue os cavalos, etc.; e ele definitivamente não é o tipo de se interessar por nosso trabalho. Além disso, ele acaba de ser chamado de Barra do Corda pelo Chefe de Polícia* do Maranhão, que o acusa de “criar uma situação” entre os Canela e os caboclos*, o que quase provocou uma batalha armada. É claro que a culpa era dos caboclos*, que estavam explorando os índios, no entanto esta é uma situação muito antiga e não pode ser mudada do dia para a noite. Castello definitivamente quer ser “valente”* e parece não controlar a língua. Por último, ao ouvir que Castello devia me acompanhar, me avisou não oficialmente que eu ia ter problemas. O Delegado de Polícia* avisa que “precisa vigiar este homem”* (O Chefe* teve de voar para Barra do Corda). Enfim*, não é uma situação agradável e o SPI pelo menos padeceu por causa dela com as autoridades do estado.

Não há nada a fazer a respeito disso por aqui. Temos sido muito amigáveis com Castello e ele parece gostar de todos nós. Embora ele tenha sido chamado ao Rio, ele planeja partir conosco na quinta-feira. Tenho certeza de que ele não ficará muito tempo, mas será chamado pelo SPI para voltar a algum Posto* ou

para o Rio. Se você puder fazer qualquer coisa no Rio que possa “encaminhar”* sua partida e sua volta, isso nos ajudaria. Esta carta é estritamente pessoal, assim, por favor, não me cite, e não se preocupe, pois somos diplomáticos e saberemos conviver com ele e com outros. Minha esperança é que depois de um mês o pessoal do SPI nos deixe em paz. Malcher à parte (de quem eu gosto e a quem admiro), o SPI tem sido singularmente infeliz com seu pessoal. Eles tem pessoas agradáveis e simples, mas elas não tem qualquer orientação nem desejo por nada. Se você puder fazer alguma coisa para nos livrar dele (sem problemas ou barulho*) faremos um trabalho melhor. (Castello poderia ser chamado por telegrama para São Pedro).

Suponho que Galvão escreveu a respeito do adorável Hotel Maranhão e das refeições; em suma, é muito pior do que a Pensão Ideal em Leopoldina, e comparado com ele o Hotel Portugal em Goiás é como o Copacabana Palace. Assim, vou falar de coisas mais agradáveis. São Luis é uma bela cidade, um lugar interessante para se caminhar, mais interessante do que Belém. Há bonitas casas coloniais e adoráveis ruas estreitas. As praças* estão cheias de palmeiras (“A minha terra tem palmeiras”*) e, à noite, a brisa e a meia lua na baía valem milhões. Estou encantado com isso. Assim, com as ótimas perspectivas de trabalho, sou um homem feliz.

Esses últimos dez dias tem sido de tanto trabalho, que tive pouco tempo para pensar em tudo o que deixei para trás no Rio. Sinto muito sua falta; constantemente penso em coisas sobre as quais poderia conversar com você, e coisas que gostaria de lhe contar. Sinto falta de sua companhia. Parece estranho que eu nunca tenha duvidado, sequer por um momento, que deveríamos ser amigos, e amigos íntimos, para sempre.

Quanto aos meus companheiros, eles são de primeira e estão se comportando como bons jovens cientistas. São bons rapazes, bons companheiros e trabalhadores eficientes.

Por favor, escreva. Uma vez mais, não há problemas. Tudo está indo bem. Quis lhe contar o que disse acima como minha opinião (e a da nossa expedição) de maneira privada.

Dê meu amor para D. Marieta e para sua mãe e todo meu amor e lembranças* a você. Lembranças* para os do Museu.

Chuck

Posto Gonçalves Dias. São Pedro do Maranhão.

[Na margem, à mão:] Você poderia mandar, por avião, para São Pedro, 12 (mais ou menos) “pinos”* para o propulsor do motor Penta (exatamente como o Penta do Museu). Há correio para São Pedro no dia 1º de dezembro.

50. De Wagley para Heloisa

Aerograma/Via Panair

[26 de novembro de 1941]

Querida Heloisa:

Tudo está pronto para a partida; eles estão pondo a bagagem na lancha neste momento. Devemos partir com a maré alta pela manhã; podemos dormir a bordo esta noite para estarmos todos juntos e prontos.

Hoje chegou um telegrama de Estigarribes do SPI, Castello vai conosco e depois de nossa expedição, será transferido para Pernambuco. Parece que gostam muito dele e o consideram muito valioso no SPI. Suponho que gostam dele porque precisam de pessoas que não tenham medo de brigar pelos índios, ainda que ele possa fazer muito barulho. Ele é corajoso. Mas, para nossos propósitos, não é o tipo do qual precisamos; ele não vai nos ajudar nas nossas relações com os índios, nem conhece (ou jamais viu) esses índios. Ele está sendo

muito gentil conosco e é muito amistoso; ele não causará problemas proibindo nosso trabalho. Ele parece ansioso por ajudar e [ilegível].

Passei a manhã escrevendo cartas e guardando minhas “roupas urbanas”. Creio que temos “pinos”* extras para o Penta no Museu.

Como vai minha “novela policial” sobre os Tapirapé; o curto apêndice que tenho será enviado no dia primeiro de dezembro. Seria bom tê-la publicada no início do ano.

Herskovits vem ao Maranhão?

Como vão as obras*? E sua verba para o Museu? Você sabe se Benedict recebeu a verba de Henry? Você teve notícias do próprio Jules Henry? São perguntas que gostaria de ver respondidas.

O Congresso dos Americanistas de certa maneira acaba com o nosso Congresso. Você está indo ao dos Americanistas? Por favor, vá, pois eu tentarei obter verba com Moe para ir. Se você não for, o Brasil enviará alguém que não quero que vá e isso será “pau”*. Escreva-me logo. Fiquei desapontado porque nenhuma carta chegou no vôo de segunda. Mande minha revista *Time* para São Pedro.

Amor,

Chuck

51. De Wagley para Heloisa

[Bilhete que provavelmente acompanhava o apêndice de seu artigo sobre o xamanismo Tapirapé]

5 de dezembro [1941]

Querida HAT:

Isso deve ser relido para corrigir a grafia e os erros, pois aqui está muito quente.

Acho que os apêndices deveriam ser impressos em espaço duplo, do mesmo modo que o corpo do artigo; datilografei em espaço um para

economizar peso no correio aéreo. Espero que o artigo não tenha dado muito trabalho com a tradução e as correções; ele será impresso com as fotografias e com a tradução: Quando?

Dê lembranças a todos e minhas melhores para você. Vou escrever mais no mesmo correio.

Chuck

52. De Wagley para Heloisa

Quarta feira, 10 de dezembro, 1941

Posto Gonçalves Dias

Querida Heloisa:

Esta é uma combinação de mensagem pessoal com relatório de campo – por isso, duvido que sirva para os arquivos do Museu. Em primeiro lugar, devo contar as coisas boas, antes de embarcar nos meus sentimentos a respeito do mundo e da guerra. Chegamos no domingo, 1º de dezembro (Rubens e eu, Galvão e Nelson chegaram no dia seguinte). Havia vinte e dois Urubu no Posto; eles estavam esperando por nós uma semana ou mais. Os Urubu ficaram quatro dias; o Posto tinha poucas coisas para dar a eles, assim ajudamos com seis facões*, tesouras, pano vermelho, contas, etc. Em tais circunstâncias, não era muito excitante estar com os Urubu; o SPI os tinha vestido, eles não eram tímidos, mas extremamente reticentes, etc. Fiz uma lista de palavras (a língua é mais parecida com a dos Tapirapé do que a dos Guajajara; no entanto Guajajara e Urubu são muito próximos – tanto quanto uma lista de palavras pode nos dar alguma base). Gravamos algumas canções dos Urubu, e , por meio de intérpretes Guajajara, tivemos uma idéia vaga do que esperar da cultura Urubu. Danças e canções de animais, poliginia, casas de famílias nucleares, aldeias em ruas lineares, e não em círculo, tabus alimentares como os dos

Guajajara e Tapirapé (os Urubu nem mesmo comem carne de vaca, nem porcos domésticos). À noite, eles dançaram e cantaram; sua música é comparável à dos Guajajara e Tapirapé, extremamente simples e monótona; eles tem uma melodia e só mudam as palavras.

Quanto aos Guajajara – à primeira vista eles são sem graça. Usam roupas e cortam os cabelos como os civilizados* . Uma noite, logo depois que chegamos, eles pagaram músicos do sertão* e dançaram em duplas, como fazemos na Urca. No entanto, foi preciso apenas dois dias de trabalho árduo para quebrar a reserva e essa casca civilizada. Até agora registramos mais de trinta mitos, entre os quais estão os dos gêmeos (como os dos Tapirapé), da onça* e do jabuti* (como os dos Tapirapé), “gambá* que quer casar sua filha”, etc, etc.; a aldeia* do Posto * tem três pajés* e vimos duas atuações xamanísticas. Durante uma delas, o pajé* esfregou tabaco em chamas em seu peito e nos braços, sem queimar, e cantou e dançou até alcançar um transe profundo. Eles tem histórias, e acreditam, de Anhangá (azang, Guajajara), Zurupari, Tupan, uwan (mãe d’água*, mas ele é ele), etc. São pessoas profundamente religiosas e, ao mesmo tempo que parecem ter perdido muito de sua cultura material e algo de sua organização social, mantiveram inteiramente a vida religiosa. E adoram falar sobre isso. Temos, assim, um excelente lugar para trabalhar, com informantes que falam bom português e tem muito a contar. Não posso imaginar porque ninguém nos mandou aos Guajajara.

Quanto aos nossos jovens etnólogos – eles pareciam perdidos durante um ou dois dias. Primeiro, Galvão trabalhou comigo durante um dia, e ajudou a treinar um informante. No dia seguinte, Galvão quebrou o gelo e começou a trabalhar por conta própria; Rubens e Nelson também trabalharam comigo e agora estão por sua conta. Galvão é um bom observador de campo; ele entrevista informantes de maneira simpática e ganha facilmente a confiança deles. Ele tem a força da personalidade para começar algo por conta própria sem esperar que alguém o ajude. Ele parece gostar do trabalho e suas

cadernetas de notas estão cheias. Nelson não tem iniciativa e lhe falta força para começar cada manhã; tenho esperança de que ele melhorará ao ver o material se acumular diante de seus olhos. Rubens trabalha, mas sistematicamente e sem imaginação; seus fatos devem ser revisados porque ele salta muito rapidamente para conclusões. R. é ainda muito jovem. Até agora Galvão tem aprendido muito rapidamente e está realmente fazendo um excelente trabalho. Ele é bom e trabalha. Espero poder dizer o mesmo sobre os outros dois mais adiante. Eles não são maus, mas não se igualam a Galvão. Rubens trabalhou duro nos últimos dias e parece estar pegando o jeito da coisa.

Nossos planos estão bem definidos. Na próxima semana planejamos deixar o posto partindo para uma aldeia que fica a um dia a cavalo daqui. É Lagoa Comprida e tem cerca de 150 índios; planejamos fazer uma viagem de uma semana para várias aldeias em seguida. Depois, por volta de 15 de janeiro, planejamos ir ao Alto Pindaré (a três dias de canoa), onde há três aldeias grandes. Deveremos ficar lá até o 15 de março ou mais. No alto Pindaré, acho que devemos nos dividir em pares – cada par ficando numa aldeia, mas suficientemente perto para que possamos nos encontrar no fim de semana. Por volta de 15 de março ficaremos todos juntos numa aldeia grande, concluindo o trabalho e revisando os resultados. Onde quer que estejamos, nosso endereço é o mesmo. Realmente acredito que vamos ter um bom material.

Há um favor que precisamos pedir. Você poderia encontrar algum trabalho publicado, ou obter para nós informação em alguma revista médica sobre a diamba*? Quais são seus efeitos? É uma droga que vicia? É nativa do Brasil? (Acho que não.) Que efeito tem sobre o organismo depois de anos de uso corrente? Seu uso está muito espalhado no Brasil? É igual, ou semelhante, à marihuana mexicana? A maior parte dos Guajajara usa a diamba e até no alto Pindaré os informantes me dizem que a plantam para seu uso. Muitas crenças indígenas foram criadas em torno de seu uso, desde que ela foi incorporada à cultura. Gostaria de ter essa informação.

Pessoalmente, estou num péssimo estado mental. Eu sabia que a guerra estava se aproximando dos Estados Unidos, mas mesmo assim o choque de sua chegada real foi enorme. Como você sabe, sinto isso de maneira profunda e emotiva. Na noite passada, quando Roosevelt falou, sentei frente ao rádio chorando como criança; não tenho conseguido dormir desde domingo. Não posso sair de perto do rádio à noite e não consigo dormir quando vou para minha rede. Continuo pensando nas centenas de milhares que devem morrer, e que eles sejam parte do meu povo torna isso ainda mais real. Disse que não gosto do nacionalismo, mas o compreendo como um fenômeno real no mundo ocidental. Agora, terei sorte se conseguir um modo de voltar para os Estados Unidos (estaremos em guerra com a Alemanha em poucos dias). Preciso economizar dinheiro para o próximo ano porque tudo vai ser extremamente caro e não estou certo se não serei chamado pelo exército. Se for chamado, eu irei, porque quero fazer alguma coisa, e não ficar sentado à margem. Desde domingo não tenho sido um bom etnólogo de campo – a guerra faz com que a cultura Guajajara pareça insignificante e o trabalho cotidiano sem objetivo. Voltarei ao normal, já que, afinal, o mundo e a nossa existência cotidiana devem continuar. É duro estar aqui, desligado de tudo, em tal momento; nunca me queixei sobre a vida no campo, mas desta vez sinto a necessidade de estar com aqueles a quem amo (sinto muita falta de Cecília e de sua cálida amizade). Estou tão preocupado com Bill. Tenho certeza de que se não for chamado pelo exército, ele se alistará voluntariamente. Ele leva as questões mundanas terrivelmente a sério; ele não tem medo de fazer aquilo no que acredita. Eu o admiro por isso, no entanto, neste momento, isto me deixa extremamente triste. Não há nada que eu pudesse lhe dizer que o faria mudar de opinião.

Quinta feira – 11 de dezembro

Decidi terminar esta carta hoje. A lancha chega no sábado e deve trazer nosso correio; mandamos um homem a São Pedro para trazê-lo. Há três lanchas por mês; elas devem sair de São Luís para São Pedro no dia primeiro, no dia 10 e no dia 20 de cada mês. A última lancha que chegou em São Pedro no 3 de

dezembro não trouxe correio; parece que o capitão esqueceu de buscar a mala do correio. Se por acaso for possível para você juntar-se a nós por algum tempo, telegrafe para nós em São Pedro, pedindo que o telegrama seja levado ao posto por um mensageiro. Seria fácil juntar-se a nós, pois o posto oferece um bom lugar para trabalhar e as aldeias nas quais pensamos em passar as próximas seis semanas ficam a um dia ou a um dia e meio de São Pedro. Não é difícil viajar; há cavalos disponíveis e pode-se ir devagar, parando uma noite em São Pedro e chegar no dia seguinte no posto ou nas nossas aldeias. A única coisa ruim é a comida; é arroz e carne; no almoço temos feijão, arroz e carne. Nesta parte do norte as pessoas não comem feijão como em Goiás; arroz, farinha* e vários tipos de carne são uma refeição de gala. Eles não tem tempo de plantar frutas ou uma roça* grande porque estão ocupados coletando babaçu ou dormindo. Ainda sou um goiano.

Devo terminar hoje os apêndices para o Xamanismo Tapirapé e mandá-los para você pelo correio. Espero que ele possa ser publicado logo. Você mandou os cilindros de música Krahô para Herzog? Como vai a situação financeira; isto é, você recebeu a verba* a respeito da qual estava preocupada? Teve notícias de Henry e de sua vinda? Se ele viesse no início de janeiro, e se acomodasse logo a família, ele poderia se juntar a nós aqui. Este é um lugar ideal para um lingüista. Se você quiser, podemos até levar um informante Guajajara ao Rio, para Henry trabalhar com ele. Um Guajajara seria um informante ideal para Henry dar aulas; ele poderia dar um curso para nós, enquanto eu ainda estiver no Brasil, usando um informante Guajajara como exemplo. Se Henry puder se juntar a nós em janeiro, durante um par de meses, é claro que seria melhor. Nosso dinheiro será suficiente para Henry vir – a menos que aconteça algo inesperado.

Aguardo notícias suas com ansiedade. Venha se juntar a nós, se for possível. Você poderia até ficar dez dias e tomar um avião de volta para o Rio. Escreva com freqüência, eu escreverei de novo no próximo correio.

Como sempre, Chuck



Galvão, Nelson Teixeira e Wagley, Tenetehara. (Acervo Clara).



Wagley e Galvão, Tenetehara. (Acervo Clara)

53. De Wagley para Heloisa

Domingo, 21 de dezembro [1941]

Querida Heloisa:

Saímos do posto na terça feira e chegamos aqui na quinta; Galvão e Rubens partiram ontem para a aldeia de Jacaré, que fica a mais um dia daqui. Decidi que Galvão vai tomar conta de Rubens e eu vou tomar conta de Nelson, de uma semana a dez dias de trabalho. Pelo jeito de nossa aldeia, Galvão e Rubens terão a melhor parte; a nossa é terrível. Os índios são miseráveis; não cooperam e são muito pobres (mas não mais pobres que os “civilizados”* que vivem neste país). De fato, a não ser pelos objetivos do censo, temos um lugar melhor de trabalho no posto do que aqui. Assim, vou ficar aqui mais uma semana e depois vou visitar Galvão e Rubens. Depois, acho que devemos voltar ao posto até que o rio esteja cheio o suficiente para irmos para Pindaré. Estamos tendo uma boa idéia da cultura Guajajara – especialmente da religião – ainda que muito dela tenha desaparecido. No posto há três homens velhos que lembram muita coisa e estavam nos contando tudo rapidamente antes de partirmos. Acho que devemos voltar e lhes dar uma oportunidade de continuar. Levando tudo em conta, o trabalho vai bem. Galvão trabalha bem. Rubens pegou o jeito, mas não usa seu caderno de notas o suficiente. Nelson às vezes se dedica, às vezes fica muito desanimado. Teremos um estudo a partir disso; pelo menos isso eu sei agora. Tenho grandes expectativas a respeito de Pindaré.

Todas as noites me preocupo com a guerra. Imagino o que acontecerá comigo, com Bill, com meus estudantes de Columbia, etc. Me preocupa ser chamado antes de estar pronto para entrar no exército, ou em algum outro serviço; embora eu saiba que Moe vai cuidar para que eu não seja perturbado este ano. Francamente é uma grande prova e uma grande luta estar aqui trabalhando, quando quero estar onde possa estar em contato com o mundo

nesse momento em que meu país está em guerra e minha vida pessoal tão desarranjada. Terminarei este trabalho e voltarei ao Rio (por volta do final de março ou abril) de avião. Vou escrever ou telegrafar a você algum tempo antes de partir, assim você (se me fizer este favor*) poderá fazer uma reserva para mim no avião (que estará mais cheio do que nunca).

Heloisa, você pode telefonar para a senhora Barbosa no Consulado Americano e dizer a ela que eu posso ser alcançado por telegrama (ou através de você) em São Pedro no Maranhão? Penso que eles devem saber exatamente como me encontrar, caso eu seja chamado ou procurado por meio do Cônsul.

Meu rádio ainda está funcionando bem. Graças a Deus, já que ele é a única fonte de notícias. Minha revista *Time* ainda não chegou. A última lancha estava seis dias atrasada. Nenhuma notícia sua, desde o bilhete para o Pará. Eu lhe escrevi uma vez do Pará, uma de São Luis e de novo do posto --- esta é a quarta carta que lhe escrevo.¹⁵⁵

Temos agora conosco Zequinha Mendes, do SPI. Castello foi chamado de volta a São Pedro. O SPI não atrapalha e está mais do que nunca com vontade de ajudar. Todos nós achamos esta parte do Brasil um desapontamento amargo. Depois de Goiás, este é um lugar miserável; vou descrever isto em outro momento. Devo mandar esta amanhã. Feliz Ano Novo. Sinto muito sua falta. Escreva, por favor, preciso de uma carta sua.

Chuck

¹⁵⁵ Ou Wagley não somou a primeira carta do posto – implícita em “de novo do posto” – ao número de cartas, ou a data acrescida à margem da carta 47 está equivocada, mas o contexto parece confirmar a data.

54. De Wagley para Heloisa

10 de janeiro, 1942

Querida Heloisa:

Não escrevi desde que voltamos das aldeias na direção do Grajaú; Nelson e eu ficamos em Lagoa Comprida (escrevi de lá) e Rubens e Galvão ficaram mais de uma semana em Jacaré. Os resultados de ambas as aldeias não foram os melhores, mas valeram a pena. Estamos agora de volta ao posto; temos bons informantes aqui (novos e velhos) e a informação está fluindo. Temos boa informação e vários cadernos de campo cheios com ela. Temos um bom material e vamos ter material melhor daqui a seis semanas.

Cecília me escreveu dando notícias de você. Não recebi uma palavra sua desde a curta nota que recebi em Belém. Nelson mandou um telegrama avisando que recebemos os “pinos”* para o motor. O SPI de São Luís telegrafou para São Pedro avisando que estavam mandando “encomendas para o Dr. Carlos”*. Suponho que sejam as pilhas e talvez o manuscrito da “novela policial” Tapirapé. Vou receber seja lá o que for na lancha que vai levar esta carta. Cecília escreve que Henry vem de avião; a Frota da Boa Vizinhaça* não está viajando? C. diz também que você vai ter Curt e o lingüista belga pago pela Rockefeller. Felicidades*! Você terá uma equipe de primeira e excelentes publicações. Fico contente. Quando Henry chega? Quais são seus planos para ele? Ele poderia dar um curso de lingüística para nós todos depois de voltarmos ao Rio. Ele poderia fazer um estudo lingüístico dos Guajajara. Sei o suficiente para saber que Guajajara é Tupi, para usar as regras simples da gramática e para falar muito pouco – mas Henry poderia fazer de fato um bom trabalho lingüístico aqui. Ele tem excelentes intérpretes com os quais trabalhar aqui no posto. Tivemos um outro grupo de Urubu e sua linguagem difere mais do que eu pensava da dos Guajajara. Do que conheço sobre os Urubu, suspeito que seja uma cultura Tupi muito simples – a despeito do elaborado trabalho plumário.

E o Congresso de Americanistas? Você vai em abril? Se for, devo vê-la só na sua volta.

Compramos uma canoa e estamos esperando que ela chegue. Por volta de 20 de janeiro devemos estar a caminho do Pindaré. Provavelmente mandarei o barco a motor de volta para buscar o correio por volta de 3 de fevereiro (uma lancha deve chegar nessa data); planejamos ficar lá por um mês ou mais. Talvez eu volte para o Rio em março, se o trabalho estiver feito. É claro que se deveria passar um ano aqui, mas três a quatro meses é um bom tempo de trabalho. Gostaria de voltar ao Rio de avião. Se eu lhe telegrafar ou escrever com muita antecedência, você conseguiria uma redução de 50% e uma reserva para mim? Penso que pode ser difícil obter uma reserva em março. Podemos decidir mais tarde, mas acho que Galvão e os outros provavelmente ficarão aqui mais duas ou três semanas para terminar o trabalho. Gostaria de ter a todos no Rio no final de abril, de modo que possamos ter pelo menos dois meses para escrever e analisar nosso material. Seria bom ter pelo menos de 15 de abril a 15 de junho para escrever. Com a guerra, e na minha situação, não tenho idéia do que acontecerá comigo. Sem dúvida deverei voltar pela Lloyd-Brasileira, o que significa de um mês a seis semanas de viagem. Preciso estar no Rio, de onde posso escrever cartas para várias pessoas nos Estados Unidos e obter respostas em duas semanas. Sinto que devo organizar o que vou fazer no próximo ano (Columbia, o exército, o serviço público, etc.) até junho. No momento, estou escalado para Columbia, mas quem sabe o que vai acontecer? Deverei, assim, ficar em contato com os poderes do dia por vários meses.

Se Henry estiver no Rio agora, valeria a pena que ele viesse se juntar a nós de avião? Podemos estender um pouco nossa estadia se ele vier, se você achar que vale a pena que ele venha. Se formos escrever juntos, devemos sair daqui em primeiro de abril.

Esta é uma parte pobre do mundo mas, como tal, é extremamente interessante. Dever-se-ia fazer um estudo sobre os brasileiros locais; recolhemos alguns mitos e crenças, mas alguém deveria estudar a colônia; eles

foram fortemente influenciados pela cultura dos negros e dos índios (eles tem, ao mesmo tempo, macumba e um tipo de pajé indígena).

Telegrafei pedindo pilhas porque descobri que as pilhas extras que comprei para meu rádio eram ruins e inúteis. Estragamos um conjunto de pilhas com o gravador e compramos um conjunto no Rio. Estou usando o conjunto extra do gravador (da mesma voltagem que o rádio) no meu rádio e vou substituí-lo se necessário quando as pilhas que você está mandando chegarem. Preciso muito do meu rádio nesses dias, é o único modo de saber o que está acontecendo. *Time* chegou (muito obrigado, mas apenas um número, com data de 3 de dezembro).

Dê meu amor para sua mãe e D. Marieta e todo meu amor para você. Espero muito que haja uma carta sua nesse correio.

Afetuosamente,

Chuck

P.S¹⁵⁶. C. me disse que você estava mandando o artigo sobre os Tapirapé; que ele tinha sido re-escrito. Obrigada por ter feito isto, mas ele não estava tão ruim assim – estou ansioso por vê-lo. Escreva!!

Se Henry vier, telegrafe para que saibamos. Eles entregarão o telegrama para nós do mesmo modo. Esperava que você decidisse se juntar a nós, mas agora começamos a perder a esperança!

13 de janeiro

P.S. Galvão está escrevendo a respeito de Rubens: não vou me arriscar, mas vou ir, ou vou mandá-lo, para São Luís, se não melhorar amanhã ou no dia seguinte.

¹⁵⁶ Manuscrito.

55. De Wagley para Heloisa

Por avião “Via Condor-Lufthansa”

21 de janeiro, 1942

Posto Gonçalves Dias

Querida Heloisa:

Obrigada por seus telegramas e pelos favores. Rubens vai trazer as pilhas quando voltar na lancha no dia primeiros de fevereiro. Refletimos cuidadosamente sobre a situação da câmera, mas ninguém sabe o que é que estamos fazendo que não deixa passar luz o suficiente. Por isso telegrafamos para mais informação. As fotos simplesmente não estavam boas, ou não estavam claras, etc. Suponho que você se refere às fotos tiradas em São Luís e a bordo da lancha da capitania subindo o Pindaré. De qualquer modo, abriremos o diafragma pelo menos dois pontos até receber mais informação.

Nenhuma notícia de Rubens. Ele foi instruído a telegrafar assim que fosse examinado pelo médico*; ele saiu de São Pedro em bom estado e com temperatura normal; estava um pouco fraco, assim pensei que seria mais seguro se ele fosse para onde pudesse ter comida decente. Aqui não há nada a não ser carne, arroz, farinha* (mais alguns extras que ainda temos), mas ele queria ovos, leite, etc., assim, só em São Luís ele poderia comer o que queria e precisava. Estou certo de que tomaram conta dele muito bem na viagem e sei que, através de seu amigo, ele receberá o melhor cuidado médico.

Estou sentado num saco de arroz, com a máquina de escrever numa caixa de gasolina. Estamos nos aprontando para partir para o alto Pindaré de manhã cedo (madrugada*); só tenho sacolas, caixas e bagunça em volta. Pretendemos mandar de volta a canoa com o motor de popa para encontrar a lancha na qual Rubens deve voltar e para recolher o correio (de 3 de fevereiro). Conseguimos um batelão grande, de modo que vamos viajar confortavelmente (somos oito – nós três, dois camaradas, dois índios e um do SPI). O que exatamente encontraremos nas aldeias ninguém pode dizer; temos ouvido as

histórias mais contraditórias. Estamos certos, no entanto, que valerá o trabalho de um mês ou mais.

Na noite passada, quando começamos a gravar dois excelentes “cantadores”* do sertão* que deveriam fazer improvisos para nós, a mola do gravador quebrou. Nós a substituímos pela que Chico fez. Desta vez, Chico nos deixou na mão, ele errou de tal maneira que todas as seis molas estão fora de eixo. Galvão está agora limando (as molas), para ver se uma ou duas podem se adequar ao tamanho e ao equilíbrio, de maneira que possamos gravar os improvisos esta noite. Até que isso acontecesse, o gravador estava funcionando maravilhosamente; temos dez gravações completas; duas dos Urubu e oito dos Guajajara; essas últimas são uma série de uma cerimônia xamanística completa (pajé*), incluindo vomitar, etc. Queria poder filmar a mesma cerimônia, mas ela só acontece à noite. Tentamos gravar a música cantada na Festa de Mel*, a maior cerimônia Guajajara, mas ninguém queria cantar para nós, nem mesmo sendo bem pago, porque era considerado perigoso cantar fora da estação e sem mel. Essas pessoas são muito religiosas. Elas se adaptaram às necessárias mudanças na cultura.

Os dias que passamos em São Pedro não foram perdidos. Pesquisei sobre a macumba*, já que a maioria da população é negra ou mulata e, como disse antes, muito primitiva. Eles não tem macumba*, mas tem “pajelança”* ou “sessões”*; tem pajés* que curam com maracá*, aspirando, chamando o caapora*, o curupira*, a mãe d’água* (todos divindades Guajajara) do mesmo modo que os pajés Guajajara curam. Os neo-brasileiros trazem os “santos”* à sala e os expectadores caem em transe como nas macumbas*. Aqui, a influência negra (africana) sofreu o impacto da cultura índia. Isto é exatamente o que Herskovits não esperava; pelo que me lembro, ele esperava o oposto. Pretendo passar mais uma ou duas semanas perto de São Pedro e assistir a várias “pajelanças”*, para obter a explicação de um pajé* neo-brasileiro. A cultura Guajajara começa a tomar forma nas nossas mentes. O número de mitos aumenta e provavelmente deveremos publicar os mitos separadamente.

Mesmo dia, mais tarde:

O gravador está OK, mas o tempo das rotações por minuto está desligado por causa das molas da borboleta. Está tudo pronto para a gravação dos cantadores do sertão* nesta noite.

Não tive notícia de minha junta de serviço militar em Nova York; minha permissão para estar fora do país expirou em 15 de janeiro. A renovação era apenas uma formalidade antes da guerra, mas agora não sei o que esperar. Suponho que me avisarão através do Cônsul, que por sua vez entrará em contato com você se me chamarem. O correio é muito ruim aqui; Nelson e Rubens tem certeza que várias de suas cartas se perderam. Eu não recebi carta de minha mãe e de Bill, ou de Withers, desde o começo de dezembro; só recebi uma carta de casa desde que deixei o Rio. As cartas de Cecília tem chegado OK. Ainda fico com o nariz colado ao rádio durante a noite, mas para poder fazer as anotações nos cadernos de campo, e para conservar minhas pilhas, me limito a quatro programas de notícias (Rio, General Electric, Londres e Boston). Escrevi para Nova York faz algum tempo pedindo informações, de modo a poder pensar sobre o que poderia me acontecer no próximo ano, mas até agora não veio nenhuma resposta. Só vou saber sobre essas coisas quando estiver no Rio. Vou manter a máquina de escrever quente até me estabelecer; duvido que Columbia tenha estudantes suficientes no ano que vem, com a idade certa, para servirem de pretexto para um instrutor; provavelmente haverá mulheres e alguns estudantes estrangeiros e poucos homens na pós-graduação. No entanto, Linton escreveu no dia seguinte à declaração de guerra, dizendo que minha posição estava esperando por mim no ano que vem. Preocupo-me com Bill. Estou ansioso por terminar este trabalho, de modo a poder me comunicar com meu mundo, tão miserável e instável agora. Terminarei este trabalho e ele será bom.

E Jules? Ele apareceu?

Ainda não sei quando devo voltar. Só saberei daqui a três semanas ou um mês. É possível que eu volte duas semanas antes dos rapazes, em meados de março. Só saberemos depois de trabalhar duas ou três semanas em Pindaré.

Dê minhas lembranças ao pessoal do Museu e meu amor a Marieta e sua mãe, lembranças e amor para você.

Chuck¹⁵⁷

56. De Wagley para Heloisa

Domingo, 28 de junho de 1942

Belém do Pará

Querida Heloisa:

A viagem subindo a costa foi adorável. O tempo estava limpo todo o trajeto e as praias, palmeiras e chapadas*, etc., eram tão interessantes como antes. Fiquei num quarto do Hotel Central, muito melhor do que tive antes no Grande, que agora só recebe passageiros em trânsito da Panair. Vi Malcher várias vezes. Ainda acho que ele é muito bom. Ele parece manter as coisas em ordem e me apresentou a vários “encarregados de postos”* que são muito melhores do que os do Maranhão. Estive ocupado esta semana me instalando e ainda não usei nenhuma das cartas de recomendação que Teixeira de Freitas e o Dr. Caldas (Economia Rural) me deram. Devo usá-las amanhã ou depois. Telefonei para Eladio Lima, mas o empregado disse que eles estavam fora, no “sítio”*, vou tentar outra vez amanhã, depois do fim de semana. Planejo ir ao Museu esta tarde, embora o Dr. Carlos [Estevão] talvez não esteja lá no domingo (dizem que ele às vezes está lá aos domingos).

¹⁵⁷ Wagley sai de campo no dia 3 de Março. Galvão, Nelson e Rubens só partem no dia 23. “*Diários de campo de Eduardo Galvão*” Marco Antônio Gonçalves (org.), Editora da UFRJ e Museu do Índio, 1996.

Pode se passar algum tempo antes que eu saia de Belém para viajar. O Serviço Sanitário está apenas começando e eles pedem muitos detalhes aos quais se deve atender aqui em Belém. No momento, isso não parece muito bom para meus planos de que Galvão e os outros se juntem a mim. Se tiver de resolver detalhes práticos por algum tempo, não será muito bom para os estudos de Galvão ficar sentado em Belém. Ainda tenho esperanças, mas só o tempo dirá. Não quero que ele venha até que eu esteja certo de que ele pode se instalar para seus estudos científicos.

Há algumas coisas (favores, como sempre) que quero lhe perguntar; 1) o que foi decidido sobre o radio*? Se ele for muito pesado, então diga ao Sr. George para mandá-lo por navio e me enviar o “Conhecimento”* e a “Conta”*.

2) Meus mapas deveriam estar prontos no dia 25 de junho. Eles estão na Geografia Estatística, que é na segunda rua atrás da Cinelândia, no mesmo prédio onde fica o teatro no qual Procópio costumava se apresentar (acho que no quarto andar). O Dr. Leite de Castro saberá exatamente onde é e você pode mandar buscá-los. Os mapas são pesados e devem ser enviados por navio. Lamento incomodá-la com isso mas seria um enorme favor se alguém do Museu mandasse essas coisas para mim.

Na noite passada fui a um “Boi Bumba”*. Muitos deles estão em plena exibição agora nos subúrbios (entre São João e São Paulo). O de ontem à noite era muito granfino* mas me prometeram um mais tradicional para hoje à noite. Belém é agradável e quero conhecê-la melhor.

Sinto falta do Rio. Sinto muita falta de você. Sinto falta do Museu e dos meus lanches no SAPS e da conversa. Dê lembranças ao pessoal do Museu e meu amor para sua mãe e D. Marieta. Meu amor para você.

Chuck

A/C Consulado Americano

Belém do Pará

57. De Wagley para Heloisa

A/C Consulado Americano

Belém do Pará

2 de agosto de 1942

Queridíssima Heloisa:

Os mapas e os livros chegaram na sexta feira, num avião pilotado pelo Tenente Souza, um goiano que é primo do Dr. Christiano Moraes, que era um bom amigo meu e de Lipkind em Goiás – assim, eu os recebi logo e em bom estado. Muito obrigado por eles e pela carta de Moe que veio junto. Foi ótimo você ter tido esse trabalho para mim e realmente fico grato.

Seu bilhete nas costas da carta me deixou preocupado. Estou preocupado a respeito do fato de Rubens e Galvão irem para o exército. As coisas estavam indo devagar aqui, mas agora tudo está andando rápido. Preciso muito de um assistente e tenho autorização para ter um. É claro que quero Galvão. Como podemos arranjar isso? Posso incluí-lo na folha de pagamento do novo Serviço Especial de Saúde Pública, com cerca de mil e quinhentos réis por mês, mais as despesas quando ele sair de Belém em viagem. MAS, Galvão tem uma vida na etnologia e uma carreira no Museu. Ele poderia tirar uma licença e retornar ao emprego na volta? Há alguma maneira de ele ser mandado para cá para trabalhar comigo e manter seu emprego quando voltar? Você pode pensar em algo? Não quero prejudicar sua carreira com uma coisa temporária como essa.

O trabalho que estou fazendo não é 100% etnologia, e não será - nem o de Eduardo será se ele puder vir. Tenho acompanhado o progresso dos imigrantes do Nordeste* e preparado relatórios curtos sobre regiões específicas depois de falar com “seringalistas”* aqui em Belém e em Manaus e de analisar estatísticas governamentais e trabalhar com elas. Esses relatórios são usados

como base para a construção de Postos de Saúde* e para distribuição de medicamentos, etc. Mais adiante, deverei viajar, fazendo relatórios de várias regiões. Quero um assistente para viajar e trabalhar comigo. Apesar de ser de certa maneira algo fora do campo da etnologia, creio que seria útil para Eduardo – viagem e pesquisa, mesmo se breve.

E há mais uma coisa. Talvez eles tragam outro norte-americano para trabalhar comigo (talvez dois) e cada um deles receberá um assistente – assim, é possível que eu vá chorar por Rubens e Nelson do mesmo modo que agora imploro por Galvãozinho. Um “bamba”* deve chegar daqui a duas semanas e deve falar comigo sobre isso. Sei que ele está interessado. Nossos estudos seriam uma espécie de trabalho de “proteger o seringueiro”* e de garantir que ele receba o que lhe é destinado.

Incidentalmente, se for impossível que Galvão venha trabalhar comigo, você poderia pensar em algum outro jovem que seja rápido, destemido e com vontade de trabalhar em tal empreendimento comigo. Quero Galvão, MAS não quero estragar sua própria e importante carreira.

Visitei Eladio Lima várias vezes e tive algumas boas conversas. Braz de Aguiar levou todo o nosso grupo (os rapazes de Sopper e Kerr do Serviço de Malária do Nordeste – que são todos ótimos) para ver uma série de filmes. Braz de Aguiar me mostrou as pinturas da abóbada de Rio Negro que Gastão Cruls descreveu em seu artigo. Será difícil levá-la para o Museu porque ele (Aguiar) gosta dela e a tem em seu gabinete. Disse-lhe que a queria para o Museu – mas ele apenas riu. Ele é uma grande fonte de informação e uma pessoa agradável.

Fiz uma viagem curta a Manaus, de avião, e fiquei uma semana na Capitania dos Portos de Manaus com Frank Weller, amigo de Men Xavier da Silveira. Vou escrever a Men e agradecer-lhe a apresentação – você me dá seu endereço? Vivi no luxo. Manaus, ainda que mais quente, é mais agradável do que Belém. As famílias e as pessoas são mais “abertas” e amistosas. A água do Rio Negro é realmente preta e boa para nadar. Há um ótimo bar no qual as pessoas sentam para tomar gin tônica. Quero voltar --este lugar é terrível.

Odeio o barulho e o movimento do hotel e assim alugamos uma pequena casa (400 réis por mês) numa praça (Praça Baptista Campos) e procuramos algumas peças de mobília. Vamos mudar amanhã, se pudermos encontrar uma cozinheira. Nosso único luxo é uma geladeira elétrica que alugamos e na qual guardarei minha cerveja.

Fale-me a respeito do “Xamanismo Tapirapé” e das “Notas Guajajara” que estão no prelo. Quero mandar cópias para Nova York e estou ansioso por vê-las publicadas. Quando saírem, mande algumas cópias por avião.

Escrevi para Moe e lhe mandei um cheque, pagando o que devia. Paguei-lhe um mês e meio de salário e cem dólares do que me foi dado para viagens e diárias no Brasil. Espero que você tenha recebido o cheque de 252 dólares que pedi que o National City Bank lhe enviasse.¹⁵⁸ Isso paga os 4 contos que você me emprestou e que eu devia ao Museu da verba do Maranhão. Ainda lhe devo os “juros”* que você pagou sobre os 4 contos e algo da viagem de volta do Maranhão, mas acho que precisamos estar juntos para calcular esta última quantia. Diga-me o que devo porque quero pagar.

Dê lembranças a todos no Museu. Tenho tanto a dizer que acho que não consegui por tudo nesta carta, assim vou escrever de novo em breve. Por favor, me avise sobre Galvão – se você não tiver tempo, peça-lhe que me escreva em seu lugar. Como está o material Guajajara[?]. Andei re-escrevendo minha parte, que agora pode ser traduzida. Myers já chegou? Vocês estão sem americanos no Museu? Que infelicidade*! Escreva-me logo ou vou telefonar. Dê meu amor para Dona Marieta e Dona Maria José -

Meu amor para você,

Chuck

PS. Bailey e eu bebemos cerveja até a uma da manhã no dia em que ele voltou para os Estados Unidos.

¹⁵⁸ Entre as cartas há uma do Banco, de Nova York, avisando Heloisa sobre o envio de uma ordem de pagamento nesse valor.

PPS. Jules Henry devolveu seu dinheiro?

[Na margem:] Também vi e jantei com o Dr. Flavio de Castro a quem Men me recomendou.

58. De Wagley para Heloisa

12 de agosto de 1942
A/C Consulado Americano
Belém do Pará

Querida Heloisa:

Estava esperando uma resposta à minha última carta a respeito da possibilidade de Galvão vir trabalhar comigo. Houve novidades depois que escrevi. Falei com Mr. Allen, da Rubber Reserve Company, a instituição do governo americano que compra borracha do Brasil e que deu dinheiro para levar os cearenses* para a Amazônia. Ele está disposto a pagar pelo ajudante de que preciso para acompanhar esse movimento, verificando as condições, a saúde, as adaptações, etc., e também por relatórios específicos sobre a região da borracha. Preciso de alguém para me ajudar. Dou primazia a Galvão e tão logo seja possível e se for possível. Ele poderia ser contratado por um ano pela Companhia ou eu poderia conseguir que eles dessem a você (no Museu) uma verba para cobrir suas despesas e salário. Amanhã parto para uma viagem de uma semana e vou precisar de alguém para me ajudar tão logo volte. Vou a Santarém de avião e volto numa lancha que o Serviço Sanitário comprou, fazendo um survey em Breves, Anajás, etc., nas ilhas e na parte ocidental de Marajó. Mais tarde posso trazer Rubens e Nelson para trabalhar conosco se eles quiserem vir. Temo que talvez a situação deles no DASP torne

impossível sair daí. Donald Pierson¹⁵⁹ disse que tentaria encontrar alguém de São Paulo, mas eu quero “minha gente”* e não sei se Pierson pode encontrar exatamente o que preciso. Heloisa, se for impossível que os rapazes venham, você poderia sugerir alguém que possa viajar e escrever relatórios inteligentes para mim.

Ainda vou trabalhar para o Serviço Sanitário, mas vou ter pessoal pago pela Rubber Reserve para me ajudar e portanto serei o chefe de um comitê cooperativo que vai acompanhar as condições dos trabalhadores da borracha e dos nordestinos. E ainda poderia ensinar aos rapazes e trabalhar com eles. Estou ansioso em saber a situação dos rapazes pois preciso ter alguém para me ajudar. Escreva tão logo seja possível ou telegrafe (o endereço telegráfico é “Cooperação”).

Jantei com Eladio e Esther na noite passada e ele nos mostrou as últimas pinturas que fez para o volume II e III. Elas são maravilhosas. Esther estava charmosa e disse que está muito melhor de saúde. Ela está trabalhando para a Cruz Vermelha. Eladio sempre serve cerveja, o que me deixa contente, e é um excelente companheiro de conversa. Gosto de ir lá. Domingo vamos a uma pequena chácara*, de um dos Chermont, no Guamá. Incidentalmente, Esther tinha pato e tucupi para nós; e tenho açaí* todos os dias.

Temos uma casa. Não é muito longe da de Lima e tem uma “fazendinha”* na qual, por causa da falta de carne, estou criando galinhas. Há um quarto para Eduardo, se ele vier. Incidentalmente, posso conseguir-lhe uma passagem aérea se ele puder vir.

¹⁵⁹ Donald Pierson (1900-1995), nascido em Indianápolis, fez mestrado e doutorado na Universidade de Chicago. Fez pesquisas sobre relações raciais na Bahia entre 1935 e 1937, e voltou ao Brasil em 1939 como professor da Escola, Livre de Sociologia e Política. Na Escola, criou e dirigiu o programa de estudos de pós-graduação em Antropologia, vinculado ao ISA (Institute of Social Anthropology), da Smithsonian Institution, desde 1945. Entre 1943 e 1950, dirigiu a coleção Biblioteca de Ciências Sociais, da Livraria Martins. Entre 1950 e 1957, foi co-diretor da revista *Sociologia*. Deixou o Brasil em 1957. Ver M. Corrêa, *História da Antropologia no Brasil (1930-1960)*. Testemunhos: Emilio Willems e Donald Pierson. São Paulo: Vértice/Campinas e Editora da Unicamp, 1987, para o conjunto de financiamentos recebidos por Pierson para os alunos e as pesquisas da Escola.

Como vão as “obras”* no Museu? Estou ansioso para ver o que a editora fez com meu mistério policial Tapirapé. Como estão todos no Museu. Li que o SPI recebeu 800 contos para trabalho etnográfico. É a expedição ao Xingu? Eles vão realmente fazer etnologia? E Bunzel?

Dê meu amor para Dona Marieta e sua Mãe. Gostaria de poder passar para ver você e elas e beber um uísque com soda. Sinto muito sua falta. Escreva.

Amor,

Chuck

59. De Wagley para Heloisa

Belém do Pará

16 de setembro de 1942

Querida Heloisa:

Telegrafei para você ontem respondendo a seus dois telegramas. Estive fora durante o último mês na baixa Amazônia. Subimos até Santarém por uma semana e descemos o rio lentamente (numa lancha comprada pelo Serviço Sanitário), parando por pouco tempo em Monte Alegre, Parinha, Alemerim, Gurupá, (depois subimos em direção à região das ilhas) Afuá, Anajás, Marajó, Breves, etc., etc.. A região das ilhas é extremamente interessante e um lugar que deve ser estudado algum dia. Já tenho um título para o livro a ser escrito sobre o povo das ilhas “Anfíbios Humanos da Amazônia”. A impressão principal de toda a viagem através do Pará foi talvez a de ganhar admiração por todo o povo do “Nordeste”*. Seja lá o que for que tenha sido feito no sentido do progresso, foi feito por “nordestinos”*.

Como disse no telegrama a situação mudou aqui durante a minha ausência. Eu tinha uma posição para Galvão e um contrato à espera

dele, mas quando ele escreveu dizendo que não podia vir, tudo foi deixado de lado por algum tempo. Enquanto eu estava fora, o Dr. Waddell pôs um rapaz local à minha disposição. Ele fala inglês. Agora, eles me pedem para manter esse jovem por algum tempo, para testá-lo. Sinceramente, ele parece ótimo, com boa sensibilidade para o trabalho e tendo lido muito – praticamente tudo que existe em sociologia em português. A situação mudou mais do que isso. Minha própria situação é vaga e não foi estabelecida. Eu deveria ser transferido para a Rubber Reserve Company (Governo dos Estados Unidos), para chefiar um comitê de pesquisa social, mas o Coordenador recusou-se a me deixar ir. A Rubber Reserve tem falado sobre a possibilidade de chamar Carl Withers para trabalhar com eles. Acabei de dizer-lhes que a menos que uma decisão definitiva seja tomada, quero me demitir de todo o trabalho. Se Galvão estivesse aqui, já estaria trabalhando e minhas dúvidas não o atrapalhariam ou lhe diriam respeito. No entanto, como há tantas dúvidas, não quero pressioná-los ou apressá-los a admitir alguém do Museu até que eu saiba se estarei aqui e o que estarei fazendo.

Fiquei encantado em saber que Rubens e Galvão foram para o Mato Grosso com o SPI. Espero que isto signifique que o SPI aprenda que eles devem ter alguém experiente trabalhando com eles e compreenda de uma vez por todas que etnologia não é só “fotografias de índios”, nem algo que uma pessoa possa fazer só porque já viu um índio. Vejo Malcher com frequência e ele tem muita vontade e esperança de algum dia ter a oportunidade de receber algum treinamento, e de treinar alguns de sua equipe. É possível que Galvão e Rubens retornem via Pará? Estou preocupado com Nelson. Quero vê-lo continuando neste trabalho e se ele já terminou com os Guajajara, deveria estar ativo em outra pesquisa.

E os manuscritos Guajajara? Foram completados? Serão enviados para mim, para que eu possa lê-los? O que aconteceu com o Xamanismo

Tapirapé? E o artigo sobre os Guajajara que deixei para publicação?¹⁶⁰ Gostaria muito de vê-los, e estou ansioso por vê-los publicados. Mande-me algumas cópias por avião quando eles saírem.

Sinto muito não poder chamar imediatamente Nelson e Pedro Lima para trabalhar comigo mas, uma vez que as coisas ainda estão complicadas no que diz respeito ao meu trabalho, não quero envolver mais pessoas nessas complicações. Por favor escreva de vez em quando. Sinto muito sua falta e falta do Museu. Diga a Nelson que escreva também. Onde e como posso escrever para Galvão?

Ainda não vi Eladio desde que voltei, mas farei isso esta semana. Tanto quanto sei Curt ainda está fora.

Dê lembranças a todos no Museu e meu amor para Dona Marieta e Dona Maria José.

Como sempre,

Chuck

OBS. É possível que eu volte ao Rio por alguns dias nos próximos dois meses.

60. De Wagley para Heloisa¹⁶¹

Quarta-feira, 22 de maio de 1946

[Nova York]

Querida Heloisa:

¹⁶⁰ Ambos foram finalmente publicados no ano seguinte: Notas sobre a aculturação entre os Guajajara (Tenethehara) e Tapirapé Shamanism, *Boletim do Museu Nacional*, Antropologia (2), Rio de Janeiro, 1943.

¹⁶¹ Manuscrita, em papel timbrado da John Simon Guggenheim Memorial Foundation, Office of the Secretary General. O hiato na correspondência refere-se ao restante do período em que Wagley trabalhou para o SESP, provavelmente sediado no Rio de Janeiro.

Temos estado tão ocupados nos adaptando e eu estive tão ocupado começando aqui com Mr. Moe que nem Cecília nem eu tivemos tempo para escrever. Espero que Dona Maria José esteja de volta em casa com você e bem adiantada na recuperação. Cecília ficou triste quando soube que Dona Belinha esteve tão doente durante certo tempo.

A viagem foi cansativa mas curta. Chegamos a Nova York depois de apenas três dias de vôo – mas dormindo pouco. Betty enjoou várias vezes e diz que quer voltar ao Brasil – mas não de avião. Bill não se incomodou nem um pouco, subiu nas costas das cadeiras e amolou todos os passageiros o tempo todo. Ele se adaptou rapidamente, mas Betty, como sempre, está estranha e não está feliz de jeito nenhum. Estamos tentando ajudá-la, mas ela demora a fazer amigos e ainda tem dificuldades com o inglês. Mas é adorável, como sempre. Estão ambos bem de saúde e bebem o leite americano com prazer.

Todos aqui perguntam por você. Linton vai sair de férias em breve. Está melhor, mas ainda não está bem. Stevens convidou Moe e eu para almoçar na segunda. Ele é tão simpático como você disse que era. Ele pergunta por você e seu trabalho e todos querem mandar um telegrama para o Ministro, se você achar que isso deve ser feito, quando você for confirmada.¹⁶²

Como vai Galvão? Como vai a edição dos Tenetehara? Diga-lhe que escreva. Sentimos muito sua falta. Betty ainda olha para seu álbum de fotografias e aponta nossa “Vovó Lisa”. Amor de nós quatro.
Chuck.

¹⁶² Confirmada como diretora. Ver a disputa em torno da direção do Museu Nacional em *Antropólogas & Antropologia*, cap.IV.

61. Cecilia¹⁶³ para Heloisa

Nova York, 13 de junho de 1946

452 Riverside Drive ap.76

Querida Heloisa,

Tenho planejado lhe escrever já há tempos, mas o meu tempo é tão escasso que mal sobra para ler um jornal com as notícias do dia. Temos tido sempre notícias de vocês por mamãe e soube que D. M. José ainda está no hospital, coitada, ainda não está aproveitando do apartamento tão bom. Ontem recebemos carta do Galvão com a notícia do casório. Sentimos não estar presentes e pedimos que você nos represente abraçando os “nubentes” em nosso nome. Escreva-nos também contando as cerimônias e as festas.

A nossa vidinha está mais ou menos organizada e as crianças se habituando aos poucos. O apartamento dos Strong é ótimo, com uma linda vista sobre o Hudson. Betty já sabe contar até 2 (que progresso hein!) e toda vez que avista dois barcos subindo o rio me avisa para vir correndo ver – dois barcos! Eles estão bem de saúde, mas ainda um pouco desambientados. Ficam loucos para sair, o Bill assim que acorda pula no carrinho, mas infelizmente a mãe, além de ama seca é cozinheira, arrumadeira, etc.,etc. Eles já se habituaram com a idéia de ir comprar carne, comida e ice-cream, Betty lembra sempre. A boa novidade é que conseguimos afinal o apartamento dos Linton para 1º de outubro. Teremos lá um quarto de hóspedes e esperamos ansiosos a sua visita. As despesas não serão muitas e você poderá compensá-las bancando ‘baby-sitter’ – 70 cents a hora não é mau, hein? E serão boas férias, bem diferente da vida do Museu. A nossa odisséia com ‘empregadas’ e a experiência que estamos ganhando nesse

¹⁶³ Em português, manuscrita, como todas as cartas seguintes de Cecília. Com raras exceções, deixei as frases como estavam, quase sem a utilização de vírgulas.

setor não tenho coragem de repetir. Mamãe é que agüenta com minhas arengas e desabafos a esse respeito.

Quanto à vida social, não tem sido muito intensa. Ontem tivemos o Carl Withers e Ruth Benedict para jantar. Gostei dela, apesar de achá-la um pouco ‘convencida’, *assured of herself*, o que é mais que natural. Gostei muito do interesse que tem pelos ex-alunos. A novidade é que parece que o Jack Harris, você se lembra dele, ele jantou aí em Copacabana com você, vai se divorciar e casar com a tal loura da África do Sul. Lipkind está na Alemanha. Os Linton voltaram hoje de Nassau. O estado de saúde dele parece que é melindroso. A aparência é ótima; agora tem uma barba ruiva e branca que lhe dá um jeito de ‘príncipe de Gales’. Queria que você o visse conversando depois do jantar fazendo tapeçaria (tipo Aubusson). Um médico recomendou, dizendo que era bom para os nervos e ele leva isso muito a sério e faz coisas lindas. Desenho e cores escolhidos por ele mesmo.

Chuck saiu hoje logo depois do jantar para visitar o Bill (irmão) no hospital. Ele apanhou uma dor de garganta com inflamação dos gânglios. Passou aqui seis dias e como não melhorasse o médico achou melhor interná-lo. Parece que vai para Harvard fazer um curso *graduated* sobre estudos orientais, aproveitando o que estudou de chinês.

Heloisa, se você tiver um tempinho e ânimo escreva-nos. Conte-nos as novidades do Museu e da politiquinha. As notícias do Brasil nos dão sempre tanto prazer, especialmente quando são transmitidas por amigos do coração. Por hoje é só. Aqui vão as nossas lembranças à D. Maria José, a quem desejamos o pronto restabelecimento, D. Marieta e as saudades¹⁶⁴ e os beijos para Vó Lisa de Betty e Bill

De Cecília e Chuck

Nossos agradecimentos, apesar de estragados pelo bota-fora.

¹⁶⁴ Flecha para ‘de Cecilia e Chuck’.

62. De Cecília para Heloisa

Nova York, 6 de junho de 1947

15 Claremont Av. ap. 23

Querida Heloisa,

Não pense você que estou lhe pagando da mesma maneira, e levando um tempão para lhe responder as cartas, mas é que a vida deste último mês tem sido mesmo puxada e o tempo não sobra. Para você avaliar, o envelope desta carta já estava endereçado há mais de um mês. Mamãe fez muito boa viagem e está aproveitando bem da estadia. Nós nem se fala. As crianças andam encantadas e querem a toda hora levar a vovó ao parque para exibi-la. Betty gostou imensamente de sua carta e guarda-a com todo o carinho e coitado de quem quiser fazer uma limpeza da gaveta dos ‘guardados’ dela! Ela teve um lindo ‘party’ pelos 4 anos. Convidou 10 amigos e nós fizemos uma mesa bem bonita com bolo de vela, bolas de ar, etc. No fim me disse que estava cansada com o ‘birthday’ dela pois ela não podia cantar para ela mesma ‘Happy Birthday’ e portanto que queria um ‘birthday’ de qualquer outra pessoa para ela cantar. O Bill continua um amor mas lendo e falando uma língua que ninguém entende: ‘catch my bola’. ‘This is my quarto and my cama’. Infelizmente para mim a “Nursery School” onde estavam já fechou para o verão, pois eles gostavam imensamente e eram 3 horas de sossego que se tinha todas as manhãs, apesar de que para mim não faz muita diferença, pois tinha que ir ajudar lá 2 vezes por semana.

Estamos agora fazendo grandes projetos para o verão e espero que todos aproveitem bastante. Chuck está precisando das férias mais do que ninguém: esse ano que findou foi “brabo” mesmo pois a combinação Columbia e Guggenheim é de esgotar qualquer um. Ele manda dizer a você

que está cuidando do seu pedido sobre informações sobre gravuras e que lhe escreverá oportunamente.

O Bill (cunhado) formou-se no sábado passado e levei mamãe e Betty para assistir os “commencements”. Foi de impressionar e Betty adorou ter que bater palmas todos os 10 minutos. À noite tivemos um pequeno party para ele e Betty bateu o pé e ficou para o jantar acabando por tomar champagne e rodopiar.

Quando é que você toma coragem e vem nos visitar? Não deixe para muito longe para não perder o espetáculo dos Wagley se aculturando à vida americana.

Anteontem passamos o dia em N.Haven onde almoçamos com os Linton. Ele está mais magro e parece que gozando melhor saúde. Voltei cedo com mamãe mas Chuck ficou “overnight” e estive com o Wendell Bennet e se não me engano com o “gracioso” Osgood.¹⁶⁵

O nosso apartamento está alugado por 2 meses para os Kroeber¹⁶⁶ que vem ensinar nas classes de verão. Que tristeza a morte do Tello no Peru!

O “seu amigo” J. Steward já partiu para a Califórnia onde vai ensinar no lugar de Kroeber. As novidades profissionais acho que são só essas. Chuck teve um convite da Universidade de Illinois mas acho que pelo momento vamos ficar por aqui mesmo apertando a barriga para o dinheiro dar. Estamos com 2 quartos e um banheiro para alugar, à seco, por 70 dólares por mês! Se você souber de algum candidato pode nos mandar!

Sem alusões, como vai progredindo a viagem do Galvão? Clarinha ficou inteiramente boa da pielite?

¹⁶⁵ Wendell Clark Bennett (1905-1953) antropólogo formado pela universidade de Chicago, tornou-se especialista na arqueologia andina e trabalhou durante muitos anos no Museu Americano de História Natural. Cornelius Osgood (1905-1983), também estudou em Chicago, era especialista em cultura material, e foi curador de Antropologia no Peabody Museum, de Yale, tendo sido responsável pela organização de várias coleções.

¹⁶⁶ Alfred Kroeber (1876-1960), professor e curador do Museu de Antropologia da Universidade da Califórnia. Foi o primeiro aluno de Franz Boas. Sua mulher Theodora Krakow Brown era escritora.

Bom, Heloisa tenho que terminar por hoje. A pena está péssima e uma roupa suja esperando por mim para levá-la a uma máquina que temos no porão e que por 10 centavos lava, enxágua e torce! mas infelizmente ainda não estende no varal e este vil serviço tem que ser feito ainda por braços humanos.

Muitas saudades a D.M. José e D. Marieta. Para você um milhão de carinhos de Betty e Bill e os abraços nossos.

Cecília

63. De Heloisa para Wagley¹⁶⁷

Rio de Janeiro 29/10/1947

Meu caro Chuck,

Recebi da Rockefeller aqui do Rio uma comunicação de que eu ainda tenho um saldo de um dinheiro que havia sido depositado lá pelo Jules Henry. Peço a V. o obséquio de mandar receber essa importância e transformá-la em livro ou livros de antropologia que V. me remeterá. Mas antes de adquirir livros, peço que V. me compre 80 tablets de um remédio que se chama Diodoquine e que se destina a liquidar Giárdia lamblia, um animalzinho muito esquisito que povoa de modo exorbitante os meus intestinos. Esse remédio não se encontra aqui no Rio. Qualquer médico que conheça bichinhos tropicais, dirá a V. o nome exato da droga.

Vou escrever em breve. Beijos mil para as crianças. Abraços para Cecília e V. de

HAT

¹⁶⁷ Datilografada, em português.

64. De Wagley para Heloisa

11 de dezembro de 1947

Querida Heloisa:

Esta é uma história sobre a eficiência americana. Por favor, não fique chateada com o fato de que nossa grande Fundação Rockefeller seja humana. Há várias semanas estou tentando descobrir algo a respeito da verba que você ainda tem depositada com eles pelo transporte de Jules Henry. Finalmente soube ontem que eles não tem nenhum registro dela. Mr. Charles B. Fahs, que trabalha com Mr. Stevens, disse-me para pedir-lhe que escreva diretamente ao caixa da Fundação Rockefeller em Nova York, 49 West 49th Street, New York 20, N.Y., e peça que qualquer verba que esteja depositada lá me seja enviada. Sugiro também que você peça ao escritório local da Rockefeller para fazer o mesmo. Tão logo eles tenham a sua autorização eles me informarão, se entendi bem. Entrementes, eles não podem me dizer quanto havia lá, nem nada a respeito.

Quanto ao remédio para seus bichinhos intestinais, já o comprei e estamos procurando alguém para levá-lo para o Brasil. Cecília está escrevendo para Vera Torres em Washington, perguntando se ela pode mandá-lo para o Brasil pela FAB. Tenho medo de que se o mandarmos pelo correio normal, ele ficará na alfândega durante dias e lhe dará muito trabalho. De qualquer modo, você o terá nas próximas duas ou três semanas se tivermos sorte com a FAB.

Você provavelmente soube de Galvão e de Clara. Eles tem um apartamento vizinho ao nosso e Clara tem trabalhado quase diariamente na Nursery School de Betty e de Bill. Galvão está trabalhando muito. Ele fará seus primeiros exames em janeiro, em inglês. Ele tem trabalhado sobre os Tenetehara de novo e o material pode estar pronto para ser devolvido a você ainda este ano. Pensei que ele tivesse terminado, mas há ainda uma ou duas

seções que precisam ser traduzida para o português e devem ser editadas e datilografadas.

Acabei de receber uma boa carta de nosso amigo Córner, da Unesco, me contando as grandes notícias sobre o projeto da Hiléia Amazônica. Ele conta que você é a madrinha do projeto e diz que espera que você ajude integralmente a desenvolvê-lo. Ele me pediu para escrever um projeto sobre estudos de comunidade na Amazônia e planejo fazê-lo nos feriados de Natal. Ele diz também que pode haver verba no orçamento que me permita ir à Amazônia de junho a dezembro de 1948 para participar do levantamento inicial e continuar meu trabalho em Gurupá.¹⁶⁸ Devo escrever-lhe hoje dizendo quanto vou precisar e dando-lhe algumas idéias sobre que tipo de trabalho pode ser feito. Já que o Museu é o principal associado institucional do projeto da Hiléia Amazônica, isto realmente significa uma continuação de nosso velho plano de cooperação no Museu. É claro que estou com muita vontade de voltar ao Brasil e de continuar o trabalho.

Billy e Betty estão realmente crescendo. Betty agora fala inglês muito bem e não esqueceu nada do português. O pobrezinho do Billy fala uma terrível mistura de ambas as línguas. Rosa está indo bem, de fato muito bem. Ela está pensando em casar-se logo. Cecília e eu continuamos a trabalhar e a emagrecer.

Seria maravilhoso poder vê-la no próximo ano.

Cordialmente,

Chuck

¹⁶⁸ Wagley voltara a Gurupá em 1945, mas considerava que o livro resultou da pesquisa feita em 1948, aqui anunciada. Ver *Uma comunidade amazônica* – a primeira edição em inglês é de 1953; em português é de 1956.

65. De Wagley para Heloisa¹⁶⁹

Sábado, 24 de janeiro

Querida Heloisa:

Tenho estado tão atarantado nos últimos tempos que nem parei para escrever-lhe um bilhete para dizer que seu remédio deve estar no Rio. Talvez você já saiba. Anna Chagas, que saiu daqui de navio em 14 de janeiro, o levou e ela deve estar chegando aí. Não coloquei seu nome no pacote, mas disse para Anna e Carlinhos que era para você. Telefone para Anna para apanhá-lo. Carlinhos ainda está aqui – já o vimos duas vezes.

Zezé¹⁷⁰ está aqui conosco. Ela veio para uma visita de três semanas (via FAB) e planeja voltar na próxima semana. Ela vai lhe telefonar (se lembrar) para perguntar sobre o remédio. Betty e Bill estão felizes em vê-la e muito apegados a ela.

Estamos esperando que o projeto da Hiléia Amazônica da Unesco dê certo para o próximo verão. Recebi uma boa carta do Dr. Córner dizendo que ele estava “mais ou menos certo”*, mas que saberíamos em abril. Se formos, vou direto a Belém e a Gurupá e Cecília, Betty e Bill irão para o Rio. Espero que Cecília possa passar cerca de um mês comigo em Gurupá – deixando as crianças com Dona Belinha. Columbia quer mandar um estudante e pedi ao Dr. Córner que providencie verba para Galvão. Córner me disse que tinha falado sobre isso com você, assim, sei que você está a par de tais sonhos. Estou muito entusiasmado e devo dar um curso em forma de seminário sobre o Brasil neste semestre, mostrando o contexto para um grupo de estudantes que algum dia poderão fazer parte do programa Amazônico.

Betty e Clifford Evans, os dois arqueólogos, estão certos de que receberão bolsa do Viking Fund para ir ao Brasil em setembro. Eles querem trabalhar para o Museu. Eles são bons e com ótimo treinamento técnico.

¹⁶⁹ Manuscrita, sem o ano, mas o contexto indica que seja de 1948.

¹⁷⁰ A irmã mais nova de Cecília.

Finalmente temos dois bons jovens arqueólogos que querem se especializar no Brasil. Galvão recém terminou seus primeiros exames de qualificação. Ele ainda não recebeu os resultados, mas está certo de que passou. Ele trabalha duro e Clarinha adaptou-se muito bem aqui. Ambos são ótimas pessoas e é bom tê-los aqui. Galvão vai ser algo “fora do comum”*.

Todos nós mandamos nosso amor.

Benção*

Chuck

66. De Wagley para Heloisa

9 de abril de 1948

Querida Dona Heloisa:

Parece estar na hora de escrever-lhe, já que tenho várias coisas em mente. Primeiro, como você provavelmente já sabe pelo professor Malamos, a Unesco me convidou para ir ao Brasil no verão. Acredito que o convite vem da própria Unesco e que o pagamento sairá do orçamento deles, assim parece quase definitivo que deveremos estar no Brasil neste verão. Cecília fez reservas no navio que sai de Nova York em 21 de maio e ela, Betty e Bill chegarão ao Rio por volta de primeiro de junho.

Meus planos são, necessariamente, indefinidos, já que temos uma série de exames no final de maio em Columbia e não estou certo sobre quando poderei partir. O mais provável é que tome um avião por volta de primeiro de junho e vá diretamente a Belém e a Gurupá. No final de agosto, quando estiver acabando minha estadia, gostaria muito de ir ao Rio e de voltar para Nova York de barco com a família em setembro.

O convite inclui Galvão e espero que ele possa ir. No entanto, ir ou não para Gurupá depende de se isso será factível, considerando-se tudo. Não quero

que ele prejudique a possibilidade de completar o trabalho para seu doutorado em Antropologia. Assim, ele deve pesar cuidadosamente se quer ou não passar o verão lá.

Como você provavelmente sabe, tenho esse plano de estudar Gurupá desde há algum tempo e durante minhas várias viagens com o SESP pude passar períodos curtos lá de vez em quando durante dois anos e já tenho uma grande massa de levantamentos e material folclórico recolhido nessa época. Queria ter tempo para ir ao Rio antes de ir para Gurupá, mas, como você sabe, os antropólogos estão sempre sem tempo ou sem dinheiro.

O outro ponto sobre o qual queria escrever diz respeito a Clifford e Betty Evans. Pelas conversas, percebi que Steward, Strong e Galvão escreveram a você sobre eles e que você já sabe mais ou menos o que eles querem. Acho que já falei deles em alguma de minhas cartas anteriores. Em resumo, eles são um casal muito interessado, que tem excelente experiência e treino em arqueologia e eu tenho estimulado seu interesse no Brasil faz algum tempo. Já que não havia verba disponível para eles, até recentemente seus planos eram vagos, mas agora eles receberam uma bolsa para passar pelo menos um ano no Brasil e agora podem começar a fazer planos mais definidos.

Ambos tem lido e sonhado sobre fazer pesquisa arqueológica no Brasil e isso é a melhor coisa que já lhes aconteceu. É claro que eles querem trabalhar em cooperação com e sob a chancela do Museu Nacional. Já que fiquei tão interessado pelo trabalho deles, também sinto fortemente que eles são o tipo de pessoas que combinariam com esse programa de cooperação. Discuti seus planos com eles outro dia e parece que o melhor, caso você concorde que eles trabalhem em cooperação com o Museu, seria que eles fossem diretamente para o Rio, por uma semana ou duas, e depois para Belém, para aproveitar a relativa ausência de chuvas na baixa Amazônia até dezembro. Mais tarde eles podem trabalhar mais acima na Amazônia ou talvez no litoral do Brasil. De qualquer modo, não creio que nos primeiros sete ou oito meses eles precisem de espaço no

Museu. Mais tarde eles vão querer trabalhar no Museu ou no Museu Goeldi (onde você achar melhor) na análise de seus fragmentos de cerâmica.

Eles são arqueólogos com objetivos estratigráficos, interessados em pequenos fragmentos de cerâmica e, assim, não quererão levar coleções para fora do país, mas tenho certeza de que não se incomodariam de fazer coleções para o Museu se você quiser.

Sei que o problema principal dele será o de obter permissão para trabalhar em Marajó e espero que você esteja disposta a escrever cartas para tentar ajudá-los. Tenho vários amigos em Belém e talvez isso ajude um pouco. Mas você conhece a situação em Belém muito melhor do que eu. No limite eles poderão trabalhar em Santarém, se aqueles malucos que conhecemos no Rio deixaram ainda alguns fragmentos no terreno.

O outro problema é a permissão para que eles trabalhem no Brasil. É claro que se você estiver disposta a tê-los trabalhando em cooperação com o Museu, tenho certeza de que isto não será tão difícil de obter. No que diz respeito ao português, Betty Evans tem trocado inglês por português com Clara há algum tempo e pode entender e fazer-se entender. Em resumo, creio ter dito o bastante para que você saiba que estou muito interessado nessas duas pessoas e ansioso em que elas trabalhem com você enquanto estiverem no Brasil. Escreva-me algumas linhas sobre o que você acha disso.¹⁷¹

Columbia me procurou este ano a respeito da publicação de algo da minha pesquisa no Brasil. Escrevi um longo artigo geral sobre o Brasil, que será publicado no próximo ano e finalmente terminei a versão em inglês do manuscrito sobre os Tenetehara. Como você sabe, a versão em português está terminada, mas Galvão, acho, ainda quer fazer alguns retoques no mês que vem. Dei a versão em inglês por terminada e a entreguei para Columbia e cabe a eles decidir quando, como e onde ela será publicada. Deixei bem claro no

¹⁷¹ Não há cópia de carta de Heloisa para Wagley sobre o assunto – mas ver a carta dela para Galvão de 30 de março de 1948.

manuscrito que se tratava de um trabalho em cooperação com o Museu Nacional e me pareceu que eles gostaram disso.

Em casa estão todos bem. Rosa tem andado triste e com saudades de casa nos últimos tempos e finalmente decidiu voltar ao Brasil. Ela parte amanhã, de navio. Betty extraiu as amígdalas no mês passado; eu extraí meu dente do siso este mês; Cecília está perdendo peso e precisa de um descanso, assim, espero que o verão e o sol do Brasil nos façam bem a todos. Galvão está indo muito bem e acho que no próximo ano será um dos melhores estudantes de Columbia. Carlos P. Horta vem jantar esta noite. Encontramos com Carlinhos Chagas várias vezes quando ele esteve aqui.

Todos mandamos as melhores lembranças para sua mãe, para Dona Marieta e para você. Betty não esqueceu Vovó Lisa.

Cordialmente,

Chuck

67. De Cecília para Heloisa¹⁷²

Nova York, 12 de abril de 1948

Querida Heloisa,

A nossa ida ao Brasil não é mais novidade para você, pois Chuck me disse que já escreveu a você contando os nossos projetos para este verão. O entusiasmo com a viagem é grande. Só se fala nesta casa em “big boat”, Brasil, Vovó Belinha, Tia Zezé, Vovó Lisa, etc. Você vai achar uma diferença enorme nas crianças, pois Betty já está com jeitinho de “menina grande”, escuta todas as conversas, dá palpites, etc., e Bill de “big boy”,

¹⁷² Manuscrita, em português.

atrevido e malandro. Felizmente estão ambos muito fortes e espero que não me apanhem sarampo etc., que está grassando pela vizinhança. Quanto a mim estou magricela e louca por uma vidinha menos atropelada, bastante sol e “bate papo” com os amigos.

Agora deixe-me entrar no assunto desta carta que é para oferecer os meus préstimos a você e a todos os seus. Estou à disposição para levar o que vocês pedirem (contanto que não seja automóvel...). Como vai o apartamento? E os seus projetos de encomendar os chintz para por em prática a decoração sugerida pelo Simoni? Tudo aqui encareceu terrivelmente mas, pelo menos no momento, há grande seleção o que não havia quando tive que comprar os poucos móveis que “guarnecem” o nosso home.

Pretendemos partir no Argentina, em 21 de maio. Chuck está fazendo muita força para ver se consegue ir conosco e ficar uns dois ou 3 dias no Rio antes de partir para Gurupá, mas não sei se conseguirá. Se ele não conseguir irei só com as crianças e estou planejando dar uma fugida e passar um mês com ele na Amazônia.

Queria que você visse como o nosso Galvão e Clarinha se ambientaram bem aqui, até da “comida” o Galvão parece gostar... A Clara tem trabalhado na “Nursery School” onde as crianças estão e segundo a diretora ela é excelente para lidar com crianças.

Estou uma dona de casa de mão cheia, i. é., cozinhar em panela de apito (não é essa a tradução para presto-cooker?) lavar roupa em máquina automática, em que você pinga os 10 centavos e o sabão, e limpar casa com vacuum-cleaner... É uma pena que esses americanos ainda não inventaram um sistema para o pó preto das caldeiras se “evaporar” no ar e não cair na gente (só assim não se precisaria lavar as mãos (6 - 4 de Betty e Bill) dez vezes por dia), e uma “máquina” para pajear crianças no parque para sobrar um tempinho para a gente ler.

Já ia me esquecendo de lhe dizer que o Chuck foi procurado pelo Dr. Oscar da Cunha a quem tem prestado todo o auxílio possível.

Bom, Heloisa por hoje é só. Aqui vão as notícias dos Wagleys. Escreva-me, sem cerimônia, se quiser alguma coisa daqui. Você tem sempre crédito enquanto a nossa conta do banco não se extinguir por falta de abastecimento.

A outra novidade é que o “brother Bill” casou-se. A mulher dele é uma “uva” como se dizia na gíria carioca e parecem muito felizes. Para não falhar a tradição dos Wagleys, o casamento foi todo resolvido e realizado numa semana.

Muitas saudades a Dona Maria José e Marieta. Com os carinhos de Betty e Bill envio abraços nossos.

Cecília

68. De Wagley para Heloisa¹⁷³

14 de julho de 1948
Gurupá

Querida Heloisa:

Isto é só um bilhete para que você saiba que recebemos seu “ofício”* e a cópia de sua carta para a “Fiscalização”*. Estou esperando Cecília no avião de sexta-feira – ela prometeu vir se Bill e Betty se adaptassem à confusão de uma família grande e a Maria Rita. Ela deve chegar depois de amanhã. Se ela vier, espero que você visite Bill e Betty uma vez por semana e nos escreva sua opinião objetiva (?) sobre como eles estão indo. Digo que “espero” que você faça isso porque sei que posso lhe pedir isso. Sei que eles estarão bem, mas assim mesmo (*entre nous*), gostaria que você os visse de vez em quando.

O trabalho vai às maravilhas. Estamos obtendo material excelente sobre os pajés* e bons dados sobre agricultura, etc. Hoje passamos o dia todo com Lucio Soares (seu compadre*) e Pierce Jouron (College de France), o geógrafo.

¹⁷³ Manuscrita, com notas em português no final, de Galvão e Lucio.

Atravessamos o Amazonas, entramos no Rio Uruaí – eles mapearam a região e Galvão e eu fizemos anotações sobre a agricultura e a coleta da borracha. Amanhã Soares e Jouron irão conosco para “terra firme”* para ver a produção de mandioca e um tipo de vida diferente do das “ilhas”*. Depois de amanhã vou estar esperando por Cecília e por notícias suas. Você vai no navio para Nova York? Obrigado por tudo. Os Evans estão no Rio?

Amor,

Chuck

[Manuscrito, ao final:]

Um pouco às pressas aqui vai o nosso abraço. A mudança foi grande mas estamos OK. Abraços. Galvão

Dona Heloisa:

Aqui em Gurupá estou tendo meu batismo da Amazônia (1). E por falar em batismo, comadre, lamento muitíssimo que não esteja aqui agora, pois Gurupá é a terra dos compadres: é compadre de igreja, compadre-de-fogueira, etc., etc. Dá-se a benção o dia inteiro, a legiões de afilhados. O Wagley, D. Clara e Galvão que o digam. Que pena não podermos continuar a nossa obra “sócio-religiosa” de “bautisar” todos os pimpolhos da Hiléia Amazônica. As fotografias do batizado de Iquitos saíram muito boas; as suas cópias já foram providenciadas. Logo que volte ao Rio irei ao Museu levá-las.

Bom, comadrita, peço-lhe aceitar os mais cordiais cumprimentos do “compadrito”.

Lucio

(1) Já comi peixe-boi, tomei banho de igarapé (e no próprio Amazonas), tomei açai, bebi água na cuia, comi pato no tucupi, etc.

P.S. Que tal?

Gurupá, 13/7/48

69. De Wagley para Heloisa

11 de novembro de 1948

[Nova York]

Querida Heloisa:

Ainda não tenho muito o que dizer sobre o senhor W. Neill Hawkins, exceto que ele participou do Summer Institute of Linguistics em Oklahoma. A senhora Íris Myers, psicóloga inglesa, no momento fazendo cursos de atualização em Columbia, conhece o senhor Hawkins. Ela escreveu vários artigos curtos sobre a etnografia dos Macuxi e conhece um pouco a língua. Ela diz que hesitaria em aconselhar alguém a publicar seu trabalho sem examiná-lo. Ela diz que o reverendo James Williams publicou uma Gramática Macuxi há anos atrás, em *Anthropos*, que não é ruim e que pode ser útil para comparar com o artigo dele. Se o manuscrito não for muito pesado para ser enviado por correio aéreo, o Dr. Joseph Greenberg, que é nosso lingüista em Columbia, se ofereceu para lê-lo. Se você decidir mandá-lo para ele, Greenberg lê português. Escrevi para o professor Wonderly e se e quando tiver resposta, lhe escreverei em seguida.

Parece que as complicações continuam na Fundação Rockefeller. Liguei para lá há algum tempo para saber do reembolso de sua verba e desde então não tive notícias deles. Vou tentar de novo daqui a alguns dias e informarei você.

Billy e Betty estão de volta à escola. Betty não esqueceu seu inglês e realmente fala muito bem, mas Billy parece ter esquecido o inglês completamente. No momento, no entanto, aprendeu o suficiente para brincar. Eles ainda falam no Brasil e a viagem parece ter feito um bem enorme para todos nós. Cecília e eu prometemos escrever uma longa carta pessoal em breve e, claro, estou esperando a que você prometeu escrever em suas férias. Amor de nós todos.

Cordialmente,

Chuck

P.S. Observo que você disse precisar da informação “urgentíssimo”*, por isso estou mandando esta logo e enviarei mais informações assim que tiver.

70. De Cecília para Heloisa

N.Y., 20 de janeiro de 1949

15 Claremont Ave.

Querida Heloisa,

Recebi sua carta, o cheque e a lista das encomendas. Já estava esperando por ela pois a M. José me havia escrito do Canadá sobre o assunto. Afinal comprei hoje 4 pequenos travesseiros de matéria plástica por 4 dólares e 8 centavos (estavam em saldo e cada um custou 1 dólar mais a taxa) e os entreguei ao meu primo José Bulcão que parte amanhã cedo de avião para o Rio para entregá-los a mamãe. Estou escrevendo a ela também para que os mande levar aí. Você há de pensar que estou maluca quando em vez de 2 travesseiros grandes receber 4 pequenos. Acontece que para encontrar o que você pediu tive que telefonar a mais de 20 casas inclusive de instrumentos ortopédicos e de objetos de praia sem nenhum sucesso. Ninguém sabia do que se tratava. Afinal resolvi caçá-los eu mesma e corri diversas lojas também sem sucesso. Hoje como última tentativa, recorri a uma casa especialista em objetos de casa, elétricos (cá entre nós uma loja de ferragens de país adiantado...). Carreguei o Biloca comigo e qual não foi a minha satisfação quando encontrei uma mesa com algumas dezenas de almofadas plásticas, em “saldo” e com o tal fechinho que você havia desenhado. Infelizmente não havia nenhum nas dimensões que você pediu. Mas como era barato e você parecia desejosa de que eu os mandasse comprei assim mesmo e espero que sejam de alguma utilidade.

O epílogo desta minha aventura ainda não contei, mas como foi feliz não posso deixar de narrá-lo. Depois que saí da tal loja o Biloca pediu para eu comprar um “serrote” para ele e como havia se comportado muito bem resolvi amolecer e satisfazê-lo. Qual não foi porém o meu espanto quando fui pagar o serrote e não encontrei a minha carteira de dinheiro. No primeiro instante pensei que havia sido roubada – Vovó Lisa você não queira saber que prejuízo seria – 120 dólares e milhões de documentos. Felizmente, para encurtar, encontrei a carteira no chão da loja onde havia comprado as famosas almofadinhas.

Você há de pensar que estou meio gira, e por isso peço desculpas pela carta, mas até agora não me restabeleci do susto.

Agora sobre o dinheiro com a Rockefeller: Chuck está tratando do assunto.

Sobre as outras encomendas vou providenciar mas gostaria que você soubesse que alguns dos objetos que você pediu são aqui também muito caros. Enceradeiras elétricas, por exemplo, custam para mais de cem dólares e não há muita seleção porque aqui ninguém tem tempo de encerar casa... as casas são “envernizadas”, “excusez du peu”, de dois em dois anos. Os Galvão aconselham a você a comprar uma eletrolux aí. Não se esqueça também que esses objetos terão de ser encaixotados e despachados e que o custo do frete e despachante são bastante altos. A vitrola que mandei para mamãe custou mais de 80 dólares de despacho e frete.

Não pense que estou tirando o corpo fora. Para você farei as compras “até” com prazer mas não quero que você fique decepcionada depois com as despesas.

Mudando de assunto. O inverno tem sido camarada este ano o que não se tem dado com o verão aí pelo que ouço contar. As crianças estão bem apesar dos resfriados contínuos. Betinha está muito desenvolvida e tem feito muitos progressos “mentais”. Agora anda se divertindo especialmente com o “alfabeto” que acabou de descobrir e nos amola o dia inteiro perguntando como se escreve

tal e tal palavra. Algumas letras ela recusa-se a aprender por serem – diz ela – muito difíceis.

Agradeço as notícias sobre a Fundação. Estou muito em falta com o Simões pois ainda não achei tempo de escrever uma palavrinha a ele.

Chuck como sempre continua muito atarefado. Estamos os dois gozando da última semana “sem aulas” por causa dos exames mas o 2º semestre está às portas e ele vai ficar muito ocupado com 2 cursos novos sendo que um era dado pela Ruth Benedict, sobre “organização social”.

Não se espante quando receber brevemente o famoso livro sobre os Tenetehara dedicado a você, pois parece que está às vésperas de sair.

Heloisa, por hoje é só. Aqui vão com as nossas saudades abraços extensivos a D.M. José e D. Marieta

De Cecília e Chuck. Betty e Bill mandam muitos beijos.

71. De Cecília para Heloisa

N.Y. 8 de março de 1949

15 Claremont Ave. Ap. 23

Querida Heloisa,

Fazemos votos para que esta encontre D. M. José e vocês todos com boa saúde. Desejava escrever-lhes mais longamente mas acho que hoje não terei tempo e não quero atrasar mais esta minha cartinha. Chuck manda avisar a você que a Rockefeller afinal mandou a ele seu cheque no valor de \$ 194,91. Estivemos com M. José nos dias que passou em N.Y. e a conselho dela comprei para você um pequeno rádio que ela se prontificou a levar com ela na próxima sexta-feira dia 11. Quanto às outras encomendas nada posso fazer pois não é possível despachar nada em nome de M. José uma vez que ela só tem passaporte comum. Ela explicará a você aí de viva voz. O rádio é um pequeno

modelo RCA Victor que custa no mercado 25 dólares mas que eu consegui obter por 20 em uma casa que faz 20% de desconto para brasileiros. Sinto não poder mandar também a panela Presto Cooker. O saldo que você tem em nossas mãos é portanto de \$ 174,91.

A M. José disse-me que você já tem aspirador de pó, secador de cabelo e ferro elétrico? O que é isso, você pretende montar um “negocinho” também?

Estou aqui a sua disposição e mande dizer o que quer que eu faça com o seu dinheiro. Acho bom não confiar muito nos Wagleys.

As crianças vão bem muito entusiasmadas com o verão que se aproxima. É fantástica a alegria que nos traz os dias mais compridos e o sol mais quente depois de 3 meses de inverno.

Acho bom você ir cuidando logo de arrumar a sua viagem para o Congresso de Americanistas. Estamos contando, como certo, vê-la em setembro.

Carinho das crianças e abraços para todos de

Cecília e Chuck

72. De Cecília para Heloisa

N.Y. 15 de abril de 1949

15 Claremont Ave.

Querida Heloisa,

O nosso telegrama com os nossos abraços pesarosos foi para que vocês não aguardassem por muito tempo esta carta pois sabia que não acharia tempo para escrever logo. Temos todos pensado muito em vocês todos e a tristeza que deve trazer a casa grande e vazia sem a presença de D. M. José. Mas por outro lado sabendo que há muito ela vinha sofrendo e sem esperanças de restabelecimento foi um descanso para ela. As crianças souberam do falecimento de sua mãe e o Bill perguntou logo porque foi que ela morreu: -“A

perna dela nunca mais ficou boa, não foi mamãe?”. Betty ficou muito triste porque a Vovó Lisa não tinha mais mãe.

Não sei como continuar a carta Heloisa. Só mesmo fazendo-lhe diversas perguntas e mandando um pouco de notícias nossas.

Como vai você de saúde? Já conseguiu por o sono em dia e retomar as suas funções no Museu? E os projetos para o futuro? A vida continua Heloisa e cá estamos esperando vê-la em setembro. Será uma ótima oportunidade para você mudar um pouco de ambiente, de ritmo. Chuck vai escrever-lhe brevemente sobre o projeto dele – viagem a Portugal, Congresso de Americanistas, etc...

Iremos passar o verão em New Jersey numa casa que trocamos pelo nosso apartamento pelos meses de julho e agosto. Os Galvão irão conosco e caso você queira vir em agosto se dará um jeito e você poderá ficar com as crianças (não lhe agrada a idéia?).

Compramos uma “jalopy”¹⁷⁴ e Chuck e as crianças estão encantados com o novo brinquedo e aproveitando as férias de páscoa que tem sido ótimas com dias lindos, quentes e até eclipse total da lua.

Incluo um bilhete para a M. José. Por hoje é só. Infelizmente o tempo é curto e não posso continuar mais. Muitos carinhos de Betty e Bill e para você e D. Marieta um abraço muito sentido dos amigos de sempre.

Cecília e Chuck

73. De Cecília para Heloisa

N.Y. 24 de outubro de 1949

Querida Heloisa,

¹⁷⁴ Automóvel velho.

Tenho tanto a lhe contar que não sei por onde começar. Em primeiro lugar venho acusar o recebimento da boa carta escrita para Allenhurst e o “documento” (pois não se pode chamar de carta) que você mandou a Betty. Ela ficou tão orgulhosa que andou com aquele rolo debaixo do braço por muito tempo mostrando-o às amigas. Agora foram os livros que tem chegado regularmente e que muito agradeço em nome de Betty. Foi um presentão e teremos assunto para muitos anos a chegar quando começar a lê-los para as crianças.

Vou endereçar esta para o¹⁷⁵ Rio pois imaginamos que você já deve estar de volta de sua viagem a Paris. Vamos indo bem de saúde e com a nossa vida já organizada para enfrentar o inverno e as diversas atividades que tem lugar aqui nessa época. Sentimos você não ter podido vir ao Congresso dos Americanistas pois parece que foi um sucesso. Tivemos oportunidade de conhecer outros cientistas que não fossem americanos e razão para muitos festejos e bate-papos. Estivemos diversas vezes com o [Emilio] Willems e [Herbert] Baldus e [Paul] Rivet, [Claude] Lévi-Strauss, Lehman e outros. O Congresso acabou com um passeio de barco em volta da Ilha de Manhattan o que nunca tínhamos feito e que sobretudo as crianças adoraram. Lá vi a Rhoda Métraux com o filhinho e filhos de muitos outros “americanistas”.

Ontem tivemos oportunidade de muito falar em você com a visita do Gilberto Freyre e da Magdalena que vieram jantar conosco. Chuck ficou muito encantado com a criação do Instituto Joaquim Nabuco e com as notícias que tivemos do Brasil.

O Galvão ainda continua por aqui às voltas com a tese que já está terminada mas precisando de uns retoques. Não sabemos se ele aguentará ficar até a época de defendê-la uma vez que as notícias que tivemos de Clara não tem sido muito boas. Foi uma pena o que aconteceu com ela pois ambos estavam encantados com a possibilidade da chegada de um filho. Por meu lado

¹⁷⁵ Riscada a palavra Paris. Heloisa estivera lá para discutir o projeto da Hiléia Amazônica na Unesco.

fico até admirada como é que eles tinham coragem de pensar em criança depois de viver um ano com os Wagleyzinhos. Não pense você que não gosto dos meus herdeiros mas que é difícil a tarefa de criá-los, lá isso é. Só mesmo morando conosco é que você pode avaliar como são agressivos, atrevidos e barulhentos. Felizmente que estão ambos no colégio, o que me deixa as manhãs mais sossegadas para as minhas obrigações de dona de casa americana que são muitas. A Betty está num pequeno colégio do Teachers College de Columbia que ela gosta muito, mas duvido que aprenda alguma coisa. A teoria como você sabe, é de desenvolver a personalidade das crianças e deixá-las que aprendam por experiência própria. Nada de ensinar e exercitar a memória. Como está longe o velho sistema das freiras. Além disso a Betty parece que não tem muita confiança na minha educação... Será que a filha da Margaret Mead também reage da mesma maneira? Gostaria muito de saber. O Bilóca está ainda na Escola maternal da Riverside Church e só pensa em jogar baseball e colecionar bichos. No verão eram passarinhos e coelhos e agora é um gato que trouxe de Tarrytown num dos domingos que lá fomos visitar o nosso grande “latifúndio”

Chuck tem este ano um seminário sobre Portugal e a sua descendência cultural no mundo que se reúne uma vez por semana à noite aqui em casa. Para as primeiras reuniões ele convidou um professor do City College que passou 2 anos em Portugal e é um especialista no século 15 e 16. Gostei muitíssimo das palestras que ele fez e dos debates do pequeno grupo de estudantes que tomam parte.

A nossa viagem ao Brasil no próximo ano parece bem provável. Até agora Chuck não sabe ainda como arranjará o resto do dinheiro para cobrir as despesas e completar a quantia dada pelo Estado da Bahia, mas temos esperanças que conseguirá. Dessa maneira, se não tivermos o prazer de vê-la por aqui até lá, esperamos poder aproveitar bem de sua companhia em 1950.

A outra novidade é que a Biblioteca do Congresso está organizando um Congresso de Estudos Luso-Brasileiros para maio de 1950. Quem sabe você não poderia vir tomar parte e conhecer um pouco desta grande terra.

Bom Heloisa acho que por hoje é só. Relendo esta carta achei-a mal escrita mas resolvi mandá-la assim mesmo, pois se for esperar por outra oportunidade tenho medo que tão cedo não apareça.

Continuo muito preocupada com o estado de saúde de mamãe que como você soube ou saberá teve que ser submetida a outra operação muito séria. As notícias que tenho tido são animadoras, mas fico muito penalizada por não poder aí estar na ocasião em que ela mais precisa de companhia.

Escreva-nos quando tiver um tempinho para nos contar um pouco a sua viagem e os progressos que a Hiléia está fazendo.

Aqui vão os carinhos de Betty e Bill para Dona Marieta e você e abraços nossos muito saudosos.

Cecília

Não se esqueça do “saldo” que você tem aqui conosco.

74. De Wagley para Heloisa

10 de janeiro de 1950 ¹⁷⁶

Querida Heloisa:

Sua carta chegou ontem. Sei algo sobre a situação de Morris Swadesh ¹⁷⁷ já que fiz parte de um comitê para investigá-la. Foi uma questão

¹⁷⁶ Ao voltar ao país, nos anos 50, Wagley deixou de lado os estudos indígenas e se dedicou ao que ele chamava de 'problemas do Brasil moderno'. No último parágrafo de *Lágrimas de boas vindas*, ele explicitava sua ambivalência, ao observar que não podia esquecer a observação de "um educador e líder brasileiro": "Como você pode perder tempo com menos de cem mil pessoas quando à sua frente estão mais de cinquenta milhões de brasileiros analfabetos e famintos?" (1977:304). Trabalhando com Marvin Harris no Ministério da Educação, a convite de Anísio Teixeira, conheceu Darcy Ribeiro e Thales de Azevedo e começou uma série de pesquisas de comunidade na Bahia que dariam início a uma longa série de pesquisas feitas por ele e por seus alunos no Brasil. (Maxine Margolis e William Carter, eds. *Brazil: Anthropological Perspectives. Essays in honor of Charles Wagley*. N.Y.: Columbia University Press, 1979)

¹⁷⁷ Morris Swadesh (1907-1967) lingüista e um dos alunos queridos de Edward Sapir. Ver Regna Darnell. *Edward Sapir: Linguist, Anthropologist, Humanist*. Berkeley: University of California Press, 1990.

de embate de personalidades e agora Swadesh está procurando um novo emprego. Não estou fazendo uma contribuição com seu “dinheirinho”* porque agora Swadesh já tem todo o apoio que quer. Foi um caso de “mau comportamento”, de parte de Swadesh e de parte do City College. Não havia evidências claras de “conotações políticas” no caso; mas, dada a atmosfera do momento, pode bem ter havido. Se eu fosse você, não pensaria seriamente em levar Swadesh para o Brasil, para fazer o trabalho de Nimuendaju. Ele se mete em encrenca. O homem a ser convidado, ao invés dele, (em minha opinião) é Floyd Lounsbury, o novo professor de lingüística de Yale. Ele está particularmente interessado na lingüística da América do Sul e pretende trabalhar nesse campo. Ele serviu no Brasil durante a guerra e fala português. Diz-se que ele é o melhor lingüista da área. Pessoalmente, é muito quieto, e calmo. Ele é grande amigo de Ralph Linton e você pode consultar Linton a seu respeito (Departamento de Antropologia, Yale University, New Haven, Conn. USA). Ele é professor em tempo integral, mas você poderia convidá-lo de junho a setembro, tempo no qual ele provavelmente poderia completar os manuscritos de Nimuendaju.

Apenas uma carta de Eduardinho, mas fico contente que, pelo menos, ele esteja fisicamente no Museu. A tese dele é boa e agora ele deveria terminá-la e não deixar que ela envelheça. Seja dura com ele e o mande revisar o primeiro e o último capítulos. Ele fez um trabalho notável em Columbia e todos aprenderam a admirá-lo.

Todos nós esperamos voltar ao Brasil. Tenho planos de tirar uma licença de seis meses e passar oito meses no Brasil. Tenho meu livro sobre a Amazônia para terminar e quero trabalhar de perto com o grupo da Bahia, Bill e Betty precisam re-aprender português e eu preciso refrescar meu interesse e conhecimentos. Cecília está “saúdosa”* e precisa de um descanso.

Todos mandamos nosso amor,

Chuck

75. De Wagley para Heloisa

4 de abril de 1950

[Nova York]

Querida Heloisa:

Este é só um bilhete para lhe dizer que enviamos os livros que você pediu. MAS não mandei por via aérea ou expressa. Cada livro custaria dois ou três dólares no correio aéreo, mais o custo da documentação. Mandei-os por navio e eles devem ir no cargueiro que sai esta semana. Enquanto isso, Galvão tem vários desses livros. Sei que ele tem uma cópia de Lowie, de Herskovits e de Childe; ele pode ter uma cópia do livro de Counts sobre raça. Ele pode emprestá-los a você por duas semanas e dentro de duas semanas seus livros estarão aí. Agora estou sendo autoritário. Os livros foram enviados cada um num pacote separado, assim você receberá quatro pacotes (Linton e Childe num pacote). Enviamos:

Herskovits, M., *Man and his works*

Childe, *Man makes himself*

Lowie, R., *Social organization*

Linton, R., *Cultural backgrounds of personality* (este é presente)

Counts, Earl, *This is race*.

O custo foi \$ 18,05, incluindo o correio; de acordo com as contas de Cecilia isto lhe deixa um crédito de \$101,90 no dia de hoje.

Vou procurar literatura sobre “vestimenta”. Me pergunto se o trabalho escrito por Kroeber e Richardson sobre os padrões de mudança de estilo das vestimentas das mulheres (não na África) não seria útil para a discussão teórica. Vou pedir uma cópia a Kroeber e o mandarei para você. Parece um texto interessante e tentarei juntar uma bibliografia que lhe possa ser útil.¹⁷⁸

¹⁷⁸ Heloisa estava preparando duas teses para o concurso de substituição da cadeira de Arthur Ramos, falecido em 1949. Começou com uma tese sobre a questão racial, mas terminou por

Estamos excitados com nossa próxima viagem. Os planos são de sair daqui em 5 de junho, de avião. O navio é muito caro. Vamos passar um dia em Belém e chegar ao Rio no dia 8. Vou tirar duas semanas de férias no Rio, na praia, e depois vou para a Bahia. No Departamento de Antropologia só se fala em Brasil e só se vêem pobres coitados estudando português esses dias. Todos mandamos nosso amor para você.

Chuck

76. De Wagley para Heloisa

1º de fevereiro de 1951

[Nova York]

Querida Heloisa:

Temos sido pessoas ocupadas desde que chegamos em 22 de janeiro. Nosso apartamento estava em ótimas condições e pareceu bom para nós – mas estamos todos tentando nos acostumar a Nova York e ao tempo frio. (Nevou quase oito centímetros ontem). Agora Billy, Betty e George estão na escola, o que é um alívio. George vai para a mesma escola de Betty até junho. Ele gosta dela. É fácil e livre de disciplina – mas não exatamente o que George precisa, ainda que o achemos um menino encantador e muito fácil de conviver.

Este é um relatório sobre seus pedidos:

- 1) As moedas foram enviadas a Myers (veja o recibo em anexo). O custo do correio e do registro do pacote foi de \$ 1,37.
- 2) Seu cheque de \$ 250 foi depositado. Veja o formulário de depósito em anexo.

apresentar uma sobre a indumentária das negras baianas. Os pedidos de livros sobre a questão racial e de bibliografia sobre indumentária sugerem que ela ainda não tinha decidido qual delas apresentar.

- 3) Mande um cheque de \$ 18,80 para a Biblioteca do Congresso, serviço de fotocópia, para pagar sua conta de \$ 8,80 e depositar \$ 10 na sua conta. (Veja carta em anexo).
- 4) Estou enviando um cheque de \$ 10 para a Biblioteca Pública de Nova York, para ser creditado em sua conta. (Veja em anexo cópia de minha carta).
- 5) O pacote para Withers ainda não foi entregue. Liguei no domingo, mas descobri que a senhorita Watson não estaria em casa. Levarei o pacote neste fim de semana. Tenho certeza de que entrega pessoal é mais barata do que expressa.
- 6) Mande um cheque de \$ 6,00 para a Associação Americana de Antropologia, para pagar sua anuidade de 1951.

O total dos gastos foi de \$ 36, 17. Sua conta conosco estava em \$ 62, 69, deixando um crédito de \$ 26,52 – assim, isso é o que vou dar para Betty e Bill. Cecília promete comprar um presente para cada um no valor aproximado de \$ 13, 26. Pode ser que você queira algo mais dos USA – se quiser, avise que certamente poderemos enviar para você.

Preciso trabalhar na preparação das aulas. Columbia está na mesma. Escreveremos de novo em breve.

Amor,

Chuck

77. De Cecilia para Heloisa
New York, 19 de abril de 1951
15 Claremont Ave. Ap.23

Querida Heloisa,

Pensando bem, realizei¹⁷⁹ que esta é a primeira carta que lhe escrevo desde que aqui chegamos. É verdade que Chuck tem sido muito correto com a correspondência dele e como sei que vocês dois tem se correspondido assiduamente tenho descuidado a minha. Hoje porém não posso deixar de escrever-lhe pois Betty e Bill estão me pedindo para fazê-lo em nome deles. Você não pode imaginar, Heloisa, o prazer que eles tiveram em receber a sua carta e de encontrarem dentro os 5 dólares! Foi a primeira vez que alguém mandou “dinheiro de verdade” endereçado a eles diretamente. A Betty guardou o dela no cofre onde está juntando [dinheiro] para comprar uma bicicleta. A sua ajuda foi “substancial”, pois subiu logo as economias dela a quase 20 dólares. O Bill, que estava me atazanando para comprar uma luva e bola de baseball pediu logo ao George para ir com ele à “casa dos 2 milréis” (Woolsworth) e voltaram com 3 dólares que foi para o cofre. Portanto aqui vão os agradecimentos dos dois pelo belíssimo presente. A Betty vai escrever a você diretamente um bilhetinho. Agora está no colégio. A adaptação dos 3 tem sido ótima. Desta vez não esqueceram o português para aprender o inglês, o que deve, acredito, à presença do George. Falam sempre do Brasil, da família e amigos com grande interesse e saudades. A Betty tem feito muito progresso no colégio. Está “quase” lendo tudo em inglês e não esqueceu o pouco que aprendeu do português. O professor do George confirmou a opinião da Lucia sobre ele: pouco amadurecido para a idade, superficial, vivo mas preguiçoso. Vamos ver se o regime daqui que é tão diferente do brasileiro (não existência de prêmios, lições e deveres para fazer em casa, competição, etc.) desperta nele uma certa noção de responsabilidade e estímulo pelo estudo.

A grande novidade é [que] somos proprietários, há um mês, de uma pequena casa de campo onde gastamos todos os fins de semana as poucas energias que nos sobram. Chuck meteu na cabeça que ia comprar um sítio e depois de termos visto diversos, decidimos por este (que ainda não tem nome,

¹⁷⁹ Creio que esta é a primeira vez que Cecília aportuguesa um termo do inglês nas cartas – ‘to realize’, perceber.

você não terá uma sugestão?) e em 3 dias o negócio foi feito e nós, armados de serrotes, martelos, vassouras e baldes lá nos instalamos.

Fica a 72 milhas daqui, entre New Paltz e Platterhill, no estado de N.Y., mas do outro lado do rio Hudson. Temos quase 6 acres (24 000 metros quadrados) de terra, das quais a metade perfeitamente cultiváveis, e um cottage com varanda em volta, living, cozinha e 3 quartos. Não temos banheiro, mas depois de muito pensar, resolvemos amarrar a barriga e contratar um indivíduo para começar as obras.

Como você vê a nossa vida piorou por um lado... 2 casas para limpar, consertar, pintar, etc., em vez de uma, mas por outro lado temos tido 3 dias por semana no mato, longe dos automóveis, barulho, etc. e em condições de observar a primavera surgir com uma curiosidade e ansiedade que me parece muito saudável.

A outra novidade, que soube ontem por Ariane, é que a M. José Suggest divorciou-se e está instalada num apartamento muito bonito e que vai abandonar a Economia pela Dança! Provavelmente você já sabe.

A Biblioteca Pública de Nova York nos mandou uma cópia de uma conta enviada a você, pedindo para pagar \$3, 10 para manter o depósito que você lá deve ter, a fim de poder encomendar trabalhos (de \$25). De acordo com as minhas contas, que não garanto a correção, você ainda tem aqui \$5,10 e poderei fazer o pagamento daqui. Peço me mandar ordem.

Bom, acho que por hoje é só. Esta carta já está tão longa que você provavelmente vai custar a arranjar um tempinho para lê-la.

Chuck já mandou dizer a você que também somos proprietários de um Chevrolet “novo mas de 2ª mão”, verde, de 1949?

A mulher do Dudley Easley ficou muito grata a você pela atenção em responder imediatamente a questão que ela estava interessada.

Estamos esperando minha sogra na próxima semana que virá passar uns tempos conosco.

Quando tiver com Lucia, dê lembranças minhas e das crianças. Para você e Marieta muito carinho de Betty e Bill e abraços nossos.

Cecília

P.S. Outras características do nosso sítio para ajudar a batizá-lo: 20 macieiras que não estão dando frutas por falta de cuidado. 4 ameixeiras; 1 amoreira e um poço que já nos informaram à vezes “seca” no verão!..

78. De Cecília para Heloisa

Walkill, 11 de setembro de 1951

Querida Heloisa,

Espero que esta aí chegue no dia 17 pois vai levando junto com as nossas saudades muitos votos de felicidades pela passagem desta grande data. Chuck e as crianças gostam muito de aniversários e sentimos não estar aí para juntos cantarmos Happy Birthday e soprarmos as velinhas.

Ainda estamos na “roça” por mais alguns dias mas todos só falamos em N. Y. e fazemos projetos para a vidinha que lá nos espera. Betty está encantada por ter de voltar ao colégio e o Bill anda muito interessado com o colégio novo e o 1º ano, com colegas e professores diferentes. Eles aproveitaram muito este verão adquirindo conhecimentos novos e vocabulário tremendo com a convivência com os filhos de fazendeiros vizinhos.

John e M. Rita aqui estiveram nos visitando mas pegaram um week-end horrível com chuvas contínuas e agora estão viajando com o George pelo sul.

Imaginamos que o Jorge Dias¹⁸⁰ aí ainda esteja e que tenha aproveitado da sua estadia no Rio. Chuck não teve oportunidade de escrever a ele antes de

¹⁸⁰ Jorge Dias (1907–1973), antropólogo português. “..1960, *Jorge Dias passou-o viajando entre Moçambique e Angola acompanhando Charles Wagley, professor de Antropologia na Columbia*

sua partida mas tem certeza que você se encarregou de proporcionar-lhe dias interessantes no Brasil para que a impressão que ele tinha se confirme em sua mente. Quando estiver com ele dê muitas lembranças nossas.

A minha sogra já partiu para Kansas City e Bill e Donna mudaram-se para Washington onde Bill vai trabalhar no Departamento de Estado. A vida de roceira muito me ensinou e estou “diplomada” em produzir geléias, conservas, etc, só sinto não ter oportunidade de lhe mandar um pouco dos nossos produtos. As macieiras e ameixeiras estão carregadas e é uma pena que não tenhamos aqui uma “extended family” para dar consumo a todo o “surplus” que não podemos aproveitar.

Bom, Heloisa por hoje é só. Chuck está esperando para levar esta carta ao correio e as crianças me pedindo para lhe enviar muitos beijos e abraços.

Com muitas saudades a Marieta e abraços nossos, os amigos velhos

Cecília e Chuck

79. De Wagley para Heloisa

14 de maio de 1952

[Nova York]

Querida Heloisa:

Esta é para apresentar Robert e Yolanda Murphy¹⁸¹, ambos antropólogos da Universidade Columbia que estão indo ao Brasil para fazer

University. Esta viagem foi organizada pelo Ministério [do Ultramar] como um ato de relações públicas com o objetivo de reduzir a má impressão causada pela expulsão de Moçambique de Marvin Harris (então ligado ao departamento de Wagley). Harris havia analisado as condições políticas e econômicas que forçavam os Thonga a emigrarem em massa para as minas da África do Sul. João de Pina Cabral, Os contextos da antropologia. Lisboa: DIFEL, 1991, p.33.

¹⁸¹ Robert Murphy (1924-1990) era na época estudante de antropologia de Columbia. Americano descendente de irlandeses desenvolveu pesquisa de campo no Brasil com os Mundurucu em 1952 e posteriormente com os Tuareg na região do Saara. Foi aluno, assim como Eric Wolf, de Julian Steward e num curso de graduação de antropologia física quando conheceu sua esposa Yolanda, que também veio ao Brasil. Se tornou professor da Universidade de Columbia da década de 60. Entre os recortes de jornais doados por Clara Galvão ao PHAB, há uma foto de jornal dela e de Eduardo recebendo os Murphy no aeroporto. Os trabalhos antropológicos de ambos são conhecidos; menos conhecido talvez seja o livro que Murphy

pesquisa entre os índios Mundurucu. Robert Murphy recebeu a Cutting Travelling Fellowship e ambos são bolsistas do Social science Research Council. Conheço ambos há anos, como estudantes e amigos. Eles foram colegas de Galvão na pós-graduação. Recomendo ambos tanto como jovens antropólogos bem treinados quanto como pessoas sinceras e agradáveis. Eles vão precisar de seus bons conselhos e orientação e quererão conhecer o grupo do Museu e de estudar as coleções.

Estamos todos bem e esperando ir ao Brasil em janeiro do próximo ano. Amor de todos nós.

Sinceramente,
Chuck

80. De Wagley para Heloisa

15 de julho de 1952

[Nova York]

Querida Heloisa:

Esta é para apresentar Carlo Castaldi, da Itália, que recém terminou sua pós-graduação em antropologia em Columbia. Ele foi colega de Galvão; assim, Galvão provavelmente tomará conta dele no Rio. Castaldi vai ao Brasil para fazer um estudo sobre o folclore e a religião popular numa pequena comunidade. Ele não decidiu onde no Brasil ele vai pesquisar. Espero que você lhe dê bons conselhos e orientação.

Pretendia escrever desde que soube sobre seu acidente, mas por várias razões não tive tempo. De qualquer modo, Castaldi leva nossos

escreveu sobre sua experiência depois de ser acometido por uma doença que implicava em paralisia progressiva e no qual também registra a importância da estadia entre os Mundurucu para a vida de casados de ambos. Ver *The body silent*. New York: Henry Holt and Company, 1987.

melhores votos para uma recuperação rápida. Cecília e eu prometemos escrever em breve.

Amor,
Chuck

81. De Wagley para Heloisa

Rua Soares Cabral 69
Rio
27 de fevereiro de 1953¹⁸²

Querida Heloisa:

Esta é só uma nota para dizer que recebi sua nota junto com a carta para Carl. A carta foi enviada no mesmo dia e estou certo de que ela a recebeu. Seu endereço é: 74 Jane Street, New York 14, New York.

Chegamos todos com boa saúde mas cansados. Agora estamos todos nos aculturando outra vez, tentando aprender a viver nesse maravilhoso país do sol. Quando você voltar seremos bons brasileiros* de novo. Betty perguntou

¹⁸² Entre esta carta e a próxima há um hiato de quatro anos na correspondência entre Heloisa e Wagley arquivada na CCHAT e depois um mais longo de vinte anos. É possível acompanhar as relações entre ambos, no entanto, nesses anos, através da correspondência de Heloisa com Carl Withers que era grande amigo de Wagley e foi aparentemente quem obteve, junto com Heloisa, o apoio da CAPES para o programa que Withers desenvolveria junto ao Museu. Withers coordenou uma pesquisa de comunidade em Arraial do Cabo, com o apoio de bolsas da CAPES em 1953/54 e, a partir daí, acompanhou os jovens que lá treinara nos Estados Unidos. Os jovens eram Luiz Fernando Raposo Fontenelle, Antonio Cid Loureiro Neto e Geraldo Markan. Em 1956 Withers se comprometia a orientar uma moça e um rapaz que Heloisa teria indicado e em 1968, em sua última carta para Heloisa, ainda sonhava em voltar ao Brasil. Carl Withers morreu em 1970. No mesmo período, Wagley iniciava uma colaboração com Thales de Azevedo em Salvador, com o Programa Bahia-Columbia, que também treinava estudantes, brasileiros e americanos, em pesquisas de comunidades. Ver Thales de Azevedo, *As Ciências Sociais na Bahia: notas para sua história*, Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1984 e Charles e Cecília Wagley, *Serendipity in Bahia*. 1950-70, em *Universitas - Revista de Cultura da Universidade Federal da Bahia* 6/7, maio/dezembro, 1970.

onde você estava. Estamos todos querendo vê-la no mês que vem. Amanhã vamos a um piquenique em Paquetá com os Galvão.

Aproveite a Bahia, faça muita pesquisa boa, mas volte logo para casa.

Amor de nós todos

Chuck¹⁸³

82. De Wagley para Heloisa

10 de abril de 1957

[Nova York]

Querida Heloisa:

Esta é para apresentar o senhor William Crocker, estudante de pós-graduação na Universidade de Wisconsin. Ele chegou até mim com excelente recomendação e teve um ótimo treinamento. O senhor Crocker vai ao Brasil com o projeto de estudar as mudanças sociais e culturais entre os Canela desde a época de Nimuendaju. Será uma pesquisa sobre um período curto – de vinte anos. Disse ao senhor Crocker que existe um manuscrito muito mais longo e detalhado do que o escrito por Nimuendaju em inglês. Seria

¹⁸³ Nesse ano Wagley esteve novamente entre os Tapirapé. As Irmãzinhas de Jesus, que moram com os Tapirapé desde 1952, e para quem Wagley dedicou seu livro *Lágrimas de Boas-Vindas*, descrevem em seu diário o período em que o antropólogo esteve na aldeia (de 23/04 a 03/05/1953): “Um barco aporta quase ao anoitecer, e alguns gritos logo alertam todo mundo: ficamos sabendo da chegada do “doutor Carlos” (Charles Wagley). Já nos haviam falado muito nele. (...) Há catorze anos fez as primeiras pesquisas sobre os Tapirapé e passou uns dois anos na antiga aldeia. Nessa época, eles eram mais de duzentos, e doutor Carlos não consegue esconder a emoção ao ver que tantos morreram. Nós ficamos realmente admiradas, constatando que, passados catorze anos, a lembrança dele permanece tão viva para os Tapirapé. E também ficamos contentes em ver a alegria geral! O doutor Carlos fala com eles em Tapirapé. Compreendemos logo que vai poder nos ensinar muitas coisas interessantes.” Irmãzinhas de Jesus, *O renascer do povo Tapirapé: diários das Irmãzinhas de Jesus de Charles de Foucauld (1952-1954)*. Editora Salesiana, São Paulo, 2002, pp. 100.

extremamente útil se ele pudesse ler o manuscrito em português como contexto para o seu trabalho. Se você puder ajudá-lo a obter permissão para ler o manuscrito, ficaremos muito gratos.

Acabo de saber que irei ao Brasil durante o verão (de junho a agosto). Cecília e Betty vão também – mas Billy quer passar o verão com seus avós em Kansas City. Vejo você em breve.

Amor,
Chuck

83. De Wagley para Marieta

[sem data]
Gainesville, Florida

Querida Marieta:

Cecília e eu soubemos da morte de Heloisa apenas na última semana, através da excelente crônica de Carlos Drummond [de Andrade], que amigos nos enviaram do Rio de Janeiro. Tenho certeza de que mais do que ninguém você compreende o quão profundamente sentimos a perda de Heloisa. Ela foi minha professora de Brasil; ela foi nossa madrinha de casamento; ela se comportou como a vovó Lisa* de Betty; e ela foi nossa amiga querida por mais de 35 anos. Creio que Heloisa foi uma das pessoas cruciais em toda minha vida e minha carreira. É duro para mim perder Heloisa e Galvão¹⁸⁴ – eles significavam o Brasil para mim. Duas semanas atrás eu estava corrigindo as provas de meu livro sobre os índios Tapirapé, que comecei a estudar em 1939 (quando fui seu aluno de português). O livro estará editado e disponível em julho e eu estava pensando no prazer que teria ao enviar uma cópia para Heloisa. De qualquer modo, vou enviar uma cópia para você e pedir-lhe que leia

¹⁸⁴ Heloisa faleceu em 1977 e Galvão em 1976.

os trechos a respeito de Heloisa e que lembre os maravilhosos dias do Museu Nacional naquele início.

Cecília e eu estamos bem e felizes por morarmos numa cidade pequena longe do barulho e da brutalidade de Nova York. Na próxima semana Betty e Conrad [Kotak] e os dois adoráveis netos chegarão para umas férias. Nossos Juliet Maria e Nicholas Charles tem agora oito e cinco anos de idade. Talvez eu seja convidado para ir ao Brasil no final de junho. Se isso ocorrer, tentarei ir até Itaboraí para visitá-la. Cecília e eu enviamos nossas mais profundas condolências para você.

Amor,

Chuck

e Cecília [na letra dela]

3

Cartas do campo: Eduardo Galvão

Eduardo Enéas Gustavo Galvão era carioca de classe média e, quando jovem, participava de grupos de alpinismo na região serrana do Rio. Foi em 1939, com 18 anos, que entrou no Museu Nacional como estagiário da Divisão de Antropologia, na mesma época em que fazia o curso de Geografia e História do Instituto Lafayette (atual Universidade Estadual do Rio de Janeiro). Apesar de muito novo, em 1940, fez sua primeira viagem de campo com Charles Wagley para os Tapirapé, junto com Nelson Teixeira e Rubens Meanda, também estagiários do Museu, sendo o único do grupo a prosseguir na carreira antropológica.

Na carta de 07/03/40 entre Heloisa e Wagley ela fala em “*jovens do SPI*” embora eles fossem estagiários do Museu. Isso confirma a cooperação (e confusão) que existia na época entre as duas instituições que tinham os mesmos propósitos: a construção de quadros profissionais, o desenvolvimento da pesquisa etnológica e da política pública para os índios no Brasil. Nas cartas de Heloisa para Wagley percebe-se uma preocupação especial dela com o “pirralho” - como Galvão se referiu a si mesmo em uma das cartas - “*Espero que os rapazes que enviei não o tenham incomodado. Gosto muito de Galvão, mas ele é muito tímido*” – (carta Heloisa para Wagley de 13/04/40).

No ano seguinte Galvão segue para o Maranhão com objetivo de pesquisar os Tenetehara (Guajajara) com a mesma equipe. Em agosto de 1942, quando volta, é contratado pelo Museu como “naturalista auxiliar interino”. Três anos depois é efetivado através de concurso e logo em seguida assume o cargo de naturalista auxiliar efetivo.

Já como funcionário do Museu, em 1943, participou de outra pesquisa de campo sobre os povos tupi, desta vez nas aldeias Kaiowá do Mato Grosso do Sul com James e Virginia Watson.¹⁸⁵

¹⁸⁵ James Bennett Watson (1928) e Viriginia Watson (1918) se casaram em 1943. Além da pesquisa de campo no Brasil estudaram alguns anos depois na Nova Guine com apoio da Fundação Ford. Ela pesquisou inicialmente arqueologia e só depois antropologia sócio-cultural.

Nas suas primeiras cartas para Heloisa, ainda nos Tapirapé, Galvão escrevia em nome dos outros dois estagiários do Museu, e apresentavam um tom de relatório das ações da equipe. Já nas cartas de campo do Maranhão percebe-se mais segurança e proximidade entre os dois.¹⁸⁶ A correspondência demonstra uma relação além da estritamente profissional, apenas com relatos de viagens ou pedidos. Há na relação deles algo de familiar, um apadrinhamento por parte de Heloisa (ou seria ele a adotá-la como madrinha?). Galvão passa a assinar suas cartas com “*saudades do filho*” ou “*lembranças desse seu filho*”. O tom, muitas vezes, duro e ríspido das cartas de Heloisa para Galvão reforçam essa proximidade na relação. Heloisa exigia sempre de Galvão notícias sobre os planos e datas das viagens. Afinal, foi ela quem abriu as portas do campo antropológico para ele.

Nas cartas do período em que acompanhou o casal Watson na pesquisa de campo entre os Kawaiá, Galvão ainda parece ser um informante de Heloisa, que gostava de controlar e ter notícias do que se passava na aldeia, mas ao mesmo tempo há nas cartas uma crítica profunda ao trabalho de coordenação do projeto, das metodologias de pesquisa utilizadas e da dificuldade de relacionamento com o casal. Dificuldades essas que definitivamente Galvão não teve com Wagley. Em quase todas as cartas da viagem Galvão compara Watson à Wagley, criticando-o e discordando teórica e metodologicamente.¹⁸⁷ Essas

Ele trabalhou entre 44 e 45 no Departamento de relações Culturais do Consulado Americano em São Paulo. “*antropólogo americano que na época trabalhava na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. [...] O tema privilegiado por Watson nessa pesquisa foi o contato com os brancos e de fato, as anotações de Galvão privilegiam temas relativos ao contato. Mesmo quando os temas não são propriamente relativos a este assunto, ele procura abordar como o contato influenciou o aspecto em questão.*” Marco Antônio Gonçalves. Prefácio - Diários de Campo. pg.15.

¹⁸⁶ Essa aproximação também acontece na mesma época entre Galvão e Wagley, que futuramente se torna compadre e futuro orientador acadêmico. Ver as carta de Wagley para Heloisa de 10/12/1941 (capítulo 2). Em 1942 Wagley inicia seu trabalho no SESP e convida “*Galvãozinho*” para assessorá-lo, mas este recusa (ver cartas de 02 e 12/08/42 e também 16/09/42, capítulo 2).

¹⁸⁶ Nelson Teixeira também faz comentários sobre essa diferença: “*Apesar de reconhecer a boa vontade do Watson e dele me parecer bastante inteligente, acho que ele está um pouco no ar ao que se refere a Etnologia Brasileira, pois seus planos abrangem sempre um campo muito vasto, inclusive situações que não se encontrariam de um modo geral dentro de um povo tupi. Digo*

diferenças foram tão grandes que precisaram ser levadas e solucionadas por Heloisa através do próprio Watson¹⁸⁸.

Em 1944 Galvão escreve à Nimuendaju para enviar-lhes dados sobre os Kaiowá que são incorporados no famoso mapa etnológico, e vai construindo assim sua autonomia intelectual.

“Estando já pronto e embalado o meu mapa e faltando apenas poucas horas para ele ser despachado na Base Aérea, chegaram-me felizmente ainda às mãos os seus preciosos dados contidos em carta de 6 de Dezembro, remetido por D. Heloisa Torres. Muito lhe agradeço estas informações que ainda aproveitei, reabrindo imediatamente o volume e corrigindo a localização das tribos na zona referida pelo sr. [...]” (Acervo Clara Galvão)

Antes de ir para Universidade de Columbia fazer a pós-graduação em Antropologia sob a orientação de Wagley, que lecionou nessa instituição de 1946 a 1971, Galvão esteve novamente no Maranhão e ainda no Xingu, com os Kamaiurá.

No período em que estudou em Columbia, algumas das cartas eram assinadas também por Clara, já sua mulher, que era bibliotecária e participou das viagens de campo à Gurupá em 1948 e depois em 1951 ao rio Negro. Nesse período de experiência acadêmica internacional, Galvão continuou se correspondendo com Heloisa e de certa maneira essas cartas podem ser consideradas também “cartas de campo”, porque apresentam as mesmas características das suas cartas vindas da aldeia, cheias de pedidos, dúvidas, notícias locais, estranhamentos da cultura estrangeira e informações sobre os personagens e o cenário antropológico: agora etnológico e não mais etnográfico.

isto também porque me parece que Wagley seria capaz de traçar planos mais específicos e também porque com o auxílio da literatura existente também é possível formar-se uma idéia mais restrita do grupo a se estudar.” (Carta de Nelson Teixeira para Galvão/Acervo Clara Galvão).

¹⁸⁸ Ver M. Corrêa, *Dona Heloisa e a pesquisa de campo*.

Percebe-se um maior senso crítico e muita ironia com relação a alguns temas e conteúdos estudados em Columbia.

Um de seus professores na pós-graduação, Julian Steward, teve muita influência na antropologia que Galvão desenvolveu¹⁸⁹. Conceitos como “ecologia cultural”, “áreas culturais” com enfoque para a questão do contato interétnico ou da mudança cultural, estiveram presentes nas suas pesquisas. Steward foi inclusive editor do *Handbook of South American Indians*, onde Wagley e Galvão publicaram dois artigos sobre os Tapirapé e Tenetehara.

Outros dois personagens citados nas cartas entre Galvão e Heloisa são Clifford Evans e Betty Meggers, um casal de arqueólogos americanos que fizeram pesquisa em Marajó e que Dona Heloisa não demonstrava muita simpatia ou interesse em ajudar, assim como aconteceu com William Lipkind. Talvez pelo fato de terem vindo estudar arqueologia marajoara, exatamente a única pesquisa de campo realizada por Heloisa.¹⁹⁰

¹⁸⁹ Julian Steward (1902-1972), nascido em Washington, fundador da ecologia cultural, teórico do neo-evolucionismo e pioneiro da história cultural dos índios sul-americanos. Trabalhou na Smithsonian Institution e no Bureau of American Ethnology (1935-1946), e depois na Universidade de Columbia (1946-1952). Estudou índios norte-americanos em Berkeley junto com Edward Kroeber e Robert Lowie. Fundou o Instituto de Antropologia Social em 1943 e participou do Comitê de Reorganização do American Anthropological Association. Para uma análise mais aprofundada da obra de Galvão e dessa influência teórica de Steward ver Orlando Sampaio Silva, *Eduardo Galvão: índios e cablocos*. São Paulo, Anablume, 2007.

¹⁹⁰ Betty Jane Meggers nasceu em 1921, e já era reconhecida academicamente quando se casou, em 1946, com Clifford Evans (1920-1981), também arqueólogo. Juntos fizeram várias viagens de pesquisa à América do Sul: regiões de Marajó, do rio Napo (Equador) e na Guiana Inglesa. Ela fez o doutorado em Columbia, a partir de pesquisas com peças de cerâmica marajoara em museus americanos. Se tornou Diretora do Programa de Arqueologia da América Latina do Museum of Natural History do Smithsonian Institution. Meggers postulou em seus trabalhos que a Floresta Amazônica não poderia ter sustentado populações 'complexas', no que foi contestada por Anne Roosevelt, também arqueóloga. Heloisa parecia ter alguma intuição sobre os rumos que tomariam as pesquisas de Meggers e Evans: até hoje a disputa arqueológica em torno de se a Amazônia acolheu ou não 'sociedades complexas' continua acesa. Para uma visão da qual a diretora do Museu gostaria. ("Foi principalmente nas primeiras sociedades complexas, como a Marajoara ou Maracá, da Foz do Amazonas, que as mulheres foram mostradas em papéis xamanísticos ou de chefia.", p. 81), ver Anna C. Roosevelt. Arqueologia Amazônica, em Manuela Carneiro da Cunha, org., *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Fapesp/SMC/Companhia das Letras, 1992.

“[Em 1926 Heloisa] profere na Escola Nacional de Belas Artes a conferência “Cerâmica de Marajó.” Que teve grande repercussão e cujo texto, publicado em folheto, foi durante muitos anos referência obrigatória. [...] Em 1930 finalmente realiza o que teria sido o seu grande sonho, ao se submeter ao concurso de incorporação ao grupo de pesquisadores do Museu



Casal Clifford Evans e Betty Meggers. (Acervo CCHAT).

Galvão representou para Heloisa o sucesso de sua constante empreitada profissional: a formação de quadros nacionais para a pesquisa antropológica brasileira. E ele não a decepcionou. Se tornou o expoente da primeira turma de estudantes e profissionais apoiados por ela. Galvão foi o primeiro brasileiro a obter o grau de doutor em antropologia, defendido em 1952. Teve bolsa do Institute of International Education do governo americano e da Viking Fund.

Um assunto freqüente na correspondência internacional entre os dois trata do desligamento de Galvão do Museu Nacional, porque a instituição não

Nacional [...] fazer uma excursão de estudos à Ilha de Marajó. [...] Consagra-se assim como pesquisadora de campo, a sua produção intelectual no domínio da arqueologia brasileira fica legitimada.” Luiz de Castro Faria. Anuário Antropológico nº77, pp. 331.

concedeu seu afastamento a tempo para realizar seus estudos nos Estados Unidos, o que o levou a se afastar:

*“Exonerado, a pedido do Museu Nacional, não se desliga no entanto, da instituição, que o readmite em 1950, quando regressa ao Brasil [...] Como Pesquisador contratado, é reintegrado nos projetos de pesquisa que o Museu Nacional planejara e executava desde 1947 na área do Xingu, com a colaboração da Fundação Brasil Central. Em 1951 tem início outro projeto, sugerido por H.A. Torres, na área do Rio Negro. Em 1952, desliga-se funcionalmente, para sempre, do Museu Nacional. Contratado pelo Ministério da Agricultura para o Serviço de Proteção aos Índios, com a função de Chefe da Seção de Orientação e Assistência, inicia um novo trajeto, rico de experiências. Em 1955 vai para o Pará, chefia a Divisão de Antropologia do Museu Paraense Emílio Goeldi [...] De 1963 a 1964 está em Brasília como Professor Titular [UNB] [...] Regressa ao Pará, onde permanece de 1965 a 1976 [...] no Museu Emílio Goeldi.”*¹⁹¹



Galvão, Roberto Las Casas, Seth Leacock, Fausto Aguiar, Napoleão Figueiredo em Belém.
(Acervo Clara)

¹⁹¹ Luiz de Castro Faria, Anuário Antropológico nº 76, pg. 351.

Outra característica dessa correspondência que a diferencia das cartas entre Quain e Wagley é sua sensibilidade e atitude em relação aos problemas que os índios enfrentavam e que medidas tomar. Galvão, que foi também um indigenista e não apenas um etnólogo, demonstra desde o princípio de sua carreira um engajamento político que marcou a sua geração e um jeito brasileiro de fazer antropologia. Galvão não só trabalhou no SPI no começo da carreira, onde apoiou a criação do Parque Indígena do Xingu e realizou frentes de contato com povos dessa região, como posteriormente, já reconhecido professor do Museu Goeldi, trabalhou em parceria com a FUNAI assessorando um grupo de trabalho que pretendia definir critérios e ações técnicas que colaborassem na tentativa de resolver os problemas criados pela construção da estrada Transamazônica, na década de 70.



Eduardo Galvão no pátio do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ao fundo as famosas máscaras jívaro. (Acervo Clara Galvão/ AEL-Unicamp)



Atração dos Ikpeng (Txikão). Galvão, Claudio e Orlando Villas Boas. (Acervo Clara - Fotografia de Jesko Puttkamer).

Por sorte, a maioria das cartas entre Galvão e Heloisa está datilografada e as poucas cartas manuscritas estão apontadas em notas. Há três cartas de Wagley para Galvão em inglês - e uma de Galvão para Wagley em português - sendo que uma delas possuiu um texto indecifrável em língua indígena (reproduzido).¹⁹²

¹⁹⁰ “A escrita de Galvão é extremamente penosa de se entender, e é preciso muita familiaridade e paciência para que se possa transcrever o material.” (pág. 13. *Diários de Campo*. Marco

A correspondência entre ele e Heloisa está aqui apresentada na íntegra, tanto no que consta dos arquivos dela na sua Casa em Itaboraí, como no acervo de Clara Galvão doado ao Projeto História da Antropologia/ AEL-Unicamp. O intervalo entre as correspondências deve-se aos períodos em que Galvão não estava viajando, já que ambos moravam no Rio.



Marieta, Clara, Maria Pompéia de Lima (mulher de Pedro Lima) e Eduardo. (Acervo Clara)



Marieta, Galvão, Clara, Maria Pompéia de Lima e Pedro Lima. (Acervo Clara)

A ironia e a descontração presente nas cartas de Galvão confirmam depoimentos de amigos e colegas sobre sua personalidade espirituosa e seu senso de humor afiado. Além de Galvão tocar gaita durante as viagens de campo, ele também “poetava”, como disse Darcy Ribeiro que se tornou seu amigo no período em que trabalharam juntos no SPI,¹⁹³ o que é confirmado pelo próprio Galvão em carta para Wagley de 24/08/46.

A forma como Wagley chama Galvão em uma das cartas e que também aparece em alguns dos seus originais, é curioso: “*Cimokô*” que em tapirapé pode ser traduzido como “nariz comprido” deve ter sido um nome ou apelido indígena que Galvão recebeu por causa do tamanho do seu nariz que chamava atenção.¹⁹⁴



Foto de Galvão que ele chamava de “Maternidade” Índios Urubu.(Acervo Clara)¹⁹⁵

¹⁹¹ *Boletim da ABA 28 – Personalidades* - homenagem do Darcy ao Galvão ou em "Prefácio" In Eduardo Galvão, *Encontro de sociedades*, 1979.

¹⁹² “... um homem de 52 anos, grossos óculos sobre um nariz esclerosado” [lenhoso]. Lúcio Flávio Pinto. *Galvão, o mito sem mistérios* Jornal Estado de São Paulo 01/07/73. O nariz de Galvão lhe rendeu outros apelidos: “(...) era chamado de Enéas, no colégio, ou de pelicano, por narigudo, ou de Gugu, apelido dado pelo Darcy.” Carta de Clara Galvão para Mariza Corrêa 14/07/87.

¹⁹³ “A foto dos Urubu, Galvão chamava de maternidade, e era uma das que gostava mais. (...) Ainda em vida não encontrou o negativo. Ele cedia muitas vezes os negativos e nem sempre voltavam”. Carta de Clara para Mariza Corrêa de 14/07/87.

1. De Galvão para Heloisa¹⁹⁶

Goyaz [Goiás], 12 de Março de 1940

D. Heloisa,

Chegamos ontem em Goyaz Velha [Goiás] após uma acidentada viagem, que não deixou de ser interessante, como na jardineira não há 2ª classe, é a primeira quem desce para ajudar! Foram apenas 23 horas de viagem de Goyania [Goiânia] aqui.

Estamos no Hotel Portugal, onde o passadio é ótimo, sinto que vamos engordar, a cidade é bastante atraente, à noite fomos dar uma volta pela praça onde demos uma “rata”¹⁹⁷, aqui as meninas passeiam numa direção e os rapazes em sentido contrário, nós distraídos andamos pelo lado feminino, só dando pela história depois de umas risadinhas, cochichos e troças.

Fomos hoje a firma Alencastro Veiga que nos arranjará tudo, o caixote do Wagley ainda não chegou, talvez não venha a tempo, nesse caso deixaremos à firma a incumbência de enviá-lo.

Um fato estranho aqui, sabendo que íamos encontrar com Wagley, perguntaram-nos por Lipkind¹⁹⁸, e ao saber de sua morte que ignoravam (de Leopoldina) também duvidaram da causa.

Partiremos no dia 18, amanhã Raimundo continuará conosco a viagem, que segundo dizem vai ser penosa devido as grandes chuvas que tem caído, não faz mal nossos esqueletos são a prova de fogo.

Em Goiânia estivemos com o Dr. Acary que é muito amigo do Wagley, tratou-nos muito bem, pondo-se a nossa disposição em caso de necessidade. Segundo soube Antenor continua no Araguaya [Araguaia].

D. Heloisa, temos para com a sra. um sentimento de sincera gratidão, por nos ter proporcionado não só esta temporada de estudos, como a magnífica

¹⁹⁶ Manuscrita.

¹⁹⁷ Rata – gíria da época, com o sentido de “cometer uma gafe” ou falar bobagem. Galvão estava se referindo ao *footing* na praça.

¹⁹⁸ Óbvia confusão com a morte de Quain.

viagem que viemos realizando conhecendo assim um pouco melhor a nossa terra. Prometemos tudo fazer para corresponder a sua confiança.

Lembranças do Galvão e Nelson

P.S.- Seria um favor se telefonasse à minha mãe, dizendo que tudo vai bem, etc... Será uma alegria para ela (Tel – 28 –0354)

Galvão

2. De Galvão para Heloisa¹⁹⁹

Goiás, 16 de Março de 1940

D. Heloisa

Recebemos hoje seu telegrama, onde pergunta se há equívoco, realmente, o que não chegou ainda foi o caixote com as encomendas do Wagley como já expliquei na carta anterior.

Estivemos informando sobre a prensa de cunhar moedas de ouro, ela existe ainda, está num terreno em Goiânia, abandonada, é muito pesada e falta-lhe uma peça, não falamos com o prefeito porque nada adiantaria pois viemos a saber que pertence a União. Para a sra. seria fácil entender-se em Goiânia com alguma autoridade federal. Querendo informes mais detalhados, é só comunicar-se com D. Consuelo Caiado²⁰⁰ que está a par da vida histórica de Goiás (Velha). Esta mesma sra. nos informou da existência de outra prensa em Pyrenopolis [Pirinópolis], assim como de outras antiguidades de valor histórico.

D. Consuelo conhece o pessoal do Museu que por aqui tem passado, até a senhora a quem admira muito, é a melhor informante sobre qualquer assunto daqui.

¹⁹⁹ Manuscrita.

²⁰⁰ Personagem importante na vida política de Goiás. Ver Suely Kofes, *“Uma trajetória em narrativas.”* Campinas: Mercado de Letras, 2001.

Seguiremos hoje à noite ou amanhã com Ubaldino, para chegar em tempo de pegar em Leopoldina o motor comercial. Segundo soube o Antenor seguirá para Belém nesse mesmo motor, é provável que nos encontremos em Furo de Pedra.

Os caboclos aqui em Goiás não gostam dos Carajás [Karajá], chamando-os de malandros e outras coisas, alguns chegam a dizer que o Araguaia necessitava de uma limpeza geral de índios, a notícia da organização do Serviço já é conhecida, não sendo encarado de um modo muito favorável, a razão disso parece ser os padres que não querem interferências.

Teremos muito trabalho quando no serviço para reerguer a moral dos Karajá entre os cristãos, e protegê-los contra certos fazendeiros que vão se instalando pelas margens, verdadeiros tiranos dos índios. Em Goiânia soube que Willy Aureli está se preparando para nova bandeira.²⁰¹

Receberá um telegrama avisando da nossa partida, será o último porque em Leopoldina não há telégrafo. Adeus até o próximo mês.

Lembranças do Galvão e Nelson

P.S. Lembranças ao Rubens

3. De Galvão para Heloisa²⁰²

Furo de Pedra, 3 de Abril de 1940

D. Heloisa

Aqui estamos em Furo de Pedra, após 8 dias de viagem em canoa, perdemos o motor em Leopoldina, e como o outro só chegará dentro de 1 mês

²⁰¹ Sertanista e desbravador, comandou a Bandeira Piratininga em 1936.

²⁰² Manuscrita.

aproveitamos a oportunidade da companhia de dois gaúchos que também queriam descer, para antecipar a partida.

A coisa foi dura, mas francamente gostamos mais, pudemos assim conhecer melhor o Araguaia, viemos para aprender etnografia, mas já somos bacharéis em remo.

Antenor já desceu para Belém e Carlos que pretendia descer agora em Abril, parece que só em Maio é que voltará, ele não sabe ainda da nossa chegada, Tomazinho foi avisado mas esqueceu-se, subiremos amanhã com ele, levando talvez uns 5 dias para chegar a aldeia. Será uma bela surpresa para Wagley que ao que consta está triste pela falta de companhia. Tudo chegou bem à exceção de um saco de sal que quando arrumava durante um aguaceiro forte caiu no rio junto comigo (foi um banho com jato). Furo de Pedra é um bom lugarejo, ontem passamos o dia a conversar com os Karajá. Todos eles gostam muito do Wagley pena que já estejam tão civilizados!

Um fato que me chocou um pouco foram os Karajá de Santa Isabel que andam vestidos com uns velhos fardões e capacetes do corpo de Bombeiros, verdadeiras fantasias que os tornam ridículos. Essas fantasias parece-lhes terem sido dadas em São Paulo quando da volta da Bandeira Piratininga. Os Karajá vivem quase que exclusivamente da venda de peles de caça, mas matam muito, e acabará faltando, era preciso que lhes ensinasse a poupar um pouco. Aqui em Furo de Pedra moram alguns em uma aldeia próxima, em geral são bem tratados pelo *toris*²⁰³, gostam de ver tudo mas não pedem nada, a injeção de quinino que gostam muito.

Vamos aos poucos nos habituando a lidar com essa boa gente, eles tem achado muita graça no meu cabelo raspado rente e no meu nariz muito vermelho do sol.

Lembranças do Galvão e Nelson.

²⁰³ “Não-índios” ou “brancos”. Palavra de origem Karajá incorporada pelos Tapirapé. Agradecemos a Maria Gorete Neto pelas traduções.

P.S. A notícia da nova entrada da Bandeira Piratininga corre por aqui, um rapaz que veio de S. Paulo diz que Willy virá para cá em Junho com muita gente.

4. De Heloisa para Barros de Vasconcelos²⁰⁴

M.E.S. Museu Nacional

Rio de Janeiro

5 de Fevereiro de 1941

Ilustre amigo Barros de Vasconcelos

É projeto do Museu Nacional realizar, dentro em breve, uma viagem de interesse etnográfico visando o estudo das populações tupis, habitantes da região do Gurupy [Gurupi], Urubus [Urubu / Urubu-Kaapor] e Tembes [Tembé].

No SPI, tive ocasião de apresentar, em linhas gerais, esse projeto ao Dr. Estigarribia, que se mostrou favorável ao empreendimento. Para torná-lo concreto e submetê-lo a aprovação do Conselho Nacional de Proteção aos Índios, faz-se mister, no entanto, o completo e exato delineamento dos trabalhos da viagem. Nesse propósito e pelo fato dos dois grupos indígenas em questão se acharem sob assistência de sua Inspetoria, de grande utilidade será o auxílio ao nosso projeto, em respondendo ao questionário anexo, formulado na maneira que mais me pareceu facilitar-lhe o trabalho.

Certa de que uma cooperação estreita entre o Serviço e o Museu só poderá resultar em benefício da causa indígena, conto com a sua boa vontade e experiência no assunto.

²⁰⁴ Carta do acervo de Clara Galvão do Projeto História da Antropologia no Brasil, AEL/Unicamp.

Agradecendo as informações que for possível me enviar, apresento minhas cordiais saudações,

Heloïsa Alberto Torres

5. De Malcher para Heloisa²⁰⁵

S. Luís, 10 de Fevereiro de 1941.

Prezada d. Heloisa,

Recebi ontem sua carta e desde já ponho-me a disposição do Museu Nacional para todo o auxílio que precisar da Inspetoria do Maranhão.

Apesar de para mim ser melhor responder depois de minha viagem, pois, teria dados colhidos pessoalmente, apresso-me, dando-lhe aproximadamente as informações pedidas:

1º Qual é o melhor itinerário para Barra do Corda?

“Para Barra do Corda, partindo de S. Luís, se poderá ir das seguintes maneiras: - De lancha – de S. Luiz a Barra do Corda, (navegação irregular): De lancha de S. Luís a Pedreiras (navegação de dez em dez dias), de Pedreiras a Barra do Corda, em lombo de animal (4 dias mais ou menos); pela Estrada de Ferro Teresina a Coroatá, daí a Pedreiras em caminhão (estrada carroçável), de Pedreiras pela forma já referida. O melhor é como vê, o de lancha direta, havendo o inconveniente de serviço regular.”

2º Quantos dias se dispende em tal viagem?

“De S. Luís a Barra do Corda, havendo continuidade, por qualquer dos meios acima, são precisos 8 dias mais ou menos, demorando-se mais na época invernososa.”

3º Que regiões habitam os Canelas [Kanela], Guajaras [Guajajara] e Guajas [Guajá]?²⁰⁶

²⁰⁵ Carta do acervo de Clara Galvão.

“Os Kanela habitam terras do Município de Barra do Corda, Serra das Alpercatas, etc.” “Os Guajajara habitam a zona entre os rios Pindarés, Grajaí e também Mearim.” “Os Guajá (sobre este nome Guajá são conhecidos entre eles os Guajajara) – Mas Guajá habitam as proximidades do baixo e alto Pindaré e todo o vale do rio Zutiua afluente do Pindaré.”

4º Localização aproximada dos principais centros ou aldeias dessas tribos?

“Na região do Pindaré – principais aldeias Guajajara – Pinoatiua, Marcelino e Grota. Entre Pindaré e Grajaú: - Lagoa Comprida, Palmeira, Tauary-Queimado, Ilhinha. Na zona de Barra do Corda existem pequenas aldeias que são – Uchoa – Mundo Novo – Lagoa Nova –Boa Vista – Farinha – Coroatá – Leite – Coco – Cachoeira – Colônia – Arroz – Altamira – S. José – S. Pedro (esta última conta a Escola José Bonifácio do S.P.I.). Todas essas são ainda de Guajajara. Quanto aos Kanela: tem a aldeia de Raposa, Porquinhos e Ponto, esta última segundo o Curt “em ótimo estado de conservação”, mantendo ainda seus usos e costumes primitivos. Quanto aos Guajá: são índios nômades e somente ano passado isto é, no verão de 39, apareceram no Posto Gonçalves Dias, no Pindaré. Vivem sempre na floresta e dizem terem receio dos Urubu.”

5º Como se faz a comunicação das aldeias com os postos?

“Do Posto de Gonçalves Dias, por via fluvial ou à cavalo. Da cidade de Barra do Corda (ainda não tem posto construído) pela mesma forma acima.”

6º De quanto em quanto tempo?

“Creio que não há comunicação regular.”

7º Distância entre as aldeias e os Postos?

“Do Posto de Gonçalves Dias: a aldeia Contra Herva 5 léguas, desta a Lagoa Comprida 2 léguas, desta a Palmeira 4 léguas, desta a Limão 4 léguas, desta a Cigana 1 légua, desta a Taquary Queimado 11 léguas. Todas essas

²⁰⁶ Optamos por manter as grafias Guajajara e Guajá como o autor utiliza, apenas retirando o plural e acrescentando os acentos, embora a autodenominação hoje seja Tenetehara para os Guajajara e Awá para os Guajá.

aldeias são por via terrestre – caminho do sertão -. Por via fluvial a aldeia Ilhinha 3 léguas. (Informações prestadas pelo ajudante José Teodoro Mendes). Da cidade de Barra do Corda à aldeia Uchoa 30 km, à aldeia Mundo Novo, 12 km, à Lagoa Nova 32 km, à Boa vista 33 km, Farinha 37 km, Coroatá 42 km, Leite 55km, Coco 56 km, Cachoeira 35 km, Colônia 45km, Arroz 48 km, Altamira 50 km, S. José 34 km, S. Pedro 35 km, Raposa 85 km e Porquinhos 105 km. (Informações prestadas pelo sub-ajudante Raymundo Miranda)

8º Respondido no item 5º (Meios de comunicação nessas viagens)

9º Partindo-se de Barra do Corda que itinerário sugere de modo a serem visitadas as aldeias dos Kanela, Guajajara e Guajá?

Na parte final refiro-me a este item.

10º Que espécie de presentes são mais apreciados pelos índios dessa região?

Ferramentas, armas de caça, artefatos de pesca, contas, etc.

11º Quais as doenças que grassam com mais intensidade nessa região?

“Impaludismo e algumas vezes desinteria bacilar, amebiana, tifo e paratifo.”

12º Qual a melhor estação para essa viagem, chuvosa ou seca?

A melhor estação para essa viagem é sem dúvida a seca, isto é, fins de Julho a Janeiro.

Devo seguir a amanhã, dia 11, com destino ao Posto de Gonçalves Dias, no Pindaré, afim de iniciar a primeira inspeção. Desse Posto visitarei as aldeias dos Guajajara e todas as que ficarem entre dito posto e a cidade de Grajaú. Este percurso, agora no inverno é penoso, pois tem que ser feito a cavalo debaixo de tremendas chuvas. De Grajaú irei a Barra do Corda, onde presentemente se está demarcando terras dos Kanela e Guajajara. De Barra do Corda, conforme a verba e o tempo, irei a Carolina e de lá até Belém, onde pretendo conversar ou com Curt ou Dr. Carlos Estevam de Oliveira. Portanto,

só depois desta viagem poderei dizer alguma coisa certa, principalmente ao que se refere ao item 9º.

Pretendo logo que comecem a diminuir as águas, isto em fins de Julho, fazer uma entrada, partindo do Posto Gonçalves Dias ao Curupy [Gurupi], passando pelo alto Tury, serra de Tiracambú, etc, a fim de visitar as aldeias dos Urubu, além de procurar contato com uma tribo que vive na serra de Tiracambú e que os Urubu dizem chamar-se Ayás. Como ainda não tive notícias de semelhantes tribos fico com as devidas reservas por aqui. Além desses e dos Urubu, temos que atrair os Guajá, os quais como já disse estão se aproximando.

Aproveitando a oportunidade peço recomendar-me ao Rubens Meanda e apresento as minhas respeitosas saudações.

José Maria da Gama Malcher - Inspetor

6. De Galvão para Heloisa²⁰⁷

AEROGRAMA

Via Panair

São Luiz, 21 de Novembro de 1941.

D. Heloisa

A viagem transcorreu em ótimas condições, apenas houve pouco divertimento a bordo. Visitamos São Salvador, Maceió, Recife, Natal e Fortaleza; gostamos mais da Bahia.

²⁰⁷ Manuscrita.

Não enjoamos. A comida a bordo não correspondeu a expectativa, porém a nossa boa vontade e apetite supriram esta falha.

No dia seguinte ao de nossa chegada, fomos à Inspetoria do SPI. onde nos aconselharam muito bem, mostrando a melhor boa vontade em cooperar com o Museu. O inspetor José Mendes e o ajudante Castelo Branco, colocaram-se à nossa disposição, sempre prontos a auxiliar-nos em tudo.

Castelo Branco foi designado pelo inspetor Mendes para nos acompanhar ao Pindaré (Pensávamos que eles tivessem abandonado esta idéia). O rapaz indicado, já nosso conhecido aí do Rio, tem-se mostrado bom companheiro e estamos certos, no sertão nos ajustaríamos da melhor maneira possível e que também ele compreenderia perfeitamente o objetivo das nossas viagens; porém o que nos faz ficar em dúvida é a sua graduação como funcionário do Serviço. Ele é Ajudante da Inspetoria e como tal, só nos poderá acompanhar como fiscal (seria bom guia por conhecer a região), o que constrangeria o Wagley que sentir-se-ia pouco satisfeito trabalhando sob fiscalização.

Quanto ao seu gênio, é impulsivo, sendo de ação pronta, porém violenta. Quando da força para fazer respeitado o Regulamento, a maioria das vezes. Este método, se bem necessário em ocasiões, não deve ser o único, de modo a não criar uma atmosfera hostil.

Qualquer desavença entre sertanejos e nosso grupo, perturbará o trabalho, podendo mesmo dificultar futuras investigações do Museu.

Estamos esperando Wagley para poder discutir a questão que acima lhe falamos e assentar o itinerário.

Em Barra do Corda, registram-se desavenças entre índios e caboclos. A ação de Castelo Branco foi a mais aconselhável no caso; porém, há necessidade de continuidade, porquanto sem um funcionário de energia para garantir aos índios, cedo virão as represálias dos caboclos e teremos outro caso idêntico ao Krahô.

Uma questão que deve ser cuidadosamente estudada, no Conselho, é a relativa às terras dos índios. A expulsão de civilizados nelas residentes, não

resolve o problema. O expulso julga-se lesado em seus direitos e havendo oportunidade, retorna disposto a maiores represálias.

Estivemos com o Dr. Antonio Lopes, com o qual devemos visitar as coleções etnográficas do Museu daqui, atualmente em reorganização; Domingo, visitaremos, em sua companhia alguns sambaquis mais próximos.

Meu abraço dos discípulos,

Rubens,

Nelson,

Eduardo

* Lembranças a D. Maria José e D. Marieta. Como “filho” acho que não estou sendo dos piores.

E.

7. De Galvão para Heloisa

Posto G. Dias, 12.1.42

Por avião

“Via Condor-Lufthansa”

D.Heloisa

A senhora não parece ter sido muito feliz em escolher um “filho” que até agora não lhe escreveu uma carta. Tenho medo que a sra. tenha se arrependido da adoção, o que por coisa nenhuma desejo.

A perspectiva de alguns puxões de orelha na volta me farão tornar ao bom caminho.

Por nossa primeira carta e pelas do Wagley a sra. deve estar a par de como vamos trabalhando, tenho apenas a acrescentar que vamos indo muito melhor. Já conseguimos uma certa orientação e desembaraço no modo de

conduzir o inquérito, que nos permite maior rendimento e certeza no trabalho. Nelson que a princípio vacilava um pouco, já adquiriu o hábito do caderno e no campo da economia está bastante à vontade. Rubens tem um bom material sobre religião, e eu vou conseguindo alguma coisa em religião e ciclo de vida. Wagley vai trabalhando ao mesmo tempo que nos orienta, de vez em quando passa uma revista nos cadernos e distribui alguns pitos. Iniciou agora uma série de *leading questions* que organiza e distribui por nós de modo a completarmos o material que vamos conseguindo.

Saindo do Posto a 17, visitamos duas aldeias situadas na “estrada” (caminho que vai para o alto sertão). Lagoa Comprida e Jacaré, respectivamente a um dia e dois dias de viagem do Posto, viagem em lombo de animal. Nelson e Wagley ficaram em Lagoa, enquanto Rubens e eu seguimos para Jacaré. Passamos uma semana nessa aldeia, não conseguindo tão bom material como o que obtínhamos no Posto, em razão do seu maior grau de aculturação. Voltamos para o Posto no dia 30, Nelson e Rubens se demoraram mais três dias em Lagoa.

No dia 31 houve um casamento no Posto, o que permitiu a Wagley e a mim uma passagem festiva de Ano Novo. Wagley a princípio mostrava-se mais preocupado com as notícias da guerra do que agora. Está inquieto sobre seu futuro, porque ainda não está certo sobre sua situação nos U.S.A., não sabe se ficará em Columbia, se entrará para o exercício ou se permanecerá no Brasil por mais tempo. Também há uma possibilidade, ainda que remota de ser chamado em Março ou Abril para o serviço militar. Tem sentido bastante o não ter recebido carta sua.

Temos ido muito bem de saúde, a exceção de Rubens que sofreu ontem o primeiro acesso de palustre. Sua febre alcançou 40,3º, porém declinou com o tratamento por atebrina. Hoje está passando relativamente bem, apenas a febre agora a tarde está começando a subir. Tentamos usar quinino, porém seu estômago rejeitou, fazendo-o vomitar, passamos então para a Atebrina.

Agora às 22 horas a febre alcançou a 40º porém ele conseguiu dormir. Provavelmente terá um acesso forte esta noite. Caso a febre perdure ou seja maligna, não será muito difícil enviá-lo para São Luís onde terá cuidados médicos.

Compramos uma canoa para o motor, que deverá chegar amanhã rebocada pela lancha da carreira. Projetávamos largar a 20 para o Alto Pindaré, porém agora tudo está dependendo de Rubens.

A máquina de gravação vai indo muito bem, conseguimos novas gravações de Urubu (uma turma de sete homens e três mulheres nos visitou na semana passada). Também conseguimos sete discos e meio de uma pajelança, representada, mas com tal realidade que obtivemos seqüências ótimas. Já nos prometeram gravar as canções da festa do mel, que atualmente não mais se realiza. Temos esperança de assistir a uma festa de puberdade de moças, aqui no Posto.

Lembranças a D. Maria José e D. Marieta, para a sra, a dedicação do filho que muito lhe estima

Eduardo

P.S. 13.1.42 – Rubens está agora de manhã com a febre mais baixa, 39,4º. Comeu aveia (mingau) e está passando bem. Não foi forte o acesso desta noite.

Resolvemos aproveitar a oportunidade da lancha comercial, para enviar Rubens para S. Luís.

Irá acompanhado de Nelson. Não é por estar pior, mas na cidade terá um tratamento adequado. Perderá apenas dez dias de trabalho, se tudo correr bem, podendo voltar na próxima lancha. Wagley e eu aproveitaremos o tempo no Posto, ficando assim adiada a partida para o Alto Pindaré.

Eduardo.



Foto “Índios Kaapor e Tenetehara” – Posto Gonçalves Dias, Maranhão, 1941. (Arquivos da Universidade Flórida e do Acervo Clara Galvão). Foto da exposição “Índios e Caboclos – Charles Wagley Amazon Portrait.

8. De Galvão para Heloisa

Aldeia de Kamiranga, 11/2/42

M.E.S. Museu Nacional

D. Heloisa

Finalmente alcançamos a aldeia por que tanto esperávamos, apesar de não termos ainda iniciado o trabalho propriamente dito, por estarmos ainda num período de aproximação, já antevemos bons resultados. Segundo dados fornecidos pelo SPI esta aldeia deve contar com cerca de 160 habitantes, pelo número de pessoas que temos avistado este número não deve estar errado, por isso mesmo contaremos com maior número de informantes do que no Posto. Pensávamos encontrar dificuldade na língua, o que não aconteceu, [pois] quase

todos os homens falam português. Dado o manterem-se mais ou menos isolados teremos menos elementos de perturbação e trabalharemos mais a vontade do que no Posto.

Agora mesmo está se iniciando uma pajelança, apesar de ainda estar em início parece-me que será a melhor que até agora assistimos. Temos cinco pajés nesta aldeia, e todos eles de diferentes especialidades por assim dizer, no posto tínhamos apenas pajés de “mãe-d’água”, hoje pela primeira vez estamos assistindo a um pajé de mukura (uma espécie de gato com a cauda pelada), os cigarros de *tawary* (entrecasca que envolve o fumo de maneira idêntica a um cigarro) são os maiores que já vimos, a ponta acesa do cigarro, com violência. No Posto já havíamos observado isso, não notando após a sessão nenhuma queimadura. Além dele cinco aprendizes estão fumando grandes cigarros tentando também aprender *mukura*.

Anteontem assistimos a um *zingare ete* (canções) que nos deixou surpreendidos pela animação e duração, às cinco e meia da manhã ainda estavam cantando. Dentro de poucos dias assistiremos a uma festa de puberdade que pretendemos filmar. Também o capitão já nos prometeu uma sessão de pajé, durante o dia de modo a poder ser filmada. Só nos resta agora “trabalhar duro” como diz Wagley e conseguiremos pelo menos um bom início de trabalho, uma vez que o tempo é escasso. Wagley pretende voltar em Março.

Saímos do Posto dia 22, tripulando uma lancha equipada com o motor do Serviço, não fomos muito felizes porém, o Pindaré é pouco navegável nesta época, ainda não ganhou água suficiente, há grande número de paus caídos e meio submersos, que nos quebraram quase todos pinos de reserva. Alcançamos a confluência Caru Pindaré no dia 25, sendo obrigados a desistir da viagem na embarcação que seguíamos, por ser o Pindaré deste local para cima muito estreito, de forte correnteza, muitas voltas, e principalmente o não dispormos de pinos suficientes. Decidimos subir a remo, voltando Wagley ao Posto para obter menor embarcação, enquanto Nelson, eu e um índio permanecemos acampados na boca do Caru. Dia 31, Wagley estava de volta e continuamos a

viagem num casco a remo, levando apenas parte da carga. Atingimos a aldeia de Kamiranga no dia 4, após uma viagem dura, muito pium, muriçoca e a chuva que nos fez passar as noites armando e desarmando as redes. Parece impossível que o Pindaré tenha suas nascentes no Alto Sertão próximo ao Tocantins, tal a sua pouca largura, que dá mais a impressão de um igarapé do que um rio. Talvez que em Abril o rio seja praticável para motor, assim mesmo com um bom sortimento de pinos. Rubens deverá chegar pelos dias 18 ou 19, sua viagem será pior que a nossa porque tem chovido muito estes dias.

Estamos otimamente instalados, Kamiranga ao saber de nossa vinda preparou-nos uma casa de barro, com mesas, jirau para a carga, cozinha separada, etc, esqueceu-se apenas de uma geladeira. Kamiranga é o capitão que mais se distingue entre os Guajajaras que conhecemos ou de que ouvimos falar. Possui um senso de organização digno de nota. Tem sob o seu controle três grupos de família, exercendo autoridade através dos chefes destes grupos. Consegue que estes grupos familiares realizem um trabalho em conjunto de cujo produto retira uma porcentagem. Vende muita farinha, peles e óleo de copaíba (o ano passado conseguiu cerca de 1 conto e quatrocentos na venda de óleo) comprando mercadorias de que ele e sua gente necessitam, consegue assim um *standart* de vida inigualado pelas outras aldeias. Seu predecessor e ele desenvolveram esta condição de chefia alcançando aqui um grau mais elevado do que nas outras aldeias, seu controle porém somente se exerce através de chefes de grupos familiares, a quem se dirige quando necessita de gente para trabalhar. Também como a maioria dos capitães Guajajara alenca muito prestígio servindo como intermediário nas relações com civilizados.

Ao par dessas boas notícias temos uma bem triste, que aliás Wagley já lhe comunicou, a máquina de gravação tornou-se imprestável tendo quebrado as

molos da borboleta e não terem as sobressalentes feitos por Chico²⁰⁸ dado resultado. Nesta aldeia teríamos ótima oportunidade para gravação.

Também perdemos a gravação, isto é não conseguimos gravar, um desafio de dois cantadores sertanejos que esteve ótimo. Wagley pretendia descer para trazer Rubens, ao mesmo tempo aproveitaria a oportunidade para assistir a uma pajelança de civilizados, que segundo nos descreveram é bastante idêntica a dos Guajajara. Dados os imprevistos, esse projeto ficou adiado para a volta.

Em meio da subida do rio encontramos uma ponte, que segundo os dois Guajajara que nos acompanhavam, havia sido construída por Guajá, de que todavia não encontramos outro vestígio.

Sobre Jules Henry que notícias a sra. nos dá? Wagley tem um palpite que ele chegará com Rubens.

Gostaria de lhe contar mais detalhadamente o que vai por aqui, porém não posso deixar de assistir a pajelança que cada vez mais se anima. Um abraço de Wagley e Nelson, muitas saudades do filho,

Eduardo.

P.S.- Lembranças a D. Maria José e um abraço para D. Marieta que bem poderia me adotar como sobrinho. Abraços ao pessoal do Museu, Castro, Bueno e Antenor.

9. De Wagley para Galvão ²⁰⁹

Março, 4 [provavelmente de 42] – São Pedro

²⁰⁸ Chico Mancha, um dos tropeiros da viagem. No Acervo de Clara Galvão doado ao AEL/Unicamp há duas cartas do ele do ano de 1946, contando que encontrou por vezes os Guajá, que ainda não tinham feito contato.

²⁰⁹ Manuscrita em inglês, português e língua indígena.

Querido Cimokó,

Como de costume o barco atrasou e saímos tarde, então tive tempo para refletir e ler.

Estou mandando pelo Zezinho

15 quilos de sal

800 Belmas (cigarro)

1 manga de lampião 57\$500

1 par de “spora” para os cabelos de N.[Nelson] T.[Teixeira]

5 quilos de sabão

João B. tem um pedaço de pano para Maria; um corte para fazer calças para ele mesmo (um presente para ele); um pedaço de pano (mescla*) que eu comprei como presente para Manuel Viana. João já recebeu 40\$000 e deve ser deduzido de seu salário (ordenado*).

Estou mandando por Zezinho (1.100\$00). Sinto muito por não conseguir mandar em “troco”* (change), mas apenas em notas altas. Desculpe! Você terá que quebrar a cabeça com esse problema. Eu posso mandar outros 500\$00 de São Luis – você precisará destes 500 que eu mencionei. Melhor me telegrafar na Inspetoria* do SPI, me dizendo se você vai precisar disso. Vou telegrafar de São Luís dizendo quanto vou deixar com Zeca Mendes para sua viagem para o Rio.

Hélio está me dando recibo pela venda da canoa. Eles estão nos pagando 400\$000 por ela. Sobre a gasolina! Melhor você guardar três latas* para seu uso próprio. Hélio quer gasolina para ir a Monção. Eu disse que podemos vender duas caixas para ele, mas parece que o SPI não tem verba, nem dinheiro; então, se ele não pode comprar a gasolina, então damos para ele.²¹⁰ Usamos várias coisas que eram do Posto. Não é?*

²¹⁰ Toda a frase em português um pouco arrevesado.

Central está tão vivo como nunca. Danças, vida noturna, suculentos [?], cerveja gelada. Estou exausto com minha vida social intensa. Almoço hoje com o Prefeito*, chá com os Mendes, coquetel com os Taffis, etc. Estou me tornando uma borboleta social. Parece que devemos “parar” dois dias em Viana, de modo que eu tenha oportunidade de conhecer aquele ‘millieux’ social. Oxalá!* Em seguida, a suíte nupcial no Hotel Maranhão!

A sério, trabalhe duro e não pegue a lancha do dia 23; quanto mais penso nisso, mais acho que vamos precisar do dia no Rio para análise e para escrever.

Alfredo (o missionário) está indo para São Luís com a esposa doente. Ponha a gramática num envelope e dê para o dr. Mendes dar a ele.

[trecho em língua indígena]

Com os melhores votos e vá logo para casa.

C.

-2-

social" milieu". Oxala! Then, the
bridal suite ~~at~~ at the Hotel
Maranhão!

Seriously, work hard & do catch
the launch of 23rd; more I think of
it the more I believe that we
shall spend the day in Rio for
analysis & writing.

Alfredo (the missionary) is going
to São Luis with a sick wife. ~~He~~
Put the ~~grammars~~ grammars in an
envelope & give them to Dr. Mendes for
him.

nenimō neraūi; nziemōamotawo;
nenūi amotawō; ne iranot; nzhūi
žawana pomenō nzhūi; karalohū
pomenō nzhūi; ~~nenūi~~ nzhūi
e žurupari; nenū žawani; nenū
žakarē; ijo ~~nenū~~ cmenō nzhūi;

Best Wishes & Hurry Home

C -

10. De Galvão para Heloisa

Exma. Sra.
H. Torres
Museu Nacional
Rio

Eduardo Galvão
Hotel Colombo
Campo Grande – 19/VI/43

D. Heloisa

Seria preferível escrever-lhe de Dourados, onde com mais vagar poderia dar-lhe conta detalhadamente do que temos ou vamos fazer. Porém é difícil dizer quando chegaremos, essa viagem que normalmente é realizada em um dia para nós, já o será em dois e talvez mais dado o estado pastoso da estrada.

Nelson entregou ao Watson a quantia de 10 contos (9:500 em dinheiro, o restante em recibos de despesas de viagem e compras feitas), ficando com 2 contos para suas despesas pessoais. Eu não apresentei ao Watson nenhuma cota dos 2 contos recebidos, ficando com o que sobrou desse dinheiro para qualquer eventualidade. Watson está a par disso. Temos ainda em caixa para despesas da excursão cerca de 17 contos. A sra. deve mandar 10 contos, em todo o caso será melhor esperar por outra carta onde isso será mais detalhado e menos apressado.

O SPI está muito vagaroso em suas atividades, mesmo que eu tivesse chegado antes, não seria possível partir senão hoje porque o caminhão, posto a nossa disposição, ainda cá não chegou. Primeiro foi alegado estar ele quebrado, mais tarde quando estava pronto soubemos que ele ainda continuava em consertos. Fomos obrigados a despachar a bagagem por via férrea até uma cidade do novo ramal Campo Grande - Ponta Porã, para adiantar o serviço e a viagem. Francamente penso que de outra vez será preferível não depender de serviço algum, teria sido mais fácil despachar a bagagem por intermédio de alguma firma comercial e ter seguido em qualquer condução. A demora que o

SPI nos obrigou, causou um acréscimo da despesa de hotel e perda de tempo. Entretanto, vamos esperar para ver em que dão as coisas de Dourados em diante. Não sabemos ainda quanto tempo ficaremos nesta localidade, junto a qual existe um posto do SPI com bastante índios. É bastante possível que não mais de duas semanas.

O comitê da região foi de ótima ajuda. Forneceu-nos licenças para máquinas fotográficas e facilitou o porte de armas junto a delegacia regional. Negou-se a dar licença (fotográfica) ao Watson, porém conseguimos obtê-la com o delegado regional, visando simplesmente aquela que ele obteve em São Paulo. Será entretanto bom estarmos de posse daquelas licenças do DIP, pelo menos para a volta.

O sistema de trabalho de Watson é bastante diferente daquele do Wagley, primeiro formulam-se os problemas para então investigá-los. Sem isso será quase impossível (na opinião dele) fazer antropologia social, porquanto após o trabalho já não há mais possibilidade de resolver problemas, ter-se-á simplesmente um estudo extensivo e, não intensivo como o Watson se propõem a fazer.

Também é necessária a formulação prévia de questionários exaustivos onde não somente se examinam possibilidades existentes, como outras que certamente não se encontrarão. Isso, eu penso, é uma boa orientação para a pesquisa porém deveria ter sido feita no gabinete, onde se dispõe de livros e material necessário a essa elaboração, aqui no campo torna-se muito mais difícil. Também para cada questionário, eles costumam fazer uma justificativa (uma página ou duas) que como é de uso pessoal, dá mais a impressão que o indivíduo deve fazê-la para convencer-se a si mesmo que vai pesquisar aquele assunto. Creio que isso é um pouco de excesso acadêmico, sendo bastante o inquérito, porém estamos fazendo tal como ele nos orientou e assim continuaremos. O seu sistema de anotação de campo pareceu-nos também um tanto complicado e menos eficiente do que o do Wagley, porém isto, somente a prática o demonstrará. Nelson está com Ciclo de Vida e Organização Social nos

aspectos em que esses tópicos interessam mais a economia, dessa forma eu fiquei com religião e lendas. Algo que Watson não parece prestar muita atenção foi uma leitura prévia do que havia sobre os tupis, ele ignora bastante tudo que se refere a organização social, religião e economia tupi, e está construindo problemas sobre especialização de trabalho, distribuição de bens, comércio, que será muito difícil encontrarmos.

Nelson e eu temos lhe exposto a cultura tupi, com exemplos Tapirapé e Guajajara, de modo a restringirmos os questionários ao caso tupi, não perdendo tempo com considerações sobre clãs, organizações de mercados, grupos especializados de trabalho, etc.

Quanto a parte pessoal creio que nos daremos otimamente, ambos são bons companheiros, e ele aprendeu a sua própria custa, que não deve precipitar-se em compras ou realizações de qualquer natureza sem nosso auxílio. Assim cooperamos mais estreitamente, não havendo motivos de queixas de parte a parte e a excursão corre muito melhor. O que mais me aproximou de Watson foi seu apetite, que diga-se de passagem, faz-me sentir bastante satisfeito por ter perdido a primazia em tal atividade.

Lembranças a D. Maria José e D. Marieta. Saudades do filho

Eduardo

Meu próximo endereço será – Posto José Bonifácio

SPI

Dourados

Sul de Mato Grosso

11. De Galvão para Heloisa

Exma. Sra.

H. Torres

Museu Nacional

Rio

Eduardo Galvão

Posto Francisco Horta

Dourados

Mato Grosso

25/6/43

D. Heloisa,

Mais uma vez sou obrigado a escrever as pressas, para aproveitar a oportunidade da ida de um caminhão para Campo Grande, pois correio normal somente dentro de três ou quatro semanas tráfegará.

Nossa viagem apesar de vagarosa, demorando-se três dias, ocorreu sem grandes incidentes. As estradas estão em péssimo estado, com grandes extensões de terreno alagado, isso na seca. No inverno essa região deve ficar praticamente isolada. Em Dourados paramos apenas um dia, seguindo para o Posto, aliás pouco distante dessa cidade.

O posto Francisco Horta apresenta uma situação bastante diferente daquela que encontramos no Maranhão. Os Kaiowá não estão localizados numa aldeia, suas casas acham-se junto às roças e plantações de erva mate, por vezes muito distante do Posto. Quanto à organização do serviço pelo encarregado do Posto, também nota-se uma diferença para melhor.

Durante os dois dias que aqui estamos, aproveitamos para percorrer a pé e a cavalo a região mais próxima do Posto, num perímetro aproximadamente de duas léguas. A população Kaiowá é grande, encontrando-se também regular número de Terenas [Terenas].

Viajaremos na próxima semana para União, onde segundo informações os Kaiowá estão mais agrupados, em maior número e com menos contato com civilizados. É bastante possível que nos fixemos por lá, caso isso seja resolvido telegrafarei avisando.

Watson se bem que bom companheiro de viagem, revela uma falta de vontade em adaptar-se ao interior do Brasil, que para nós foi surpresa. É bastante irritado, principalmente quando as coisas não acontecem como estavam previstas, por exemplo uma demora motivada por um atoleiro. Também coloca-se numa posição superior quando com a maior naturalidade diz que apesar de não ser carreteiro julga que apenas três juntas de bois seriam

suficiente para puxar uma carreta, ao invés de seis ou oito. Sua atitude tem sido demasiado formal nos contatos com civilizados e índios, e ele parece desapontado em não ter encontrado as complicações de economia Hopi com que vinha sonhando. Como ainda não iniciamos o trabalho, propriamente dito, é difícil fazer prognósticos, contudo espero que ele ainda venha a adaptar-se e perder a mania da eficiência.

Uma coisa digna de nota é a ausência de mosquitos. Temos pronto para qualquer eventualidade um médico da missão metodista, vizinha deste posto. Estamos apenas sofrendo os rigores de um frio que desconhecíamos, mas ainda esperamos pelo pior, as geadas que segundo os observatórios locais são freqüentes nessa zona e nessa época.

Meu próximo endereço será – Posto Indígena de União

SPI

Vila de União

Sul de Mato Grosso

Um abraço de Eduardo

12. De Galvão para Heloisa

Exma. Sra.
D. Heloisa A. Torres
Museu Nacional
Rio

E. Galvão
a/c Posto Indígena de União
Caixa Postal 39
Ponta Porã

13 de Julho de 1943

D. Heloisa

Deixamos o Posto Francisco Horta na manhã de 19, chegando a Ponta Porã na noite do mesmo dia. No dia seguinte rumamos para o Posto Indígena

de União, onde chegamos a noite. Utilizamos nessa viagem a mesma jardineira do SPI que nos conduziu a Dourados.

No Posto Francisco Horta passamos o tempo viajando de a pé ou a cavalo aos ranchos mais próximos. Watson preferiu não iniciar a pesquisa nesse local, limitando-se apenas à tomada de medidas antropométricas. Nesse trabalho Virgínia tem tomado a iniciativa utilizando-se daquela ficha que nos enviaram, quando ainda estávamos no Museu. Seu interesse antropométrico restringe-se à medida da cabeça, estatura e altura tronco-cefálica. Nelson e eu não podemos assumir a posição de críticos, porém parece-nos que ela tem tanta prática em tais medidas quanto nós. Isto é, conhece bem a teoria e localização dos pontos, mas carece de prática em medir. Pretendemos fazer uma série de fichas, porém isso somente será possível mais tarde quando estivermos estabelecidos definitivamente em alguma aldeia.

Percorremos todo Posto de União, encontrando a mesma situação residencial do Posto F. Horta. Ranchos isolados são a forma de residência entre os Kaiowá. Visitamos a localidade chamada “Cerro Peron”, onde encontramos um antigo *tapui*²¹¹, onde residem uma família extensa e as casas mais agrupadas. Esse agrupamento de casas, e existência de uma co-residência nos moldes antigos, facilitarão o início do trabalho. Por isso resolvemos residir nesse local, distante apenas oito léguas do posto. É provável que voltaremos ao Posto após um ou dois meses de trabalho no Cerro Peron, porque no posto há bastante velhos. Nosso endereço é ainda o do Posto de União.

Pessoalmente, ambos, Watson e Virgínia não são os melhores companheiros de viagem que se poderia desejar, devido a formalidade que teimam em manter no tocante a nossas relações. Creio que Watson dificilmente se adaptará a vida no interior com a mesma facilidade que Wagley. Como foram muito explorados nas compras que fizeram em São Paulo, fazem uma idéia muito má dos brasileiros em geral, mostrando-se sempre muito desconfiados

²¹¹ Entre os Kamaiurá *tapui* é “a casa das flautas onde também se reúnem os homens durante o dia. As mulheres aí não podem entrar.” Eduardo Galvão, *Diários de Campo*, pg. 342.

em suas relações com estranhos. Não tem o menor interesse em conhecer o pessoal dos vários locais em que temos passado, principalmente Watson, que não suporta perder tempo (como ele diz) em conversas sem importância. Ele ainda não compreendeu a necessidade social do “lero-lero”, o tempo se encarregará disso. É impossível que ele não descubra que um sertanejo não poderá discutir antropologia ou problemas de política internacional. O prejuízo disto é que ele desconhece a maioria dos termos locais, o que lhe dificulta a conversa com índios. Muito nos divertimos (naturalmente mais tarde e a sós) no dia em que ele tentou convencer a um índio que deveria chupar mais laranjas devido a quantidade de vitamina C que essa fruta contém.

O passadio tem sido superior aquele que tivemos no Norte, a região é mais rica, senda as refeições mais variadas e nutritivas. Tanto no Posto F. Horta como aqui, temos sido otimamente tratados e, francamente, estamos muito melhor impressionados com a organização e processamento do SPI nessa região do que no Pindaré. Com uma verba maior, o sr. Dayen Pereira, encarregado, transformaria esse posto num quase modelo de futuras instituições semelhantes. Pelo menos, é essa a idéia que temos observado o que ele já realizou com poucos recursos. Sua esposa descobriu que a falta de freqüência a escola era motivada pela deficiência de alimentação. Em pouco tempo, tanto meninas como meninos queriam voltar para casa, queixando-se que estavam com fome. Instituiu-se, por isso, uma refeição de mandioca com carne antes de começar as aulas. A despesa dessa refeição corre a sua conta porque o posto não dispõe de verba para isso. (É verdade que a mandioca é plantada aqui, mas a carne é comprada na vila de União). Algo que a sra. poderia discutir no Conselho, seria tanto o fornecimento de uma refeição diária, como o de roupa para os índios freqüentarem a escola, pagos por uma verba ou do SPI ou do Conselho. Afinal, se no Norte se distribuía roupas aos Urubu no interesse de aproximá-los e civilizá-los, igual ou maior será o interesse em estimular e ajudar crianças, quando estas mostram na escola futuras possibilidades.

Os Kaiowá não mostram uma situação cultural muito diferente dos Guajajara no que se refere à conservação de costumes. Na religião a situação será um pouco mais complicada, devido a influência das antigas missões de jesuítas. O pay²¹² Kaiowá possui um altar, armação simples de madeira, onde são depositados inúmeros maracás e cruzeiros (em estilo barroco) de que se servem nas cerimônias e curas. Defronte às grandes casas plantam duas ou três cruzeiros, reminiscência dos jesuítas. *Anhanga* está presente. Ouvimos falar de duas cerimônias, uma do milho em janeiro, outra, ainda não sabemos referente a que, em Agosto. Assistimos a uma “chicha”, reunião social, em que os Kaiowá, após o trabalho comunal nas roças (mutirão), se reúnem para dançar e cantar bebendo uma espécie de cauim (chicha) fermentado, feito de mandioca ou milho. Para ajudar a fermentação costumam adicionar algumas garrafas de “pinga” aos cochos em que a chicha é guardada. A agricultura é bem desenvolvida se bem que o trabalho nos ervais roube muitos braços à lavoura indígena.

Nelson e eu gostaríamos de saber como vão as reuniões no Conselho (seção de estudos etn.[etnológicos]) e da possibilidade do Nimuendaju trabalhar no Xingu, e outras novidades antropológicas. Lembranças aos antropólogos físicos e no resto do pessoal do Museu, particularmente ao Carvalho.

Saudades dos futuros “antropólogos sociais”

Eduardo

²¹² Termo nativo conceituado por Nimuendaju: “*Além da estrutura dos clãs [entre os Kaingang], Nimuendaju chama a atenção para uma estrutura de classes que distingue os indivíduos em paí (indivíduos sensíveis a feitiço), que se apresentam nos rituais Kaingang com pintas miúdas e espessas. Dessa classe surgem os rezadores e organizadores das festas, péne (são imunes às doenças e apresentam-se com pintas ralas e grossas) e vodôro (é considerada uma classe superior e conjuga os riscos e as malhas com pinturas circulares. O pertencer a estas classes independe da estrutura clânica representada no dualismo Kaneru e Kame.*” Marco Antônio Gonçalves (org.). *Curt Nimuendaju: etnografia e indigenismo – sobre os Kaingang, os Ofaié-Xavante e os Índios do Pará*. Editora da Unicamp, 1993, pp.30 .

13. De Galvão para Heloisa

Exma. Sra.
Heloisa A. Torres
Museu Nacional

E. Galvão
a/c Posto Indígena de União
Caixa Postal 39
Ponta Porã – Sul de M. Grosso

13/8/43

D. Heloisa

O dia de ontem foi uma festa em nosso acampamento, recebemos toda a correspondência que por falta de condução se acumulara em C. Grande e Ponta Porã. Até agora só havia recebido uma carta do Rubens, reenviada pelo Museu e assim foi com grande satisfação que recebemos notícias de casa e do Museu. Deixamos o Posto de União no dia 17, acampando na estrada, para chegar a 18 pela manhã à Cerro Perón. Nós utilizamos nessa viagem, atualmente quase que o único meio de transporte nessas paragens, a carreta puxada a bois. Isso emprestou à viagem algo de pitoresco, sendo uma das mais agradáveis que já fiz até hoje.

Chegados em Cerro Perón posamos na casa de um morador, enquanto construíam nosso rancho. Recebemos o “habite-se” no sábado 27. A construção do rancho forneceu-nos não somente oportunidade para observar um processo de edificação usado nessa região, tanto por índios como por “civilizados”, mas um bom meio de aproximação aos índios. Trabalharam cerca de 30, numa magnífica demonstração do quanto são capazes de realizar quando bem dirigidos. Como em todo o Brasil, também aqui, no conceito dos “civilizados” o guarani é um preguiçoso. Houve apenas um incidente que muito nos desgostou. Entregamos algum dinheiro ao morador vizinho da Colônia, pessoa encarregada pelo encarregado de União como de confiança, para que acompanhasse os índios a um “bolicho” (venda) próximo a fim de impedir que comprassem somente cachaça e não fossem assim explorados. A emenda foi pior que o soneto. O referido indivíduo permitiu que os índios não só bebessem no

bolicho, como ainda deixou-os trazer 14 garrafas de cachaça para a aldeia. O resultado foi uma briga entre dois índios, saindo ambos feridos, além da confusão que ia pela aldeia com tanta gente embriagada. Interferimos diretamente, destituindo o capitão, que ficou provado ter sido o principal culpado na briga. No dia seguinte, passada a “borracheira”, reunimos os índios para a escolha de um novo capitão. Naturalmente, já estávamos de posse de informações sobre os mais prováveis. Eleito o novo capitão, as coisas tem corrido normalmente até agora. Essa colônia tem grande necessidade de um encarregado efetivo, residente local. A zona é de erva mate, o sistema para arranjar peões é a célebre conta, sendo muitos os índios presos, dessa forma, aos “patrões”. O encarregado de União não pode atender a essa zona e a pessoa por ele indicada também não está a altura. Esse indivíduo é um elemento até certo ponto digno de elogios, pois sem outro interesse que o pessoal, é um intermediário ao mesmo tempo que um fiscal nas relações entre índios e civilizados. Porém tem o péssimo vício de embriagar-se constantemente, não podendo por isso agir como deve.

Estivesse essa colônia entregue a um encarregado, evitaríamos qualquer interferência em sua administração, porém da maneira que está, é nosso dever Thomar qualquer atitude que se faça necessária. Já fizemos disso ciente o encarregado de União, que aceitou inteiramente nosso ponto de vista. Será alguma coisa a nosso favor (digo do Museu) se ao sairmos, deixarmos a colônia de Cerro Peron em condições de se tornar um Posto.

Cremos que as contínuas rixas de que tanto se fala, acontecerem entre “os bugres” dessa colônia, provém do fato de estarem reunidos numa aldeia tantos indivíduos, que pelo que observamos em Dourados e suas redondezas e mesmo no posto de União não é de ocorrência habitual entre os Kaiowá.

Como possibilidades de trabalho não poderíamos escolher lugar melhor. Quero referi-me a início de trabalho, pois provavelmente teremos que voltar ao Posto de União para confirmação do que observamos aqui. Por outro lado, há relativamente poucos informantes para quatro pesquisadores. Mas, ainda sim,

creio que teremos trabalho para três meses ou mais. Estamos agora na época das derrubadas, devendo a plantação efetuar-se em Setembro. Isso fornece, principalmente ao Watson, observação bastante acurada sobre o processamento da agricultura. A pouca solidariedade entre os membros da colônia produz muitos “mexericos”, fala-se mal da vida alheia enquanto os cadernos vão “aproveitando”. Tenho apenas uma queixa – “os paí [*pay*] daqui não cantam como lá”. Até hoje não assistimos a uma única sessão de pajés, que deve ser de ocorrência rara. Há na aldeia apenas um pajé, que segundo inf.[informantes] cura pelos processos comuns aos tupis, sendo também figura importante na cerimônia do milho verde. Esta cerimônia que chamam em português de “batismo do milho” aproxima-se da “festa do milho” entre os Guajajara. Determinados indivíduos são considerados “doutores”, curando os doentes pelo uso de vegetais. Qual a relação entre esses doutores e o *pay* ainda não sei. As lendas estão custando a parecer, mas consegui parte dos “gêmeos”, “roubo do fogo” e indicações de outras. Com o conhecimento que adquiri entre os Guajajara é relativamente fácil dirigir o informantes para a lenda desejada. Mas sob esse ponto de vista, não são tão bons como os Guajajara. Nelson está trabalhando muito bem, teve a sorte de pegar um informante que talvez seja o melhor da aldeia. Muitos meninos tiveram, recentemente, o lábio inferior perfurado e, estão usando um tembetá de resina.

Amanhã teremos uma chicha (cauim) que vai seguir-se ao puxirão a realizar-se em duas grandes roças. Bebem chicha e dançam a noite toda.

Watson estabeleceu um plano para o início do trabalho, visando esgotar o campo da cultura material. Vamos progredindo bastante bem. Watson como já lhe disse na última carta, não tem se mostrado o companheiro que desejávamos. Nos primeiros dias, aqui na colônia, queixou-se que estávamos resolvendo cousas por nós mesmos, sem consultá-lo primeiro. Estavam tomando uma atitude bastante desagradável, mas tomamos de início cuidado em evitá-la. Ele amansou e parece estar desistindo de ser um chefe a la Hitler. Pouco a pouco fomos nos acomodando e por enquanto tudo vai correndo bem.

Sobre o dinheiro, ele achou melhor que a sra. fique com o dinheiro aí no Rio, pois ele espera receber oito contos por esses dias, estando a nossa caixa ainda com “caracter” suficiente. Assim, na volta o Museu poderá reembolsá-lo das despesas que fizer, após a divisão das contas.

Nelson manda-lhe muitas lembranças. Recomendações a D. Maria José e D. Marieta e um abraço ao pessoal do Museu.

Saudades do filho

Eduardo

Estamos muito entusiasmados com a perspectiva do congresso e mais ainda com a criação da carreira de antropólogo.²¹³

14. De Galvão para Heloisa

Exma. Sra.
D. Heloisa A. Torres
Rio de Janeiro

E. Galvão
a/c Posto Indígena de União
Caixa Postal 39
Ponta Porã
Sul de Mato Grosso – 18/9/43

D. Heloisa

²¹³ No final do ano de 1941, Heloisa escrevera a Arthur Ramos, catedrático de Antropologia da Faculdade Nacional de Filosofia: “*O projeto de promover o Primeiro Congresso Brasileiro de Antropologia para comemorar a reabertura do Museu Nacional [meados de 1943] foi recebido pelo governo com a máxima simpatia. Eu não tinha querido dar nenhum passo nesse sentido antes de conhecer o pensamento das autoridades. Agora recebi ordem para organizar com urgência o plano; a fim de obter seu concurso nesse trabalho, venho convidá-lo para um pequeno jantar a ter lugar depois de amanhã, 12 de novembro, às 20 horas no restaurante Santos Dumont.*” Citado por Paulo Roberto Azeredo, *Antropólogos e Pioneiros*. A história da Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia. São Paulo: FFLCH/USP, 1986, p. 123. Não sabemos se o jantar se realizou, mas a Primeira Reunião Brasileira de Antropologia só viria a realizar-se dez anos depois da data proposta, em 1953. Nos apêndices de seu livro, Azeredo historia os vários passos burocráticos que a tornaram possível.

Recebi no dia 8 sua carta de 30/8, porem, não pude respondê-la imediatamente devido ao “apuro” (pressa) do portador em voltar no mesmo dia. Ainda que atrasados, esperamos que a sra. aceite um abraço que todos lhe enviamos pelo dia de ontem.

Quando já nos entristecia o fato de saber da impossibilidade do Curt em viajar, a perspectiva de irmos a Belém para com ele estudar foi uma notícia particularmente agradável. Já é tempo de travarmos conhecimento com os Jês que até hoje tem sido para nós mais ou menos desconhecidos, sendo muito animadora a circunstância de ser o Curt nosso introdutor nesse campo.

Tanto a sra. como o Curt tem toda razão em nos advertir que somente os índios devem resolver seus próprios negócios. Na minha carta, creio que omiti alguns detalhes sobre as razões que nos levaram a interferir na questão da mudança de capitão. O fato de talvez, desde os primeiros tempos da colonização, terem os brancos interferido em questões de índios, principalmente no que se refere a nomeação e reconhecimento de um capitão ou chefe, viciou os índios de tal maneira que até hoje, mesmo quando lhes é desagradável um determinado capitão, hesitam em mudar por si mesmos o líder nomeado e autorizado pelos brancos. A carta-patente distribuída por civilizados ou por funcionários do SPI tem bastante prestígio ou força. A escolha do capitão quando não serve aos próprios interesses do “civilizado” que o nomeou, depende do atributo pessoal de um indivíduo estranho à cultura. Esses indivíduos, capitães, se têm alguma utilidade, no sentido de servir como intermediários nas relações entre índios e civilizados, causa por outro lado, desequilíbrio na situação política da aldeia, pela introdução de um indivíduo em que se centraliza toda a autoridade temporal (padrão, muitas vezes, estranho à tribo). Outra possibilidade é a do capitão, aproveitando-se do apoio que lhe dão os civilizados, utilizar-se de sua posição no prejuízo de alguns de seus companheiros de aldeia. Entre os Guajajara, o capitão era uma figura mais decorativa do que propriamente real, porque o padrão de famílias com líderes próprios mantinha-se ainda bastante eficiente, dependendo a autoridade do capitão do apoio que lhe davam os líderes

de famílias extensas. Entre os Caiuá [Kaiowá] de Cerrro Perom, e acredito que entre os de outras localidades, a solidariedade social não é muito desenvolvida. Temos observado que vivem geralmente em residências isolados na mata, sendo o grupamento mais denso, em Cerro Peron, devido, pelo menos em parte, ao fato desta terra lhes pertencer, enquanto que as terras circunvizinhas já se acham em mãos de civilizados. Quando embriagados, os Kaiowá ao invés de brigar com civilizados, brigam entre si mesmos, mostrando de algum modo a fragilidade de sua acomodação social para viver em grandes grupos.

Candido, assim se chamava o antigo capitão, exercia sobre seus companheiros uma autoridade bastante próxima da de um ditador. Era um ótimo intermediário entre civilizados e índios, pois dado sua autoridade fornecia aqueles quantos peões quisessem. Quando bebia, tinha por costume “atropelar” os seus companheiros, abusando de sua força física. Ele era realmente temido na aldeia. Quando aqui chegamos com o encarregado de União, ele solicitou ao encarregado sua demissão do posto de capitão, no que não foi atendido, tal o bom conceito que gozava do lado de fora da aldeia. Num dos primeiros dias da nossa estadia, embriagou-se e feriu um outro índio. Não contente tirou a mulher e filhos de seu irmão ameaçando surrá-lo ou matá-lo caso ficasse na aldeia. Ainda embriagado nos entregou sua carta patente dizendo que não queria mais ser capitão. A opinião pública da aldeia era unânime em não concordar com a continuação de Candido como capitão. Soubemos que há um ano, por motivos idênticos, mataram o irmão de Vicente, capitão nessa época, escapando este à morte por ter fugido em tempo. Esse fato certamente iria se repetir, Candido acabaria sendo assassinado ou a aldeia viveria num contínuo estado de agitação. Aceitamos por isso a demissão de Candido, escolhendo um outro, não como capitão, porém como intermediário entre os Kaiowá e nós. Finalmente ficou decidido, e de acordo com o encarregado de União, que não haveria capitão. Cada um cuidaria de sua própria família, nada tendo de autoridade fornecida por nós sobre os outros. Essa situação, ausência de um chefe nomeado, tem dado ótimos resultados, pois

até hoje não se registrou nada de anormal na aldeia. Já há duas semanas que todos aqueles que estavam trabalhando fora como peões se encontram na aldeia, trabalhando em suas roças, sentindo-se protegidos, porque nenhum capitão lhes obriga a trabalhar fora ou qualquer civilizado se aventura a vir forçá-los a deixar a aldeia para trabalhar nos ervais ou em roças alheias.

Temos assistido a um número bastante grande de puxirões (trabalho conjunto nas roças) e na opinião de alguns informantes, isso não acontecia há bastante tempo. Estamos assim bastante satisfeitos por ter assumido uma posição próxima de “Encarregados” no que diz respeito a mediação de negócios entre índios e civilizados. Essa tem sido a compensação pelo aborrecimento que nos deram freqüentes queixas que moradores vizinhos vem relatar sobre os índios. Aliás, dos lugares que temos residido, este foi o pior. Temos bastantes vizinhos, porém nenhum deles, amigo ou, pelo menos, companhia agradável. Todos se sentem mais ou menos vigiados com a nossa estadia e há sempre uma atmosfera de antagonismo em nossas relações.

Algo sobre o que o SPI tem urgente necessidade de concentrar a atenção é sobre a proibição de venda de cachaça à índios. O encarregado de União Dayen Pereira, que mantém um posto muito bem organizado e, é a nosso ver, bom encarregado, pois está sempre disposto a aceitar sugestões ou trabalhos no sentido de melhorar a situação dos índios de seu posto, nada pode fazer até agora, por falta de apoio oficial na repressão da venda de álcool. Tanto em União como aqui, Cerro Peron, os comerciantes dizem desconhecer a lei, sentindo-se no direito de vender cachaça a qualquer um, índio ou civilizado, pois o imposto que pagam não especifica a quem podem vender. Não há nenhum edital da Inspetoria ou da Diretoria do SPI que reforce a obediência do regulamento do SPI por parte dos comerciantes. Por sua vez, os delegados policiais não parecem Thomar grande interesse no caso, Ainda há poucos dias, dois índios embriagados feriram-se a faca em luta. Nelson deu um “aperto” num comerciante que lhes fornecera cachaça conseguindo (naturalmente sob ameaça) que ele não vendesse mais cachaça a qualquer índio. Essa promessa,

de não vender cachaça, (não somos tão ingênuos para acreditar em seu cumprimento fiel) podia por uma ação coercitiva do SPI, transformar-se numa realidade tal como aconteceu no Norte. Haverá sempre venda de “pinga” as escondidas, porém não em quantidade que venha permitir acontecimentos como os que são freqüentes nesta região. Cremos que se o SPI distribuísse editais, proibindo a venda, e exercesse uma fiscalização genérica para a qual a Diretoria solicitasse apoio tanto de autoridades policiais como militares, o programa de proteção aos índios teria adiantado um grande passo.

Watson ainda não foi positivo sobre a data da volta, porém pelas conversas que temos tido, devemos deixar Cerro Peron em meados de Novembro ou fins de Novembro, sendo esta última data a mais aproximada. Creio que voltarmos pelo Paraná, dada a facilidade em obtermos passagens com a Mate Laranjeira, no Paraná, quero dizer rio Paraná. Seguiremos até Presidente Epitácio e daí passaremos à estrada de ferro para São Paulo.

Nelson lhe escreverá breve, porém à máquina, pois não confia muito na beleza de sua letra. Vamos muito bem de saúde e muito mal de frio, mas com a esperança de um verão próximo. Não estamos mais preocupados com o Rubens, porque acreditamos no estímulo que a estadia de Curt lhe forneceu para continuar o “bom caminho” da Antropologia. Assim mesmo, um “tranco” de vez em quando não lhe fará mal.

Lembranças para D. Maria José e D. Marieta e um abraço nosso no pessoal do Museu.

Do filho que muito a quer

Eduardo

15. De Heloisa para Galvão²¹⁴

Rio, 7 de Outubro de 1943

Eduardo – só hoje posso responder à sua carta de 2 do mês passado.

Dei seu recado ao Moacyr que ficou ciente. Rubinho chegou bem. Penso que na minha última carta já havia mandado notícias minuciosas dele. E melhor do que chegar bem é que continua bem. O motivo da volta foi realmente estado de saúde e ele está seguindo tratamento rigoroso. Uma coisa que eu penso que tem feito bem a ele é o fato do Curt estar dando um curso aqui na Divisão de Antropologia três vezes por semana. Infelizmente ele partirá para Belém a 16. O Curt está muito bem impressionado com o Rubinho e penso que isso animou muito a ele. O Curt ficou muito interessado na observação sobre feitiçaria (sua prática por leigos). Ele recomenda muito que vocês deixem toda iniciativa sobre decisões de negócios indígenas aos próprios índios.

O Luiz Heitor não dispunha de motor e eu não quis me responsabilizar pela remessa da máquina de gravação que não me havia sido confiada diretamente. Não me pareceu justo que eu viesse a ser responsável por uma coisa de que não estou tirando nenhuma vantagem. Mandei dizer tudo isso ao Watson, recusando-me portanto a mandar a máquina.

Interrompi esta para telefonar a sua mãe. Em casa tudo e todos bem. Também a última carta que ela recebeu foi a de 2/9. Disse-me que com certeza por sete dias chegará outra, porque basta que eu escreva a v. para receber notícias dois ou três dias depois. Falei também com a mãe do Nelson – a quem puxo orelhas. Tudo bem em casa; as coisas que ele encomendou foram todas remetidas pelo correio (registro com valor).

Gostei de duas notícias: de que Watson se presta com satisfação a ensinar e que a saúde é muito boa. Os outros pequenos detalhes são poeira da estrada; o importante é chegar ao fim. Moacyr diz que já mandou as cópias das

²¹⁴ Carta do Acervo de Clara Galvão, manuscrita.

fotos. Corre o boato de que o concurso estourará ainda esse mês. Eu duvido.
Abraços e saudades,

Heloisa

16. De Wagley para Galvão²¹⁵

Segunda-feira, 15 de janeiro, 1945

Petrópolis

Caro Galvão,

Acabei de terminar um esboço da primeira parte do Ciclo de Vida, a partir dos rascunhos de Rubens e das notas de campo. Re-organizei o material inteiramente; ficou mais ou menos assim—Casamento, Estabilidade do Casamento, Divórcio, Viúvas, Tabus Pré-natais e Pós-natais, Nascimento, Cuidados com o bebê, Infância, Puberdade. Acho que a seção que Rubens chamou Doenças-Morte* (da qual você tem cópia) deveria ser inserida na seção sobre Religião. Ainda não tive tempo de olhar a seção Religião da perspectiva de onde ela poderia ser inserida; porque você não relê seu manuscrito com essa idéia em mente e insere. Por favor, re-escreva a seção Doenças-Morte. Está vaga e redundante, etc.

Uma série de fraquezas e absolutas lacunas apareceram até onde pude ir. Duas importantes lacunas:

- 1) Não temos praticamente nenhum material bom a respeito dos cuidados com o bebê e com as crianças pequenas. Sugiro que você use idéias

²¹⁵ Datilografada, em inglês. Acervo Clara Galvão do Projeto História da Antropologia no Brasil, no AEL. Esta e duas outras cartas de Wagley para Galvão e Clara foram incluídas nessa correspondência por sua óbvia importância para esclarecer as relações entre ambos e seu método de trabalho.

psicológicas (Bunzel e outros) como modelo e que você pessoalmente recolha muito material sobre esses temas.

- 2) Descobri que temos pouco a respeito de relações extra-conjugais – frequência, o que faz o marido quando flagra a esposa, o que faz a esposa quando ela flagra o marido. Pouco material sobre relações pré-conjugais, pouco material sobre o divórcio de casais estáveis (depois que as crianças nascem). Quantos maridos a mulher X teve antes de se estabilizar com um homem – quantos maridos antes do nascimento de uma criança. Há numerosos pontos menores a esclarecer.
- 1) Verifique a lista de animais que são tapiwara (tabu para comer e caçar durante a gravidez e os primeiros anos de infância) Quanto tempo depois do nascimento o tabu de comer e caçar esses animais tem vigência. Há alguma relação entre esses tabus sobre animais durante a gravidez e a lactação e os tabus com as crianças antes da puberdade. Faça uma lista de ambos – lado a lado—e compare. O que o ta de tapiwara quer dizer.
- 2) Identifique kaa iw e wirataziw, mencionados por Rubens como abortivos (casca mergulhada na água); identifique wiritazio e wiriziwio (das notas de Galvão) usado para fazer bebida no final do ‘resguardo’* do nascimento.
- 3) Rubens quer que a quebra do ‘resguardo’ imediatamente após o nascimento (repouso e couvade) não afeta a criança – eu tenho um caso em que causou inchaço do estômago da criança e provocou sua morte. Qual é a razão (porque fazem isso) para o repouso?
- 4) Você lembra que Rubens confundiu o ‘resguardo’ após o nascimento com a ocasião em que a esposa avisa o marido que está grávida. Esclareça isso.
- 5) Existe uma cerimônia de casamento – Rubens e até Galvão – confundem de início, nas notas, o ‘moqueado’ com uma cerimônia de casamento.
- 6) Registre casos e idéias a respeito da razão do nascimento de gêmeos – porque as mulheres morrem de ‘vergonha’*.

- 7) Existem ‘prostitutas – lembro vagamente que algo me levou a pensar que existem. Isso entrará junto com o material suplementar sobre relações extraconjugais, etc. Me interessa o fato de que os homens Tenetehara sejam ‘vergonhosos’* – eles não se gabam dos relacionamentos.
- 8) Nomes – porque as pessoas são nominadas como são – veja os nomes nativos.

Aí vão duas sugestões novas para pesquisa (talvez para Pedro):

- 1) No que eles acreditam em relação à malária*, ancilostome, ascaris, sífilis, tuberculose, etc.,etc. (a saúde pública mostra a cabeça).
- 2) Faça uma pesquisa sobre as parte do corpo, interna e externamente. Eles fazem classificações (agrupando certas partes) de maneira diferente da que fazemos – quanto conhecem da anatomia humana.
- 3) Acrescente à lista da cultura material “a la Osgoode”, uma lista de comidas e como são preparadas e quando, etc.

Claro, ataque firme a economia e obtenha bom material. Pode ser o capítulo mais fraco. Leve junto alguns livros que lhe dêem idéias para as questões centrais—você pode até levar aquele clássico sobre a Guatemala.

Estou datilografando o que escrevi e mandarei para você no campo, daqui a um mês. Leia cuidadosamente e re-escreva parágrafos – sugiro numerar os parágrafos (temporariamente) à la Nimuendaju para não perder a continuidade – re-escreva acrescentando material novo.

Deixe os mitos comigo – de modo que eu possa trabalhar neles. Estarei no Rio no domingo à tarde. Se você ainda estiver aí, ligue sábado ou domingo para Petrópolis (2372) e nos encontraremos no Rio para últimos ajustes – talvez Heloisa nos convide para jantar na noite de domingo.

Boa viagem, abraços*

[Sem assinatura.]

17. De Galvão para Heloisa

Eduardo Galvão
Hotel Central
São Luís-2/2/45

D. Heloisa

Como a senhora já deve ter notícia, chegamos sem novidades à velha capital maranhense. Estranhamos que o SPI não tivesse notificado a Inspetoria de nossa excursão, porém dois ou três dias após chegou um telegrama da Diretoria que colocou os pontos nos ii.

Por essas horas a sra. deve estar dando trabalho à cabeça para imaginar a razão do nosso pedido de dinheiro. Encontramos uma S. Luís bastante mudada em matéria de abastecimento, e pelo que nos informaram a situação em S. Pedro, no Pindaré está algo pior. Para que a sra. tenha uma idéia, é bastante dizer que mesmo a farinha, gênero essencial para qualquer população do interior, está faltando. Explicam o fato pela solicitação de braços que o lucro fácil da quebra do babaçu está oferecendo. Tratamos por isso de fazer um bom *stock* aqui em S. Luís que será o último ponto onde ainda teremos probabilidade de nos abastecer sem muita dificuldade. O preço dos gêneros subiu bastante, e assim apesar do racionamento que nos impusemos, gastamos bastante dinheiro. O hotel que até o dia primeiro cobrava uma diária de 40\$, aumentou-a para 50\$, e como estamos à espera da lancha do Pindaré a sair no dia 6, o nosso rico dinheirinho sofrerá mais um baque sério. Os fretes para S. Pedro alcançam quase o preço cobrado pela Costeira para o percurso Rio-S. Luís. No próprio Rio, como não dispusemos de dinheiro nosso, fomos obrigados a algumas despesas pessoais que saíram provisoriamente da verba. Chego a ficar gelado quando penso que poderíamos ter recebido apenas seis contos, que nós mesmos havíamos arbitrado como o mínimo para a partida. Embarcaremos para S. Pedro com algum dinheiro ainda, porém não queremos ficar

sobressaltados com a ameaça de uma hora para outra ficar sem vintém, embora possamos contar com algum auxílio do Posto e ter comida bastante para viver durante quatro meses. Pedimos o dinheiro para S. Luís, porque não somente viajaremos mais reconfortados, como há uma certa dificuldade em receber somas maiores em S. Pedro. Quanto ao resto a sra. poderá ficar descansada que a excursão sairá dentro da verba calculada, porque nós receberemos dinheiro de casa para cobrir nossas despesas particulares.

A vida em S. Luís tem corrido bastante desinteressante pela falta de divertimentos. Como estávamos de saída de um momento para o outro, não quisemos abrir a carga para dela retirar alguns livros e material para trabalho. Os barcos de S. Luís não são nada convidativos com a cerveja a 10\$, e se continuarmos assim quando chegarmos ao Rio teremos que Thomar muito cuidado, pois destreinados como estamos dois copinhos serão bastante para nos dar um pileque. Tenho a impressão que se voltar ao Rio e entrar no Nacional, terei aquele misto de êxtase e surpresa sentido por aquele árabe, que Saint Exupery descreve ao defrontar uma cascata.

Telegrafamos ao Feio para que nos informasse sobre o destino dos volumes despachados por via aérea, porque até agora aqui não chegaram e o correio nada soube nos informar. Isso é aborrecido porque um deles é a farmácia e o outro a minha máquina de escrever.

Recebi hoje do Rio uma carta preta (pergunte ao Feio) onde entre outras notícias agradáveis soube que a sra. já está de volta ao Museu e em bom saúde.

Encontramos uma aldeia mais triste do que aquela que conhecemos em 41. Pelas informações que Zeca Mendes nos prestou, muitos dos nossos amigos de Januária, morreram vitimados por uma epidemia de Krupp²¹⁶. A varíola tem grassado na zona do Pindaré, levando também alguns índios. Morreram até Dezembro cerca de trinta. João e Manuel os nossos melhores informantes escaparam, porém pensam em retirar-se da aldeia porque perderam suas

²¹⁶ Crupe – inflamação das vias respiratórias, causada por vírus, que produz uma tosse barulhenta, popularmente conhecida como ‘tosse de cachorro’.

esposas. Ainda assim penso que o trabalho resultará bom, havendo apenas um elemento anormal na vida econômica, a grande valorização do babaçu e conseqüente diminuição de outras atividades agrícolas.

Por precaução nos revacinaremos contra varíola e hoje iniciaremos o ritual do quinino para evitar qualquer probabilidade de infecção.

Nelson e Pedro estão bem e mandam lembranças para a sra. e todos aí na casa. Abraços para D. Maria José e d. Marieta.

Saudades do filho,
Galvão

Pais de Galvão para Heloisa²¹⁷

Departamento de Correio e Telégrafos
Telegrama
5.IV.45
Heloisa Alberto Torres
Real Grandeza, 283 casa 5
Botafogo - Rio – DF

Ao ser empossado nosso filho Eduardo é nosso dever agradecer-lhe o interesse tomado por ele, guiando e o estimulando a prosseguir em seus estudos sob a sua culta e bondosa direção. Estamos certos que ele a principiar pela 1ª colocação, obtida no concurso saberá compreender e corresponder aos seus esforços e aos nossos anseios cordialmente gratos. Letícia e Edmundo Galvão.

²¹⁷ Acervo Clara Galvão.

18. De Galvão para Wagley

24/8/46

Caro Wagley,

Realmente, foi uma pena voltar da lua de mel. Nada mais depressivo de que o encontro com a rotina. Os mesmos homens que falam as mesmas vozes, os mesmos lugares comuns do dia a dia. Monótono, monótono como as águas de um rio no abraço eterno das barreiras... As salas da Exposição a alongar-se indefinitivamente, impreciosas no vazio de suas paredes apenas manchadas aqui e ali do bizarro colorido de alguma peça abandonada. A vista se arrasta, arrasta lentamente como a lama do fundo dos rios... Tudo isto quando em distante recanto recobriria surgir em mim mesmo um outro ser, um outro Galvão, dotado daquele mesmo sentido libertário que um poeta chamou de “borbulhar de gênio”. E a mensagem há muito contida, libertou-se. Levada pelo vento, redobrada em angústia pelos ecos alcançou a fronteira da poesia. Os homens pararam nas ruas para escutá-la. Alguns deram de ombros e seguiram o caminho. Outros, esse compreenderam-na.

Bom, meu velho, não vá afobar-se e telegrafar ansioso pelo meu estado mental. Mas é que após passar-se toda uma semana junto a um venerando sarcófago, a colar pedacinhos, a descobrir pequenas estatuetas, cacarecos egípcios, só mesmo assim. Não temos feito outra coisa no Museu que trabalhar na exposição e como estamos longe do fim. A situação permanece a mesma. Inquéritos, processos, representações e o diabo para cima de D. Heloisa. Não é para menos, os pequeninos estão dando tudo para tomarem conta do negócio, aproveita-se de tudo o que foi feito até agora, para então reabrir o Museu e fazer a “caveira” de nossa querida amiga.

Recebi sua primeira carta com a resposta ao Philipson, que já traduzi e envio cópia para você. Baldus deverá recebê-la na semana entrante. Suas perguntas aí vão:

1) Município de Pindaré-mirim (antigo S. Pedro) –população 10.475; Área -6.980 km²; habitantes por km² – 2. (Anuário IBGE 1941)

2) Nada encontrei sobre Colônia e Sta. Ingnez, mas acredito que possamos das de seis a oito mil para esta última, enquanto para Colônia já acho muito cerca de mil.

3) O Kamamo (e não kanamo) é uma Solanácea (espécie ?) – arbusto.

4) [em branco]

5) [em branco]

6) [em branco]

7) Pindova é uma designação para a plamenra babaçu nova (*Orbignia* sp.)

8) Guarima (*Ischnosiphon* sp.) Sororoca

9) Manuelsinho habitava cerca de 4 kms distante.

José Machado _____ 5 kms

10) Uma arroba equivale a 10 kilos (em alguns estados do centro vale 15 kilos)

11) Piranha (*Serrasalminae*) –surubim (*Platystomo* sp.) – Curimatá (*Prochilodus* sp.) – mandubé ([em branco]) – cascudo ([em branco]) – pirapema ([em branco])- arapó ([em branco]) – jejú ([em branco]).

12) Barbosa Rodrigues – tribo dos Tembés, festa da Tucanayra. In: Revista da Exposição Anthropologica. Rio de Janeiro, 1882. “uns grandes cabaços, cobertos de uma rede de malhas de fio de algodão, suspensos á cumieira da casa do tuxaua”

13) Enviarei o mais breve possível a modificação sobre feitiçaria. Paschoal já iniciou a remessa para você de 100 exemplares do “Parentesco”. Os primeiros devem estar chegando. Do nosso monumental e nunca visto trabalho falta-me ainda entregar a parte de religião.

Passamos a lua de mel numa fazenda de um tio de Clara (depois venha o Philipson dizer que não acreditamos na possibilidade, etc, quando o sistema é aplicável aos próprios brasileiros), “de papo pro ar” é a melhor definição de

como passamos. A Universidade está progredindo, Marina que o diga. Já estamos com quatro salas junto à Praça Mauá. Estou a espera que Ramos termine seu curso, para iniciar um de caráter mais prático. Não seria difícil conseguir excelente material com uma pequena equipe nos morros, principalmente quando o trabalho principal, a aproximação torna-se relativamente fácil através de “alguns” amigos. Ainda não procurei o Eaton, mas o farei nesta semana. José Cândido ficou de me apresentar a um outro fulano igualmente bamba. D. Heloisa não me parece muito entusiasmada com a perspectiva de minha ida, contudo espero convencê-la em tempo. Apesar das constantes “estruturações” que se vem processando nos ministérios nada há de positivo ainda. Creio que como interino não poderei sair do Brasil, mas já pensei bastante sobre o caso e a solução é, assegurada a minha bolsa, dar um gesto pouco deselegante ao interinato e cair no mundo. Perderei um auxílio valioso, não resta dúvida. Mas antes isso do que ficar parado e acabar um naturalista burocrata. Isto porque estarei garantindo para a volta, se não arranjar qualquer contrato a doce Clarinha está aí para exemplificar concretamente a falada “comunhão de bens”. “O marido da professora” não é uma profissão de que me desagrade. Termino meu curso este ano, e na pior das hipóteses poderia ensinar por algum tempo.

Estamos morando em Figueiredo de Magalhães que fica logo depois da Praça Serzedelo (Cecília deve conhecer a rua da Americana), num apartamento de uma senhora a quem alugamos um quarto e uma sala de frente pela miserável quantia de mil e quinhentos cruzeiros. Mas como eu fui burro em não ter ficado com o seu apartamento! Mas de qualquer maneira, estamos instalados, temos praia e as pequenas delícias da vida em Copacabana. Pena você não estar aqui – mais um para a fila do jantar.

Politicamente vamos aos altos e baixos, mais para baixo. Agora mesmo foi suspensa a Tribuna e Plínio está de volta e neca de Constituição. Alguns funcionários tem sido deportados (é o termo) para os Territórios sob a velha alegação, bem você sabe porque.

Agora, espere que as crianças estejam dormindo, sente-se, faça a Cecília sentar também, peça a Rosa dois wiskéis reforçados e escute uma coisa – tornei-me um poeta – no duro. Manuel Bandeira escreveu-me, respondendo a uma carta que lhe enviara, dando-me o grau. Estou a espera do próximo número da Revista Brasileira para ver publicados dois “pequenos e sem importância” poemas (Leia com p grande, a modéstia mo impede de escrevê-lo). Se não o fizerem é porque decididamente na Academia não há lugar para os novos.

Bom, queridos compadres, a carta foi mais longa e desencontrada do que eu o esperava. Clara não se incomoda de ser beijada, mas lembra também o costume brasileiro de não ser *ankantaüma*.²¹⁸ Lembranças à Rosa. Para você, Cecília e os garotos um abraço.

[sem assinatura]

19. De Galvão para Heloisa²¹⁹

Xingu 24/5/47

D. Heloisa

Aproveitando a oportunidade de um dos nossos companheiros que para aí segue, aqui vão algumas notícias.

Demoramos dois dias no acampamento do rio das Mortes, seguindo daí para a vanguarda da expedição Roncador-Xingu. Duas horas e meia é a duração do percurso, o que equivale a cerca de 400 km. Sobrevoamos a maloca dos Kalapalo, uma grande dos Kuikuro e duas outras dessa mesma tribo, porém de apenas uma casa. É alguma coisa de notável sobrevoar as matas do

²¹⁸ Egoísta, sovina, na língua tapirapé.

²¹⁹ Manuscrita.

Xingu, especialmente na confluência Kulisevo [Kurisevo] – Kuluene, região onde existem muitos lagos, inclusive o maior, à beira do qual habitavam os Kamaiurá.

No acampamento do Xingu fomos otimamente recebidos pelo pessoal da expedição, chefiada pelos três irmãos Vilas Boas. Não foi possível trazermos no pequeno *waco*²²⁰ outra bagagem que nossas redes e pequenas tralhas. O grosso da carga deve vir por esses dias.

No acampamento topamos com 3 Kamaiurá e um pequeno Trumai. Os Kamaiurá visitam constantemente o acampamento, de modo que poderemos ficar mais tempo no acampamento onde há mais recursos. Trumai e Kamaiurá não se gostam muito, os primeiros têm muito viva lembranças do “capitão Quain”.

O atual acampamento é um local magnífico pois dista menos de meio dia de uma aldeia Kamaiurá e de outra Trumai. Relativamente próximo aos Kuikuro e Kalapalo existem campos de aviação. Quer para antropologia como qualquer outra atividade do Museu a região e as possibilidades não poderiam ser melhores. Todos vamos indo muito bem. Lembranças a todos,

Galvão

20. De Galvão para Heloisa²²¹

Xingu 7/6/47

D. Heloisa

Aqui estamos mergulhados no que o vulgo chama de “*melting pot*”. À medida que vamos conhecendo melhor os Kamaiurá descobrimos cruzamentos de toda a espécie, particularmente entre as mulheres. Entre os Kamaiurá

²²⁰ Modelo de avião.

²²¹ Manuscrita.

vivem mulheres Mehinaku, Suyá, Iawalapiti [Yawalapiti] e Awety [Aweti]. Temos dois informantes Kuikuro e dois Juruna. É comum encontrarmos indivíduos bilíngües. Minha melhor informante filha de uma Awety e de um Iawalapiti é casada com um Kamaiurá e fala as três línguas.

Consegui, por isso, algo mais do que esperava. Além dos termos de parentesco Kamaiurá, tenho os dos Aweti e tenciono conseguir dos Juruna. A propósito disso, o pouco que consegui dos Juruna não me parece nada tupi-guarani, e segundo dizem os informantes, Kamaiurá e Juruna não se entendem, contrastando como os Aweti e Kajabi [Kaiabi], cuja língua dizem os primeiros é idêntica à sua.

Embora seja ainda cedo, acredito que o nosso sistema tupi está confirmado. O que me chama mais atenção é que os termos Kamaiurá se aproximam muito mais do Tenetehara que do Tapirapé ou Kaiowá.

O Tenetehara tem sido de grande utilidade. Creio que em dois meses de permanência, estaria em condições de manter uma conversa regular. Ainda estamos no acampamento da expedição, pois com o movimento de avião para cá cerca de cinquenta Kamaiurá deslocaram-se para o acampamento. Devem voltar para a aldeia hoje. Pretendemos seguir para lá na próxima terça-feira.

Nada ainda consegui sobre o uluri²²², que dizem os Kamaiurá somente não é usado pelos Suyá e Chucarramãe [Txukarramãe] (grupo a que tudo indica, também Ge [Jê]).

A aculturação é um fato, em particular na mitologia. Aliás Steinen já naquele tempo aponta a influência Aruaque. O antepassado dos Kamaiurá chama-se Mavuchinin. Steinen registra Kamuschini para os Bakairi, que o teriam aprendido dos grupos Aruaque [Aruak]. O que pude conseguir da origem do fogo e da mandioca aproxima-se muito mais do registrado por Steinen que

²²² Tanga feminina feita de buriti característica dos povos do Alto Xingu. Tal tipo de adorno é exclusivo dos povos dessa região, que foi por isso designada na conceituação de Galvão como “área cultura do uluri” ou “área cultural do Alto Xingu”.

das lendas tupi-guarani. Aliás, não apenas esses mais uma série de traços como a agricultura, navegação, danças de homens proibidas às mulheres, máscaras de danças, etc são partilhadas por todas essas tribos. Teríamos aqui no Xingu, após um bom estudo uma verdadeira áreas de cultura xinguana. Alguns grupos se especializaram, assim os Kamaiurá fabricam arco de madeira vermelha que trocam por colares de conchas, exclusivos dos Kuikuro ou panelas Waurá [Wauja].

Decidi permanecer aqui até o C.A.N. de 2 de Julho. Não fosse essa viagem aos U.S.A. voltaria para o Rio para preparar-me para uma segunda permanência mais prolongada, pois as condições de trabalho são magníficas ao mesmo tempo que reduzidas as despesas e extremamente fácil o transporte para os Kamaiurá, Aweti, Wauja, Kalapalo e Kuikuro (tupi-aruaq e Karita)

Zé Candido deve seguir hoje ou amanhã para o Mortes a fim de aproveitar o avião para o Rio nos próximos dias. Pedro que estava parado por falta de instrumental, está agora trabalhando bem. Temos nos dado as maravilhas com os Vilas Boas, chefes da vanguarda.

Quanto ao resto “vai tudo azul”.

Abraços do filho,

Galvão

21. De Wagley para Galvão²²³

Quarta-feira, 13 de agosto
217 Bayview Terrace
Port Jefferson, New York

Caro Galvão,

²²³ Inglês, sem ano, provavelmente em 1947, quando Galvão vai para Columbia. Acervo Clara Galvão.

Mandei-lhe um telegrama ontem à noite, respondendo à sua carta. Não poderei encontrar Miss Holbrook no Instituto antes da próxima semana, para conversar sobre as regras vigentes a respeito de esposas. Claro que não posso prometer nada, mas meu conselho é que você venha e traga Clara. Quando estiver em Nova Yorkue, você deve assegurar Miss Holbrook que 1) você tem um lugar para morar com sua esposa; 2) você tem fundos suficientes para dois; 3) Clara irá trabalhar ou estudar em Nova Iorque e não ficará ociosa. 4) Ambos vocês receberam afastamento de autoridades governamentais. Posso ter tudo isso estabelecido quando vocês chegarem. Meu único medo é que eles recusem o visto para Clara, tendo em vista o que é afirmado na carta sobre sua bolsa, mas mostre-lhes a carta da [Fundação]Viking e assegure a Embaixada que você terá fundos suficientes. Se acontecer algo e você precisar de uma resposta do Instituto antes de partir –telegrafe e eu tentarei faze-los telegrafar sua aprovação. Se o pior acontecer, você pode vir sozinho e Clara vir um mês depois. Ela sempre pode vir com um visto permanente. Assim, não se preocupe muito. Estou mais preocupado com sua posição no Museu do que com outra coisa. Diga para seu* Dutra que os antropólogos não podem ser ‘granfinos’* – ‘melhores condições’* não existem, a menos que ele queira fazê-lo Major e lhe dar o pagamento do Exército, caso em que eu não darei aula por um ano e viveremos todos de seu soldo e bolsas*.

Se você vier no dia 22, mande um telegrama no dia da saída. Se possível, diga-me o dia de sua chegada a Nova Iorque. O avião da Aeronáutica pára em Washington. Você provavelmente vai querer passar um dia lá descansando e dando uma olhada na cidade. Fica a quatro horas de Nova Iorque, com trens a cada hora. Você pode telegrafar de Washington dando-me seu endereço, para que eu possa reservar um quarto de hotel em Nova Iorque. Mande os telegramas para Port Jefferson, pois ficaremos aqui até primeiro de setembro. Virei à Nova Iorque para encontrá-lo e se você chegar em 30 de agosto, você e Clara estão convidados para passar o último

fim de semana na nossa casa de verão. Você vai dormir numa rede porque não há camas suficientes. Há uma cama para Clarinha.

Não estou fazendo muito esforço para procurar um apartamento para você, mas fique certo que haverá lugar para ambos. Vocês podem ficar conosco (depois de Dona Belinha viajar, em setembro) ou encontraremos um apartamento. É melhor que vocês decidam depois de chegar e melhor que eu não alugue algo de que vocês não gostem.

Eu não me incomodaria muito com o curso de inglês Bucknell. Alguns dias não bastarão para polir uma pedra rude e, de qualquer modo, tenho uma certa expectativa sádica a respeito da vingança que terei. Em seguida, quero ver Heloisa servida de uma boa dose de ‘giria’* estudantil e novaiorquina – aí, todos os meus longos anos de frustração serão apagados.

Estamos contentes que vocês venham. Claro que você deve trazer um presentinho para cada um de nós – é um velho costume tribal. Amor de todos nós.

Chuck

22. De Galvão para Heloisa²²⁴

E. Galvão
Paramount Hotel
Miami – Flo –
27-8

D. Heloisa,

Como Pero Vaz de Caminha, aqui faço saber a El Rei as primeiras notícias sobre essa memorável viagem. Voamos três dias, praticamente das 6

²²⁴ Manuscrita.

às 6, pernoitando em Fortaleza e Trinidad, com escalas em Salvador, Belém, Georgetown e Porto Rico. Viagem em boas condições de tempo e razoavelmente confortável.

Nosso primeiro contato com a estranha foi em Georgetown, porém com militares pois esta como as demais escalas são ainda terras americanas. Contudo foi bastante para sentirmos de início a diferença do inglês popular. Principalmente o falado por negros. Mas agora, em Miami vamos nos adaptando aos poucos. Apenas Clara continua “tímida”.

Para que não me considerassem um mal turista em viagem de recreio, fomos hoje até a aldeia dos índios Seminole. É qualquer coisa parecida com aqueles filmes do SPI e demos um passeio de lancha pela baía com o clássico *cicerone*, que revelando terem um tipo de mentalidade diferente, tentam inutilmente fazer cair o queixo dos “bugres” com um desfilar interminável dos preços das casas dos “reis de qualquer coisa”. Beleza tradição, etc eram argumentos secundaríssimos diante da “16.000,00” custou.

Miami, não resta dúvida, é uma Icaraí melhorada, e atualmente devido ao verão encontra-se gente de toda parte. Preços para veranistas, mas ainda assim, muito abaixo daqueles cobrados no Rio.

Seguimos amanhã para Washington, e como o avião segue até New York de aí a alguns dias pretendo aproveitar a carona até o fim. Talvez tenha que residir na capital por duas semanas para uns cursos de inglês, ainda não sei, oxalá que não.

Lembranças a D. Maria José, D. Marieta.

Saudades do filho,

Galvão

23. De Cecília para Galvão

Port Jefferson, N.Y.
22 de Agosto de 1947
217 Bayview Terrace

Caro Galvão,

Recebi ordens do “patrão” para lhe mandar umas instruções em português sobre o que você, e sua cara metade, devem fazer ao pisar terras americanas.

Primeiro espero que vocês tenham, ambos, feito boa viagem e achado as comidas de bordo bem gostosas... e que a Brazilian Aeronautical Commission lhes tenham reservado quarto num hotel em Washington não muito caro para que vocês possam melhor apreciar as belezas da capital dos EEUU.

Agora deixe-me falar sério. Acontece que Chuck não conseguiu arranjar quarto para vocês em hotel em Y.Y. para antes de 2 de Setembro, dia aliás em que pretendemos regressar à cidade. Isso devido a um congresso de Veteranos que terá lugar em N.Y. Por isso vocês estão obrigados, caso cheguem antes do dia 2 de Setembro, a vir diretamente para esta “grande cidade balneária” onde nos achamos veraneando. Aliás, o weekend de 30 de Agosto a 2 de Setembro é o maior, e mais popular, de todo o verão americano e onde o sujeito, goste ou não, tem que fazer uma viagem de férias.

Aqui vão portanto os detalhes: tome um trem de Washington (de hora em hora) “coach” que trará a Pennsylvania Station em N.Y. que é a mesma estação onde se toma os trens para Long Island onde se acha situado Pot Jefferson. Imagino que vocês não trazem muita bagagem (peço a Deus que o piano e o papagaio de Clara tenham sido barrados no aeroporto no Rio) e sugiro que vocês ponham numa pequena “suitacase” (o nome em inglês para valise) o que vão precisar aqui (roupas de verão, mas um sweater e roupa de banho) para

trazerem para aqui e o restante da bagagem podem “checkar” na própria estação no ckeck room (mas não perca o talão). A estação para Long Islnad é um patamar abaixo, na Pensylvania Station, onde você deve comprar 2 tickets para Port Jefferson (incluo uma “time table” com os horários dos trens para aqui. A única dificuldade é que vocês terão que fazer baldeação em Jamaica, que fica uns 15 minutos depois de sair de N.Y. Se vocês não nos encontrarem na Estação aqui (isso caso não soubermos o trem que vocês vão tomar) tomem um táxi (que só cobra 50 centavos para os dois) para o nosso endereço que também pe conhecido como bungalow de Nrs. Bishop em Port Jefferson Harbor.

Espero que vocês aqui cheguem em tempo para aproveitar uns dias conosco onde farei o possível para dar umas boas comidas: feijão preto, milho verde e um restinho de farinha que mamãe trouxe do Rio. (Carne é muito cara e ovos também...)

Com um até breve, enviamos todos os nossos abraços de “welcome”.
Cecília

Chuck manda dizer que caso você não confie no check room da estação, que você deve tomar um táxi e ir ao nosso apart. Em 15 Claremont Aveneue – apt. 23 – perto da Columbia University onde poderá deixar a sua bagagem. O pro. Kroeber está lá morando e Chuck já escreveu a ele a seu respeito.²²⁵

24. De Galvão para Heloisa

E. Galvão
Friendly Cooperative House
1320 Vermont Ave.
Washington D.C.
1/9/47

²²⁵ Post script manuscrito na lateral da carta.

D. Heloisa

Este será meu endereço até o próximo dia 18. É uma espécie de república de estudantes onde se aluga o quarto e o uso da cozinha. Dez dólares semanais, sem dúvida, muito mais em conta que o hotel onde estamos, o qual nos subtrai sete dólares diários sem refeições.

Uma carta de Wagley com instruções para seguir diretamente para Long Island já me esperava. Contudo, devo submeter-me a um curso de orientação aqui em Washington, por três semanas. Telefonei para Chuck, combinando um encontro aqui no dia 12. Toda a grande família de nosso amigo vai indo bem.

Terminado o *business* com o Instituto aproveitamos esse fim de semana para passear. Estivemos ontem no National Museum, além de correr alguns monumentos e edifícios públicos. Hoje fomos ao Jardim Zoo onde passamos a metade do dia. Com o tempo pretendo visitar outros lugares e procurar o nosso amigo Kellog.²²⁶

O museu impressiona pela grandeza, quer do edifício quer pelas salas de exposição. Bom Material do Pacífico, África, Norte e Centro América, pobre no que se refere à América do Sul, em particular do Brazil, cujas peças mais significativas são de uma pequena coleção Bororo, enquadradas com outras em “Tribos do Amazonas”. Acostumado como estou à nossa exposição, não gostei dessa no conjunto. Muito pesada, armários antigos e abertos de todos os lados, grande acúmulo de peças. Alguns setores porém são muito bem arranjados, principalmente em paleontologia humana, onde se ligam por meio de gráficos e pequenas aquarelas, os característicos físicos do homem X a cultura específica da época em que viveu. As legendas são em geral mais sucintas que as nossas, sendo na maior parte das vezes o simples designativo do objeto. Gostei de alguns grupos naturais e acredito que se fossem em menor número a impressão seria melhor. Um deles, com manequins em tamanho natural demonstrando o

²²⁶ Herminton Kellog era curador da Divisão de Mamíferos do National Museum, Washington.

uso do tipiti e as várias fases do trabalho da mandioca está muito bom. De Marajó possuem apenas um armário com umas poucas peças sem grande beleza, urnas comuns. Boa coleção de sarcófagos, restaurados sem mostrar diferença da restauração para o original, porém apenas uma múmia. Peças greco-romanas, em cuja disposição e mesmo em representação de tipos, inferiores às nossas. Não vale a pena falar de América Central e culturas norte americanas, pois não há termo de comparação. Essa foi a minha impressão de uma primeira visita pouco demorada e ainda sem conhecer a disposição de salas e conjuntos.

O curso de orientação terá a vantagem de facilitar o acesso a todos esses lugares, aguardo por ele para entrar em contato com o departamento de antropologia do Na. Museum.

Gostaria de saber alguma coisa do meu pedido de licença e aconselhar-me com a senhora se é conveniente pedir demissão do cargo ao esgotar-se o prazo de trinta faltas no caso de uma resposta negativa. Por outro lado, sei que tenho direito de um terceiro pedido de reconsideração, que peço à senhora, se for o caso encaminhar. O dinheiro que tenho dará mal e mal, mas poderei viver decentemente. O que não é muito agradável é perder um lugar pelo qual tanto lutamos.

Abraços,

Eduardo

25. De Galvão para Heloisa

E. Galvão
c/o Charles Wagley
15 Claremont Ave. Apt 23
New York City 27, N.Y.

20/9/47

D. Heloisa,

Cá estamos, New York City, Columbia University, Wagley's *home*. Parece incrível, mas é verdade. Quando recordo toda aquela semi-tragédia que foi a longa espera de três anos, incertezas quanto à bolsa, dificuldades para chegar a uma solução final, e de uma hora para outra, me vejo escrevendo daqui, fico “maginando”. Não é uma atitude de surpresa, apenas aconteceu alguma coisa. Primeiro Washington, agora – New York, e nada daquele choque, daquela sensação de estar vivendo uma outra vida. Não sei se o cinema, se os amigos, mas o fato é que nos sentimos como se já há tempos conhecêssemos tudo isso.

Ainda hoje me arrependo de ter parado em Washigton e ter me apresentado ao Instituto para o tal curso de orientação. Foram duas semanas, apenas não inteiramente perdidas porque pude conhecer o pessoal do National Museum e bater bons papos com Kellog. Após uma série de cartas de lá para cá e vice versa, os iluminados do Instituto chegaram a conclusão que não necessitava do curso de orientação e que poderia aproveitar o tempo no Museu ou viajar imediatamente para New York. Mas já era tarde, havia recebido um cheque para manutenção enquanto freqüentasse o curso, e não houve remédio senão ir até o fim. Washington parece um verdadeiro asilo para a velhice desamparada, e apesar dos monumentos, de tudo o que possui de histórico é simplesmente aborrecida.

Contudo, como já disse, não perdi de todo o tempo. Estive com [Julian] Steward e Newman, antropologia física; com Krieger e Foster de antropologia social. A impressão que se tem do Museu por dentro é bem diferente daquela que se sente frente à exposição. Uma excelente organização acima de tudo, e séries e mais séries quer em antropologia física como cultural. A divisão em física, etnologia e arqueologia se assemelha à nossa. Possuem além disso um laboratório de montagens e um outro serviço de desinfecção de coleções. Para

isso usavam o bisulfureto de carbono, mas um curto circuito provocou uma explosão sem maiores conseqüências, o que fez substituir o inseticida por outro, cujo nome não me lembro no momento. Os grupos etnográficos são muito bons e acho que poderíamos usá-los em escala reduzida no nosso Museu, pois achei mais interessantes as maquetes, feitas como aquelas que o Simoni desenhou para a exposição, que os grupos em tamanho natural, onde a todo o momento se sente a impressão de artificialidade. As maquetes, sem maiores pretensões, e infinitamente mais fáceis de fazer, são de grande ajuda para o público “menos letrado”.

Chegamos no dia 17. Wagley arranhou-me uma espécie de hotel, em que ficaremos até achar um apartamento. Pensamos a princípio morarmos juntos, mas surgiram umas tantas dificuldades, especialmente quanto ao uso da cozinha que devido às crianças já está superlotada. Por outro lado, como nossa estadia é demorada será sempre melhor arranjar-mos alguma coisa mais nossa. Contudo não está nada fácil encontrar apartamento e é bem possível que no fim tenhamos mesmo que morar com eles. Já escolhemos o curso, ficarei em cinco como aluno regular e três outros como ouvinte. [Ruth] Bennedict, [Julian] Steward, [George] Herzog, [Harry] Shapiro²²⁷ e [Duncan] Strong serão os meus professores. Teoria de antropologia, área do *Southwest*, lingüística, pré-história e antropologia física, além dos cursos de antropologia geral, lingüística e fonética prática. Os primeiros meses serão difíceis, mas acredito que serei bem sucedido. Tenho pelo menos a ajuda de um bom treinamento no campo e algum conhecimento do que seja antropologia. As aulas terão início no dia 26 o que me dá uma semana para mais ou menos preparar-me.

Betty e Bill estão notáveis, principalmente Bill que fala um inglês misturado com português e não pára quieto. Betty já sabe diferenciar as duas línguas e não tem dificuldade em se fazer entender. Wagley continua o papai feliz e Cecília está uma perfeita americana.

²²⁷ Harry Lionel Shapiro (1902-1990) antropólogo americano que estudou mistura racial e antropologia física. Contribuiu para o desenvolvimento da antropologia jurídica.

Lembranças a D. Maria José e D.Marieta. Wagley e eu aguardamos a sua vinda.

Abraços, Galvão

26. De Galvão para Heloisa

Eduardo Galvão
21 Claremont Ave. Apt 34
New York 27 – N.Y.

9/10/47

D. Heloisa,

Recebi há dois dias carta dos velhos anunciando a solução ao pedido de afastamento. Após tão prolongada espera, em que se sucederam as idas e vindas de uma seção para outra, esse pedido teve a mesma sorte prosaica de tantos outros, justos ou injustos, a vala comum dos “arquite-se”. Não foi surpresa, pois já o despacho anterior anunciava qualquer coisa parecida para um segundo, e não poucos casos idênticos tiveram o mesmo desfecho. Contudo, não pude deixar de ficar decepcionado. Não tanto pelo fato de perder um apoio material que muito facilitaria minha vida nos Estados Unidos, como por ser obrigado a deixar o Museu, a que já havia me habituado a considerar uma segunda natureza. Afinal, de 1939 para cá, todas as minhas atividades tem sido sempre função do Museu, ou no que, traduzidas em termos de trabalho ou estudo, pudessem resultar para o Museu. Mesmo agora que sou levado a deixar o Museu, por paradoxal que pareça, a razão ainda é benefício de “casa”. De maneira alguma deixaria de lado essa oportunidade de estudar em Columbia, que há tantos anos viemos cuidadosamente planejando, para esperar que um desses fenômenos imprevisíveis acontecesse e me fosse concedida outra em iguais condições. Sobre o futuro, continuo a não pensar, acredito ainda na possibilidade de voltar a trabalhar para o Museu. Se não for esse o caso, será

então tempo de pensar que alguma coisa está errada, em mim ou nos outros, e buscar uma solução.

O curso de doutorado me Thomará mais dois anos. Para esse primeiro ano o orçamento já está devidamente calculado, e embora estreito, dará margem a uma sofrível. Para o segundo ano dependerei da renovação da bolsa, e possivelmente um emprego qualquer ligado a antropologia. Por outro lado, Clara poderá me ajudar também trabalhando. Aliás já começou, está ajudando numa escola de crianças, e assim que seu inglês estiver em forma procurará por algo mais lucrativo. Temos um apartamento num dos prédios da universidade que garante pelo menos essa despreocupação, a de ter um lugar para morar. Wagley e Cecília muito nos têm ajudado nessa fase inicial de adaptação.

Estou estudando com Benedict, Strong, Herzog, Shapiro, [Gene] Weltfish²²⁸, Steward e [David] Bidney²²⁹. As aulas são relativamente pouco, compensado, ou diria melhor descompensado isso pelo que se exige de leituras. Trabalho na universidade de nove as seis, e ainda à noite, em casa, lendo. Uma vez por semana nos reunimos num seminário em que os estudantes graduados ou professores apresentam problemas para discussão. Por enquanto ainda estamos nas introduções a isso ou aquilo, o que me dá certa vantagem, pois já conhecia essa bibliografia e princípios básicos. Creio que graças à experiência de campo e conhecimento geral de antropologia, não terei grande dificuldade em acompanhar os diversos cursos. Por enquanto o único que me dá dores de cabeça é o de processos e dinâmicas de cultura com Bidney e Steward. O primeiro resolveu nos convencer da necessidade de metafísica em antropologia o que reunido à sua péssima dicção e grande controvérsia no assunto, já é em si mesmo uma metafísica.

²²⁸ Gene Weltfish (1902-1980). Fez pesquisa com os Pawnee índios de Okalahoma. Foi eleita em 1945 vice-presidente da associação feminista americana *Women's International Democratic Federation*.

²²⁹ David Bidney (1908-1987) nasceu na Ucrânia e formou-se em Filosofia e Psicologia em 1928 pela Universidade de Toronto, onde atuou como professor entre 1932 e 1934. Foi ainda professor das Universidades de Yeshiva e Yale.

Junto estou enviando um pedido de demissão, que não sei se chegará em tempo ou será necessário, deixo a seu julgamento. Está talvez um pouco confuso, mal dito, porém expressa os mesmos sentimentos confusos que uma tal coisa me leva a escrever.

Como já disse, meus planos continuarão inalterados na medida do possível. Gostaria de receber carta sua, de modo a continuar me sentido ligado ao Museu, pelo menos na 'estaca zero' de praticante.

Lembranças à D. Maria José e D. Marieta. Abraços do desempregado,
Galvão

27. De Galvão para Heloisa

Eduardo Galvão,
21 Claremont Ave. apt 34
New York 27 -N.Y.

17/12/47

D. Heloisa

Razão tem os americanos de estranhar o nosso "cafezinho" nas horas de trabalho. Porém, muito mais razão temos nós para não nos conformar com essa agonia pela velocidade. Meu bom feijão com arroz e farinha no almoço substituído por um *sandwich* de qualquer coisa e um clássico copinho de vitaminas. Isso tudo para ganhar 15 minutos de um dia de vinte e quatro horas. Às quatro liberdades da Carta do Atlântico adicionaria uma quinta - a liberdade de almoçar descansado.

Teremos na próxima semana as férias de Natal, e com isso praticamente encerrado o primeiro semestre. Exames de qualificação em janeiro e novos cursos em Fevereiro. Esses exames, espécie de vestibular ao contrário ou de entrada livre e saída paga, estão me preocupando. Pelo que pude saber dos

anos anteriores toda a pressão é colocada no conhecimento de bibliografia. Outro fator desmoralizante é o inglês, pois pela própria experiência sei o que é a agonia de escrever sobre um ponto teórico sem uma ajudazinha de D. Marieta. Enfim não será a primeira vez, tão pouco a última, em que serei torturado diante de uma “banca”.

Os cursos tem sido mais ou menos bons. O de Lingüística, dado por Herzog, é para mim o pior pelo complexo da matéria, tanto quanto pelos altos e baixos desse professor que é um verdadeiro boêmio. Essa história de explicar o soluço crônico dos Bushman por uma fórmula algébrica é difícil de atravessar a massa cinzenta. Benedict desenvolveu a história da antropologia. Um tanto esquemática e simplificada. A princípio muito bem, porém à medida que chegamos ao presente o menos que posso dizer é “e a confusão era geral...” Estou eu afundado até o pescoço em personalidade e cultura, mas de um tipo excessivamente Benedicteano, que por estranho que pareça parece mais a busca de uma personalidade ideal. Isso misturado com uma boa dose de “humanismo” no seu sentido menos científico e um absoluto reacionarismo às tentativas de generalizações sobre fenômenos culturais, tendência que dia a dia se acentua entre os antropófagos da terra. Steward em seu curso sobre dinâmica cultural está um verdadeiro apóstolo de um neo-evolucionismo. Suas aulas têm sido muito boas. Boas vai sendo esquecido e passando de moda. Seus alunos libertados do tabu de falar ou pensar em termos de generalizações e leis em antropologia reagem agora. Os demais cursos estão bons. Mudei de antropologia física para biologia humana a conselho do próprio Shapiro. O primeiro é um curso de técnica, enquanto o segundo refere-se à teoria geral de antropologia física e suas relações com a irmã gêmea.

Conheci Mrs Quain que aqui passou alguns dias. Ela entregou as notas de Quain a Benedict sugerindo-lhe que me aproveitasse para os trabalhos de organização e edição do trabalho (Trumai). Benedict, porém, que está com o dinheiro ainda não me falou nada.

Clifford Evans e esposa (Betty Meggers) planejam trabalhar em Marajó no próximo ano. Ele é assistente do Departamento, especializado em arqueologia. Ultimamente trabalhou no Peru com Strong e [Wendell] Bennet. Sua esposa, de mesma especialidade, publicou no Handbook um artigo sobre Marajó. Seus planos dependem muito do dinheiro que puderem arranjar por aqui. Sugerir que lhe escrevessem pois o projeto pareceu-me interessante.

Metraux continua eufórico sobre o projeto do Amazonas. Nas suas últimas conversas com Wagley sugeriu a possibilidade de um trabalho para o próximo verão (junho a setembro). Wagley empurrou-me para o projeto. Trabalharíamos novamente juntos, durante esses três meses numa comunidade como Gurupá. A idéia me subiu à cabeça. Uma pesquisa de campo e ao mesmo tempo um galho para passar o verão, período em que a bolsa não funciona e em que teria que arranjar outro emprego. A senhora será com certeza consultada e pelo amor de Deus não deixe de encará-lo com simpatia. Esse projeto porém ainda está muito no ar e não quero entusiasmar-me demasiado.

Mrs Pessoa, aquela das máscaras Kaiowá é a tal que não usa Lifebuoy em Columbia.²³⁰ Temos conversado ligeiramente de tal modo que ainda não pude avaliar a intensidade de suas luzes. No momento está escrevendo ou pelo menos “*is supposed to*” uma tese sobre a idéia do dilúvio na mitologia. Realmente é preciso coragem e muita água.

De resto tudo continua segundo os planos previamente estabelecidos. Após altos e baixos conseguimos estabilizar nossa despesa em volta de 200 dólares mensais. Isto sem maior sacrifício. De casa para as aulas e vice e versa com um cinema de vez em quando, ou um jantar na casa dos amigos. Por outro lado, a minha absoluta falta de senso turístico para as paisagens de concreto, é outro fator para desenvolver uma vida mais caseira. Tenho comprado alguns livrinhos, mas não deixei de ficar surpreso com o elevado preço dos mesmos. Surpreso porque estava acostumado à propaganda aí no Brasil onde sempre se

²³⁰ Lifebuoy era o nome de um sabonete na época e a expressão “é o tal que não usa lifebuoy” havia sido popularizado pela publicidade dele.

contrasta o preço barato dos livros aqui às edições daí. Sem dúvida um *Pocket book* custa 25 ¢, mas qualquer coisinha em antropologia não custa menos de 3 dólares. Minha bolsa pelo *Institute of International Education* possivelmente será renovada. Dois anos será o prazo mínimo para o doutorado. Exigem um mínimo de 60 créditos; em cada semestre não posso fazer mais do que 15, ou seja cinco cursos.

Clara vai aos poucos perdendo o complexo do inglês. Além de trocar aulas com as minhas colegas, trabalha durante as manhãs numa *nursery school*. Como os garotos não querem saber se ela é brasileira ou não, ela não tem outro jeito senão falar e fazer-se entender. Bill e Betty estão nessa mesma escola e sentem-se muito felizes por demonstrar diante da audiência mirim os seus conhecimentos lingüísticos. Bill está simplesmente notável, com a maior sem cerimônia mistura as duas línguas, só sabe brincar em inglês e apelar para os mais velhos nos momentos “difíceis” em português. Essa brincadeira do coleginho também tem seu outro lado agradável que é o de permitir uma pequena renda, quando não seja, dá para a cervejinha. De brasileiros não temos visto praticamente “ nenhuns”. Encontramos fortuitamente com Vera aqui em N.Y., porém como Washington fica a boa distância ainda não pudemos bater um bom papo.

Estou aprendendo muita coisa interessante sobre N.Y. através das cartas de D. Leticia, que ao que me parece já leu todos os catálogos da *Exprinter* e assim em cada carta conta-me algo ou indica algum passeio. O pior é que se esquece de contar as coisas daí que pelo paralelo daqui me deixam simplesmente de orelhas quentes.

Bom, por aqui vou ficando. Desejamos a D. Maria José e D. Bemvinda²³¹ um feliz Natal e um Ano Novo na medida do que for possível de bom.

Saudades do filho,

Galvão

²³¹ Mantivemos a grafia como no original. Provavelmente refere-se à Marieta, irmã de Heloisa.



Propaganda do sabonete Lifebuoy.

28. De Galvão para Heloisa

E. Galvão
21 Claremont Ave, apt 34
N.Y. 27 – N.Y.
Fevereiro 15, 1948

D. Heloisa

Um semestre já são passados e com isso algum tempo a menos nesse cativeiro. Vivemos um inverno que sem dúvida aumentou de muito o meu cabedal para aquelas [conversas] sobre o tempo. A neve está derretendo, as ondas frias de *cold* Thomaram rumo, e os jornais já anunciam modas da *Spring*. Minha crucificação no tal exame preliminar também já é coisa do passado. Saí-

me com um B, cuja natureza resolvi por bem não investigar. Entre as certezas de uma dúvida é preferível a dúvida de uma incerteza. Não pude porém deixar de desgostar-me com essa letra que se presta a associações tão vulgares.

Para o segundo semestre continuo enrolado²³² nos mesmos cursos, exceto o de Benedict que terminou e substitui por um de Steward. Benedict está aliás dando nesse período o seu célebre curso sobre Personalidade e Cultura, a que estou assistindo como ouvinte. Decididamente ela ainda é o maior cartaz da Columbia, o curso é assistido por mais de cem alunos. Cumpre notar, porém, que do departamento de antropologia somos apenas meia dúzia, e assim mesmo, ouvintes. Os demais vêm dos departamentos de Psicologia e Sociologia. Não quero insinuar nada com isso, mas parece-me que o fato é um tanto significativo. Tem porém a sua explicação – Benedict fossilizou-se nesse assunto de personalidade e cultura, que todos antropólogos aceitam como consumado e passado. A nossa amiga, porém, o apresenta com o entusiasmo de uma descoberta. O pior é que de uma *approach*²³³ (creio que na volta precisarei de D. Bemvinda para me ajudar com o português) passou a considerá-la a única. Com a fé de um padre Pinto anatematiza o “super-orgânico” ou qualquer outra tentativa de se considerar a cultura “independente” do indivíduo. Apesar disso, porém, seu último *“The Chrysanthemum and the Sword”* é bastante interessante.

Enfim, vai-se vivendo e lavando a roupa suja da antropologia. O pior é passar nas leituras, de um tipo de interpretação para outro completamente inverso e oposto, e se tirar por si mesmo a média. Isso porque não se trata de discussões passadas em que se tem a perspectiva do tempo ou do juízo crítico da maioria, mas porque são problemas atuais. Tenho lucrado imensamente. Apesar de toda confusão sobre regularidades e irregularidades vou tirando de meu alguma coisa. Estava por demais viciado num tipo de leitura.

²³² de *enroll* [nota do autor] – matriculado.

²³³ abordagem.

O exame foi doloroso. Tendo por base os questionários de exames passados nos preparamos intensamente para um tipo de perguntas e veio outro completamente diferente. Quatro horas apenas para uma soma considerável de questões. O pior são as tais que pedem por um “*outline*”,²³⁴ porque se já sou esparramado na língua mãe, em inglês então, fico a dar voltinhas na frase para contornar aquilo cuja a tradução literal não me ocorre no momento. Fiquei, acrescente-se, como a virtude, no meio. Um colega português por pouco não foi à brocha (como diz ele) devido a seu inglês. O próximo exame será mais fácil. Todo o semestre dedicado à discussão de teoria, não exigirá o esforço de memória que o primeiro obrigava, com as ladainhas sobre o paleolítico e coisas que tais.

Completamos a semana passada a edição inglesa dos Tenetehara. Estou agora as voltas com a parte em português para enviá-la tão cedo quanto possível afim de que saiam ao mesmo tempo. Aqui teremos pelo menos um ano de espera.

Os planos de viagem para o Amazonas continuam no mesmo pé. Somente em Abril teremos alguma coisa de definitivo. Até lá Wagley e eu vivemos de esperanças e idéias. Vamos iniciar aqui um seminário de cultura portuguesa com elementos da culónia. Se os resultados corresponderem à nossa expectativa, teremos um ótimo material para contrapor a qualquer estudo de aculturação de grupos brasileiros.

Meu problema continua o verão, pois ficarei desembolsado durante esse período. Aliás, inscrevi-me para renovação da que o Instituto concedeu-me o ano passado e numa outra para a *tuition* de Columbia. Nossa querida alma mater houve por bem aumentar as mensalidades para 600 dólares anuais. As possibilidades de renovação no Instituto são boas, porém ficarei no escuro até junho ou julho, quando serão publicados os granteados. De qualquer maneira

²³⁴ sinopse ou minuta

me restará a possibilidade de um parte táime job²³⁵. Já que estou na dança, continuarei até o fim.

Terá recebido uma carta do Strong falando dos planos daquele casal de arqueologistas de que lhe falei em uma das cartas? O casalzinho está ansioso por notícias daí, principalmente agora que ele completou com muito sucesso seus exames para o P.H.D. Cliff ainda está com o português enferrujado, porém sua esposa, Betty que troca línguas com a minha cara metade, está no ponto. Não haveria um meio de incluí-los numa excursão para Marajó? Conseguirão algum dinheiro aqui, e pelo que sei, teriam muito mais facilidades se pudessem contar com a ajuda do Museu, mesmo não monetária. Uma carta que a sra. escrevesse ao Strong dando seu apoio à pesquisa, seria uma boa chave para arrancar alguns dólares da Viking ou mesmo da Columbia.

Não tenho tido muitas notícias do Museu, mas pelo pouco que sei parece-me que as coisas andam melhor. Soube da chegada de Moojen²³⁶ que esperava encontrar aqui, possivelmente tomou outro caminho. Uma vez por outra respingam nos jornais daqui breves notícias sobre os últimos acontecimentos. Os detalhes me chegam um mês após com os jornais que os velhos enviam. A velha Letícia continua “agitada” com o frio daqui.

Bom, aqui vou ficando. Abraços em D. Maria José e D. Marieta. Saudades de *both* nos ambos

Galvão

²³⁵ de *part-time*, tempo parcial.

²³⁶ Provavelmente trata-se de João Moojen (1904-1985), farmacêutico mineiro que cursou a Faculdade de Farmácia no Rio de Janeiro. Em 1939 ingressou na Divisão de Zoologia do Museu Nacional. Dedicou-se ao estudo dos mamíferos e atuou como professor de História Natural, Biologia Geral e Zoologia em diferentes instituições de ensino e pesquisa no Rio.

29. De Galvão para Heloisa

E. Galvão
21 Claremont Ave. ap 34
New York 27, N.Y.

10.3.48

D.Heloisa

Recebi hoje um telegrama assinado Nazareth, Diretor de Pessoal M. Educação nestes termos “Comunico-vos tendes prazo de 10 dias contados data recebimento deste apresentar defesa acordo artigo 274 Estatuto Funcionários processo abandono cargo em curso nessa divisão.”

Embora não me chame Manoel nem more em Niterói, acho que a coisa é comigo. Não tenho idéia de que artigo seja esse, mas vou procurar me informar no consulado. Em Outubro passado escrevi uma carta à senhora em que juntava um pedido de demissão e deixava a seu critério resolver da conveniência ou não de encaminhá-lo. Como não tivesse resposta sua, telegrafei, hoje, pedindo que me informasse sobre isso para resolver se devo ou não me referir a essa carta na minha resposta ao Ministério. Acredito mesmo que eles de qualquer maneira não a levem em consideração visto que deveria segundo a bíblia administrativa aguardar pelo despacho na sede. Procurarei explicar ao Seu Nazareth que não me restava outra alternativa que seguir para cá com ou sem licença e espero que ele se sinta satisfeito com a explicação e o caso fique encerrado sem maiores aborrecimentos. Não tenho a menor idéia de que pode resultar de um tal processo. Lourdes de Sá Pereira também recebeu um desses bilhetinhos amorosos e está ligeiramente assustada, pois lhe andaram falando em multas, prisão e excomunhão até a 5ª geração. Quando saí daí creio que o máximo que podia acontecer era a impossibilidade de se conseguir uma nomeação pelo Governo após uma saída à francesa, ignoro se houve mudança no estatuto dos escravos. Gostaria em todo caso que a senhora me escrevesse me dando mais ou menos uma idéia do final desse romance.

O Wagley recebeu comunicação de Paris que os meus planos de pesquisa no Amazonas estão praticamente aprovados e sacramentados. O dinheiro ainda não veio mas já está prometido. Acreditamos por isso que finalmente o planinho de estudar Gurupá durante os meses Maio a Setembro venha a se realizar. Dado o porte dos investigadores será, sem dúvida um sucesso. Pretendo por isso embarcar para Belém em meados de Maio tão cedo termine os exames. O Wagley fará o mesmo porém dará antes um pulo até aí ao Rio para deixar a patroa e filharada com D. Belinha. Clara e eu ficaremos mesmo pelo Amazonas, pois não podemos nos dar ao luxo desses passeios sentimentais. Em Setembro de novo a volta para Columbia para o ‘sangue, suor e lágrimas’ do segundo ano.

Cliff Evans está muito satisfeito com sua resposta, principalmente pelo interesse que a senhora tomou escrevendo aos donos dos “mounds”. Ele pensa conseguir uma subvenção da Viking esta semana e já está em francos preparativos para embarcar em Junho. Seu plano é demorar umas poucas semanas no Rio a fim de aproveitar ao máximo o campo.

Soube que Tarcizio e Philipinho de S. Paulo bateram as asas para os Kaiowá. Estranhei que nenhum dos dois tivesse escrito pois tinha uns recadinhos que gostaria que levassem.

Meus planos como vê estão muito cor de rosa e não sei até que ponto conseguirei realizá-los, principalmente, após o discurso de Truman – enfim vamos ver. Abraços a D. Maria José e D. Marieta e para a senhora.

Galvão

30. De Heloisa para Galvão

Ministério da Educação e Saúde

Rio de Janeiro, 30/3/1948

Meu caro Eduardo:

Há realmente alguma coisa de extraordinária quando as cartas atravessam o Equador. Mudam de sentido ou pelo menos são interpretadas com um sentido oposto àqueles que se lhes dá quando são escritas.

Na carta que escrevi ao Strong recusei-me a receber gente para trabalhar no Museu antes de junho de 1949. Referi-me apenas ao fato de ter escrito a fazendeiros de Marajó somente para frisar as circunstâncias de que eles não responderam (o que ainda não fizeram até hoje) e demonstrando assim o seu pouco desejo de ter escavações em suas terras.

Mando aqui cópia da minha carta ao Strong e peço a V. que faça bem claro aí que eu não quero receber gente para trabalhar no Museu este ano. Se eles cometerem a imprudência de vir, eu embarcarei para qualquer lugar no dia imediato ao da chegada e de lá só voltarei quando souber que já foram embora. Chegou a hora de pensar antes de tudo em mim. E já vai tarde...

O seu processo – graças à minha rica pessoa – será transformado em simples exoneração. Penso que tudo se resolverá esta semana.

Quanto à sua vinda ao Brasil acho que é uma idéia muito infeliz. A situação aqui está má e tende a piorar muito, segundo informação muito segura que tenho. Acho que V. deve ficar por aí mesmo e dar graças a Deus de ter onde ficar. A sua saída daqui ou a sua entrada aí, de volta, será barrada na certa.

Um abraço

21 Claremont Ave. ap. 34
New York 27.
N.Y. U.S.A.
HAT/VPM.

31. De Galvão para Heloisa

E. Galvão
21 Claremont Ave. apt 34
N.Y. 27 – N.Y.

Abril 5, 1948

D. Heloisa

Acho que a senhora tem razão. Está havendo algum mal entendido no caso dos Evans de que talvez eu seja culpado por estar me adiantando em projetos que não dizem [respeito] diretamente a mim. Já tinha conhecimento de sua carta ao Strong quando lhe escrevi da última vez. Recebida agora sua carta de trinta último, continuo a pensar que interpretei corretamente o sentido do que estava escrito.

Mencionei que os Evans pretendiam passar apenas uma ou duas semanas no Rio, pois querem aproveitar em trabalho de campo o máximo do tempo que têm a seu dispor. Pelo que os Evans falaram comigo deduzi que pretendiam tão somente trocar idéias com a senhora. Sua carta ao Strong, não faz qualquer objeção ao trabalho de campo, exceto no que se refere à dificuldades locais em Marajó. Como os Evans não pretendessem trabalhar no Museu este ano, não vi nenhum desacordo entre a sua carta e o projeto deles. Já lhes havia descrito, aliás, como está o Museu, e da impossibilidade deles aí trabalharem sem perturbar os trabalhos em andamento. Como pretendessem ir até ao Rio apenas de passagem, e isso não parecesse interferir com seus planos, fui o primeiro a encorajá-los para uma boa temporada em Marajó ou outro sítio que a senhora considerasse de interesse.

Por sua última carta, vejo que talvez eu não tenha acentuado bastante bem esses pontos, pois a senhora me pede que eu realize o seu desejo de não receber gente para trabalhar no Museu este ano. Pedia por isso que a senhora me escrevesse novamente, dizendo se estou compreendendo bem o seu ponto de vista ou não: a) o museu não pode receber gente este ano para trabalhar no

Museu; b) não há objeção de sua parte ao trabalho de campo em Marajó, este ano.

Graças que se resolveu o meu processo em simples exoneração, a senhora conhece D. Letícia e sabe como ela não estava afobada, já me imaginando um segundo Monte Cristo nas galés. E por falar em processo aqui vai a última que me aconteceu. Wagley distraído acendeu um cigarro no *subway*. Imediatamente um policial passou-lhe um bilhetinho para que comparecesse à corte local por infração do código sanitário, etc. No dia, porém, um dente complicado deixou-o de cama. Lá fui eu com o bilhetinho, crente que era só pagar a multa e mais nada. Mas lá chegado fui dirigido para a sala de julgamentos sendo instruído que aguardasse a chamada pelo juiz. Comecei a ver as coisas pretas e não sem razão. Casos de cachorro que mordem o vizinho, violações de tráfego, etc. Multinhas de 2 a 50 cinquenta dólares ou tantos dias de grade. Afinal fui chamado e obrigado a todo o ritual, ficar de pé diante do juiz, ouvir o artigo do código, acusação, etc, e ainda por cima explicar a complicação do dente. Nessa hora já estava gago. Felizmente, porém, lembrei-me dos filmes em que o mocinho pronuncia o clássico “*guilty*” e lá produzi eu a palavra mágica. Dois dólares ou... não foi preciso dizer o resto porque já estava com o dinheiro na mão e perfeitamente contrito do crime que não era meu.

Quanto ao resto vamos seguindo a velha rotina. Steward está qualquer coisa como o Leônidas da antropologia local. Fiquei um tanto congelado com as perspectivas que me apresenta sobre a minha ida à Gurupá.

Bom, já tomei bastante do seu tempo. Lembranças a D. Maria José que esperamos esteja melhor e à nossa tradutora oficial. Abraços nossos,

Galvão

O meu apertado abraço - Clara

E. Galvão
15 Claremont Ave. apt 23
New York 27 -N.Y.

Maio 22 [...]

D. Heloisa

Maio, mês de Maria, foi aqui em nossa tenda árabe de pouco trabalho o mês do pega pra capar. Clara nervosa, eu com dor de barriga e os Wagley de resguardo simpatético. Há seis meses quando decidimos embarcar na aventura tudo pareceu azul com bolinhas cor de rosa. Organizei um *esquediule* ²³⁷ em que os famosos *required readings* ²³⁸ entravam e saiam de minha mesa com precisão de horário de estrada de ferro movimentada. Mas, e tinha que acontecer, uma noite de preguiça ou uma manhã de ressaca, foram com a repetição anarquizando o belíssimo plano quinquenal. Ainda assim consegui atamancar mais ou menos o programa. Os exames foram marcados para 16 e 17, oito horas cada dia. Meia hora pra cada três pontos. Meu peso estava com Steward (teoria), Strong (arqueologia e etnografia americana) e Wagley. O resto mais ou menos distribuído a seis ou três pontos por cabeça da faculdade. No primeiro dia correu tudo bem, exceto por uma pergunta de Mead sobre *mother-child communication* e *character structure* que nem eu nem ela sabíamos muita coisa *about*. No segundo dia Shapiro acertou-me em cheio com uma miserável pergunta sobre a técnica de mapear cromossomas. Minha situação era mais ou menos idêntica a do português da anedota, não me chamava Manoel, não morava em Niterói, não podia ser comigo, ainda assim saí correndo para pegar a barca. Defendi-me mais ou menos nas outras, mas sempre preocupado com a dança dos cromossomas. Não é preciso dizer que cheguei em casa com jeito de condenado e particularmente magnânimo em epítetos galantes à graciosa figura de Shapiro. Pra espairer fomos a um cinema, para cúmulo do azar, "Hamlet", com a história do Tobias não Tobias,

²³⁷ de *schedule* - roteiro, orientação.

²³⁸ de *required reading* - leitura obrigatória.

passou não passou, *that is the question* e lá vinha a *question* dos cromossomas. Quinta feira à tarde fui saber dos resultados pois estava *esquedulado* para entrar nos orais sexta, a uma da tarde. Resultados mais ou menos. Shapiro foi até caritativo. Wagley meio danado porque a minha resposta a sua questão sobre Brasil foi a pior da turma. Negócio de *mixtura* de raças. Fui pro oral mais descansado. Strong iniciou o ritual perguntando por minha formação, interesses, etc. Depois dessa história da carochinha convenientemente arquitetada de modo a inspirar piedade, passei para Steward e o resto. Shapiro dessa vez veio mais devagar com uma discussão sobre Lagoa Santa. Sai-me bem exceto por uma coisa - estava fechado que nem caramujo, não queria falar. A situação é fácil de imaginar, já sou mole de falar ainda mais pensando e pesando pra não ir além do que eu considerava terreno seguro, só mesmo calando a boca. Esse é mais ou menos o resumo da ópera. Agora temos a tese, mas essa apesar de dar trabalho já não é a mesma coisa que cursos e exames. Ainda não sei bem o que vou escrever e quero antes de mais nada rosetar uma ou duas semanas pra descansar.

Wagley segue agora essa semana para Portugal onde passará quatro semanas. De volta o granfino vai passar uns dias em Paris e Londres. Nós vamos ficar por aqui mesmo que a grana está curta pra outras viagens mais distantes que *taires esquer*.²³⁹ Em Julho vamos com a família extensa para Allenhurst, uma praia suburbana. Ficaremos até setembro 1 pra voltar a tempo de despachar Clara a nove. Eu vou cavar na tese pra ver se arranco daqui lá por novembro. Nesse meio tempo estamos contando com a senhora para os Americanistas pra descansar das complicações da hiléia e recuperar um pouco do mau pedaço porque passou. Nossas lembranças a D. Bemvinda e a nossa procuradora Suggett.

Até mais ver dos filhotes

Galvão

²³⁹ de *Times Square*.

33. De Galvão para Heloisa

E Galvão
Hotel Central
Belém
Junho 1 [provavelmente 1948]

D. Heloisa

Quando soube por J. Candido que a senhora se demoraria em Manaus, fiz uma forcinha para ainda alcançá-la em Belém. Logo na manhã de sábado, dia em que chegamos, fui até o Grande Hotel, mas aí nos disseram de seu embarque na quinta feira. Foi pena, pois apesar dos pitos que receberia pela escapulida até cá, tínhamos muito que dizer após todo esse tempo.

Os últimos dias de Columbia foram muito bons, apesar do corre-corre de exames e preparativos de viagem. No exame de qualificação fui promovido a “A”, que independente de considerações zoológicas, sempre é um progresso sobre o B do semestre passado. De resto sai-me bem com Steward e Strong em exames e trabalhos de estágio. Uma comparação dos efeitos da introdução do cavalo na América do Sul e do Norte foi o tema que explorei até a última. Permaneci relativamente frio em relação a Benedict e de lingüística pouco aprendi. Herzog, o professor, apesar de excelente, é muito desorganizado, sendo difícil acompanhar-lhe as aulas.

Columbia renovou-me o “contrato”, garantindo-me mais um ano de freqüência livre de taxas. Do *Institute of International Education*, só terei resposta do pedido de renovação de bolsa lá para princípios de julho. Tudo indica, porém, que não terei dificuldades em conseguir mais essa bolsa. Por outro lado, o dinheirinho que consegui deixar de lado nesse ano que passou chega a 1500 dólares, e que constitui uma reserva razoável. Como iremos residir com Wagley teremos as despesas de casa reduzidas em cinquenta por

cento. Isso nos dará margem para juntar algo e poder agüentar o semestre extra que provavelmente será necessário para a tese e exames finais.

Estudarei no próximo semestre com [Alfred] Kroeber, Margaret Mead e um lingüista novo. Freqüentarei também os cursos de Wagley sobre América Latina.

Para minha volta já está tudo mais ou menos arranjado e francamente não creio que tenha dificuldades. Planejamos ficar em Gurupá até meados de Setembro. Wagley que deve estar chegando hoje ao Rio lhe dará os detalhes de mais essa viagem de dois naturalistas no Rio Amazonas.

Desta vez estou viajando com secretária e vamos ver como se transforma uma bibliotecária em antropologista.

Dado o calor dessas paragens sulinas ficaremos mesmo por aqui, e do Rio só queremos ver cartões postais. Esse ano que passou, correu depressa demais. Assim espero que suceda com o próximo, para que logo esteja de volta ao coleginho de D. Bemvinda.

Lembranças a D. Maria José e D. Marieta.

Abraços nosso,

Galvão

34. De Galvão para Heloisa

Eduardo Galvão
Gurupá
Estado do Pará

Agosto 25, 1948

D. Heloisa

Acabo de receber cartas de José Candido e Pedro; a deste via Manaus pelo primeiro avião da FAB a fazer a linha Rio-Xingu-Manaus; o que já dá alguma esperança que os projetos da Fundação venham a se concretizar.

José Candido e Pedro falam do trabalho de Kalervo.²⁴⁰ Pergunta ele o que pretendo publicar e me aconselha a escrever diretamente à senhora. Além daquela nota prévia que está por sair, e que garantirá prioridade do Museu, o que pretendo escrever de imediato são dois artigos - o primeiro, complemento aquele que já publicamos sobre o parentesco tupi-guarani, uma pequena introdução e análise das listas de Kamayurá e Aweti, comparando-as as já publicadas; o segundo, descritivo, a festa do *yawari* e uso da palheta no Xingu. Todo o material está em N.Y., é meu plano escrevê-los até outubro e enviá-los para o Museu. Nesse mesmo tempo quero enviar a monografia sobre os Tenetehara, felizmente e finalmente concluída, mas necessitando de uma cópia limpa. Já traduzi a parte restante que modificamos bastante. Até aí vão meus planos, gostaria de escrever mais, mas não sei se a tese e virada para os exames o permitirão.

Deixaremos Gurupá a dois de setembro. Os informantes já estão esgotados e nós já enjoados dessa vidinha de cidade mirim. Passeamos os últimos dias em uma povoação de “roceiros” que nos forneceu bom material comparativo. Temos ainda que estagiar alguns dias num seringal para completar o circuito. O SESP fez um inquérito de alimentação e nutrição que veio completar os nossos dados. Tal como está, Gurupá merecia até um levantamento antropofísico, que Pedro poderia tentar quando terminasse com o Xingu. Usarei parte do material em minha tese, xamanismo e religião. Ainda não sei bem onde isso vai dar, mas vamos a ver. O trabalho, ou melhor, a experiência, foi ótima. Andava por demais impregnado de índios e com umas idéias um tanto atravessadas sobre comunidades rurais. Gurupazinho é mais complicado do que aparenta, “brancos”, “gente”, “gente do sítio” e lá embaixo,

²⁴⁰ Kalervo Oberg (1901-1973), nasceu no Canadá, mas morou toda sua vida nos Estados Unidos, tendo ocupado vários postos em agências oficiais e em diversas universidades. No período que passou no Brasil, era funcionário do Instituto de Assuntos Interamericanos, precursor da USAID, tendo feito pesquisa e dado aula na escola Livre de Sociologia e Política. Ficou conhecido pelo seu conceito de ‘choque cultural’, desenvolvido a partir de uma palestra que fez no Clube das Mulheres, no Rio, em 1954.

miseravelmente desconsiderado, o “caboclo” - cara de tapuio, cabelo de espeta caju, de tão acostumado a várzea, quando anda em terra firme fica com os pés doídos. Cada lugarzinho tem a sua “ermandade” que além de suas funções religiosas é um importante mecanismo social, pois o “procurador” é o chefe legal. Pagé-sacaca, que sabe andar pelo fundo e tem companheiros, só existe nos igarapés mais distantes, porque tem medo do SESP e da polícia. Mas apesar do posto e do médico, a gente ainda vai procurar o sacaca. *Panema* (uma palavra difícil de traduzir, o mais próximo é azar) que encontramos entre os Tenetehara, aqui ainda é mais elaborada.²⁴¹ E assim vai por diante. Tivemos muita sorte com informantes, todos bons e dispostos para as clássicas entrevistas. Apenas alguns recusaram prestar declarações para um censo que realizamos, pois um espírito daquele pouco mencionável, andou dizendo que isso era para o tal de comunismo. Estávamos tomando nota para depois fazer a repartição.

Fiquei impressionado com as notícias que vem do Xingu. Quando lá estive evitei usar os Vilas como informantes, pois desde o início senti que viciavam uns tantos conceitos ou supriam com a imaginação o que não tinha compreendido bem. O que é natural, dado que não etnólogos e não falavam nem *good night* em tupi. Agora me dizem que tem sido eles os principais informantes...

Outra coisa que me tocou de perto foi a geografia humana. O professor Gourou²⁴² que aqui passou alguns dias nos refrescou as idéias e realmente

²⁴¹ O conceito de panema foi apresentado por Galvão alguns anos depois num artigo publicado na Revista do Museu Paulista e posteriormente desenvolvido (exemplifica a origem e as formas de cura da panema) no livro *Santos e Visagens*. Panema seria importante para o caboclo amazônico “...não pelo seu caráter aparentemente exótico, porém por sua importância na vida comunal.” Seria “... uma força mágica, impessoal, que à maneira do mana melanésio “infecciona” homens, animais e objetos. É porém um mana negativo. [...] O conceito de panema está assim intimamente ligado às técnicas básicas de subsistência, e mais que outra crença qualquer, à vida quotidiana do indivíduo.” “Panema: uma crença do cabloco amazônico.”. Separata da Revista do Museu Paulista – Volume V, São Paulo, 1951 e “Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa em Itá – Amazonas.” Companhia Editora nacional, São Paulo, 1955.

²⁴² Pierre Gourou (1900-1999), geógrafo francês tropicalista, foi professor do Collège de France de 1947 a 1970. Fundador com Emile Benveniste e Lévi-Strauss da revista francesa de antropologia *L'Homme* em 1961.

aprendemos alguma coisa com ele. Porém as notas que tomou me pareceram um tanto apressadas, principalmente sobre roças e dados de produção, capítulo mais enjoado do trabalho de campo e mais trabalhoso, pois é preciso medir cada roça e controlar quase que diariamente o movimento para se ter uma idéia menos errada de dias-trabalho, ou de produção. Inspirado pelo francês do nosso amigo, tenho de mim para mim uma definição de geografia humana - antropologia feita a vôo de *oiseaux* - e dificilmente me convencerei do contrário apesar dos *caillou rulê* e *Le homme et la payzage*.

De volta a N.Y. vamos ensaiar uma *ménage* a quatro. Residiremos com Wagley. Nossas despesas ficarão em metade e isso ajuda muito. Apesar do instituto ter renovado a bolsa, a vida por lá está muito cara e sempre queremos trazer de volta uma meia dúzia de geladeiras, rádios, máquinas de lavar roupa, batedor elétrico e outras bugigangas que fazem as complicações de um lar. Terei este ano um semestre mais descansado e livre de exames. Se a senhora for a N.Y. ainda lhe poderei sublocar aquele quarto que Wagley prometeu e me sublocou. De naturalista e da volta achei melhor adiar as preocupações para quando desembarcar no Rio. Clara também ficará em situação idêntica pois a sua licença vai expirar antes dela poder reassumir.

Bom, por aqui vou ficando. Nossas lembranças à D. Maria José, D. Marieta e aos amigos.

Saudades do filho,

Eduardo

35. De Galvão para Heloisa

E. Galvão
15 Claremont Ave. Apt 23
New York 27 – N.Y.
[S/data – provavelmente 1948]

D. Heloisa,

Como sempre preparamos os nossos cartões de Natal a última hora. O seu aqui está, porém não queria mandá-lo assim em seco. Acabei achando que era pequeno demais e era melhor me esparramar numa cartinha de Ano Novo que essa história de cartão é coisa de americano *suposed to be busy* e eu estou de férias.

Columbia vai *jingle bells jingle bells* com o alto sacerdote Kroeber na frente do cordão. Tudo na santa paz da confusão *culture* com c pequeno – *Culture* com C grande. Os cursos mais ou menos exceto pelo de Margaret Mead, que apesar de algumas opiniões em contrário continuo achando uma droga enfeitada com açúcar de terminologia dita psicológica. As más línguas, como de habitual prontas ao taco, já apelidaram a “*aproach*” Mead de “psicologia de banheiro”, pois todo o curso da pequenina sra. em torno das técnicas de banhar jovens e nem sempre lindas criancinhas. Qualquer coisa como da Nova Guiné a Hollywood através da janela do banheiro. Já Benedict nos havia dado uma tremenda dose de enfaixar crianças, agora Mead vem com a *idéé fixé* (elegante, pois não?) do banho. Às vezes duvido se realmente estou um curso de antropologia ou de *baby sitter*.

Até eu me meti a psico e no seminário de Steward sobre problemas contemporâneos de antropologia, escolhi nada menos para discutir que “O problema das regularidades e da causalidade no processo cultural” ou ainda, não, é melhor poupar os subtítulos. Escrevi um vastíssimo catatau para descobrir na véspera da *delivrance* que tinha o problema original e discutira na realidade os objetivos da antropologia. Refiz o troço às pressas e sai-me como pude da enrascada. Mas foi bom por que fiquei com as idéias mais ou menos assentadas e a discussão que seguiu foi muito boa. Principalmente porque Steward ficou na berlinda e resumiu o seu ponto de vista - ele é o dono do brinquedo das regularidades - da maneira mais clara possível.

Estou pensando, de acordo com meu conselheiro, em Thomar os exames agora em Maio. Tenho muita coisa ainda que ler, mas com esforço e sorte, a coisa é possível. Teria a tese pronta para defesa em outubro e *bye bye* isteites. Clara seguiria em setembro para não perder o lugar, que é a única coisa de certo com que podemos contar. Com o ordenado dela e a minha imaginação teremos tempo de sobra para pensar na vida.

Não pude, como queria, ter o manuscrito do Tenetehara pronto para mandar ainda este ano. Clara está a descascá-lo na máquina e pensa acabá-lo nestas duas semanas. Como não pode ser o nosso presente de Natal, será o de S. Sebastião. Saiu agora um livro de [Ralph] Linton - *Most of the World* - com um capítulo sobre o Brasil escrito por Wagley. Para um principiante não está mal...

Soube que D. Marieta esteve doente mas que já se restabeleceu. Não poucas vezes tenho “saudades” da nossa D. Bemvinda e seu impecável inglês. Muitas lembranças nossas a ela e D. Maria José, junto com os nossos desejos de um Feliz Ano Novo.

Muitas saudades dos pirralhos,

Galvão e Clara.

36. De Galvão para Heloisa

E. Galvão
15 Claremont Ave. Apt 23
Ney York 27 – N.Y.
fevereiro 14 [provavelmente 1948]

D. Heloisa,

Final e felizmente chegou o dia do “despacho” do nosso pernalta, prolífica novela em várias partes aonde se descreve a vida e os costumes dos

índios Guajajaras. Um pouco atrasado para presente de S. Sebastião, saiu, porém, em tempo para S. Valentine, dia meio estapafúrdio que os nativos daqui celebram mandando cartões com um coração às namoradas. Esse nosso tijolo etnográfico não é bem um coração e a senhora não é bem a namorada, mas por uma reinterpretação do *meaning* (cf. Radcliffe-Brown e autores da chamada escola funcionalista) é possível se acomodar as intenções. As férias de janeiro foram responsáveis pelo milagre, pois cada vez que me dispunha a descascar o abacaxi dos clássicos rabinhos a completar, emendar ou jogar fora, lá aparecia o “mais um”, isto é capítulo ou artigo delicadamente sugerido como complemento à “pequenina” lista de *açainemants*.²⁴³ Mas apesar dos pesares a criança veio á luz e agora como, bons cristãos enculturados nos recolheremos à rede em *couvade* até que seja batizada com o *nihil obstat* do Museu. O irmão gêmeo que fala inglês continua dormindo num cantinho da Columbia apesar das promessas de breve publicação. É uma obra sólida que sem dúvida sobreviverá gerações, pelo menos enquanto for costume no Museu empacotar as sobras e armazená-las nas prateleiras do Paschoal. Despachei por via aérea, apenas minha ilustre cara-dois-terços esqueceu de registrar. Em todo caso confio em que ninguém se interessa pelo assunto no correio. Pedia que a senhora escrevesse uma nota avisando da chegada. Faltam - o mapa, fotos e index que mandarei breve. D.Ida tem toda a liberdade para “burilar” o texto, recomendando apenas que pelo menos deixe o título intacto de modo a podermos identificar o texto. Todas as sugestões serão aceitas, exceto a mais obvia de reescrever o catatau ou jogá-lo fora.

Recebemos sua carta, apesar do endereço antigo. Como os Wagley estão morando conosco o 21 passou para 15. Por aqui as coisas vão no ramerrão de sempre, apenas um pouco menos azul que dantes. A carequinha simpática de Ike Eyeinhower já não passeia mais pelo campus, foi chamado a Washington para ocupar o lugar do Góis Monteiro - a tal história da estaca zero parece que também pegou por aqui. Os jornais não dão outra coisa que o mau humor do

²⁴³ de *assignments* - tarefas.

Papa e a história do cardeal, batendo sem dúvida em títulos e cabeçalhos o *Oservattore Romano*. Qualquer colunista que se preze já esgotou e continua esgotando a ameaça de nova depressão diagnosticada por uma queda súbita nos preços da manteiga e aumento de desempregados. Mac Arthur enviou um relatório sobre espionagem pré-ocupação que termina com uma advertência cabeluda “*a loyal friend may suddenly be discovered as the enemy... he may have any face*”.²⁴⁴ Em resumo, nova histeria e delírios de perseguição. Podia piorar o quadro contando alguma coisa de antropologia, mas não chega a tanto meu derrotismo.

Master Bill e Miss Izabelana vão muito bem graças aos céus cada vez mais cada vez. Os Wagley, como sempre, nós, sem maiores alterações e novidades.

Saudades dos renegados

Galvão

37. De Galvão para Heloisa

E. Galvão
a/c Inspetoria Serviço Proteção aos Índios
R. Luiz Antony 127
Manaus
Setembro 30, 51

D. Heloisa

Cá 'stamos ainda em Manaus a aguardar condução para o Rio. Após os clássicos adiamentos sairemos finalmente a dois, próximo, em motor comercial. Tivemos falta de sorte. Os motores e lanchas que fazem a linha deixam Manaus nos primeiros dias do mês e chegam exatamente na véspera do último largar. O S.P.I. também não pode ajudar porque suas lanchas saíram em diligência

²⁴⁴ Um amigo fiel pode de repente ser percebido como um inimigo... ele pode ter rosto de qualquer um.

policial. A inspetoria tem sido um ótimo ponto de apoio e aí temos colhido boas informações. A demora trouxe pelo menos a vantagem de nos familiarizar com Manaus, e indiretamente com o Rio Negro. Já tenho um plano de continuar as pesquisas que agora vamos iniciar em Thomar. Temos os caboclos de língua geral nas margens do rio, mas para cima de Uapés, antiga, S. Gabriel, nos afluentes, dominam os povoados de índios “semi-civilizados”, onde a língua geral é substituída pelo Tucano [Tukano], e finalmente nas cabeceiras, os remanescentes tribais, temos assim, desde índios índios até os caboclos de Paredão, Caxixe e subúrbios de Manaus. Mais tarde atacaríamos o rio Branco, com um gênero de vida inteiramente diferente. Ficamos entusiasmados com as possibilidades de estudo nessa parte do Amazonas e inteiramente vendidos à idéia de um longo prazo. Manaus nos impressionou como a cidade cabocla, e pela primeira vez já vi alguém ter orgulho dessa ascendência.

Ficamos no Grande Hotel, mais de acordo com as diárias de um naturalista. O Amazonas é dessas coisas que só acontecem no Brasil, demasiado luxo para pouca roupa. E por falar em diárias, como vai o meu contrato? Continua perdido entre os nobres curadores?

Thomar não possui agência postal. Para qualquer notícia o endereço do SPI é o melhor.

Abraços do Galvão

38. De Galvão para Heloisa

E. Galvão
Tapuruacuara
Rio Negro – Amazonas

Outubro 20, 51

D. Heloisa

Aqui chegamos ontem. Estivemos todo esse tempo nas vizinhanças de Thomar, cipiando²⁴⁵ o ambiente. Thomar, entretanto não se prestava ao tipo de estudo que pretendíamos. A antiga vila que ao tempo do nosso colega Alexandre R. Ferreira contava, só de índios mansos, 500, está hoje em ruínas e os poucos moradores dispersados pelas ilhas nos preparativos do fabrico da borracha. Assim mesmo tivemos boa oportunidade para colher documentário interessante. Decidimos subir até Tapurucuara (antiga Sta Izabel), onde nos informaram teríamos melhores condições. É difícil avaliar, pois até agora estamos as voltas com os arranjos do “apartamento”, mas de qualquer maneira o lugar é bastante habitado, inclusive as vizinhanças. Ficamos na ilha, pois na terra firme está sediada a missão dos salesianos e tudo deles depende. Aqui residem caboclos e uns poucos patrões, na maioria portugueses, mas capazes de falar a língua geral tão bem quanto os Kamaiurá do Xingu. Duvidava que essa língua ainda fosse usada na extensão que é, mas é de fato o veículo de comunicação familiar e entre patrões e fregueses caboclos.

Esqueci-me de trazer cartas de apresentação. Não são absolutamente necessárias, mas sempre ajudam. Gostaria, por isso, que me fossem enviadas, duas - uma ao prefeito de S. Gabriel, outra às autoridades de Tapurucuara, nos clássicos termos. Toda correspondência deve ser enviada por via aérea, temos um avião da Panair, semanal.

Breve escreverei em detalhe sobre o andamento do trabalho.

Abraços do

Galvão

²⁴⁵ espionando

39. De Galvão para Heloisa

E. Galvão
 Tapurucuara
 Rio Negro

M.E.S. Museu Nacional

4 de dezembro, 1951

D. Heloisa

Recebi sua carta, e como diria ao estilo citadino, folgo muito com as novas. As cartas de recomendação continuam em qualquer lugar entre Manaus e Uaupés, mas aqui não chegaram. Não fazem grande falta, pois o pessoal já está acostumado aos botânicos, denominação genérica aplicada ao pessoal da cidade que aqui vem para estudar alguma coisa.

Tive carta de Wagley com notícias ligeiramente boas sobre minha tese. Welltfish e Steward aprovaram-na. Breve estará “editada”, datilografada e devidamente sacramentada para a defesa que deverá ter lugar entre fevereiro e maio 1º. Estou assim inscrito para as debutantes de 52. Não posso deixar de passar adiante *que “Incidentally, Steward liked the thesis very much”*.²⁴⁶ Eu sempre disse que o Steward era um sujeito inteligente! Tenho por isso que arranjar meus planos para uma viagem entre fins de fevereiro e princípios de março. Mas para falar em planos é preciso pensar em dólares. Queria saber se na distribuição de verbas do museu poderia contar com 15 contos, soma que cobriria a passagem de ida e volta. As sobras dessa viagem ao Rio Negro dariam para alcançar parte dessa soma. No caso de impossibilidade de assim fazer, pergunto se seria possível obter algum auxílio do Conselho Nacional de Pesquisas. Combinaríamos a forma de retribuição lembrando-me por exemplo, de certos problemas do museu que poderia estudar no Natural History M. Devo voltar em janeiro, e então teremos tempo de discutir sobre isso, mas queria assegurar meu lugar na fila. Penso que poderei estagiar um mês em N.Y.

²⁴⁶ Incidentalmente, Steward gostou muito da tese.

usando para isso uma saída para excursão, ou em último caso o período de férias.

Continuamos em Tapurucuara. Preferimos continuar a estadia nesse lugar para evitar solução de continuidade que resultaria de nova viagem até Uaupés (S. Gabriel). Temos aqui de tudo que o Alto possa oferecer, inclusive “índios, puro de índio”, com a vantagem que já estamos familiarizados com a vizinhança. Contudo, ainda visitaremos Uaupés para conhecer a região intermediária. Combinei mesmo uma viagem até Jauareté, mas tudo dependerá da facilidade de transporte. De qualquer maneira, só deixaremos Tapurucuara após as eleições municipais de 16 próximo, que tenho muito desejo de assistir. Será o maior acontecimento nos últimos anos. Faço questão de ver uma índia com o filho na tipóia chegar à mesa e depositar o voto. E quando não fosse o interesse científico, teremos a oportunidade de provar carne de vaca, coisa que já há quase três meses não sei o que é. Vivemos de cabeçudo, tracajá e peixe. Uma paca deixou saudosas lembranças, mas como naquele poema “nunca mais, nunca mais...” Afora ligeiras disenterias e uma conjuntivite (na melhor das hipóteses) vamos indo bem de saúde.

O trabalho prossegue com altos e baixos. Dias em que a gente mal dá conta do recado no caderno de notas, outros em que os informantes mesmo pagos, são como a girafa, não existem. Tapurucuara varia de aspecto conforme a maré do “produto”. Arranjamos um motorzinho, seu nome é “Fé em Deus”, e é realmente preciso muita fé para chegar ao destino. Mas de muito tem valido para visitarmos os sítios e seringais. Passamos duas semanas em Campina, um povoado, ou o maior povoado da redondeza. Eu chamaria de caboclos os seus habitantes, mas consideram-nos “índios”. E de fato, aí se encontram Tukano, Tarinas, Pira-Tapuia e descendentes destes. O geral é a língua franca. O meio de vida é a roça de mandioca, e dá gosto como essa gente fala da maniva da farinha. São mais ou menos independentes, isto é, não tem patrão certo. São fregueses dos regatões para quem vendem farinha e quando a necessidade

aperta, algum produto como a sorva²⁴⁷, ucuquirana²⁴⁸, cipó ou puxurí. Não trabalham em borracha para não abandonar as roças. A maioria dos índios que desce do alto, procura por meios e modos agarrar-se à agricultura, mas com o tempo e a necessidade de crédito são obrigados a abandoná-la pela cata do produto, única fonte de crédito. A Manaus pouco ou nada interessa a farinha, exige-se o produto. Adaptação do índio significa abandonar a roça pela coleta de um dos produtos. Ao final da agricultura só resta um arremedo, quase que um cherimbabo ²⁴⁹, a rocinha de maniva.

Temos encontrado muita coisa de Gurupá, mas traduzida em termos do Rio Negro. E coisas novas como o dabucuri, a velha dança de jurupari, proibida às mulheres, mas realizada entre os caboclos de forma mais amena, apenas a dança e a distribuição de frutas ou alimentos sem as flautas. Pena é que a incompreensão dos padres e das autoridades tenham transformado esse divertimento em coisa sujeita às penas do inferno ou à multa de duzentos cruzeiros. E isto sob a alegação de “acabar com essas coisas de índios”. Mas as “farras” patrocinadas pelas autoridades e toleradas pelos padres, estas coisas são de “civilizado”. Os curadores e benzedores também são perseguidos mas não deixam de ser procurados. Combina-se o uso do *tawari* com o da penicilina. Ainda ontem aqui apareceu uma velha com dor nas costas. Queria penicilina porque “só se sente bem tomando penicilina”. Mas está de viagem para a Venezuela para curar-se com um curador famoso, que os daqui não lhe deram jeito até agora.

A senhora causou espécie o ter me admirado da língua geral. A mim também. Todos nós sabemos o que é língua geral no Rio Negro, mas é preciso ver de perto para acreditar.

Definitivamente adotei o Rio Negro. Tenho trabalho aqui para muito

²⁴⁷ Fruto da sorveira, tipo de árvore amazônica, comestível e pegajoso, mas de sabor agradável. Seu látex é adocicado e bebido com água ou café.

²⁴⁸ Árvore amazônica.

²⁴⁹ Expressão amazônica para animais de estimação.

tempo e já estou a pensar na continuação desta primeira viagem. E este plano a senhora ainda receberá antes de minha volta, que será em janeiro.

Lembranças a D. Marieta e um abraço

Galvão

Um abraço de Clara

40. De Galvão ao Presidente do Conselho Nacional de Pesquisas²⁵⁰

Eduardo Eneas Gustavo Galvão
Rua Mariz e Barros, 395
Engenho Velho
Rio de Janeiro

Em 16 de fevereiro de 1952

Ao Sr. Presidente
Conselho Nacional de Pesquisas

Sr. Presidente

Eduardo Eneas Gustavo Galvão, brasileiro, casado, vem pela presente solicitar a consideração do Conselho Nacional de Pesquisas para um pedido de concessão de auxílio financeiro afim de que possa viajar aos EE.UU. da América do Norte. O objetivo de sua viagem é apresentar-se à Faculdade de Ciências Políticas, Departamento de Antropologia, da Universidade de Columbia (N.Y.), para defesa de tese a fim de obter o grau de doutor em filosofia (Ph.D.). O auxílio financeiro é estimado em CR\$15.000,00 (quinze mil cruzeiros), o necessário para cobrir as despesas de transporte Rio-Nova York,

²⁵⁰ Acervo Clara Galvão.

ida e volta. Como o prazo de sua demora naquele país não excederá de trinta dias, o solicitante pede apenas o montante da passagem.

Os motivos que o levam a dirigir-se a esse Conselho prendem-se ao fato de ter realizado durante o período de 1947 a 1949 um curso de doutorado em antropologia na Universidade de Columbia. Foi bolsista dessa Universidade e do Institute of International Education e Viking Fund. Não lhe foi possível nessa época, dadas as restrições vigentes sobre a saída do país de funcionários públicos, obter qualquer auxílio por parte do governo. Foi obrigado, inclusive, a exonerar-se da função que ocupava como técnico do Museu Nacional, decidido que estava a não perder a oportunidade que lhe ofereciam para melhorar sua formação científica no estrangeiro. Atualmente, contratado pelo Museu Nacional, não pode solicitar dessa instituição uma verba extraordinária para realizar a viagem que pretende. O Conselho Nacional de Pesquisas, dado suas finalidades, parece-lhe o único órgão a que pode recorrer.

Sua pretensão baseia-se nos dados que pode apresentar relativos a sua formação profissional e universitária, e no motivo da viagem, a defesa de uma tese de doutorado em uma especialidade, a antropologia, ciência para qual ainda não existem no Brasil meios adequados de formação.

Nascido a 25 de janeiro de 1921, nesta Capital, freqüentou o Externato S. José, onde em 1936 concluiu o curso secundário. Admitido ao Museu Nacional, em sua Divisão de Antropologia, na qualidade de estagiário, em fins de 1939, foi assistido pelos professores Heloisa Alberto Torres, Raimundo Lopes e Charles Wagley. Sob a orientação deste último professor, realizou em 1940, sua primeira viagem de campo, com o objetivo de treinamento na coleta de dados etnológicos entre tribos indígenas. Na falta de cursos especializados em nossas universidades, freqüentou os cursos e seminários promovidos pelo Museu e participou dos trabalhos práticos na Divisão a que pertencia. Definitivamente orientado para a pesquisa etnológica, teve acesso aos cargos de Naturalista-auxiliar, interino; Naturalista-auxiliar, efetivado por concurso; Naturalista, do Quadro Permanente, interino. Em 1947, desligou-se do Museu Nacional, a fim

de viajar para os EE.UU. onde frequentou até 1949, cursos de antropologia na Universidade de Columbia, na qualidade de bolsista. Seus professores foram: A.L.Kroeber, Ruth Benedict, William Duncan Strong, Julian Steward, H. Shapiro e Charles Wagley. Os cursos que realizou o habilitaram ao exame de doutorado. Aprovado nos exames, escrito e oral, dedicou-se durante os últimos meses que lhe restavam do período concedido pelas bolsas ao preparo de uma tese, etapa final para obtenção do grau Ph.D. Retornando ao país, foi readmitido ao Museu Nacional na qualidade de contratado. Aí, prosseguiu com suas pesquisas de campo entre os índios do Alto Xingu. Seu interesse por estudos de aculturação o levou a estudar a população cabocla do Rio Negro (AM), durante o período de setembro de 51 a janeiro deste ano. Pode também concluir sua tese de doutorado, baseada em pesquisas de campo que realizou na região do Baixo Amazonas, que foi enviada para a Universidade de Columbia e aprovada pelo Departamento de Antropologia. Resta-lhe agora, defendê-la oralmente perante a Faculdade de Ciências Políticas, daquela universidade. A carta, de que junta cópia fotoestática, dá notícia da necessidade de apresentar-se em Nova York nas primeiras semanas de março do corrente ano.

No Museu Nacional a par dos trabalhos de rotina de museu, participou do planejamento e organização das exposições permanentes. No setor de pesquisa etnológica, realizou estudos entre os índios Tapirapé (Mato Grosso, 1940), índios Tenetehara (Maranhão, 1942 e 1945), índios Kaiowá (Mato Grosso, 1943), índios do Alto Xingu (Mato Grosso, 1947 e 1950), e da população cabocla da região do Rio Negro (Amazonas, 1951). Dessas viagens resultaram alguns trabalhos já publicados, entre eles, uma monografia sobre os índios Tenetehara (*The Tenetehara Indians, a culture in transition* – N.Y. 1949) em co-autoria com Charles Wagley, e artigos para o *Handbook of South American Indians*, Museu Paulista e Museu Nacional.

Apresentando de modo sumário essas informações sobre o desenvolvimento de sua formação profissional e a sua participação em pesquisas etnológicas, vem solicitar de V. Excia se digne submetê-las à

apreciação do Conselho para que este julgue do mérito do presente pedido de auxílio financeiro.

Muito cordialmente,

Eduardo E. G. Galvão

41. De Galvão para Heloisa

E Galvão
SQ 305 Bloco B apt 405
Brasília, DF

15/9/64

D. Heloisa,

Recebi sua carta de 10/9, encaminhando o anteprojeto de regulamentação da lei 3.924, de 26 de Julho de 1961.

Agradeço a atenção da consulta. Nada tenho a acrescentar ao anteprojeto, que me parece responder muito bem às necessidades de proteção dos monumentos arqueológicos e pré-históricos.

Como única sugestão, e esta já fora do anteprojeto, mas dentro das atribuições internas do SPHAN, teria a de um zoneamento geográfico de instituições que ficariam responsáveis pela fiscalização da pesquisa e como depositárias do material. Refiro-me, por exemplo, a áreas como a Amazônia, ou a do Brasil Central, em que órgãos como o Museu Goeldi, e a Universidade de Brasília, teriam maiores facilidades de controle (por delegação do SPHAN). Essa atribuição de responsabilidade e institutos regionais, acredito virá facilitar ao trabalho do SPHAN, ao mesmo tempo que neles incutir e exigir maior atenção sobre o problema.

Na Universidade vamos indo devagar e sempre. Creio que na próxima semana já teremos instalado o Centro de Culturas e Línguas Indígenas, o qual complementarás as atividades didáticas do Departamento de Antropologia, com

um programa intensivo de pesquisas. Mas ainda nos falta gente e pedia que a senhora nos indicasse alguns prováveis. No SPI respondi ao inquérito aí instalado e sugeri consulta ao seu projeto do Instituto Indigenista, como única forma de reestruturar máquina tão emperrada quanto viciada.

Abraços

Galvão

Senhora Professora Heloisa Torres
Presidente do CNPI
Rio

42. De Galvão para Heloisa

Eduardo Galvão
SQ 305 B 1. B apt 405
Brasília, DF.

3/iii/65

D. Heloisa,

Estive xinguando durante esses dois meses de férias na Universidade. Um viajo. Tema, relações intertribais e sodades daquela gente, que conheci nos idos de 47 e 50. Os meninos daquele tempo, hoje já homens e me dando netos. A experiência, do parque, magnífica. Tribos como a dos Juruna e Kaiabi, que estavam caindo aos pedaços, revivendo sua cultura tradicional livre das investidas dos seringueiros. Wauja casa com Suyá, se comunicando num português que não vai muito além do "bonito" e "não bonito", e com isso mulher e marido conseguem discutir às pampas.

O encarregado do Posto Leonardo pediu que o luso etnólogo Bandeira diga o que fazer com as mulas e teréns que deixou no posto já há meses. Não

tenho o endereço dele e pediu que a senhora se comunicasse com ele.

Nossos abraços e beijos para a senhora e d. Marieta.

Galvão

43. De Wagley para Clara Galvão

1760 NW 8th Ave.
Gainesville, Fla. 32603
29 de setembro, 1976

Querida Clara:

Espero que você tenha recebido nosso telegrama, enviado para o Rio, e a carta de Cecília, enviada para você em Belém. Não acrescentei nada à carta de Cecília porque queria escrever a você eu mesmo. Afinal, mesmo que você, Cecília, Galvão e eu tivéssemos nossa amizade e amor mútuos, cada um de nós tinha (e ainda tem) nossa amizade individual com cada um dos outros. Estou certo de que você entende o quão profundamente magoado estou pela perda de meu amigo de 36 anos. Estou seguro de que poucos homens tiveram uma amizade tão longa, com interesse mútuo, respeito, e calor pessoal, como a que tive com Galvão. Nunca vou esquecer de quando o vi pela primeira vez, como um jovem vigoroso que apareceu sem ser anunciado nos Tapirapé – e o sujeito que podia caminhar e comer mais do que qualquer um de nós, quando estávamos entre os Tenetehara. Tenho o calor de minhas memórias do período em Nova Iorque quando estávamos todos juntos com Galvão, Bill, Betty, Cecília e eu. Depois, as várias vezes que estive com você e Galvão, no Rio, em Brasília e em Belém. Apreciei

também nosso último encontro, este mesmo ano, na Bahia. Vou sentir profundamente sua falta, mas, estou certo, nem perto da falta que você (que foi sua companheira por todos esses anos) vai sentir. Suponho que tenho sorte por ter conhecido Galvão. Nunca conheci ninguém com o seu gênio para relações humanas.

Agora estou pensando em você. Você vai ficar por um tempo em Belém? Voltará a viver no Rio? Não tenho planos imediatos de visitar o Brasil, mas devo voltar em algum momento não tão distante e Cecília e eu queremos vê-la. Susan Poats e Darrell Miller e esposa estão voltando para continuar a pesquisa em Itaituba em novembro. Podemos lhe mandar algo. Curioso, há um bom grupo em torno da Universidade da Flórida que sente amizade (e foi influenciado) por Galvão. Há Mércio Gomes, que queria voltar para trabalhar com Galvão no Museu; Samuel Sá e esposa – Samuel provavelmente não escreveu contando que mandou rezar uma missa para Galvão na igreja católica local. Samuel só me contou depois, como se fosse muito tímido para contar antes. Há também Darrell Miller, Susan Poats, Curtis Glick e Arlene Kelly, que eram estudantes na viagem de 1974 para Altamira, quando Galvão me ajudou a orientá-los. Espero que você continue a ter interesse nessas pessoas, já que Dona Clara também é uma calorosa “instituição”.

Clara, quero fazer algo modesto que perpetue nossa memória de Galvão e seu lugar na antropologia brasileira. Vou escrever para Yonne Leite, que é secretária e tesoureira, da Associação Brasileira de Antropologia, a respeito do estabelecimento de um fundo em memória de Galvão, para ser usado como a Associação melhor julgar. Para começar vou doar os direitos da edição brasileira de *Amazon town*, que a Editora Nacional vai re-editar em um ou dois meses. De acordo com os editores, isso representará várias centenas de dólares durante os dois primeiros anos [?]. De qualquer modo, espero que outros contribuam, uma vez que o fundo seja criado. Vou escrever para pessoas como Crocker, René Ribeiro, Thales, e

outros que possam (e talvez o façam) contribuir para um Fundo Eduardo Galvão. Talvez você pudesse dizer isso às pessoas que querem fazer algo em memória de Galvão.²⁵¹

O *American Anthropologist* não está mais publicando os obituários de seus membros, por causa do custo do espaço. Zarur mandou o currículo de Galvão e vou escrever uma breve notícia para o *Newsletter* da Associação Americana de Antropologia. Você deve saber que Zarur estava preparando um *Festschrift* para Galvão. Ele já avisou que devemos enviar os trabalhos para um volume em memória de Galvão. Terminei um artigo que vou enviar logo para Zarur.

Conte-nos a seu respeito. Você é querida para mim e para Cecília – já que compartilhamos tanto em nossas vidas. Nós dois a amamos e precisamos saber notícias suas.

Abraço do velho amigo de sempre*

Chuck

²⁵¹ O Fundo Eduardo Galvão nunca se concretizou. Na carta de Clara para Mariza (14/07/87) ela comenta: "A idéia do Wagley era um fundo especial da ABA, que serviria para ajudar a principiantes antropólogos. Não uma fundação, com o caráter que foi discutido na reunião da ABA. Ele mesmo comentou comigo a distorção. Não foi adiante por esse motivo."

APÊNDICE

1. De Julian Steward para Heloisa²⁵²

10 de novembro, 1942

Cara Doña Heloisa²⁵³,

Voltei do Brasil muito impressionado com a colaboração bem sucedida entre Charles Wagley e o Museu Nacional que, infelizmente, terminou em julho. Pensei muito sobre como continuar a colaboração com seu Museu e em como levar avante a pesquisa antropológica no campo importante oferecido pelo Brasil. Tenho um plano esboçado, para o qual posso obter apoio financeiro. Se esse plano lhe parecer factível, irei adiante na tentativa de começarmos já no próximo ano.

Como talvez você saiba, o governo dos Estados Unidos destinou alguns fundos para vários projetos que envolvam a cooperação com as outras repúblicas americanas. O *Handbook of South American Indians* é um deles. A idéia fundamental é que, cada país no qual a cooperação se desenvolva, colabore numa tarefa e num problema compartilhados. Tendo em vista as enormes potencialidades e necessidades da pesquisa etnológica, requeri fundos para enviar grupos de antropólogos muito bem treinados dos Estados Unidos para colaborar com a docência e com o trabalho de campo em instituições escolhidas nas outras repúblicas americanas. O grupo daqui consistiria, basicamente, em um antropólogo cultural com reputação estabelecida, e com uma visão e competência amplas, apoiado, caso se tenha os fundos necessários, por um lingüista, um especialista em geografia humana, ou mesmo um

²⁵² Pasta Steward, CCHAT, datilografada em inglês. Esta carta contém o esboço do plano de Steward, que é o aparentemente discutido nas cartas que se seguem de Donald Pierson e de Heloisa, ainda que haja outras cartas de permeio às quais não tivemos acesso.

²⁵³ Assim no documento original.

antropólogo físico, conforme as necessidades da pesquisa específica a ser levada a cabo. Esse grupo passaria parte do ano ensinando na instituição conveniada, oferecendo cursos gerais, se desejado, e treinamento especial para um grupo escolhido de estudantes. E usaria o resto do ano fazendo pesquisa de campo, na qual os estudantes receberiam treinamento no campo. O problema escolhido para a pesquisa de campo estaria vinculado a um plano de pesquisa de longo prazo, mas poderia ser dirigido, se assim desejado, para problemas de interesse prático imediato. Assim, com os vários projetos que estão sendo desenvolvidos na Bacia Amazônica hoje, haveria oportunidade, e quem sabe demanda, para a ajuda antropológica do tipo que Wagley está prestando. Seria possível combinar o trabalho de campo científico com o prático. Nosso orçamento terá fundos suficientes para levar avante uma certa quantidade de trabalho de campo a cada ano.

As instituições conveniadas teriam basicamente de oferecer espaço para o ensino e para pesquisa e trabalho de laboratório. O desenvolvimento do programa como um todo seria, é claro, discutido em cada caso específico. Idealmente, eu gostaria de ver o desenvolvimento de programas integrados, nos quais especialistas locais que tratem dos variados aspectos do problema que digam respeito a uma tribo ou região, por exemplo historiadores, médicos, geógrafos, e outros, trabalhariam juntos, para produzir um estudo completo e denso. Posso visualizar muitas possibilidades para uma pesquisa frutífera, mas agora estou preocupado principalmente com o aparato para estabelecer a colaboração.

Talvez eu deva acrescentar que, ao contrário de tentativas anteriores de cooperação, espera-se que esta seja colocada numa base mais ou menos permanente. Tratar-se-ia, pelo menos, de mais do que um ano, e poderia ser por dez anos ou mais, dependendo de circunstâncias futuras.

É claro que o pessoal envolvido é o fator mais importante. É difícil dizer, enquanto se trata de um esboço de plano, quem estaria disponível. Mas

insistiríamos em pessoas que sejam inteiramente satisfatórias para todos os envolvidos.

Tenho plena consciência de que a preocupação atual do Brasil com a guerra tornaria o ensino difícil, dada a perda de estudantes e graças à incertezas de vários tipos. Assim, seria aconselhável começar numa escala pequena e tentar enfatizar a pesquisa vinculada às questões mais urgentes, relacionadas, de algum modo, às atividades da guerra, tais como a questão da borracha ou outras atividades no Vale Amazônico.

Não posso afirmar, em definitivo, que receberemos qualquer apoio para esse plano. No entanto, ficaria contente se recebesse uma carta não oficial sua, me dizendo o que você acha disso. Se a idéia, conforme a apresentei, ou conforme as modificações que você sugira, parece meritória, irei adiante e farei todos os esforços para obter fundos. Como disse antes, talvez seja até possível começar alguma coisa no início de 1943.

Cordiais saudações,

Sinceramente, Julian Steward

2. De Donald Pierson (Escola Livre de Sociologia e Política) para Julian H. Steward (Bureau of American Ethnology Smithsonian Institution)²⁵⁴

São Paulo, 1º de dezembro de 1942

Caro Dr. Steward,

²⁵⁴ Datilografada, em inglês. Cópia obtida, por gentileza de Érika Figueiredo, no National Anthropological Archives, Smithsonian Institution (ISA), em Washington, como as duas que se seguem. Box 9: Pierson, Donald 1942-1945. Series 4 Correspondence, Records of Institute of Social Anthropology Smithsonian Institution 1942-1952, National Anthropological Archives/NAA, Smithsonian Museum Support Center, Suitland, Maryland.

Sua cordial carta de 26 de setembro chegou quando eu estava no Rio – para onde fui convidado a dar uma série de palestras em um dos mais novos departamentos do governo federal – e lá a recebi, em meio a uma série de atividades que me ocupavam enormemente. Conforme tive oportunidade, estudei cuidadosamente sua consulta e memorando anexo e procurei mais informações, para tornar mais correta a opinião que você pede.

Devo dizer, de início, que aprovo calorosamente, em princípio, todos os esforços para promover a cooperação de pesquisadores acadêmicos brasileiros e norte-americanos interessados num mesmo problema ou em problemas semelhantes. Tais esforços, me parece, deveriam também ser de óbvia importância para indivíduos e organizações nos Estados Unidos interessados em desenvolver ‘relações culturais’ com a América Latina, já que a pesquisa cooperativa contribui de maneira concreta e relativamente permanente para tais relações.

Você pode ter interesse em saber que estou pensando, há algum tempo, em desenvolver em São Paulo um programa semelhante ao que você propõe. Em relação a isso, incluo uma cópia de um projeto que William Berrien, da Fundação Rockefeller, recentemente me encorajou a submeter aquela fundação. Como talvez possa se inferir dessa proposta, um dos primeiros obstáculos, segundo penso, ao sucesso inicial de um plano como o que você sugere, é a falta de assistentes locais competentes.

Como você sabe, no Brasil há poucos homens eles mesmos suficientemente experimentados na pesquisa social para treinar adequadamente estudantes assistentes. Apenas nos últimos anos os estudantes vêm considerando seriamente o estudo das disciplinas sociais, e esse interesse não se desenvolveu ainda a ponto de que os indivíduos mais competentes desejem abandonar os três campos tradicionais do direito, da medicina e das engenharias, para dar atenção séria e prolongada aos estudos sociais. Além disso, os estudantes que obtemos são geralmente inadequadamente preparados em áreas tão básicas como história e geografia, para não falar de economia,

psicologia e ciência política. Wagley recentemente se queixou para mim, por exemplo, da falta de estudantes competentes e genuinamente interessados no Museu Nacional, e do treinamento básico extremamente inadequado daqueles que obteve. Sua esperança era de que ao menos uns poucos dos seus estudantes mais competentes poderiam ser mais bem treinados na Escola Livre que, como você provavelmente sabe, é a única instituição educacional no Brasil dedicada especificamente ao ensino e à pesquisa em ciências sociais.

Quando cheguei a São Paulo três anos atrás, uma análise realista da situação me convenceu de que antes que eu pudesse fazer pesquisas que não fossem superficiais, mesmo na Escola Livre, deveria dedicar um certo tempo, reflexão e energia para treinar assistentes. Como um aspecto desse programa, três dos meus melhores estudantes estão agora completando seu segundo ano de treinamento adicional em universidades nos Estados Unidos e se reintegrarão a equipe de pesquisadores daqui no ano próximo.

Graças à sua localização, o Rio é, na minha avaliação, a escolha lógica na qual alocar a organização que você propõe. Ele é também o centro principal da vida intelectual brasileira. Gostaria de dizer, com toda franqueza, no entanto, e confidencialmente, é claro, que duvido que seja aconselhável, no momento, alocar tal organização na Universidade do Rio. Minha hesitação se deve a três fatos aparentes: 1) o meio não é no presente particularmente cordial, exceto superficialmente talvez, e no caso de algumas conspícuas exceções, como Delgado de Carvalho e Carneiro Leão, em relação a influências que não venham da França ou da Itália; 2) o treinamento de estudantes nas disciplinas sociais é extremamente inadequado (por exemplo, descobri recentemente que um grupo de estudantes da Universidade, insatisfeitos com o caráter de sua instrução, criaram um 'Centro de Estudos'* que se encontra regularmente para discutir cópias mimeografadas das minhas aulas, que obtiveram da Escola Livre); 3) meu amigo [Arthur] Ramos não seria, a meu ver, um homem satisfatório em torno de quem construir tal organização. Essa opinião se baseia sobre os fatos aparentes de que: a) por alguma razão, ou

razões, das quais ainda não estou certo (talvez a dificuldade se deva a características pessoais), as relações de Ramos com outros intelectuais como Gilberto Freyre e Oliveira Vianna não são particularmente cordiais; b) a promessa inicial, que notei em 1935, e sobre a qual chamei a atenção de vários acadêmicos americanos, não se cumpriu. Ramos parece inclinado a ‘descansar sobre seus louros’, à luz de seus sucessos iniciais. [Melville] Herskovits, por exemplo, recentemente se queixou a mim que Ramos não produziu nada de importante nos anos recentes; c) seu interesse no negro brasileiro parece ser, infelizmente, limitado em seu escopo.

Meu conhecimento da situação no Museu Nacional é fragmentada e grandemente de segunda mão. Assim, você provavelmente querará conferir este ponto com Wagley. Apenas sei que a autenticidade de interesses e as características pessoais de Heloisa Torres não são muito bem vistas em São Paulo. Esta é, claro, uma observação franca e eu apreciaria tanto que você a mantivesse confidencial quanto que a tratasse como uma hipótese. Estou na posição apenas de verificar sua reputação, não o quanto a observação é acurada. Poderia acrescentar, também confidencialmente, que a impressão do Dr. Robert E. Park, quando conheceu Roquette Pinto em 1937, foi de que Roquette Pinto era um cavalheiro polido e um intelectual apto, mas não um estudioso genuinamente interessado em pesquisa. Essa é também a minha impressão.

Em resumo, eu diria que o Rio me parece ser o lugar lógico no qual localizar tal organização como a que você propõe; mas tenho sérias dúvidas sobre se seria aconselhável, nas condições atuais, alocar tal organização na Universidade do Rio e também (provavelmente) no Museu Nacional. O terreno em São Paulo está mais bem preparado e, com toda probabilidade, é mais fértil. Poderia acrescentar que seu plano teria aqui, estou razoavelmente certo, o apoio compreensivo de líderes educacionais brasileiros tais como o diretor [Cyro] Berlinck, da Escola Livre, e de Jorge Americano, o incomumente

competente e homem de visão (comparado com outras lideranças educacionais no Brasil), reitor da Universidade de São Paulo.

No caso de que seu plano seja levado adiante, me pergunto se você acharia aconselhável acrescentar aos especialistas enumerados no seu memorando, um ‘analista agrícola’ ou ‘sociólogo rural’, especialistas que tiveram, como você sabe, muita experiência no estudos de ‘populações rurais’ nos Estados Unidos, os ‘sistemas de propriedade e de utilização da terra’ de que você fala. Um homem como T. Lynn Smith, terminando agora um levantamento preliminar da vida social rural brasileira seria, a meu ver, uma ajuda valiosa para o sucesso do plano excelente que você propõe.

Com amigáveis saudações pessoais, sou, cordialmente seu,

Donald Pierson.²⁵⁵

3. De Heloisa A. Torres para Julian Steward (diretor do Institute of Social Anthropology Smithsonian Institution)²⁵⁶

Rio de Janeiro, 19 de abril, 1944

Meu caro Dr. Steward,

Agradeço sua carta de 1º de março, juntamente com cópia de sua carta para o Dr. David H. Stevens, da Fundação Rockefeller.

²⁵⁵ Aparentemente, os comentários de Pierson e a recusa de Dona Heloisa em ter uma equipe grande no Museu, levaram a Smithsonian a optar por São Paulo.

²⁵⁶ Datilografada, em inglês, com uma nota manuscrita ‘cópia desta carta feita para Donald Pierson’. Series 5, Areal Subject File Box 12, Brazil General, 1942 – 1951, Records of Institute of Social Anthropology Smithsonian Institution 1942-1952, National Anthropological Archives/NAA, Smithsonian Museum Support Center, Suitland, Maryland.

Sua proposta é muito interessante sob certos aspectos, mas percebo, ao analisá-la, que existem alguns obstáculos que a tornam impraticável. Com minha franqueza habitual, faço as seguintes considerações: em primeiro lugar, como você provavelmente sabe, estamos no processo de uma re-organização completa de nosso Museu, e, assim, estamos lutando contra certas dificuldades que apenas a coragem de uma mulher pode vencer (não quero dizer que a coragem de um homem é menor, mas certamente é diferente). Assim, percebo que é impossível aceitar a responsabilidade, até espacialmente falando, de receber e acomodar uma equipe científica de um governo estrangeiro, representando uma instituição de alta cultura. O que preciso, no momento, como expliquei ao Dr Stevens, é de um antropólogo. A chegada de uma equipe completa de cientistas à minha aldeia em tal momento causaria a mesma confusão que a instalação de um grupo grande de pesquisadores numa tribo não acostumada a lidar com estranhos. O equilíbrio funcional de meu grupo sofreria a ponto de trazer perturbações que prejudicariam o processo de suas atividades gerais. O Museu Nacional não é exclusivamente um museu de antropologia, e se eu não conseguir levar avante o plano de organização, que esbocei em todos os seus setores, estarei prejudicando, e não trazendo benefícios para essa velha instituição de 120 anos, que teve um prestígio tradicional em tempos passados. Tenho isso constantemente em mente; não posso esquecer que o fracasso de tal plano seria explorado por aqueles que não acreditam no interesse de desenvolver o trabalho científico, e se refletiria na atenção dedicada ao trabalho científico, além de resultar na depreciação de nosso museu e da capacidade feminina. Das três razões acima mencionadas, só uma já seria suficiente para me guiar no propósito de agir com grande visão futura.

Uma vez que o projeto pressupõe um acordo final entre os governos de nossos dois países, os passos que você sugere que eu dê não combinam com nossos regulamentos administrativos. Em primeiro lugar, eu deveria consultar meu governo a respeito da conveniência de promover o estudo da questão. Uma

resposta favorável implicaria na criação de um esboço geral, que seria vago, já que não tenho noção do que você considera uma equipe representativa do Instituto de Pesquisa Social, e não sei nada a respeito do seu programa. Esses procedimentos, inevitavelmente, tomariam muito tempo. Não acredito (ainda que não tenha autoridade para me expressar sobre o assunto) que o governo brasileiro aceitaria um plano do qual não participasse com verbas. Isso significa que teríamos de obter fundos especiais para esse objetivo. Os fundos que tenho disponíveis cobririam apenas os gastos de um número muito pequeno de estudantes.

Além disso, o Instituto de Pesquisa Social certamente nos enviaria uma equipe de cientistas conhecidos para representá-lo. O que eu poderia fazer, por exemplo, com um cientista conhecido como Blonfield, quando não posso sequer ter certeza que os jovens que poderei juntar desejarão estudar lingüística? A única coisa da qual posso ter certeza desde o começo é que todos eles terão de aprender métodos para obter dados lingüísticos (métodos para direcionar um questionário de maneira adequada, cujos resultados possam ser usados por um lingüista, métodos gráficos de vocábulos, etc.). Apenas saberemos se um ou mais de um estarão interessados em lingüística depois de dois ou três anos. Eu estaria muito mais interessada num jovem, recém formado, com uma boa metodologia e alguma experiência de campo, do que em personalidades famosas. A vinda de grandes antropólogos seria mais proveitosa por períodos curtos, para dar cursos sobre tópicos específicos.

Há ainda um outro aspecto deste problema, que minha experiência com professores e técnicos estrangeiros em geral, me ensinou. É uma questão de modos (natureza, caráter, e o que seja) de professores estrangeiros. Alguns deles não se adaptam de nenhuma maneira aos modos brasileiros.²⁵⁷ Isto, é claro, provoca certas reações desfavoráveis, que tendem a atrapalhar os ganhos estudantis até um certo ponto, e, conseqüentemente, a situação da pessoa que

²⁵⁷ Aqui tive dificuldade na tradução – a palavra original é *ways*, e estava no ar a *South American Way*, de Carmen Miranda – mas, no contexto, ‘modos’ parece melhor que ‘jeito’. Ver a forte reação de Heloisa a Lipkind, a quem considerava ‘granfino’.

dirige esse trabalho se torna extremamente difícil, já que a falta não está em nenhum lado, e não há nada que se possa tentar para corrigir a situação de qualquer um deles. Prometi a mim mesma nunca mais requerer a contribuição de qualquer técnico que não conheça pessoalmente, ou pela informação de pessoas confiáveis, bem informadas sobre a situação brasileira. Se não houver previsão, num acordo prévio, de todas essas circunstâncias, e outras, para as quais seriam precisas páginas e páginas de descrição, temo que se formaria um julgamento injusto sobre os estudantes brasileiros e que o Instituto ficaria desapontado.

Por todas essas razões, creio que a vinda de apenas um antropólogo é mais aconselhável, pelo menos no momento, e Wagley pode me informar a respeito de sua adaptabilidade às nossas condições. É perfeitamente compreensível que o Instituto não esteja interessado numa cooperação dessa natureza, e não o condeno de modo nenhum. Desejo apenas que você se familiarize com as minhas razões para recusar tal oferta. Isto significa, claro, que o progresso de nossa antropologia será de algum modo atrasada, mas acredito que algum dia atingiremos nosso objetivo. Além disso, espero conseguir requisitar um antropólogo americano de vez em quando.

Fique certo de que permaneço muito grata a você pelo interesse que sempre demonstrou no trabalho antropológico que estamos tentando desenvolver aqui, e espero que no futuro tenhamos o prazer de ter você trabalhando conosco.

Muito cordialmente sua,
Heloisa Alberto Torres, diretor.

4. De Heloisa Alberto Torres para Julian Steward, ISA

Rio de Janeiro, 19 de abril de 1944

Meu caro Dr. Steward:

Sinto que devo desculpar-me por não ter feito nada até agora para cooperar com o *Handbook of South American Indians*, com meu artigo prometido sobre Marajó e sobre a arqueologia indígena no Brasil. Até o último momento, esperava ter tempo suficiente para cortar as extensas notas que recolhi para minha *Arqueologia do Brasil*, reduzindo-as a 15 ou 20 páginas, mas, infelizmente, não tive tempo de fazê-lo. De fato, agora não tenho tempo para qualquer trabalho que não diga respeito ao programa de re-organização de nosso Museu. Descobri que não posso ter sequer os sábados e domingos para mim mesma. Hoje, por exemplo, Sexta Feira Santa, é um dos poucos dias que posso ficar em casa e pensar sobre vários problemas importantes que pedem solução urgente.

Lamento mais uma vez não ter correspondido às suas expectativas, e espero sinceramente que isso não lhe cause maiores embaraços.

Com meus melhores votos,
Heloisa Alberto Torres, diretor

4. De Alfred Métraux para Heloisa

5 de maio de 1952

Cara Heloisa,

Permita que eu me surpreenda que uma administradora com o seu talento e com o seu tato, pudesse me fazer as recriminações contidas na sua

carta de 18 de abril. Quando voltei do Brasil, procurei completar, na medida do possível, a pesquisa sobre as relações raciais, e dar provas de minha boa vontade em relação a aqueles que negligenciamos por razões independentes de minha vontade. Falei de maneira franca com Paulo Carneiro e ele me aconselhou a proceder da seguinte maneira: dividir os novos créditos alocados ao Brasil em dois, de maneira que pudéssemos assegurar, de um lado, o apoio de Roquette Pinto, e do outro, o de Darcy Ribeiro, representando o Serviço de Proteção aos Índios.* Roquette Pinto falaria de Rondon, e Darcy Ribeiro, como funcionário do Serviço, falaria das políticas do Serviço e de seus resultados. Essa me parece uma maneira de agir saudável e elegante. Francamente, não vejo no que isso poderia alimentar “o espírito moleque do carioca”*. Já que estamos no terreno dos provérbios, sua carta me lembra um provérbio francês que diz que “o ótimo é inimigo do bom”.

Estou certo de que este esclarecimento a deixará satisfeita e lhe peço, em nome de nossa velha amizade, de encarregar-se desse pedido a Roquette Pinto. Se ele não aceitar nossa proposta, ficaria grato se você nos deixasse saber o quanto antes, já que o final do primeiro semestre está perto e devo prestar contas de minhas obrigações administrativas.

Aceite, cara amiga, a expressão de minha homenagem respeitosa, e creia-me seu fielmente devotado,

Alfred Métraux